



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE CAMPO GRANDE
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

SUELY APARECIDA CAZAROTTO

**GLOSSÁRIO DE FITOTOPÔNIMOS SUL-MATO-
GROSSENSES: UMA PROPOSTA**

CAMPO GRANDE – MS
2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE CAMPO GRANDE
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

SUELY APARECIDA CAZAROTTO

**GLOSSÁRIO DE FITOTOPÔNIMOS SUL-MATO-
GROSSENSES: UMA PROPOSTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens, Área de concentração: Linguística e Semiótica, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Aparecida Negri Isquerdo

Campo Grande - MS
2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE CAMPO GRANDE
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

SUELY APARECIDA CAZAROTTO

GLOSSÁRIO DE FITOTOPÔNIMOS SUL-MATO- GROSSENSSES: UMA PROPOSTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens, Área de concentração: Linguística e Semiótica, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Apresentada em 05 de Agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Aparecida Negri Isquierdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Orientadora

Prof^a Dr^a Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
Universidade Estadual de São Paulo
UNESP/Araraquara/SP
Membro

Prof^a Dr^a Elizabete Aparecida Marques
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Membro

Só a Natureza é divina

[...]

Se falo dela como de um ente

É que para falar dela preciso usar da
linguagem dos homens

Que dá personalidade às coisas,

E impõe nome às coisas.

(Poema XXVII – In “O Guardador de
Rebanhos”. Poemas de Alberto Caeiro,
heterônimo de Fernando Pessoa)

Dedico este trabalho, com todo o amor do mundo, às pessoas mais importantes da minha vida: ao meu pai **João Cazarotto** (*in memoriam*) e a minha mãe **Clarice**, porque é com eles que a minha história começa; ao meu irmão **Macildo**, porque é com ele que, desde sempre, eu faço e reparto a minha história; aos meus filhos **Guilherme** e **Laura**, porque é com eles que a minha história se perpetua.

AGRADECIMENTOS

Tenho que agradecer infinitamente a **Deus**, por ter me dado uma vida preciosa e por ter colocado em meu caminho:

a **Professora Dra. Aparecida Negri Isquierdo**, minha orientadora, a quem devo um mundo de gratidão pela paciência e perseverança, durante todo o período de execução deste trabalho, e por ter acreditado em mim e participado comigo da realização de um sonho;

a **equipe do Projeto ATEMS** – pesquisadores e bolsistas – pela disponibilização do *corpus* para a realização deste trabalho e apoio durante a pesquisa;

o **Professor Dr. Auri Claudinei de Matos Frubel** e a **Professora Dra. Elizabete Aparecida Marques**, pelas valiosas sugestões apresentadas por ocasião do Exame de Qualificação;

a **Professora Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick**, pela inesperada e grata sugestão acerca de se estudar a fitotoponímia, “um rico acervo de línguas indígenas inscritas nos nomes de acidentes geográficos de uma localidade”;

todos os professores do curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, pelos conhecimentos fornecidos e partilhados durante a fase de cumprimento dos créditos em disciplinas;

a **Daniela**, secretária do Mestrado, pela atenção e gentileza dispensadas durante o curso;

a **Marilze** e a **Marineide Cassuci**, pela disponibilização da biblioteca particular e hospedagem em Dourados, nas “horas de precisão”;

a **Dri – Adriana Santana**, pela amizade, companheirismo e “ombro” durante todos os encontros e durante o período em que estivemos juntas na “caminhada” do Mestrado;

a **minha pequena “GRANDE” família**: meu pai João Cazarotto (*in memoriam*), minha mãe Clarice, meus filhos Guilherme e Laura, meu irmão Macildo, minha cunhada Ledenir, meus sobrinhos Hugo e Vítor, por fazerem parte da minha existência e compartilharem dos meus sonhos;

o **Ju**, por me incentivar, auxiliar, acomodar e porque, “mesmo que eu falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria”;

todos os meus amigos e amigas, pela amizade verdadeira, e, em especial, a dona Marieta e o Tino, a “minha norinha” Camila, o Mirko, o Figueiredo, o Joãozinho Damasceno, a Edna Santos, o Emerson Cassuci Ferreira, a Maria Aparecida Pinheiro, o Sevem Terenciani, a Marilza, o Marcos Nardeli, a Cirlene Amate, a Fabiana Baroni, o Thiago Nantes, o Éverton Marola, a Breguedinha, a Patrícia Bogáz, o Luiz Milhorança, a Luzia “Rosa”, a Flávia Melville, a Dani “Legal”, a Lu “expert dos mapas e gráficos”, o Dr. Ênio, o Dr. Jorge e o Dr. Edson – a vocês minha eterna gratidão (e cada um sabe bem o porquê!);

todos que, de uma forma ou outra, estiveram comigo nesta fase tão especial da minha vida.

MUITO OBRIGADA!!!

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo principal construir o *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses* que nomeiam acidentes físicos e humanos dos 78 municípios do Estado de Mato Grosso do Sul. Os *fitotopônimos* são "topônimos de índole vegetal", segundo Dick (1990a), muito produtivos na toponímia brasileira e, por extensão, na toponímia de Mato Grosso do Sul. A pesquisa também verificou a questão dos estratos linguísticos indígenas inscritos na fitotoponímia; verificou a relação entre a fitogeografia e a fitotoponímia do Estado e identificou, na toponímia, a ocorrência de designativos de espécies típicas das formações vegetais do Mato Grosso do Sul. O *corpus* da pesquisa foi constituído de 1.017 fitotopônimos, obtidos por meio de levantamento no Banco de Dados do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul, que reúne cerca de 7.000 topônimos, extraídos de mapas oficiais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), escalas 1.250.000 e 1.100.000. O Glossário apresenta uma nomenclatura de 439 verbetes, cuja microestrutura contempla os seguintes elementos: base linguística do topônimo, estrutura morfológica, o tipo e a categoria do acidente geográfico, a localização e a definição do topônimo, considerando a definição do item lexical que deu origem ao topônimo, com base em informações registradas em dicionários de plantas e em dicionários gerais da língua portuguesa e/ou língua indígena, além da nota (informação enciclopédica), variante(s) e remissiva(s), quando localizadas. Os resultados alcançados demonstram que os fitotopônimos sul-mato-grossenses são fortemente marcados por estratos das línguas tupi e/ou guarani, pois dos 439 nomes que compõem o Glossário, 168 são de base tupi e/ou guarani. Também alcançaram expressão relevante neste estudo os topônimos de base linguística portuguesa, que totalizaram 192 verbetes. Além disso, a pesquisa demonstrou a estreita relação entre a fitogeografia e a fitotoponímia, fenômeno confirmado pela significativa presença de nomes que designam espécies características das formações vegetais típicas da fitogeografia sul-mato-grossense. Alcançaram maior índice de produtividade no *corpus*, respectivamente, os topônimos *buriti*, *taquaruçu*, *mimoso* (capim), *pindaíba* e *sapé*.

Palavras-chave: Toponímia; fitotopônimos; Glossário; Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

This research aimed to build the glossary of the Mato Grosso do Sul phyto-toponyms that name physical and human landform of 78 municipalities of this Brazilian State. The phyto-toponyms are "toponyms of vegetable nature," according to Dick (1990a), they are very productive on the Brazilian toponymy and, by extension, on the toponymy of Mato Grosso do Sul. The survey also examined the issue of indigenous linguistic strata included in the phyto-toponymy; investigated the relationship between phytogeography and phyto-toponymy of the State and identified, in its toponymy, the occurrence of the designation of its typical species of vegetation. The *corpus* of the research consisted of 1,017 phyto-toponyms, they were obtained by surveying the Database Project ATEMS - Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul, which brings together about 7,000 toponyms, taken from IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics) official maps, scales 1.250.000 and 1.100.000. The Glossary provides a classification of 439 entries, whose microstructure comprises the following elements: linguistic basis of the toponym, morphological structure, the type and category of landform, the location and definition of the toponym, considering the definition of the lexical item which gave rise to the toponym, based on information recorded in dictionaries of plants and in Portuguese dictionaries of general language and/or language indigenous, and also the note (encyclopedic information), variant(s) and remise(s), when located. Results show that the phyto-toponyms of Mato Grosso do Sul are strongly marked by strata of the Tupi and/or Guarani language, as from the 439 names that comprise the Glossary, 168 are basic Tupi and/or Guarani. It also showed relevant expression in this study the toponyms with Portuguese linguistic basis, totaling 192 entries. Moreover, the research demonstrated the close relationship between phytogeography and phyto-toponymy, a phenomenon confirmed by the significant presence of names that designate characteristic species of the typical vegetation formation of the Mato Grosso do Sul phytogeography. The toponyms *buriti*, *taquaruçu*, *mimoso* (grass), *pindaíba* and *sapé* achieved highest productivity in the *corpus*.

Keywords: Toponymy; phyto-toponymy; Glossary; Mato Grosso do Sul .

LISTA DE FIGURAS

Quadro I – Mato Grosso do Sul: divisão em meso e microrregiões	24
Mapa I – Vegetação do Brasil	30
Mapa II – Vegetação do Estado de Mato Grosso do Sul	31
Quadro II – Os povos indígenas no Mato Grosso do Sul	70
Quadro III – Dicionários Onomásticos: algumas considerações	120
Quadro IV – Paralelo entre o modelo de verbete do <i>Glossário de Topônimos do Bolsão Sul-Mato-Grossense</i> (CASTIGLIONI, 2008) e o do <i>Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses: uma proposta</i> (CAZAROTTO, 2010).	124
Gráfico I – Fitotopônimos sul-mato-grossenses: base linguística	130
Gráfico II – Fitotopônimos mais produtivos na fitotoponímia sul-mato-grossense	134
Gráfico III – Índice de ocorrências de topônimos oriundos de nomes de espécies típicas da formação vegetal <i>floresta tropical</i> – Mato Grosso do Sul	138
Gráfico IV – Índice de ocorrências de topônimos oriundos de nomes de espécies típicas da formação vegetal <i>cerrado</i> – Mato Grosso do Sul	138
Gráfico V – Índice de ocorrências de topônimos oriundos de nomes de espécies típicas da formação vegetal <i>campos</i> – Mato Grosso do Sul	139
Gráfico VI – Índice de ocorrências de topônimos oriundos de nomes de espécies típicas da formação vegetal <i>complexo do Pantanal</i> – Mato Grosso do Sul	139

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Estados brasileiros

AC	Acre
AL	Alagoas
AM	Amazonas
BA	Bahia
CE	Ceará
ES	Espírito Santo
GO	Goiás
MA	Maranhão
MG	Minas Gerais
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
PA	Pará
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PI	Piauí
PR	Paraná
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RO	Rondônia
RR	Roraima
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SE	Sergipe
SP	São Paulo

Atlas Toponímicos

ATB	Atlas Toponímico do Brasil
ATEMIG	Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais
ATEMS	Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul
ATEPAR	Atlas Toponímico do Estado do Paraná
ATESP	Atlas Toponímico do Estado de São Paulo
ATITO	Atlas Toponímico do Estado do Tocantins

Universidades

IES	Instituição Superior de Ensino
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UnB	Universidade de Brasília
UNIDERP	Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal
USP	Universidade de São Paulo

Instituições/Órgãos diversos

DNER	Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
FAMASUL	Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNDECT	Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IAGRO	Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ONG	Organização Não Governamental

Acidentes Geográficos

AF	Acidente Físico	Ig.	Igarapé
AH	Acidente Humano	La.	Lagoa
Aç.	Açude	Lo.	Lago
Ar.	Arroio	Pta.	Ponta
Ba.	Baía	R.	Rio
Br.	Barra	Rb.	Ribeirão
C.	Córrego	Rcho.	Riacho
Cach.	Cachoeira	Sa.	Serra
Chap.	Chapada	Ste.	Serrote
Fu.	Furo	Trav.	Travessão
I.	Ilha	Vda.	Vereda

Outras

Cf.	Conferir
Corr.	Corruptela
MR	Microrregião
TN	Tradução Nossa
Var.	Variante

SUMÁRIO

RESUMO	07
LISTA DE FIGURAS	09
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	10
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – MATO GROSSO DO SUL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA	20
1.1 Mato Grosso do Sul: aspectos histórico-geográficos	20
1.2 Um olhar para a vegetação do Brasil e do Mato Grosso do Sul	26
1.2.1 Floresta estacional subcaducifólia tropical – Floresta Tropical	30
1.2.2 Cerrado	33
1.2.3 Campo	36
1.2.4 Complexo do Pantanal	38
CAPÍTULO II – ONOMÁSTICA: A TOPONÍMIA EM ESTUDO	43
2.1 Relações entre língua, sociedade, cultura e Toponímia	43
2.2 Toponímia: objeto e contextualização histórica	49
2.2.1 A etimologia das palavras indígenas e as línguas indígenas do Brasil	56
2.2.2 A presença indígena em terras sul-mato-grossenses	65
2.3 A pesquisa toponímica: perspectivas metodológicas	71
2.3.1 Taxionomias de classificação toponímica: o modelo de Dick (1990)	73

2.3.1.1 Taxionomias de natureza física	74
2.3.1.2 Taxionomias de natureza antro-po-cultural	76
2.4 Os fitotopônimos	80
2.5 O signo toponímico: motivação, formação e estrutura	85
CAPÍTULO III – LEXICOGRAFIA: DOS DICIONÁRIOS GERAIS AOS DICIONÁRIOS ONOMÁSTICOS	101
3.1 A Lexicografia em foco: alguns fundamentos	101
3.1.1 Obras lexicográficas: tipologia e conceituação	109
3.1.2 Os dicionários onomásticos (toponímicos)	116
CAPÍTULO IV – TENDÊNCIAS DA FITOTOPONÍMIA SUL-MATO-GROSSENSE: ANÁLISE PRELIMINAR	126
4.1 Apresentação e análise do fitotopônimos	126
CAPÍTULO V – PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA E GLOSSÁRIO DE FITOTOPÔNIMOS SUL-MATO-GROSSENSES	141
5.1 A constituição do <i>corpus</i>	141
5.2 A construção do glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses	145
5.2.1 A macroestrutura do glossário	145
5.2.2 A microestrutura do glossário	146
5.2.2.1 Entrada (topônimo)	147
5.2.2.2 Origem lingüística	147
5.2.2.3 Estrutura morfológica	147
5.2.2.4 Tipo e categoria do acidente geográfico	148
5.2.2.5 Localização geográfica do acidente nomeado	148
5.2.2.6 Definição	148
5.2.2.7 Nota	149

	15
5.2.2.8 Variante	14'
5.2.2.9 Remissiva	149
5.2.3 Modelo de verbete	150
GLOSSÁRIO DE FITOTOPÔNIMOS SUL-MATO-GROSSEENSES	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS	307
REFERÊNCIAS	310

INTRODUÇÃO

O ato de nomear sempre representou uma necessidade do homem que precisa se organizar no espaço físico e social onde vive. Tendo em vista essa necessidade de organização, o homem atribui nome aos lugares, às pessoas e a todas as coisas que o rodeiam, e os nomes utilizados na denominação dos ambientes físico e social revelam a visão de mundo de uma coletividade e merecem uma atenção particular, uma vez que é por meio deles que o homem identifica os elementos da realidade que o cerca e, ao nomear, atribui significação ao seu mundo. Com isso, os dados “conhecer” e “denominar” se posicionam numa relação operacional, cuja representatividade resulta em ser imprescindível que o mundo externo seja íntimo para poder ser posteriormente denominado (DICK, 1990a, p.31).

O estudo do léxico – conjunto de vocábulos de uma língua – pode fornecer elementos para a leitura da sociedade, pois investigar uma língua é também investigar as tendências reveladas pelos diferentes momentos históricos, porque o sistema linguístico, sobretudo no nível lexical, pode evidenciar as expectativas e o pensamento de um grupo social inserido em um ambiente físico. Ou seja, o estudo da língua de um grupo possibilita, também, o estudo da cultura local e a compreensão da relação do homem com o mundo que o cerca.

Nessa perspectiva, pode-se entender o léxico como um importante meio de identidade de que dispõe uma população e, por essa razão, ocupa um lugar de destaque na cultura de um povo. Como argumenta Biderman (1998, p. 91-92),

o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Do ato de nomear, realizado pelo homem, obtém-se o produto da nomeação, o nome próprio, que é objeto de estudo da *Onomástica* – ciência que estuda os nomes próprios em geral e biparte-se em duas áreas de investigação: a *Antroponímia* (estudo dos nomes próprios de pessoas) e a *Toponímia* (estudo dos nomes próprios de lugares) (DICK, 1980, p. 288).

Os estudos toponímicos mostram que a "nomeação dos lugares sempre foi atividade exercida pelo homem" (DICK, 1990a, p. 5), e é notório como o nome de um lugar expressa a manifestação de um povo, de uma memória, de fatores geográficos e históricos. Assim, o sentido dos denominativos – a motivação apresentada pelo nome - é o ponto de partida para investigações, quando se procura a compreensão da mentalidade do denominador – da relação do nome com o pensamento do denominador no momento do batismo do lugar. E mais, conforme a época ou período em que houve esse “batismo” é possível notar tendências culturais presentes nas manifestações linguísticas.

Ainda que a Toponímia seja a ciência que estuda os nomes próprios de lugares, “uma disciplina completa e acabada, com seu campo de estudos específicos (o topônimo) e um método próprio de trabalho (o da investigação científica)” (DICK, 1990a, p.11), sua principal característica é o caráter interdisciplinar, uma vez que aborda aspectos da Geografia, da História, da Etnolinguística, da Antropologia, dentre outras disciplinas.

Considerando que este estudo aborda a Toponímia, mais particularmente os designativos dos acidentes geográficos com origem vegetal, os fitotopônimos, e que para a “confeccão” de tais designativos deve-se utilizar itens lexicais pertencentes a uma dada língua, assinalamos o posicionamento de Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa) que, poeticamente, registra:

Só a Natureza é divina

[...]

Se falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens
Que dá personalidade às coisas,
E impõe nome às coisas.

(Poema XXVII – In “O Guardador de Rebanhos”. Poemas de Alberto Caeiro. Heterônimo de Fernando Pessoa)

Este trabalho – *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses: uma proposta* – está vinculado ao Projeto ATEMS¹ (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do

¹ O projeto ATEMS – Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul -, na sua primeira fase (2002-2006), reuniu os resultados de estudos de 06 dissertações sobre a toponímia sul-mato-grossense, produzidas como Dissertações de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS/Três Lagoas – MS, sob orientação da Professora Dr^a Aparecida Negri Isquardo, também coordenadora atual do Projeto. Esses trabalhos contemplaram o levantamento e o estudo dos topônimos em folhas cartográficas do IBGE, escala 1:250.000 e esse acervo toponímico resultou em cerca de 4.500 topônimos que integram a base de dados do projeto. Na sua segunda etapa (2008/2010) o Projeto ATEMS assumiu caráter interinstitucional, sediado na UFMS com a participação de mais duas IES (Instituição Superior de Ensino): UFGD e UEMS. Nessa etapa está recebendo apoio financeiro da FUNDECT (Fundação de

Sul) e centra-se no estudo e no tratamento lexicográfico dos *fitotopônimos* que nomeiam os acidentes físicos e humanos do Estado de Mato Grosso do Sul, tomando como *corpus* os dados armazenados no Banco de Dados do Projeto ATEMS¹.

A amplitude do assunto foi uma das razões que nos motivou, pois, considerando-se que a Toponímia possui caráter interdisciplinar, também neste trabalho há a possibilidade de incursão em várias áreas de conhecimento, tais como a História, a Geografia, a Botânica, a Linguística, dentre outras. Ainda, este trabalho tem uma dimensão antropológica, à medida que trata de questões relacionadas à história do homem em determinado espaço e tempo, refletida no ato da nomeação do acidente geográfico. Pretende também servir como subsídio para estudantes dos Ensinos Fundamental, Médio e Superior, no tocante às questões lexicais, onomásticas, geográficas e históricas do Estado de Mato Grosso do Sul, uma vez que foi pautado em informações oficiais e contempla as áreas descritas, além de poder também servir como material para estudiosos que se dedicam às pesquisas toponímicas.

Vale destacar que nenhum dos trabalhos vinculados ao Projeto ATEMS – oito dissertações de Mestrado – particularizou tratamento a uma categoria específica de topônimo, à medida que focalizaram todas as taxas toponímicas observadas em determinada região do Estado de Mato Grosso do Sul. Esta pesquisa propõe, pois, um estudo investigatório sobre os fitotopônimos. A escolha dessa categoria, além de considerar a importância dessa taxa no âmbito dos estudos toponímicos brasileiros – e particularmente nos sul-mato-grossenses –, pautou-se no critério quantitativo (pois dentre os oito trabalhos de pesquisa só não foi a categoria mais produtiva nas pesquisas de Schneider (2002) e de Tavares (2005), onde ocupou o segundo lugar em índice de produtividade).

Assim, o objetivo maior deste estudo é a produção do *Glossário dos fitotopônimos sul-mato-grossenses* que, a exemplo de Castiglioni (2008), que elaborou o *Glossário de topônimos do Bolsão sul-mato-grossense*, poderá somar com os

Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul). Nessa segunda etapa, o Projeto ATEMS tem como propósitos mais amplos ampliar a sua base de dados por meio de levantamento de topônimos das folhas cartográficas do IBGE, escala 1:100.000, organizar uma base de dados dos topônimos sul-mato-grossenses e produzir o atlas toponímico.

resultados do Projeto ATEMS para a elaboração do futuro Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul.

A pesquisa tem também como propósito verificar a ocorrência de estratos linguísticos indígenas inscritos na fitotoponímia sul-mato-grossense, haja vista a realidade etnolinguística do Estado de Mato Grosso do Sul, que abriga a maior população indígena do Brasil. Verificar a relação entre a fitogeografia e a fitotoponímia sul-mato-grossense é outro objetivo estabelecido para a pesquisa. Assim, tomando como hipótese o pressuposto de que, em decorrência de o Estado do Mato Grosso do Sul abrigar a maior área do Pantanal – e com isso toda a sua riqueza florística – e uma gama de vegetação das mais variadas em todo o seu território, os nomes de plantas são bastante utilizados na nomeação dos acidentes físicos. Nessa perspectiva, buscamos identificar nos *fitotopônimos* catalogados pelo Projeto ATEMS as formações vegetais de Mato Grosso do Sul – cerrado, campos limpos, floresta tropical, complexo do Pantanal – com maior incidência e, conseqüentemente, os nomes de plantas características dessas formações que predominam no universo toponímico analisado.

Os princípios teórico-metodológicos de Dick, para quem a toponímia é “um imenso complexo linguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (1990a, p. 16), e os demais suportes teóricos relativos à área da Toponímia orientaram este estudo. Foi utilizada como fonte de pesquisa a Base de Dados do Projeto ATEMS. Já para a elaboração do Glossário buscou-se suporte no referencial teórico fornecido pela Lexicografia para a construção de obras lexicográficas.

Este trabalho foi estruturado em cinco capítulos, sendo que o primeiro traça um breve panorama sobre o Estado de Mato Grosso do Sul, enfatizando os aspectos físico-geográficos, em especial a vegetação, por ser um item relevante para este trabalho. O segundo apresenta e discute os pressupostos teóricos que embasam este estudo e nele são discutidas questões teóricas relativas à correlação entre língua, sociedade, cultura e toponímia; aos aspectos históricos da Toponímia, aos modelos taxionômicos, à fitotoponímia, à etimologia (sobretudo dos topônimos de base indígena) e às características do signo toponímico. O terceiro traz um estudo sobre a Lexicografia, com destaque para a tipologia das obras lexicográficas, dentre essas, os dicionários onomásticos (toponímicos). O quarto contém uma análise pontual das tendências evidenciadas pela fitotoponímia sul-mato-grossense e o quinto e último

capítulo discute os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa e da elaboração do glossário e apresenta o *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses*, com 439 (quatrocentos e trinta e nove) verbetes. Na sequência são apresentadas as *Considerações Finais*, que sintetizam os resultados alcançados com a realização do trabalho e, por último, as *Referências* das obras que sustentaram a pesquisa.

CAPÍTULO I

MATO GROSSO DO SUL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA

Este Capítulo centra-se no espaço geográfico que abriga os fitotopônimos analisados, o Estado de Mato Grosso do Sul, pontuando aspectos históricos, sócio-econômicos e físico-geográficos, com ênfase para a questão da vegetação, aspecto significativo para a fitotoponímia, objeto deste estudo.

1.1 Mato Grosso do Sul: aspectos histórico-geográficos

Mato Grosso do Sul está localizado ao sul da região Centro-Oeste do Brasil e tem como limites Goiás (nordeste), Minas Gerais (leste), Mato Grosso (norte), Paraná (sul), São Paulo (sudeste), Paraguai (oeste e sul) e Bolívia (noroeste). Ocupa uma superfície de 358.159 km², participando com 22,2% da superfície da região Centro-Oeste e 4,2% da área territorial brasileira (de 8.514.876,6 km²).

Não é demais lembrar que somente a partir 1979 é que Mato Grosso do Sul tornou-se unidade administrativa autônoma, tendo seu território desmembrado do então Estado de Mato Grosso. A ideia de divisão do território do Estado de Mato Grosso em duas unidades político-administrativas nasceu com o Brasil independente, pois já “no ano de 1823 a Assembléia Constituinte preocupava-se com os grandes espaços vazios existentes no Pará, Amazonas e Mato Grosso” (GRESSLER, SWENSSON, 1988, p. 34) e, ainda de acordo com os mesmos autores (p. 34-35), “em 1932 a porção meridional do Estado chegou a constituir-se em unidade independente e formou-se um Governo Provisório, chefiado por Vespasiano Barbosa Martins”.

O Governo Federal, com base na Lei Complementar nº 20, em 1974 estabeleceu a legislação básica do período da ditadura militar para a criação dos estados e territórios brasileiros, reacendendo, com isso, a campanha pela autonomia do sul do Estado de Mato Grosso. Assim, em *11 de outubro de 1977*, o então presidente da República Federativa do Brasil, *Ernesto Geisel*, assinou a *Lei Complementar nº 31*, que criou o Estado de *Mato Grosso do Sul*, em área desmembrada do Estado de Mato Grosso. Já em 1º de janeiro de 1979 tomaram posse os deputados eleitos em 15 de novembro de 1978 para a Assembléia Legislativa e Constituinte de Mato Grosso do Sul. O

engenheiro gaúcho *Harry Amorim Costa*, primeiro governador do Estado de Mato Grosso do Sul, foi nomeado pelo presidente Geisel (CAMPESTRINI, 2007)².

As características da região onde Mato Grosso do Sul está localizado contribuiu muito para o seu desenvolvimento sócio-econômico, pois faz divisa com grandes centros produtores e consumidores do Brasil: Minas Gerais, São Paulo e Paraná, além de fazer fronteira, também, com dois países sul-americanos: Bolívia e Paraguai. Ainda, situa-se na rota de mercados potenciais de toda a zona ocidental da América do Sul. A principal área econômica do Estado do Mato Grosso do Sul é a do planalto da bacia do Paraná e, nessa, os meios de transporte são mais eficientes e os mercados consumidores da região Sudeste estão mais próximos.

A economia do Estado de Mato Grosso do Sul baseia-se na produção rural (animal, vegetal e indústria rural), indústria, mineral, turismo e prestação de serviços. Mato Grosso do Sul possui um dos maiores rebanhos bovinos do País e, além da vocação agropecuária, a infra-estrutura econômica existente e a localização geográfica permitem ao Estado exercer o papel de centro de redistribuição de produtos oriundos dos grandes centros consumidores para o restante da região Centro-Oeste e para a região Norte do Brasil. O Estado conta com importantes jazidas de ferro, manganês, calcário, mármore e estanho, inclusive, uma das maiores jazidas mundiais de ferro é a do monte Urucum, situado no município de Corumbá.

No geral, o cenário atual apresentado em Mato Grosso do Sul é a de um Estado buscando se desenvolver adequadamente através de um planejamento que visa a efetuar ações dentro de uma panorâmica real, nos níveis desejados de qualidade de vida e com o devido padrão de desenvolvimento sustentável.

E, para concluir este tópico, reportamo-nos à entrevista sobre o Mato Grosso do Sul, concedida, em 2009, ao jornal CaarapoNews³, por Hildebrando Campestrini, que não só viveu a atmosfera divisionista do Estado de Mato Grosso, como também defendeu e compartilhou do sonho do desmembramento. O autor destaca que “romantismo e amadorismo marcaram o processo de criação de Mato Grosso do Sul”. Contemplados 32 anos de implantação do novo Estado, Campestrini avalia que “ainda se paga o preço pela falta de planejamento e pelas trapalhadas de lideranças políticas

² CAMPESTRINI, Hildebrando. *A criação de Mato Grosso do Sul*. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. 19/12/2007 <http://www.ihgms.com.br/artigos/artigos> Acesso em 27/02/2010

³ CAMPESTRINI, Hildebrando. *Trapalhadas políticas comprometeram crescimento de MS*. (Entrevista) CaarapoNews. 11/10/2009. <http://www.caaraponews.com.br/entrevistas> Acesso em 19/03/2010.

que brigavam pelo comando do novo governo, mas não sabiam o que fazer dele”. Quando lhe fora perguntado: ”Mato Grosso do Sul tornou o que se esperava quando da divisão?”, Campestrini respondeu:

Esta é uma questão muito interessante. Projetava-se que virando o século, Mato Grosso do Sul teria pelo menos 3 milhões de habitantes, sendo 1 milhão só em Campo Grande. viramos o século com 2,1 milhões no Estado e pouco mais de 700 mil na Capital. Os números não correspondem ao que esperávamos. Nós imaginávamos o Mato Grosso do Sul, se tornasse líder na venda de carne e de grãos. No primeiro caso conseguimos, no segundo ainda estamos devendo. O que faltou foi planejamento. Imaginava-se que a infra-estrutura fosse surgir em um passe de mágica. Ainda hoje o Estado ainda carece de infra-estrutura, rede de comunicação, energia elétrica. O novo Estado não foi planejado. [...] Houve uma sucessão de enganos. O Sul do Mato Grosso uno gerava 72% da receita. Mas, só após a divisão é que se deu conta de que o dinheiro não dava nem para sustentar a máquina do novo Estado.

O novo Estado instaurou-se e ganhou autonomia própria em termos econômicos e busca a sua identidade cultural. Na atualidade o Mato Grosso do Sul possui 78 municípios distribuídos em quatro mesorregiões geográficas: *Centro Norte de Mato Grosso do Sul*, *Pantanais Sul-Mato-Grossenses*, *Sudoeste de Mato Grosso do Sul e Leste de Mato Grosso do Sul*; possui, também, onze microrregiões geográficas: *MR1 – Alto Taquari*; *MR2 – Aquidauana*; *MR3 - Baixo Pantanal*; *MR4 – Bodoquena*; *MR5 – Campo Grande*; *MR6 – Cassilândia*; *MR7 – Dourados*; *MR8 – Iguatemi*; *MR9 – Nova Andradina*; *MR10 – Paranaíba* e *MR11 – TrêsLagoas* -, de acordo com o IBGE (2000).

E também de acordo com o IBGE (outubro/2008)⁴, no Projeto *Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas*, uma mesorregião geográfica é “uma área individualizada que apresenta formas de organização do espaço geográfico” e é definida pelas seguintes dimensões:

- processo social, como determinante;
- quadro natural, como condicionante;
- rede de comunicação e de lugares, como elemento da articulação espacial.

No item *Dimensões de Identificação das Mesorregiões*, ainda no mesmo Projeto, como “Processos Sociais e Condicionantes do Quadro Natural” são

⁴ IBGE – Diretoria de Geociências – Coordenação de Geografia. Projeto *Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas* - Outubro/2008. Objetivo do Projeto: Atualizar a divisão regional do Brasil elaborada pelo Departamento de Geografia e divulgada em 1989. www.mi.gov.br Acesso em 28/02/2010

apresentados: história natural, povoamento, estudos geográficos, mapas e documentação específica; como “Rede de Comunicação e Lugares”, apresentam-se: área de influência dos centros metropolitanos e regionais, mapas rodoviários (DNER) e de comunicação.

Sobre as microrregiões, o IBGE (outubro/2008) informa que “uma microrregião geográfica é parte da mesorregião que apresenta especificidades quanto à organização do espaço”. Em relação às especificidades, o Projeto informa que é “a estrutura de produção agropecuária, industrial, extrativismo mineral ou pesca”. No item *Dimensões para Identificação das Microrregiões*, apresentam-se: a) *Estrutura da Produção Primária* – uso da terra, orientação da agricultura, estrutura dimensional dos estabelecimentos, relações de produção, nível tecnológico e emprego de capital, grau de diversificação da produção agropecuária; b) *Estrutura da Produção Industrial* – valor da transformação industrial e pessoal ocupado e c) *Interação Espacial* – área de influência dos centros subregionais e centros de zona.

O quadro a seguir apresenta a divisão do Estado de Mato Grosso do Sul em meso e microrregiões, bem como os municípios que estão inseridos nesses espaços geográficos (IBGE, 2008).

MESORREGIÃO	MICRORREGIÃO	MUNICÍPIOS
Centro-Norte de Mato Grosso do Sul	1) Alto Taquari 2) Campo Grande	1) Alcinoópolis, Camapuã, Coxim, Figueirão, Pedro Gomes, Rio Verde de Mato Grosso, São Gabriel do Oeste e Sonora. 2) Bandeirantes, Campo Grande, Corguinho, Jaraguari, Rio Negro, Rochedo, Sidrolândia e Terenos.
Leste de Mato Grosso do Sul	1) Cassilândia 2) Paranaíba 3) Nova Andradina 4) Três Lagoas	1) Cassilândia; Chapadão do Sul e Costa Rica 2) Aparecida do Taboado, Inocência, Paranaíba e Selvíria. 3) Anaurilândia, Bataguassu, Batayporã, Nova Andradina e Taquarussu. 4) Água Clara, Brasilândia, Ribas do Rio Pardo, Santa Rita do Pardo e Três Lagoas.
Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1) Bodoquena	1) Bela Vista, Bodoquena, Bonito, Caracol, Guia Lopes da Laguna, Jardim e Nioaque.

	2) Dourados 3) Iguatemi	2) Amambaí, Antônio João, Aral Moreira, Caarapó, Douradina, Dourados, Fátima do Sul, Itaporã, Juti, Laguna Caarapã, Maracaju, Nova Alvorada do Sul, Ponta Porã, Rio Brillhante e Vicentina. 3) Angélica, Coronel Sapucaia, Deodópolis, Eldorado, Glória de Dourados, Iguatemi, Itaquiraí, Ivinhema, Japorã, Jateí, Mundo Novo, Naviraí, Novo Horizonte do Sul, Paranhos, Sete Quedas e Tacuru.
Pantanaís Sul-Mato-Grossenses	1) Aquidauana 2) Baixo Pantanal	1) Anastácio, Aquidauana, Dois Irmãos do Buriti e Miranda. 2) Corumbá. Ladário e Porto Murtinho.

Quadro I – Mato Grosso do Sul: divisão em meso e microrregiões

Na sequência, traçamos um breve panorama sobre *o relevo, o clima e a hidrografia*⁵ de Mato Grosso do Sul.

O arcabouço geológico de Mato Grosso do Sul é formado por três unidades geotectônicas distintas: *a plataforma amazônica, o cinturão metamórfico Paraguai-Araguaia e a bacia sedimentar do Paraná*. Não ocorrem grandes altitudes nas duas principais formações montanhosas, as serras da Bodoquena e de Maracaju, que formam os divisores de águas das bacias do Paraguai e do Paraná. As altitudes médias do território do Estado ficam entre 200 e 600 metros, conforme Gressler e Vasconcelos (2006, p. 40-41):

No planalto encontramos a serra da Bodoquena, que fica ao sul do Pantanal, onde se localizam as cidades de Bonito, Jardim e Bodoquena, e a serra de Maracaju, que corta o Estado de norte a sul. O ponto mais elevado do Estado é o Morro Grande, com 1.065,4 m, na morraria de Urucum, que abrange, além do Morro Grande, os morros Urucum, São Domingos, Tromba dos Macacos, Jacadigo, Zanetti, entre outros, nos municípios de Corumbá e Ladário.

O planalto da bacia do Paraná ocupa toda a porção leste do Estado e apresenta extensas superfícies planas, com 400 a mil metros de altitude. Já a baixada do rio

⁵ As informações sobre relevo, clima e hidrografia do Mato Grosso do Sul foram retiradas dos sites www.ibge.gov.br e www.ms.gov.br Acesso em 13/11/2009

Paraguai domina a região oeste, com rupturas de declives ou relevos residuais, representados por escarpas e morrarias.

Estendendo-se por uma vasta área do noroeste do Estado, a baixada do rio Paraguai é parte da grande depressão que separa, no centro do continente, o planalto Brasileiro, a leste, da Cordilheira dos Andes, a oeste. A maior porção é formada por uma planície aluvial sujeita a inundações periódicas, a planície do Pantanal, cujas altitudes oscilam entre 100 e 200m. Em meio à planície do Pantanal ocorrem alguns maciços isolados, como o de Urucum, com 1.160m de altitude, próximo à cidade de Corumbá. Gressler e Vasconcelos (2006, p. 39) informam que a planície do Pantanal é

a mais extensa planície alagável do mundo e um dos principais ecossistemas do planeta. Com uma área de 110.769,237 km² (31% da área total do Estado), o Pantanal sul-mato-grossense abrange sete municípios: Corumbá, Ladário, Porto Murtinho, Miranda, Aquidauana, Anastácio e Dois Irmãos do Buriti. O Pantanal apresenta declividade quase nula, o que favorece as frequentes inundações causadas pelas enchentes periódicas provocadas pelos rios da região.

Já em termos climáticos, na maior parte do território do Estado de Mato Grosso do Sul predomina o clima do tipo tropical, com chuvas de verão e inverno seco, caracterizado por médias termométricas que variam entre 25°C, na baixada do Paraguai e 20°C, no planalto. A pluviosidade é de aproximadamente 1.500mm anuais. No extremo meridional ocorre o clima subtropical, em virtude de uma latitude um pouco mais elevada e do relevo de planalto. A média térmica é pouco superior a 20°C, com queda de até 0°C nos meses mais frios do ano. A menor temperatura já registrada no Estado ocorreu em Ponta Porã, com -6°C, em 1975. As geadas são comuns no sul do Estado registrando, em média, três ocorrências do fenômeno por ano. Observa-se o mesmo regime de chuvas de verão e inverno seco, e a pluviosidade anual é, também, de 1.500mm. No Estado, percebe-se grande variação de temperaturas, sendo registradas pelo menos uma vez ao ano temperaturas máximas próximas de 40°C e mínimas próximas a 0°C.

A hidrografia de Mato Grosso do Sul favorece o desenvolvimento de uma vegetação exuberante, pois o território sul-mato-grossense é drenado a leste pelo rio Paraná e seus afluentes - rios Sucuriú, Verde, Pardo e Ivinhema; a oeste é drenado pelo rio Paraguai e seus principais afluentes - rios Taquari, Aquidauana e Miranda; e pelo rio Paraguai escoam as águas da planície do Pantanal e terrenos periféricos. Na

baixada, produzem-se anualmente inundações de longa duração. De novembro a março, o Pantanal vive o período das cheias, as depressões são inundadas, formando extensos lagos, reconhecidos como *baías*. Nas enchentes ocorre uma interligação entre rios, braços, baías na vazante, e a terra enriquecida pelo húmus se transforma na mais rica fonte de alimentos para a flora e a fauna. Na estação da vazante, de abril a outubro, os rios começam a baixar seus leitos, formando *corixos* ou baías que retêm grande quantidade de peixes, fenômeno conhecido pelo nome de *lufada*. De julho a setembro a terra é mais seca e a temperatura é amena, chegando a esfriar à noite. No início das chuvas, de outubro a dezembro, o calor é intenso, os rios começam a inundar as terras baixas, os mosquitos proliferam e os mamíferos migram para as terras altas. Essas características hidrográficas são responsáveis pela existência e manutenção de uma rica e diversificada flora.

No item seguinte aludimos à vegetação do Estado de Mato Grosso do Sul com a finalidade de aproximarmos-nos mais particularmente do tema central deste estudo, a fitotoponímia, que tem uma relação estreita e acentuada com a flora. Para tanto, situamos a vegetação sul-mato-grossense no âmbito da vegetação brasileira para, em seguida, discutir as particularidades da vegetação das diversas regiões do Estado.

1.2 Um olhar para a vegetação do Brasil e do Mato Grosso do Sul

A história da Fitogeografia Brasileira iniciou-se com a classificação de Martius⁶, em 1824, que usou nomes de divindades gregas para sua divisão botânica. Essa classificação perdura até a atualidade, após tantos anos de tentativas de novas classificações, sem uma definição de aceitação dentro do consenso geográfico brasileiro (IBGE, 1992)⁷. Ainda segundo estudo do IBGE (1992), a vegetação do Brasil, compreendida na Zona Neotropical, pode ser dividida, segundo o aspecto geográfico, em dois territórios: o amazônico e o extra-amazônico. No território Amazônico (área ombrófila, em que não falta umidade durante o ano), o sistema ecológico vegetal responde a um clima de temperatura média em torno de 25°C e de chuvas torrenciais

⁶ O mapa fitogeográfico de Martius foi anexado por Gisebach no volume XXI da *Flora Brasiliensis*, em 1858, e nele há cinco regiões: 1. Náyades (flora amazônica); 2. Hamadryades (flora nordestina); 3. Oreades (flora centro-oeste); 4. Dryades (flora da costa atlântica) e 5. Napeias (flora subtropical). Essa divisão florística permanece, pois, além de apresentar ligações filogenéticas bastante confiáveis, foi baseada em coletas botânicas classificadas pelos maiores especialistas da época (IBGE, 1992).

⁷ Classificação da vegetação brasileira. *Conceituação fitogeográfica brasileira* (IBGE, 1992). Disponível em www.ambientebrasil.com.br Acesso em 12/03/2010.

bem distribuídas durante o ano, sem déficit hídrico mensal no balanço ombrotérmico anual. No território extra-amazônico (área ombrófila e estacional, em que falta umidade num período do ano), o sistema ecológico responde a dois climas - um tropical com temperaturas médias em torno de 22°C e precipitações atmosféricas marcadas por um déficit hídrico, superior a 60 dias no balanço ombrotérmico anual, e um subtropical, com temperaturas suaves no inverno, que amenizam a média anual situada em torno de 18°C. As chuvas são moderadas e bem distribuídas durante o ano, não ocorrendo, por isso, déficit hídrico mensal no balanço ombrotérmico anual. Na Amazônia, predominam as florestas ombrófilas densas e abertas, com árvores de médio e grande porte, com ocorrência de cipós, bromélias e orquídeas. As florestas extra-amazônicas coincidem com as formações florestais que compõem a Mata Atlântica, onde predominam as florestas estacionais semidecíduais e as florestas ombrófilas densas e mistas (com araucária). Em ambos os conjuntos florestais são encontradas, em menor proporção, as florestas estacionais decíduais.

O Brasil é um país de grandes extensões territoriais: são 8,5 milhões de quilômetros quadrados submetidos a uma variedade de condições climáticas que permite o desenvolvimento de uma grande diversidade de ambientes, em virtude disso, *a vegetação no território brasileiro*⁸ ocorre em dois grandes conjuntos vegetacionais: um *florestal*, que ocupa mais de 60% do território nacional, e outro *campestre*. As formações vegetais que ocupam maior extensão territorial são as florestas e há uma grande variedade dessas formações na bacia Amazônica, na região costeira, no sul do país e nas regiões subtropicais: “mesmo os cerrados e as caatingas possuem dentro de sua área de domínio formações florestais que acompanham as drenagens” (ROSS, 1995, p. 155).

A palavra floresta é, portanto, um termo genérico usado para designar um tipo de formação arbórea densa, no qual o elemento dominante são as árvores. A organização ou estrutura da floresta, assim como sua composição florística, são características importantes para a sua classificação. Outros fatores como o clima e a geomorfologia também desempenham um papel importante na definição dos tipos de floresta. Os tipos tropical e subtropical, encontrados no Brasil, por exemplo, desenvolvem-se em mosaicos com diferentes associações vegetais. Algumas características climáticas, ou

⁸ As informações sobre a vegetação do Brasil estão disponíveis em www.ibge.gov.br Acesso em 10/01/2010.

mesmo fenológicas (fenômenos periódicos das plantas, como a brotação, a floração e a frutificação), são usadas para identificar essas associações e tipos: pluviais, decíduais, semi-secas, etc. Dentro do seu domínio próprio, as florestas brasileiras apresentam enclaves de formações não-florestais, como as campinaranas, na Amazônia e os campos de altitude, na Mata Atlântica.

Além das grandes extensões de florestas, o Brasil apresenta dois grandes domínios de formações vegetais abertas e semi-abertas: as caatingas e os cerrados. No mapa do Brasil, esses dois domínios formam uma diagonal de climas mais secos que percorre o País do Nordeste ao Pantanal sul-mato-grossense.

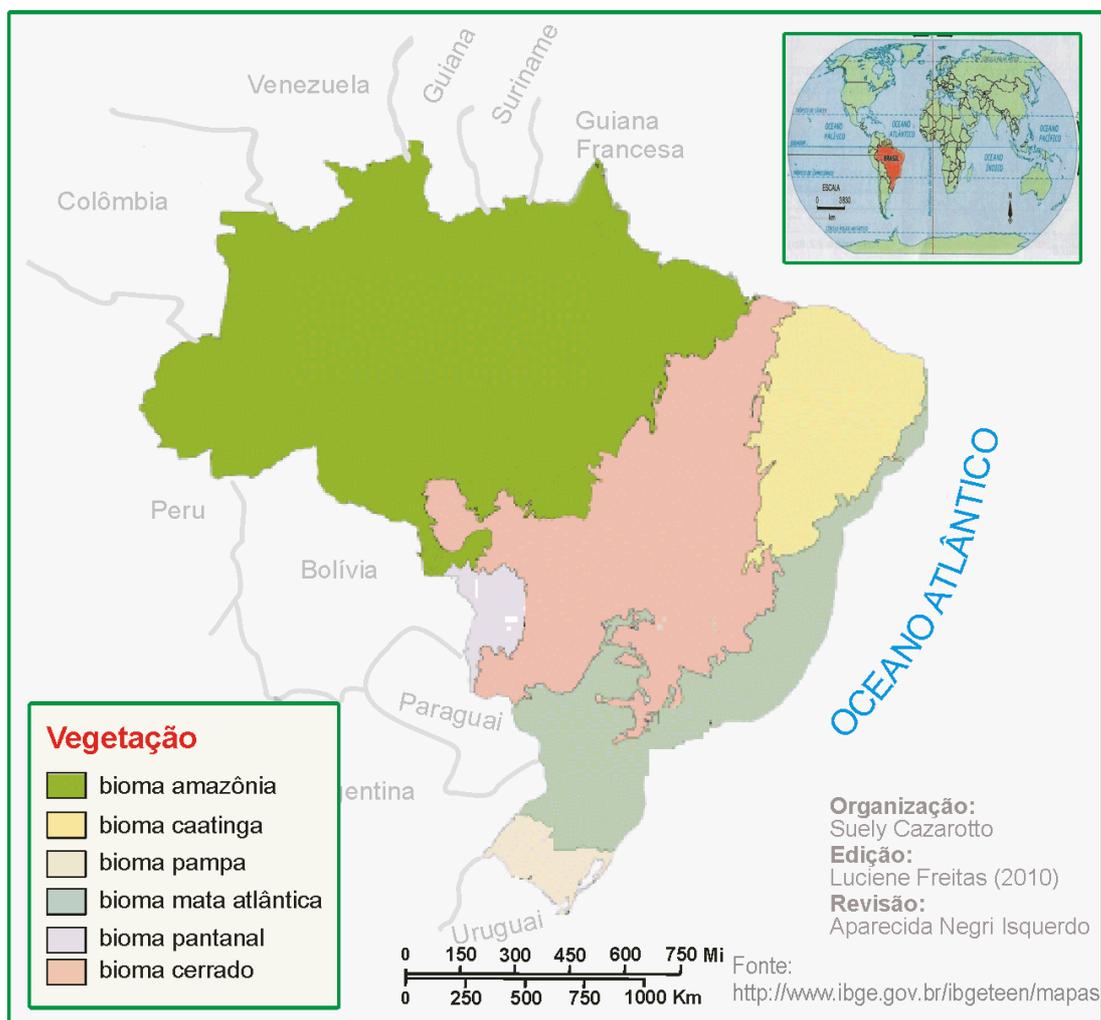
As formações campestres são constituídas pelas tipologias de vegetação abertas, mapeadas como: *savana*, correspondente ao Cerrado que predomina no Brasil Central, ocorrendo também em pequenas áreas em outras regiões do País, inclusive na Amazônia; *savana estépica*, que inclui a caatinga nordestina, os campos de Roraima, o Pantanal sul-mato-grossense e uma pequena ocorrência no extremo oeste do Rio Grande do Sul; *estepo*, que corresponde aos campos, do planalto e da campanha, do extremo sul do Brasil; e a *campinarana*, um tipo de vegetação decorrente da falta de nutrientes minerais no solo e que ocorre na Amazônia, na bacia do rio Negro.

As áreas das formações pioneiras abrigam a vegetação das restingas, dos manguezais e dos alagados; nas áreas de tensão ecológica ocorrem os contatos entre tipos de vegetação e nos chamados refúgios vegetacionais a vegetação, em geral, é constituída por comunidades relíquias. As formações remanescentes correspondem à vegetação que permanece preservada ou pouco alterada e os antropismos são as áreas afetadas pelas atividades humanas.

A vegetação do Brasil envolve o conjunto de formações vegetais distribuídas por todo o território brasileiro, formado por diferentes tipos de vegetação e os principais são: a *Floresta Amazônica*, no norte; a *Mata dos Cocais*, no meio-norte; a *Mata Atlântica*, desde o nordeste até o sul; a *Mata das Araucárias*, no sul; a *Caatinga*, no nordeste; o *Cerrado*, no centro; o *Complexo do Pantanal*, no sudoeste; os *Campos*, no extremo sul, com manchas esparsas em alguns estados do País; e a *vegetação litorânea*, desde o Amapá até o Rio Grande do Sul.

Essas formações vegetais são demonstradas no mapa que segue.

VEGETAÇÃO DO BRASIL⁹



Isto posto, considera-se que a ocorrência de uma vegetação rica e variada no Estado de Mato Grosso do Sul é exemplo da diversidade da flora brasileira, percebida singularmente por serem tantas as espécies de plantas em área geográfica tão extensa e regime climático tão diversificado.

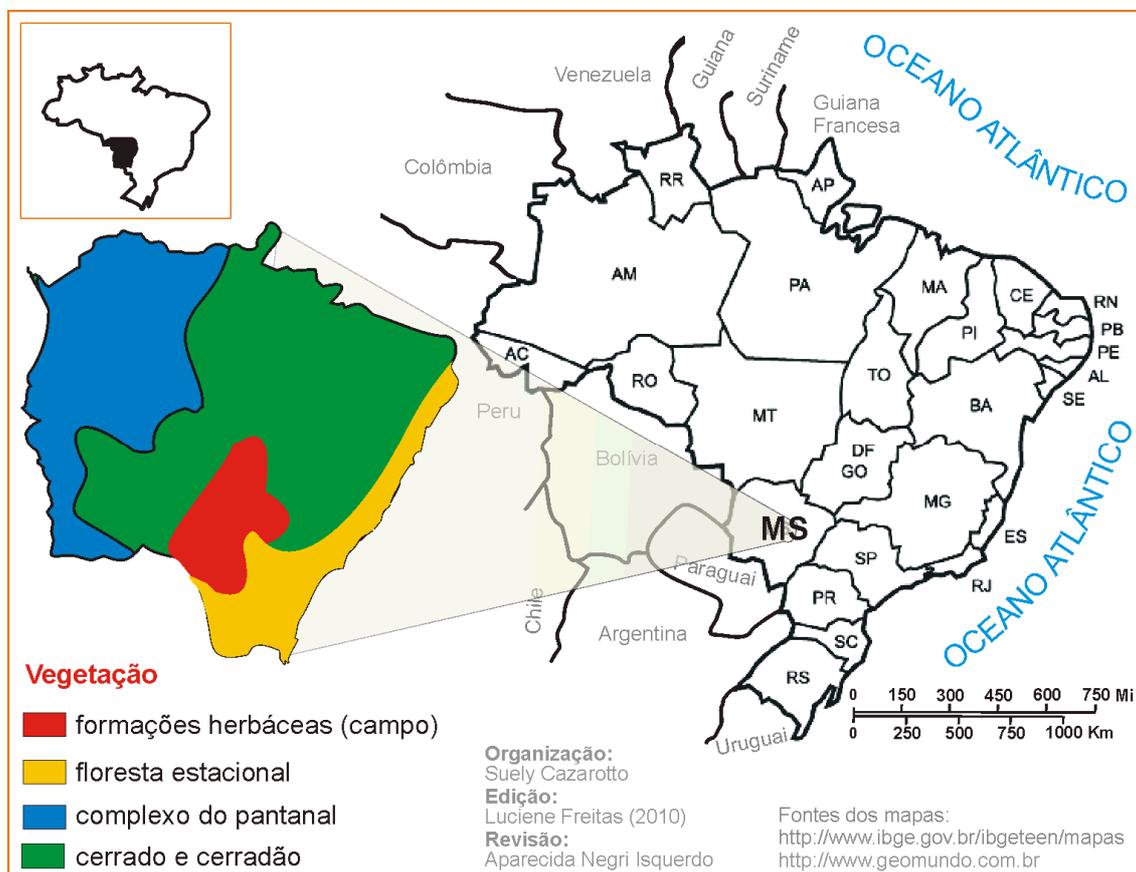
De acordo com minucioso estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE¹⁰, o Estado de Mato Grosso do Sul compreende quatro formações vegetais denominadas: a) *floresta estacional subcaducifólia tropical* –

⁹ Mapa disponível em <http://www.geomundo.com.br/geografia-30168-mapa-brasil-vegetacao.htm> Acesso em 15/05/2010

¹⁰ Geografia do Brasil – Região Centro-Oeste - vol. 4, 1977.

floresta tropical; b) *cerrado*; c) *campo* e d) *complexo do Pantanal*, que podem ser visualizadas no mapa que segue.

VEGETAÇÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL



A seguir registramos algumas informações relevantes para esta pesquisa acerca das formações vegetais características do Estado de Mato Grosso do Sul.

1.2.1 Floresta estacional subcaducifolia tropical - Floresta Tropical

As áreas florestais têm grande importância na economia de toda a região Centro-Oeste e, obviamente, do Estado de Mato Grosso do Sul por corresponderem a solos férteis – os mais férteis encontrados nessa região. Acredita-se que a incidência desse tipo de vegetação em terras sul-mato-grossenses se dê mais pela abundância das águas encontradas nesse espaço do que pelas condições climáticas. Waibel (1948), citado no estudo realizado pelo IBGE (1977), afirma que “a mata e o campo são mais do que tipos

de vegetação, são tipos de terras”. No estudo realizado pelo IBGE (1977, p. 66) é informado que

no interior do Planalto Central, no espaço dominado literalmente pelos Cerrados, destaca-se a presença de manchas de Mata Tropical, que são representantes de uma flora dissociada do mundo amazônico e talvez correlacionada à da fachada florestal atlântica.

Segundo Waibel (1948 *apud* IBGE, 1977, p. 67), a mata tropical não é uniforme na sua estrutura e fisionomia, por isso ele a distingue em duas categorias: a mata de primeira e de segunda classe. Baseando-se, também, na qualidade do solo, o autor esclarece que a mata de primeira classe é representante das melhores terras para cultivo e a da segunda corresponde a solos menos férteis.

A organização da Floresta Tropical supõe três estratos, sendo dois arbóreos e um herbáceo-arbustivo. O primeiro estrato corresponde às árvores mais altas, entre 25 e 30 metros de altura; o segundo, também arbóreo, forma uma camada ao nível de 5 a 15 metros e, finalmente, o terceiro estrato que é constituído por árvores de um 1 a 2 metros de altura e por ervas que, mesmo no tempo das secas, apresentam folhagem verde e com seiva.

As árvores mais altas, representantes do primeiro estrato arbóreo, apresentam troncos retilíneos e de casca fina e entre as espécies predominantes situam-se o **jatobá** (*hymenaea sp.*) e a **palmeira guariroba** (*Cocos sp.*). Já os caules dos elementos do segundo estrato são menos retos do que os das árvores mais altas e são representados por espécies como o **óleo vermelho** (*Copahyba officinalis*), o **jacarandá** (*Machaerium sp.*) e a **canela** (*Ocotea sp.*). No terceiro estrato, o herbáceo-arbustivo, por sua vez, contém em abundância “um bambu cuja altura varia de um a dois metros e cujas folhas servem de forragem para o gado na quadra da estiagem, pois se mantém ainda verdes” (IBGE, 1977, p. 69).

Conforme foi apontado anteriormente, com base nas informações contidas nesse estudo realizado pelo IBGE (1977), além das matas de primeira classe, existem também as de segunda classe, ou seja, as nativas em solos mais desprovidos de húmus, menos férteis e menos profundos, “ficando muito escassos de água durante o período de seca, afetando o aspecto geral da vegetação que se parece então com um ‘mato seco’” (IBGE, 1977, p. 69). A flora desse tipo de mata inclui espécies arbóreas frequentes nas matas de primeira classe, mas apresenta também árvores menos comuns naquelas associações, como é o caso do **angico** (*Piptadenia sp.*), da **aroeira** (*Schinus sp.*), da **canela**

Nectandra sp.)¹¹ da **sucupira vermelha** (*Bowdichia sp.*) e do **óleo vermelho** (*Copahyba officinalis*).

Nas consideradas “matas secas”, o estrato mais alto é constituído de árvores cujas copas situam-se entre 15 a 20 metros de altura. Weibel (1948, *apud* IBGE, 1977, p. 60) assinala que, “segundo informações locais, o solo deste tipo de mata se esgota mais depressa quando submetido a cultivo, sendo, pois, aproveitado mais usualmente para a formação de pastos”.

O estudo realizado pelo IBGE (1977), tomado como referência neste trabalho, destaca ainda no Mato Grosso do Sul uma importante área de floresta tropical, a chamada “Mata de Dourados”, que tem como centro a junção dos rios Brilhante e Dourados, e se estende para o sul a partir desses rios e do rio Ivinhema. Ocupa, de acordo com Kuhlmann (1954, *apud* IBGE, 1977, p. 69), “a parte mais setentrional da grande área florestal do sul de Mato Grosso. Esta, em manchas extensas, interrompidas por Campos e Cerrados, vai do rio Dourados para o sul, prolongando-se pelo território paraguaio”. O estudo pontua que essa importante área de floresta trópica evidencia maior vigor no município de Dourados e está relacionada à presença de solos férteis, como a terra roxa. A “Mata de Dourados” contém árvores altas, de madeira de lei, e suas espécies mais relevantes são o **cedro** (*Cedrela fissilis*), o **angelim** (*Leguminosa papilionacea*), a **aroeira** (*Astronium sp.*), a **erva-mate** (*Ilex Paraguaiensis sp.*), a **canafístula** (ou faveira-do-mato) e a **timbaúva** (*Stryphnodendron guianense*).

Em estudo sobre a geografia do Estado de Mato Grosso do Sul, Gressler e Vasconcelos (2005, p. 63-70) informam que a floresta, ou mata tropical, é composta por árvores altas e, em seu interior, há um emaranhado de árvores menores, cipós e parasitas. Ainda de acordo com as mesmas autoras (2005, p. 67-70), as espécies de árvores mais comuns encontradas nesse tipo de vegetação são: cedro, angelim, aroeira e peroba, encontrando-se, também, a erva-mate, o jacarandá, a sibipiruna e o ipê, em suas diversas cores.

O item a seguir aponta as características do Cerrado, uma formação vegetal abundante no Estado de Mato Grosso do Sul e a que melhor caracteriza as feições fitogeográficas desse Estado.

¹¹ De acordo com Ferreira (2004), a árvore **canela** possui variadas espécies e, dentre estas, duas, cujos nomes científicos são *Ocotea sp.* e *Nectandra sp.*

1.2.2 Cerrado

O Cerrado é a formação vegetal que melhor marca e individualiza o Estado de Mato Grosso do Sul do ponto de vista fitogeográfico. É possível identificar diversas “facies”¹² dessa formação vegetacional, diversificação essa que se faz notar tanto no espaço quanto na composição florística, mas sem permitir que se perca a fisionomia caracterizadora ou definidora do Cerrado.

De acordo com o estudo realizado por Mantovani e Pereira (1998, p. 1455),

o Cerrado ocupa aproximadamente 1,8 milhões de quilômetros quadrados, cerca de 25% do território nacional, e abriga uma grande diversidade biológica. [...] Abrange o Planalto Central e cobre grande parte dos Estados de Tocantins, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Maranhão e Piauí, e partes menores dos Estados de São Paulo, Bahia, Pará, Paraná, Sergipe, Amazonas, Roraima, Amapá e Rondônia.

O Cerrado, devido ao seu importante estrato arbóreo, de um lado, aproxima-se da formação florestal, ainda que com árvores de baixo porte, e, por outro, dado o espaçamento existente entre as árvores e arbustos e a presença de um tapete rasteiro de gramíneas, constitui-se numa vegetação aberta, sendo caracterizada como campestre a sua estrutura. Mediante o exposto, pode-se situar o Cerrado como uma formação intermediária entre a Floresta Tropical e outras formações vegetais menos evoluídas e mais abertas.

Segundo Ross (1995, p. 177), o Cerrado tem sido definido como floresta-ecótono-campo. O termo ecótono nomeia, de acordo com Ferreira (2004), uma “zona de transição entre duas comunidades e que contém espécies características de cada uma delas”, não é, pois, tranquila a questão da classificação do Cerrado no quadro sistemático da vegetação. Pode ser incluído na categoria das “savanas arbóreas” ou considerado como uma vegetação *sui generis*, como o ratificado no documento do IBGE (1977, p. 69):

os Cerrados se apresentam com fisionomias diversas, segundo gradação estrutural, que vai do tipo arbóreo xeromorfo aos tipos herbáceo-arbustivos (campo sujo, cerradinho, cerrado ralo); distinções relacionadas, principalmente, a diferenças pedológicas e topográficas.

A estrutura do Cerrado abriga, basicamente, dois estratos: o *superior*, formado pelas árvores e arbustos; e o *inferior*, composto por um tapete de gramíneas e

¹² Segundo Ferreira (2004), “facies” é o aspecto de um corpo, tal como se apresenta à primeira vista, ou, ainda, são as características de forma e configuração que distinguem um grupo; aspecto em geral.

ciperáceas. Registra-se, no Cerrado, considerável variedade botânica, merecendo destaque as seguintes espécies arbóreas: **lixreira** (*Curatella americana*), **pau-terra** (*Qualea sp.*), **pequi** (*Cariocar brasiliensis*), **pau-de-colher-de-vaqueiro** (*Salvertia convallariodora*), **pau-de-santo** (*Kielmeiera coriacea*), **barbatimão** (*Stryphnodendron barbarimao*), **quineira branca** (*Strychnos pseudoquina*) e **mangabeira** (*Hancornia speciosa*) (IBGE, 1977, p. 70).

São citadas, ainda, como espécies vegetais que caracterizam o Cerrado a **gabiroba**, o **pequizeiro**, o **araçá**, a **sucupira**, a **catuaba** e o **indaiá**. Além de que, debaixo dessas árvores, crescem diferentes tipos de capim, como o **capim-flecha**, que pode atingir uma altura de 2,5m. E mais, onde corre um rio ou um córrego, encontram-se as matas ciliares, ou matas de galeria, que são densas florestas estreitas, de árvores maiores, que margeiam os cursos d'água, e nos brejos, próximo a esses cursos d'água ou próximo às nascentes, o **buriti** domina a paisagem e forma as “veredas de buriti” ou “buritizais”¹³.

É importante ressaltar que, de acordo com estudo realizado pelo biólogo e botânico Fernando Tatagiba¹⁴, no bioma Cerrado o *buriti* é a espécie que caracteriza as veredas e marca a fitofisionomia da região. Informa ainda o botânico que essa espécie vegetal ocorre também em matas de galeria e ciliares, podendo formar densos buritizais, e que, para além dos domínios do Cerrado, ocorre em toda a extensão da Amazônia e do Complexo do Pantanal, sendo considerada a palmeira mais abundante do País.

Para Rizzini (1963, *apud* IBGE, 1977, p. 71), a despeito de sua aparência e ofuscamento sazonal, “as espécies subarbustivas da flora campestre, inserida no domínio do Cerrado, constituem elementos importantes na composição da vegetação deste”. Em se tratando dos Cerrados, também é possível encontrar capões de mato e aglomerações de buritis completando a vegetação, porque “é larga e extensa a área brasileira ocupada pelos Cerrados, especialmente no Centro-Oeste, onde se pode considerar que esteja o “core” deste domínio vegetacional” (IBGE, 1977, p. 72).

Os Cerrados surgem implantados em vários tipos de solos desenvolvidos sobre estruturas geológicas diversas, fato que induz à consideração de que tal formação vegetal desenvolveu-se e alcançou seu apogeu em condições naturais do passado, não mais as do presente, pois atualmente encontra condições tão somente para manutenção.

¹³ Informações disponíveis em www.portalbrasil.net/cerrado Acesso em 27/05/2010

¹⁴ Fernando Tatagiba (tatagiba@biologo.com.br) Disponível em <http://www.biologo.com.br/plantas/cerrado/buriti.html> Acesso em 27/05/2010

Além disso, uma das principais influências da topografia para a existência e sobrevivência dos Cerrados está na drenagem, “que nas regiões de Cerrados se caracterizam por rios permanentes ladeados por matas de galerias e buritizais” (ROSS, 1995, p. 182).

É importante observar que “o Cerrado não padece de falta d’água” (IBGE, 1977, p. 74) e essa informação é ratificada por Ross (1995, p. 178), ao argumentar que:

os cerrados arbóreos têm uma fisionomia característica, marcada pelas árvores geralmente tortuosas e espaçadas, com tronco de cortiça espessa e folhagem coriácea e pilosa, [...] apesar do aspecto xeromórfico que estas características conferem às árvores e aos arbustos, lembrando regiões semi-áridas, não há escassez de água nos cerrados, mesmo nas estações mais secas.

Gressler e Vasconcelos (2005, p. 63-70), por seu turno, informam que o cerrado é a vegetação predominante no norte e nordeste de Mato Grosso do Sul, recobrando a maior parte do Estado, e é constituído por uma camada baixa de gramíneas, com alguns arbustos de troncos e galhos retorcidos, cobertos de casca espessa. Essas árvores, no período seco, perdem parcialmente as suas folhas. E ainda segundo esses mesmos autores (2005, p. 63-70), as espécies mais comuns do cerrado são: *pequi*, *cajueiro do campo*, *ipê-amarelo ou peúva*, *saveira*, *sucupira*, *mangabeira*, *araçá*, *quineira branca*, *capitão-do-campo*, *massaranduba ou canela rosa*, *araticum-do-campo*, *copaíba* ou *pau-d’óleo*.

Contudo, e além do já se afirmou a respeito dos Cerrados, é necessário mencionar que os Cerrados, que representam, em extensão, o segundo maior domínio vegetal do País, encontram-se ameaçados pelos projetos de monoculturas e pastagens, como pode ser observado na assertiva de Mantovani e Pereira (1998, p. 1456), ao asseverarem que:

A região dos cerrados é uma das maiores e últimas reservas de terra do mundo capaz de suportar imediatamente a produção de grãos e a formação de pastagens; e desde meados da década de setenta, vem sendo explorada a uma alta taxa de abertura de novas áreas agrícolas. Tradicionalmente voltada para a pecuária extensiva, seu quadro natural está sendo modificado com a introdução da agricultura mecanizada e com a pecuária deixando de ser extensiva, dando lugar à implantação de pastagens com espécies selecionadas, as quais geralmente são antecipadas pela cultura de arroz de sequeiro.

Além de a região dos Cerrados encontrarem-se ameaçadas devido aos projetos de monocultura e pastagens, também é importante esclarecer que

a ocupação da região dos Cerrados tem levado a problemas ambientais devido a não utilização de tecnologias adequadas e também devido à grande extensão territorial das ocupações. O desmatamento indiscriminado e as queimadas causam problemas como a perda de solos por erosão, poluição hídrica e atmosférica e perda de biodiversidade. Em vista destes impactos ambientais surge a necessidade de conhecer e controlar os processos de conversão desta vegetação pelas atividades humanas (MANTOVANI, PEREIRA, 1998, p. 1456).

E, finalizando, deve-se evitar classificar os Cerrados, no âmbito das formações vegetais, como um subtipo dos modelos já conhecidos; deve-se, sim, considerá-lo como “um termo autônomo, individualizado e *sui generis* dentre os demais classificados como principais” (IBGE, 1977, p. 75).

O tópico seguinte aborda as características do campo, também uma das formações vegetais típicas do Estado de Mato Grosso do Sul.

1.2.3 Campo

Em se tratando de áreas de ocorrências, os campos constituem importantes e expressivos “fácies” no conjunto vegetacional do Estado de Mato Grosso do Sul. Tal como as matas do interior, os campos não ocupam grandes extensões contínuas, ao contrário, figuram em manchas dispersas em meio ao domínio geral dos Cerrados. E tal como os Cerrados, ocupam superfícies altas e planas e assumem aspectos diversos que, de acordo com a cultura popular, denominam-se *Campos Sujos e Campos Limpos*.

De acordo com o *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente* (IBGE, 2004), *campo* é definido como

terras planas ou quase planas, de clima semi-árido ou subúmido, cobertas de vegetação em que predominam as gramíneas, às vezes com a presença de arbustos e de espécies arbóreas esparsas, habitadas por animais corredores e pássaros de visão apurada e coloração protetora¹⁵

Por sua vez, o termo *campo limpo*, definido por esse mesmo vocabulário, é uma “área de vegetação campestre, com revestimento de gramíneas e raros grupos de arbustos” enquanto o termo *campo sujo* nomeia a “vegetação herbácea invadida por arbustos”.

¹⁵ Esse é mais um dado que ratifica a classificação dos topônimos formados pela/a partir da lexia *campo* como um *geomorfotopônimo* (topônimos relativos às formas geográficas), uma vez que campo denota a terra (solo), o ambiente, a área onde são encontrados os tipos de vegetação que caracterizam o espaço assim compreendido.

Os *Campos Sujos*, às vezes denominados cerradinhos ou cerrados ralos, correspondem às formas degradadas pelas queimadas efetuadas pelo homem, tão recorrentes e comuns no Estado de Mato Grosso do Sul, ao final das estiagens. Weibel (1948, *apud* IBGE, 1977, p. 76), por exemplo, define os Campos Sujos como “um Cerrado que perdeu seu estrato arbóreo, permanecendo apenas o termo campestre”. Por outro lado, admite que

num Campo Sujo existem várias árvores mais baixas e mais afastadas do que num Cerrado, constituindo, pois uma formação aberta e comparável, numa classificação geral, a uma estepe arbustiva, onde as gramíneas são muito mais baixas do que as do estrato rasteiro dos Cerrados (WEIBEL *apud* IBGE, 1977, p. 77).

Os solos dos *Campos Sujos* são rasos e pedregosos, pouco permeáveis e carentes de água. Já os *Campos Limpos* se caracterizam por constituir um tapete herbáceo, sem ocorrência de arbustos e, muito raramente, apresentando subarbustos, assemelhando-se a pradarias. Os solos dos Campos Limpos, a exemplo dos Campos Sujos, também apresentam deficiência em nutrientes e água e isso possivelmente explique a “pobreza” da fauna e o porquê de as gramíneas apresentarem-se em tufos baixos.

Para Gressler e Vasconcelos (2005, p.63-70), “os campos limpos são formados por uma vegetação rasteira de gramíneas e característicos da região de Amambai e Maracaju, estendendo-se até a fronteira com o Paraguai”. Relacionam como espécies mais comuns encontradas nesse tipo de vegetação **a douradinha-do-campo, o pé-de-perdiz, o paratudo-do-campo, o butiá**, etc., e esclarecem que a vegetação nativa dos campos limpos, no extremo sul do Estado, foi substituída, em sua maior parte, por pastagens e plantações.

A mais importante e maior “mancha contínua” de *Campo Limpo* da região Centro-Oeste são os chamados *Campos de Vacaria*, no Mato Grosso do Sul, estendidos desde Campo Grande até ao sul de Mato Grosso do Sul, em Ponta Porã. Dominado pelas gramíneas baixas, “já não conserva o aspecto primitivo, em virtude do insistente pastoreio e das queimadas periódicas, causa, inclusive, do desaparecimento de espécies botânicas características e mais comuns” (KUHLMANN, *apud* IBGE, 1977, p. 77). Entre as espécies vegetais encontradas nos *Campos de Vacaria* estão: o *Paspalum* (canarana, capim-balça), o *Andropogon* (capim-açu, capimbeba, capim-bobó, capim-de-cheiro, capim-limão, capim-membeca), o *Panicum* (canarana, capim-canudinho, capim-do-pará, capim-guiné, capim-trapoeraba, capitinga, taboquinha) e o *Aristida pallens* (capim-barba-de-bode), que vem substituindo as

demais gramíneas. Cabe o registro de que também o **capim branco felpudo** e o **capim mimoso** são espécies presentes nessa área, porém com menor resistência ao fogo e à estiagem (IBGE, 1977, p. 77).

Os *Campos de Vacaria* apresentam três estratos: o mais alto, que não ultrapassa 1 metro de altura e que recobre pequena proporção do solo, aproximadamente 5%; o segundo estrato, composto por gramíneas de aproximadamente 40 centímetros de altura que recobrem 40% a 50% do solo, e, por fim, o terceiro estrato, rasteiro, muito irregular, formado por gramíneas pequenas e “espécies acaule ou de caule subterrâneo” (IBGE, 1977, p. 77). O **capim flecha** (*Tristachya leiostachya*), sucedido pelo **capim felpudo**, são as espécies dominantes nesses Campos.

O tópico a seguir apresenta as características do Complexo do Pantanal, formação vegetal que abrange uma parte considerável do território do Estado de Mato Grosso do Sul.

1.2.4 Complexo do Pantanal

O Pantanal é uma zona geofísica que abrange parte dos Estados de Mato Grosso do Sul e de Mato Grosso e do país vizinho, o Paraguai. Situa-se na baixada do rio Paraguai e abrange as terras baixas e as elevações e morros que por elas se espalham. Essas terras baixas, a denominada “Baixada Paraguaia”, comumente conhecida por “Pantanal Mato-grossense”, concentram diversos tipos de associações vegetais que levam à denominação de “Complexo do Pantanal”, ou seja, o conjunto vegetacional característico desse bioma brasileiro.

Vulnerável a inundações periódicas, provocadas pelas cheias do rio Paraguai e seus afluentes, mas que não afetam toda a Baixada Paraguaia, essas terras comportam umas áreas sempre alagadas, outras que o são apenas temporariamente e, ainda, outras permanentemente a salvo dessas inundações. A esses ambientes tão diversos correspondem variedades na vegetação e, por isso, Veloso (1948 *apud* IBGE, 1977, p. 78), quando realizou estudos ecológicos nessa área, distinguiu três zonações principais:

- a) **Zonação aquática ou hidrófila**¹⁶ – característica dos terrenos permanentemente alagados onde são encontradas espécies que vivem em água corrente, tais como: a *Eichhornia crassipes* (**aguapé, pavoã**), *Pistia spp* (**flor-d’água**), *Elodea spp*; espécies que vivem em água

¹⁶ Hidrófila: “1. Ávido(a) de água. 2. Que a absorve bem” (FERREIRA, 2004).

parada: *Eichhornia subvata*, *Bichhornia azurea*, *Marcilia* ou *Salvia sp.* e as associações de espécies fixas que vivem no fundo e vivendo em águas pouco profundas, como a *Heteranthera*, a *Pontedeira spp.*, a *Salvinia spp.* (**mururé-carrapatinho, salvínia**) e a *Nymphae spp.* (IBGE, 1977, p. 78).

- b) **Zonação higrófila**¹⁷ – compreende duas grandes zonas: a primeira constituída por associações situadas em solo alagado, durante a época das cheias (que não seca completamente mesmo nos meses da *vazante*¹⁸), e a segunda, compreendendo as associações situadas nas terras que são apenas periodicamente inundadas. Na primeira zona são encontradas espécies vegetais como a *Thalia geniculata* (**arumarana, caraparu**); *Ipomoea fistulosa* (**algodão-bravo**); *Heliconietum* (**pacavira**). Já na segunda zona, integrada por agrupamentos situados nos lugares mais altos, ao longo dos rios, existem as seguintes espécies: *Heliconietum*, *Bactrietum* e *Cecropietum*, “desta última surge a *Triplarietum* que antecede a implantação da primeira associação arbórea, representada pelo agrupamento *Vochysietum* (*Vochysia sp.*) e que povoa grande parte do Pantanal” (IBGE, 1977, p. 78).
- c) **Zonação mesófila**¹⁹ – ocupa os terrenos mais altos de formação aluvial. As associações dessa zonação, por não sofrerem a ação direta das inundações, são constituídas de espécies adaptadas ao meio intermediário, assim como o *Astrocaryetum*, o *Cecropietum*, o *Bulnesietum* e outros. Nos lugares mais altos e secos aparecem o *Cobraleaetum* e o *Chlorophorietum* que, aparentemente, se misturam com duas espécies de *Lauraceae*: *Ocotea sp* (**beberu, canela-amargosa, canela-baraúna, canela-goiaba, canela-guaicá, canela-sassafrás, canela-tatu, cujumari, folha-de-prata**) e *Nectandra sp.* (**canela-capitão-mor, canela-inhaíba, canela-preta-verdadeira,**

¹⁷ *Higrófila*: “Diz-se da planta que só vegeta em lugares úmidos e que se caracteriza por grandes folhas delgadas, moles e terminadas em ponta afilada” (FERREIRA, 2004).

¹⁸ *Vazante* é “a época da estiagem, quando as águas baixam bastante e a natureza revela sua capacidade de adaptação a um novo período climático” (TERRA DA GENTE, 25/09/2009). Disponível em <http://eptv.globo.com/terradagente>. Acesso em 02/03/2010.

¹⁹ *Mesófila*: “Diz-se do que só cresce em condições específicas de temperatura e de umidade, como plantas florestais dos trópicos” (FERREIRA, 2004).

canela-rajada, cavalo-de-batalha, louro-de-igapó, louro-preto, mucutaia (IBGE, 1977, p. 78).

O limite entre essas três zonações muitas vezes não é bastante definido, pois várias espécies, em decorrência das inundações, são levadas para outros ambientes, o que explica o fato de espécies que vivem fixadas em terrenos mais altos também serem encontradas em mistura com outras espécies, características de outros ambientes ou até flutuando com os *aguapés pantaneiros*²⁰. O mesmo pode acontecer com as espécies aquáticas, que, em determinadas ocasiões, podem fixar suas raízes em terrenos elevados, “como é o caso da *Eichhornia crassipes*, a *Salvia sp.* e a *Heteranthera limosa*” (HOEHNE, 1923, *apud* IBGE, 1977, p. 79).

Entre a área sujeita a inundações e os restos de chapadas cobertas de Cerrados aparecem adensamentos mais ou menos homogêneos de **carandá** (*Copernicia australis*) e de **paratudo** (*Tecoma áurea*), constituindo, respectivamente, os “carandazais” e os “paratudais”. Integrando, ainda, o complexo quadro fitogeográfico do Pantanal, há, ao longo dos rios, as “Florestas-Galeria”, que se assemelham às florestas mesófilas.

Na cobertura de gramíneas, vegetação que constitui excelente pastagem e que aparece após o refluxo das águas, destaca-se o **capim-mimoso**, do qual se pode extrair, no mínimo, três diferentes variedades: o **de espinho** ou **verdadeiro** (*Paratheria próstata*), o **vermelho** (*Setaria geniculata*) e o **mimosinho** (*Reimaria brasiliensis*) (IBGE, 1977, p. 79).

Gressler e Vasconcelos (2005, p. 63-70) esclarecem que a vegetação do Complexo do Pantanal é formada por áreas distintas de cerrado, de campos e de matas: “A planície do Pantanal, no oeste do estado, durante o período de cheias, vira a maior região alagadiça do planeta, lá se combinam vegetações de todo o Brasil, até mesmo da Caatinga e da Floresta Amazônica”. Essas mesmas autoras esclarecem, ainda, que a planície do Pantanal é um dos biomas com maior biodiversidade do planeta, onde as matas localizam-se às margens dos rios, sendo árvores comuns as **lixeriras**, os **paratudos**, os **tarumãs**, os **buritis**, os **ipês**, os **quebrachos** e os **cambará**.

Um tipo de coqueiro muito comum no Pantanal é o **carandá**, de cujas folhas se extrai uma cera igual a da carnaúba, uma planta encontrada no Norte e no Nordeste do Brasil. A madeira do carandá é bastante resistente e, por isso, é usada como poste,

²⁰ A expressão *aguapés pantaneiros* nomeia a “trama vegetal constituída de plantas aquáticas que crescem na superfície das águas dos rios, lagos e pantaneais, e que, prendendo-se mutuamente, formam um tapete capaz de sustentar um homem sobre ele deitado” (FERREIRA, 2004).

caibro e mourão. Muitas plantas, tais como o **fedegoso**, o **ipê-roxo**, a **babosa**, a **erva-de-santa-maria**, o **chapéu-de-couro**, a **sucupira**, o **barbatimão**, etc, tidas como medicinais, são encontradas em todo o território sul-mato-grossense, onde também são encontrados muitos frutos comestíveis como o **ingá**, a **jabuticaba**, o **jatobá**, a **fruta-pão**, a **guavira**, o **pequi**, o **araticum**, o **araçá**, etc. A maioria dessas espécies são nativas, outras foram introduzidas no Mato Grosso do Sul há muito tempo e hoje integram a flora sul-mato-grossense, como a **mangueira** e o **coqueiro-da-baía** (GRESSLER, VASCONCELOS, 2005, p. 63-70).

A fitofisionomia do “Complexo do Pantanal” reúne os bosques chaquenhos, “característicos das imensas áreas do interior da Argentina, Paraguai e Bolívia, e que ocupam uma faixa de 200 metros de extensão, paralela ao rio Paraguai [...]” (IBGE, 1977, p. 79).

Um estudo realizado recentemente por cinco ONGs (WWF-Brasil, SOS Mata Atlântica, Conservação Internacional, Avina e Ecoa)²¹, iniciado no segundo semestre de 2008 e em fase de finalização, contou com a consultoria da Embrapa Pantanal e concluiu que 85% da vegetação nativa do Pantanal estão intacta: “a quantificação de 85% da área preservada pode até aumentar na finalização do estudo”, uma vez que há, ainda, áreas alteradas do Pantanal que não foram devidamente processadas nesse levantamento. Essas áreas podem ter sido alteradas pela ação antrópica ou representarem variações naturais, não significando, necessariamente, desmatamento.

Esse mesmo levantamento comprovou que a pecuária extensiva tradicional praticada no Pantanal “desde 1737” contribuiu para a conservação ambiental da região, ecossistema considerado com o melhor índice de conservação do país. Além disso, também recuperou dados sobre alterações na vegetação da parte alta da Bacia do Alto Paraguai, revelando que, nessa área adjacente ao Pantanal, a situação é preocupante porque “mais de 50% da vegetação natural já foi devastada”. Considerando que no planalto localizam-se as cabeceiras dos rios responsáveis pelos ciclos da cheia e seca do Pantanal, essas alterações na vegetação da parte alta se refletem na planície.

Abordados os aspectos gerais da vegetação do Estado de Mato Grosso do Sul e considerando que a *toponímia* tende a ser influenciada pela vegetação, mediante as

²¹ As informações sobre o estudo realizado por cinco ONGs, a respeito do Pantanal, foram obtidas por meio da TV Morena (fonte) – Cadastrado em 03/06/2009 pelo colaborador Portal MS. Disponível em portalms@portalms.com.br Acesso em 17/06/09.

pesquisas realizadas para a elaboração deste estudo, percebe-se que o Estado de Mato Grosso do Sul apresenta uma quantidade considerável de *fitotopônimos* motivados pela variada vegetação que integra a flora característica do Estado, como será demonstrado na continuidade deste trabalho.

Acreditamos que a influência exercida pela vegetação nos nomes dos acidentes geográficos (físicos e humanos) de Mato Grosso do Sul se dê, primeiramente, porque a vegetação exerce forte predomínio sobre o homem no momento em que atribui nome aos acidentes geográficos do ambiente em que vive, por causa da importância da flora na vida de todos os seres vivos; segundo, porque o Estado de Mato Grosso do Sul é basicamente agrícola, o que aponta para o valor relevante exercido pela vegetação na vida da população, pois é dela que grande parte dos cidadãos sul-mato-grossenses extrai a sua subsistência.

Consideramos, ainda, que a utilização em grande quantidade de determinados nomes de plantas características de uma região e empregados na nomeação de acidentes físicos e humanos “na maioria das vezes [é] motivada pela abundância da espécie na localidade e/ou até mesmo pela presença significativa de alguma em particular que sirva de ponto de referência para a identificação da localidade” (ISQUERDO, 1997, p. 38). Isso porque essas espécies exercem influência notável na vida dos que ali habitam, seja na construção da moradia, na produção de bens que proporcionam conforto, bem como na manutenção da própria vida, haja vista que muitas dessas espécies vegetais servem como alimento ao homem.

O segundo capítulo apresenta e discute os pressupostos teóricos que embasaram esta pesquisa, enfatizando a Toponímia, o assunto central deste trabalho.

CAPÍTULO II

ONOMÁSTICA: A TOPONÍMIA EM ESTUDO

Este Capítulo tem como objetivo apresentar e discutir os pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa. Serão abordados aspectos como a correlação entre língua, cultura, sociedade e toponímia; a questão da etimologia, em especial a das palavras indígenas; a caracterização, estrutura e motivação do signo toponímico; alguns modelos teóricos de classificação toponímica, com destaque para a teoria de Dick (1990a) e a fitotoponímia, objeto de estudo desta pesquisa.

2.1 Relações entre língua, sociedade, cultura e toponímia

A relação entre língua e sociedade é muito mais profunda do que se imagina. A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete, de certo modo, os padrões de comportamento que variam em função do tempo e do espaço. Inversamente, pode-se supor que certas atitudes sociais e manifestações do pensamento sejam influenciadas pelas características que a língua da comunidade apresenta (MUSSALIN; BENTES, 2001, p. 36). Assim, a língua é um fato social que concretiza um modo particular de cada comunidade ver, interpretar e representar o mundo. O caráter social de uma língua favorece a veiculação de ideias e de experiências e a interação entre os indivíduos de uma sociedade. Ou seja, a língua é a manifestação concreta da linguagem, já que é pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens. A língua é, ainda, o instrumento de comunicação e interação comum a todos os membros da sociedade, o que possibilita a produção indefinida de mensagens. É a língua o instrumento próprio para descrever, conceitualizar e interpretar tanto a natureza quanto a experiência.

Inúmeros estudos têm sido realizados por autores renomados, tais como Saussure (1972), Sapir (1969), Coseriu (1979), Labov (1964), sob diferentes abordagens e com o objetivo de valorizar o elemento social nos estudos da linguagem. Uma preocupação comum desses autores é evidenciar a necessidade de se pensar a língua em sua estreita relação com o usuário e com o contexto social, considerando-se que toda estrutura linguística faz parte de uma realidade sociocultural.

Saussure (1972)²², embora tendo reconhecido e postulado o caráter social da língua, não se ocupou da natureza extralinguística dos atos da fala, visto que a mais relevante contribuição de sua teoria foi identificar na língua um sistema de oposições sistemáticas, que se estruturam de maneira orgânica.

Manifestando-se em relação à língua como um fato social vinculado à estrutura da sociedade, Coseriu (1979, p. 28) assegura que

a língua, [...], é social, comum e sistemática, é ‘língua superindividual’, ‘soma de todas as imagens de palavras e associações armazenadas em todos os falantes’; isto é ‘sistema expressivo total e compacto que vive virtualmente na totalidade dos indivíduos’, [...]. A língua ‘é todo o sistema expressivo que dentro duma comunidade humana serve de meio de compreensão’, é ‘um patrimônio social, ou melhor, uma faculdade peculiar de todos os membros duma comunidade linguística e comum a todos eles.

E, quando esse mesmo autor defende que “a fala é atividade individual, real energética, emprego ocasional que o indivíduo faz da língua, ‘aproveitamento e uso individual do sistema e, ao mesmo tempo, atividade psíquico-físico-fisiológica que permite tal aproveitamento” (1979, p. 28), deixa clara a distinção entre *energéia* (atividade criadora) e *ergon* (o produto linguístico), enfatizando o caráter criador que se expressa tanto na língua quanto na fala, e mostrando a impossibilidade de o elemento extralinguístico ser descartado no estudo de uma língua.

Por sua vez, Biderman (2001a, p. 14), ao tratar da língua como um fato social, esclarece que:

uma das grandes dificuldades na descrição e interpretação do fato linguístico advém de a língua evoluir segundo a marcha da história. Uma perpétua evolução constitui a marca das instituições humanas, dos sistemas linguísticos, sobretudo. Assim, um instantâneo de uma língua num dado momento de sua história não fixará com fidelidade a sua fisionomia. Todas as vezes que tentamos apreender e ordenar os fenômenos linguísticos numa rede integrada, muitos fatos não se entrelaçam na nossa malha e não sabemos o que fazer com essas anomalias.

Sapir (1969, p. 43-44), considerando a relação entre língua e ambiente, alerta para o fato de que, apesar de haver influências do ambiente nas manifestações do pensamento e da vida do ser humano, isso não é algo que possa ser generalizado, ou seja, nem todas as manifestações de vida e de pensamento do indivíduo recebem influência do ambiente. Também a esse respeito o autor esclarece que, ao considerar a

²² A primeira edição do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand Saussure, é de 1916. Foi consultada para este estudo a 4ª edição brasileira, de 1972.

existência de correlação entre língua e ambiente, o termo “ambiente” deve ser entendido como os fatores físicos e sociais circundantes. Assim,

por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanhas), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (SAPIR, 1969, p. 44).

Ainda de acordo com o mesmo autor (SAPIR, 1969, p. 44), o termo “ambiente” deve ser utilizado apenas quando se faz referência à influência, principalmente de natureza física, “aquelas que escapam à vontade do homem”. Todavia, tratando-se de língua, um complexo de símbolos que reflete todo quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém conceber no termo “ambiente” tanto os fatores físicos como os sociais. E, finalizando, acrescenta que as influências do “ambiente” - considerando-se aí os fatores físicos – mesmo aquelas mais simples, dificilmente agiriam sobre o homem dissociados dos fatores sociais.

Fica claro, portanto, que os fatores físico-sociais e histórico-geográficos interferem na língua, embora, na realidade, não afetem seu organismo interno, sendo impossível separar os elementos externos dos internos nos estudos linguísticos.

A linguística externa acumula fatos relativos à expansão de uma língua fora de seu território, ordenando-os de modo mais ou menos sistemático de acordo com a necessidade de clareza enquanto a linguística interna não admite disposição qualquer, pois concebe a língua como um sistema com uma ordem própria. Para ilustrar essa dualidade linguística – externa e interna – Saussure (1972, p. 104-105) estabelece a célebre comparação da língua a um jogo de xadrez. Nesse jogo, “se trocarmos, no tabuleiro, as peças de marfim por peças de madeira, não haverá nenhuma interferência no jogo. Mas se aumentarmos ou diminuirmos o número de peças, aí sim ocorrerão mudanças”. Assim é a língua: é interno tudo o que provoca mudanças no sistema.

A ciência linguística contemporânea não questiona mais a estreita relação entre língua, cultura e sociedade, ao contrário, as equaciona em ciências distintas, como a *Sociolinguística*, a *Etmolinguística*, a *Dialetologia* e a *Geolinguística*.

Sociolinguística é a ciência que estuda a língua da perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina e se para certas vertentes da linguística é

possível estudar a língua de forma autônoma, como entidade abstrata e independente de fatores sociais, para a Sociolinguística a língua existe enquanto interação social, criando-se e transformando-se em função do contexto sócio-histórico. Desenvolvida em grande parte por William Labov (1964), a Sociolinguística permitiu o estudo científico de fatos linguísticos excluídos, até então, do campo dos estudos da linguagem, devido a sua diversidade e conseqüente dificuldade de apreensão. Por meio de pesquisas de campo, a Sociolinguística - inspirada no método sociológico - registra, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, elegendo, assim, a variedade linguística como seu objeto de estudo.

Segundo essa corrente, a língua, como sistema, acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete, de certo modo, os padrões de comportamento que variam em função do tempo e do espaço. A língua mostra-se estreitamente relacionada ao que a sociedade pensa e faz, pois é por meio dela que se dá a comunicação das ideias e a interação entre os seres dessa comunidade. E, ainda, como elemento que gera e difunde a cultura, a língua reflete a cultura de um povo e representa a soma de todas as experiências dessa sociedade e, conseqüentemente, da sua cultura. Enquanto instituição social, a língua é a responsável pela difusão da cultura e da ideologia de um povo. Traduz as particularidades específicas de cada momento vivido por um povo, num dado contexto e dentro de um ambiente, fazendo com que o modo de pensar e agir de uma comunidade sejam refletidos na história de sua língua.

A *Etnolinguística*, por sua vez, aborda problemas que se referem às relações entre a língua e a visão de mundo de uma comunidade linguística, estudando a língua enquanto expressão de uma cultura, tendo por referência a situação de comunicação. A toponimista brasileira Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick²³, ao discutir os princípios da Etnolinguística, esclarece que:

a etnolinguística firmou-se como decorrência da necessidade de se entender as variantes e as invariantes sociais, bem como os níveis de linguagem que modelam os pensamentos e o modo de ser e de viver da população em análise; ou, como diz Pottier, a etnolinguística traduz "o estudo das relações entre uma língua e a visão de mundo daqueles que a falam" (1973, p. 124-125) que é, em suma, o estudo do próprio código, de sua função e de suas mensagens.

²³“Aspectos de Etnolinguística: a Toponímia Carioca e Paulistana – contrastes e confrontos” (DICK) Texto na íntegra disponível em http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_123-141.html. Acesso em 29/12/2009.

Assim, mediante o exposto, considera-se que a Toponímia tem estreita relação com a Etnolinguística, considerando-se as posições conceituais assumidas por essa área da Linguística acerca das relações entre a língua e a visão de mundo daqueles que a falam, por entendermos que o nomeador dificilmente utilizaria palavras de sua língua para nomear lugares, se elas não traduzissem algo importante para o seu cotidiano. Ou seja, o nomeador dificilmente utilizaria, por exemplo, nomes de espécies vegetais que compõem a flora do nosso Estado, tais como *buriti*, *laranjal*, *jatobá*, *taquara*, *ipê*, para nomear rios, córregos, cabeceiras, distritos e povoados, se esses elementos não fossem, de alguma forma, importantes para o seu cotidiano. Ou seja, apenas a existência dessas espécies florísticas na região não garantiria que os seus nomes fossem escolhidos para nomear os acidentes geográficos.

Sapir (1969, p. 45), tratando dessa questão, assegura que a simples existência de um elemento do ambiente físico, um animal, por exemplo, não é o bastante para fazer com que os hábitos linguísticos de um povo façam surgir um símbolo linguístico correspondente, antes,

é preciso que o animal seja conhecido pelos membros do grupo em geral e que eles tenham nele algum interesse, por mínimo que seja, antes de a língua ser levada a reportar-se a esse elemento particular físico. Em outras palavras, no que concerne à língua, toda a influência ambiental se reduz, em última análise, à influência da parte social do ambiente.

Desta forma, a língua pode sofrer influência do meio ambiente, no que se refere ao conteúdo, porém, é no léxico que mais claramente estão refletidos os aspectos do ambiente físico e social em que se inserem os falantes. É o léxico de uma língua “o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que abarcam a atenção da comunidade” (SAPIR, 1969, p. 45). Ratificando o pensamento de Sapir, Biderman (1981, p. 132) assegura que, “ao se considerar a dimensão social da língua, pode-se ver no léxico o patrimônio social da comunidade, juntamente com outros símbolos da herança cultural”.

É o léxico, portanto, que reflete de maneira mais evidente a relação da língua com todos os aspectos da civilização, já que a língua constitui a ligação entre sociedade e cultura, existindo, na prática, uma interdependência entre língua, cultura e sociedade, uma vez que uma depende da outra para a sua existência, propagação e eternização (SCHAFF, 1974 *apud* BIDERMAN, 1998, p. 104).

Reportando-nos novamente à Toponímia, área que estuda o processo de nomeação dos acidentes geográficos físicos e humanos que se dá a partir da utilização do léxico de uma comunidade para efetuar o procedimento nominatório, torna-se relevante a seguinte ponderação de Biderman (1998, p. 89): “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas”. Assim, segundo a mesma autora, a atividade de nomear, de fazer com que determinado(s) elemento(s) assumam caráter próprio, por meio de um nome que lhe particularize, é atividade específica da espécie humana.

A nomeação resulta do processo de categorização que classifica um elemento, particularizando-o em meio a todos os outros da mesma categoria (BIDERMAN, 1998a, p. 88). Esse processo também supõe a capacidade de discriminação dos traços que distinguem um referente do outro e que é percebido pela capacidade sensitivo-cognitiva do homem. Isso porque o homem organiza o mundo sensorial, representando-o com a linguagem e, mais especificamente, com palavras.

Biderman (1998a, p.89) enfatiza ainda o aspecto cognitivo no processo de categorização e nomeação da realidade, argumentando que:

o processo de categorização subjaz à semântica de uma língua natural. Os critérios de classificação usados para classificar os objetos são muito diferenciados e variados. Às vezes, o critério é o uso que o homem faz de um dado objeto; às vezes, é um determinado aspecto do objeto que fundamenta a classificação; às vezes, é um determinado aspecto emocional que um objeto pode provocar em quem o vê, e assim por diante.

Considerando o exposto, cabe a afirmação de que as palavras que constituem o sistema lexical de uma língua são o reflexo dos aspectos do mundo real de uma comunidade, pois “o léxico de uma língua é a forma de registrar o conhecimento do universo” (BIDERMAN, 1998a, p. 91). Isso porque, por meio do léxico, o ser humano sempre atribuiu nome a tudo que o cerca (objetos, animais, pessoas, espaço físico em que vive), razão pela qual o ato de nomear é, para o homem, uma necessidade de organização e de orientação. É nomeando que o homem se “apossa” da realidade e “a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano do conhecimento do universo” (BIDERMAN, 1998a, p. 91-92). Assim, tudo o que observamos ao nosso redor possui um nome, porque, nomeando, o ser humano organiza e sente-se “dono” da realidade que o acomoda e, por ser o processo de nomeação tão importante para o ser humano, tornou-se objeto de

estudo de uma ciência, a *Onomástica*, que se ocupa do estudo dos nomes próprios dos lugares e das pessoas.

A *Onomástica* compreende duas divisões principais: a *Antroponímia* – estudo dos nomes próprios de pessoas; e a *Toponímia* – estudo dos nomes próprios de lugares (DICK, 1975, p. 376-377). Este trabalho é de caráter onomástico, uma vez que elegeu como objeto de estudo a toponímia sul-mato-grossense, mais particularmente os fitotopônimos, topônimos de índole vegetal, registrados no banco de dados do Projeto ATEMS, portanto, o tópico seguinte focaliza a Toponímia enquanto ramo de investigação científica.

2.2 Toponímia: objeto e contextualização histórica

Uma das grandes dificuldades que cercaram o conceito de Toponímia como disciplina autônoma foi o problema da delimitação e da caracterização de seu objeto de estudo. Sabe-se que a Toponímia é a ciência que trata dos nomes próprios de lugares, porém, as diferentes marcas significativas que dão forma a esses nomes, bem como as diversas informações que dele se pode depreender, acabariam por tornar a matéria um repertório de fatos culturais de âmbito considerável. A Toponímia poderia ser inscrita, sem nenhuma dúvida, em distintas áreas do conhecimento humano, pois as informações armazenadas nos nomes próprios de lugares facilmente se inscreveriam na História, na Geografia ou nas Ciências Sociais, por exemplo. No entanto, “em sua feição intrínseca, a Toponímia deve ser considerada como um fato do sistema das línguas humanas” (DICK, 1980, p. 287) e parte da *Onomástica*, que, de acordo com Ferreira (2004), é o “estudo e investigação da etimologia, transformações, morfologia, etc., dos nomes próprios de pessoas e lugares”.

O estudioso português José Leite de Vasconcellos (1931, p. 03), em sua clássica obra *Opúsculos*, introduz o conceito de *Onomatologia*, “o ramo da Glotologia que estuda os nomes próprios” em três perspectivas:

1. *Antroponímia*, ou estudo dos nomes individuais, com os dos sobrenomes e apelidos;
2. *Toponímia*, ou estudo dos nomes de sítios, povoações, nações, e bem assim dos rios, montes, vales, etc., - isto é, aos nomes geográficos;
3. *Vários nomes próprios*, isto é, que não estão contidos nas duas classes precedentes, por exemplo, de entidades sobrenaturais, de astros, ventos, animais, de coisas (espadas, navios, sinos).

Portanto, o estudo dos nomes próprios dos lugares situa-se na Onomástica, uma vez que a Toponímia configura-se como uma de suas ramificações:

Toponímia e Onomástica acham-se, assim, em uma verdadeira ‘relação de inclusão’, em que aquela será sempre desta, ‘uma parte de dimensões variáveis’. Logo, apenas o emprego dos signos linguísticos é que se torna especial nas ciências onomasiológicas; ou, em outras palavras, a função significativa dos mesmos é que se diferenciam quando a Toponímia os transforma em seu objeto de estudo (DICK, 1980, p. 287-288)

Segundo a mesma autora (DICK, 1990b, p. 35), a toponímia pode ser considerada um tesouro linguístico-cultural à disposição dos pesquisadores, porque, às vezes, os topônimos são a única evidência, em determinada área geográfica, da existência ou da permanência de grupos, e são percebidos como uma fonte de identificação e de diferenciação das coisas e dos fenômenos.

Além do estudo linguístico de um nome, a pesquisa toponímica estabelece relações entre a cultura e a história do lugar, pois o homem, ao nomear um acidente geográfico, procura traduzir o que mais o impressiona ou lhe serve como referência, daí a necessidade de na análise dos topônimos serem consideradas também questões mais abrangentes de natureza extralinguística, como aspectos geográficos, históricos, socioeconômicos que permitam ao estudioso uma melhor compreensão dos processos denominativos expressos na toponímia. Para Dick (1990b, p. 119), “a Toponímia é o estudo dos designativos geográficos em sua bipartição física (rios, córregos, morros) e humana (aldeia, povoados, cidades, fazendas)” e a sua principal característica é o caráter integral e interdisciplinar, o que possibilita o estudo de determinada realidade social, desvendando sua cultura, seus hábitos e interesses, já que o principal objetivo “é buscar nos nomes de lugar, as raízes do homem, sua história, seu percurso” (ALMEIDA, 2000, p. 12).

Assim, por meio do estudo de topônimos, nomes próprios de lugares, pode-se, também, identificar aspectos da ideologia, da cultura, dos valores e das crenças de uma comunidade, em determinada época, ou seja, o pensar e o agir de um grupo social, pois o signo toponímico atua como um veículo dessas manifestações. Com isso entende-se que os aspectos extralinguísticos podem influenciar na escolha feita pelo denominador para identificar os acidentes geográficos. O pesquisador venezuelano Salazar-Quijada, por exemplo, considera que os topônimos constituem uma fonte de grande importância para o acervo científico e patrimonial de qualquer país, uma vez que por meio deles a

nação obtém personalidade geográfica própria e se particulariza com respeito aos demais territórios do mundo (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 29).

Frente ao exposto, é importante ressaltar o papel interdisciplinar da Toponímia, uma vez que, dada a natureza de seu objeto, como o já exposto, relaciona-se com diversas áreas de estudos, tais como a História, a Geografia, a Botânica, a Zoologia, dentre outras; estudos esses que focalizam o homem exercendo sua atividade principal, que é a de sobreviver em meio à sociedade e aos elementos naturais e sociais que o rodeiam. Manifestando-se a respeito do caráter interdisciplinar da Toponímia, Dick (1980, p. 287) a define como “um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. Isso porque o estudo do topônimo exige respaldos teóricos oriundos de outras áreas de conhecimento.

Esse caráter interdisciplinar da Toponímia também é assimilado pelo toponimista venezuelano Salazar-Quijada (1985, p. 18), para quem

el carácter integral de la toponímia, implica que con ella se estudien las tendencias del hombre en la utilización y nominación de determinado ambiente ecológico y, en este sentido, está relacionado con la antropología y la geografía, en otras palabras los conceptos *hombre-ambiente-topónimo*, son tres elementos vivamente ligados que no se pueden estudiar sino como un haz de relaciones, ya que así se proporciona la posibilidad de descubrir áreas de colonización, corrientes de poblamiento o sucesos similares; y se contribuye a investigaciones lingüísticas, lexicográficas o estudios de índole antropogeográfica o histórica sobre lenguas muertas.²⁴

Desta forma, em meio a essa torrente de elementos dispersos ao redor do homem, no processo de nomeação de um acidente geográfico o denominador evoca o que de mais significativo lhe oferece a região e, a partir disso, atua sobre o ambiente designando lugares com nomes que se caracterizam, às vezes, por um tom bastante coloquial, que parece sugerir o envolvimento de toda a comunidade, tornando-se, o topônimo, não apenas expressão de um único denominador, mas de toda a população. Assim, os topônimos, muito mais que outras unidades do léxico, colocam-se como “marcas da história de um povo”, porque, ao nomear os acidentes, o homem registra

²⁴Utilizamos a sigla TN (tradução nossa) para indicar as traduções por nós realizadas.

“O caráter integral da toponímia implica que com ela se estudem as tendências do homem na utilização e nomeação de determinado ambiente ecológico e, neste sentido, está relacionado com a antropologia e a geografia, em outras palavras, os conceitos homem-ambiente-topônimo são três elementos vivamente ligados que não se pode estudar senão como um feixe de relações, já que assim se proporciona a possibilidade de descobrir áreas de colonização, correntes de povoamento ou sucessos similares; e se contribui a investigações linguísticas, lexicográficas ou estudos de índole antropogeográfica ou histórica sobre línguas mortas” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 18). (TN)

essa marca dentro da comunidade onde se encontra e esse registro transcenderá o ato da nomeação e, com isso, a toponímia será tida como a “crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras” (DICKb, 1990, p. 20-21). E o topônimo é, por esse motivo, o instrumento dessa projeção temporal.

Também o topônimo é considerado, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo. Ou seja, por meio dos nomes que vão se descortinando aos nossos olhos, revelam-se as feições características dos acidentes geográficos, pois o que era arbitrário, em termos de língua, “transforma-se no ato do batismo em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (DICK, 1990b, p. 18).

E, ao tratar da característica motivacional dos topônimos, a mesma autora esclarece que esse duplo aspecto da motivação toponímica transparece em dois momentos:

primeiro, na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico; e, a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas (DICK, 1980, p. 289).

Isso justifica o fato de que, frente a um topônimo, uma pessoa que desconhece o lugar não consegue compreender, “porque oculto naqueles mecanismos de psicologia humana mais profunda, difíceis de ser apreendidos à primeira vista, o ‘motivo’ principal desse nome escapa a uma interpretação mais vigorosa” (DICK, 1996, p.100), pois apenas os habitantes da comunidade onde está situado o topônimo compartilham o significado efetivo do nome. Todavia, isso não quer dizer que o signo seja arbitrário, pelo contrário, ao escolher o nome, o designador faz associação entre este e o objeto. Nesse sentido, a intencionalidade do denominador é a responsável imediata pela existência das designações e o designativo, considerado em si mesmo, é o produto final desse processo de escolha.

Em decorrência de o signo toponímico ser sempre fundamentado pela motivação e por isso refletir a realidade daquele que o nomeou, “o topônimo se constitui num tipo particular de signo, pois se analisarmos a natureza dessas unidades do sistema, percebemos que na sua gênese, elas diferem dos demais signos linguísticos no que tange à motivação” (ISQUERDO, 1996a, p. 85).

A intencionalidade do denominador e a própria origem semântica da denominação – como modalidades de aferição do fenômeno motivador dos topônimos – configuram perspectivas diacrônica e sincrônica no estudo da toponímia e, realmente, influem na formalização das taxionomias de classificação dos nomes dos lugares.

A Toponímia como corpo disciplinar sistematizado surgiu na Europa, mais particularmente na França, por volta de 1878, tendo Auguste Longnon como precursor nos estudos toponímicos. A partir de um curso que ministrou na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França, seus alunos publicaram a obra tida como clássica para o conhecimento da nomenclatura dos lugares habitados, *Les nomes de lieu de la France*, obra póstuma publicada em 1912 (*apud* DICK, 1990b, p. 01). Tempos depois, em 1922, Albert Dauzat, retomando os estudos onomásticos de Longnon (1912), realizou uma pesquisa pormenorizada acerca da formação dos nomes de lugares da França, dividindo-os em categorias de nomes de acordo com causas históricas. Os resultados desses estudos estão registrados no livro *Les Noms de Lieux Origine et Evolution: Villes et villages – pays-cours d'eau montagnes – lieux-dis*, obra que legou aos estudiosos da área uma forma mais sistematizada de pesquisa, por traçar normas a serem seguidas por aqueles que se propusessem a realizar esse tipo de investigação (*apud* DICK, 1990b, p. 01-02). Vale evidenciar que foram as investigações desses dois pesquisadores – Longnon e Dauzat – que despertaram o interesse pelo estudo científico da toponímia, não só na França como também em outros países da Europa e de outras partes do mundo.

Manifestando-se a respeito da importância de Dauzat para os estudos toponímicos, Isquierdo (1997, p. 30) argumenta que,

dentre os clássicos que se dedicaram aos estudos toponímicos faz-se necessário registrar o trabalho de Albert Dauzat. Esse estudioso, além de salientar dificuldades com as quais se defronta o pesquisador que se propõe à tarefa de elucidar a questão da origem dos nomes de lugares, manifesta a preocupação com a classificação dos nomes de lugares por séries lógicas ou por categorias históricas e dedica especial atenção ao estudo dos nomes de localidades classificando-os segundo a ordem histórica de suas formações.

Em Portugal, José Leite de Vasconcelos também teve participação relevante nos estudos toponímicos por meio de sua obra clássica *Opúsculos* (1931), que apresenta um exaustivo estudo sobre a onomástica portuguesa. Nela o autor concebe a Glotologia como um ramo da Onomatologia, disciplina que tem como objeto de estudo os nomes

próprios. Também nessa obra conceitua Toponímia e apresenta um estudo da origem do topônimo classificado por línguas; estudo das transformações fonéticas e da formação gramatical do topônimo e a divisão de categorias dos nomes segundo as causas que lhes deram origem (VASCONCELLOS, 1931, p. 03).

Já nos Estados Unidos, coube a George Stewart o início dos estudos toponímicos, cujos resultados foram publicados em 1945, no texto *Names on the Land*. E esse mesmo estudioso foi um dos responsáveis pela criação da revista *American Name Society*, que tem como objetivo tornar pública a importância da onomástica para inúmeros campos do conhecimento humano (DICK, 1990b, p. 02).

Também o Canadá, desde 1966, possui estudos avançados sobre Toponímia. Segundo Dick (1990b, p. 02), as publicações efetuadas pelo Grupo de Coronímia e de Terminologia Geográfica, órgão ligado à Universidade de Laval, em Quebec, colaboram com o aumento das pesquisas toponímicas em vários pontos do planeta.

Já na Venezuela destaca-se o trabalho de Salazar-Quijada, já citado neste trabalho, que, em 1985, publica *La Toponímia em Venezuela*. Essa obra apresenta um panorama histórico venezuelano e destaca a importância do signo linguístico em função toponímica, como “acervo científico e patrimonial de um país” (SALAZAR QUIJADA, 1985, p. 29).

No Brasil, o tupinólogo Theodoro Sampaio é considerado pioneiro nos estudos toponímicos. Publicou, em 1901, a obra *O Tupi na Geografia Nacional*, que traz o resultado de suas pesquisas sobre a presença da língua tupi na toponímia brasileira. Também Levy Cardoso, um especialista em toponímia indígena dos topônimos brasílicos, contribuiu com as pesquisas toponomásticas, publicando, em 1961, a obra *Toponímia Brasílica* que, além de ter estimulado a participação de especialistas em estudos toponímicos, deixa clara a necessidade do envolvimento de muitos pesquisadores nos assuntos onomásticos, porque, à época, “um plano sistematizado, que abranja, em seu estudo, as diversas zonas do nosso território, ainda não foi tentado realmente no Brasil” e que isso só seria possível mediante “auxílio e colaboração oficiais, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística” (*apud* DICK, 1987, p. 95).

Outro expoente dos estudos toponímicos brasileiros foi o pesquisador Carlos Drumond que, em 1965, publicou a obra *Contribuição do Bororo à Toponímica Brasílica*, contendo um estudo abrangente sobre a contribuição da etnia bororo fixada na Região Centro-Oeste à toponímia brasileira. À época, esse pesquisador apontou,

também, a falta de sistematização metodológica nas pesquisas toponímicas no Brasil, acrescentando que trabalhos realizados sobre a toponímia no Brasil, até então, tinham sido motivados pela curiosidade do estudioso ou para atestar a ocorrência de nomes de origem tupi na denominação geográfica brasileira (*apud* DICK, 1990b, p. 04).

Na contemporaneidade, a toponimista Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, da Universidade de São Paulo/USP, tem trazido grandes contribuições e avanços aos estudos já realizados e fornecido subsídios para muitos outros trabalhos que se realizam. Seus estudos e pesquisas resultaram em obras que fundamentam a maioria dos projetos e estudos toponomásticos desenvolvidos atualmente no Brasil. Dentre essas obras podem ser citadas duas que, numa perspectiva mais abrangente, fornecem uma sistematização teórico-metodológica para pesquisas toponímicas: *A Motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990), tese de doutoramento defendida em 1980 com o título de *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*, obra que apresenta princípios teóricos de investigação toponímica e *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos*, coletânea de artigos da autoria de Dick, abordando questões teórico-metodológicas sobre Onomástica, Toponímia e Antroponímia, incluindo a última versão do modelo de classificação taxionômica dos topônimos, elaborado pela pesquisadora. A terceira edição dessa coletânea foi publicada em 1992.

Além dessas obras, inúmeros outros artigos publicados por Dick em coletâneas, revistas científicas, anais de congressos e livros, têm feito com essa autora seja hoje considerada a maior toponimista brasileira e a teoria construída por ela tem orientado trabalhos e fornecido modelos teórico-metodológicos para a sustentação de estudos onomásticos, mais particularmente os toponímicos, realizados em território nacional. Concebido pela autora para os projetos Atlas Toponímico do Brasil – ATB e o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – ATESP, o modelo teórico-metodológico de Dick orienta as variantes regionais de atlas toponímicos, tais como: Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – ATEMIG; Atlas Toponímico do Estado do Paraná – ATEPAR; Atlas Toponímico de Estado do Tocantins - ATITO e Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS, ao qual se vincula esta pesquisa.

Ao focalizar dados históricos sobre a gênese dos estudos toponímicos no Brasil, não podemos desconsiderar o fato de os primeiros estudos realizados nessa área terem sido centrados na toponímia indígena, o que pode ser facilmente observado pelos títulos das obras pioneiras em termos de estudos da toponímia brasileira: *O tupi na geografia*

nacional (SAMPAIO, 1987); *Toponímia Brasileira* (CARDOSO, 1961), *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira* (DRUMOND, 1965). A obra *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (DICK, 1990), mesmo não se configurando como um estudo exclusivo da toponímia indígena, evidencia uma clara ênfase às línguas indígenas no seu desenvolvimento. A autora ratifica a necessidade de estudo da língua indígena inscrita na toponímia quando assevera que:

relativamente ao Brasil, a cristalização semântica dos topônimos, ou seja, a sua persistência como signos geográficos, mesmo quando seus elementos componentes deixaram de ser facilmente identificáveis pela população local, adquire considerável importância. Isto ocorre principalmente quando se trata da reconstituição de falares indígenas já extintos [...]. Da contribuição desse idioma [*indígena*] ao português, em termos valorativos, já trataram historiadores e linguistas. Por sua vez, a Toponímia também prossegue na tarefa de preservação de tais onomásticos que, de modo autêntico e espontâneo, individualizaram os acidentes da terra, numa frequência que atinge a milhares de nomes (DICK, 1990a, p. 44).

Portanto, a questão da etimologia das palavras indígenas é sumamente importante no processo de estudo da toponímia de uma localidade. Em razão disso, o tópico seguinte focaliza essa questão, trazendo ainda algumas considerações pontuais acerca da questão das línguas indígenas no Brasil e no Mato Grosso do Sul.

2.2.1 A etimologia das palavras indígenas e as línguas indígenas do Brasil

Em se tratando do estudo dos *fitotopônimos*, mais particularmente os analisados nesta pesquisa, topônimos oriundos de substratos de línguas indígenas são abundantes, em especial, os de base tupi e/ou guarani, o que ratifica a necessidade de ser considerada a etimologia das palavras indígenas como requisito para a análise dos designativos.

Assim como as demais línguas do mundo, as línguas indígenas, por apresentarem semelhanças nas suas origens, tornam-se parte de grupos linguísticos que são as famílias linguísticas, e estas, por sua vez, fazem parte de grupos ainda maiores, classificados como troncos linguísticos. Os troncos linguísticos encontrados no Brasil com o maior número de línguas são o *macro-tupi* e o *macro-jê*.

Aryon Rodrigues (UnB), um renomado estudioso das línguas indígenas brasileiras, em seu trabalho *A originalidade das línguas indígenas brasileiras*,²⁵ expõe que:

do ponto de vista genético, que permite classificar as línguas em conjuntos com origem comum mais próxima ou mais remota, as 180 línguas indígenas brasileiras se distribuem por pouco mais de 40 conjuntos, a que se costuma dar o nome de famílias linguísticas. Dez destes constam hoje de uma só língua, a qual, por ser a única e não apresentar parentesco com as demais conhecidas, é também chamada de língua isolada. O número de línguas nas outras famílias varia de duas a trinta. Este último é o número de línguas da família Tupí-Guaraní no Brasil, que é a mais distribuída sobre nosso território.

Considerando a assertiva do professor Aryon Rodrigues, pode-se depreender que a toponímia sul-mato-grossense bem representa a distribuição de línguas da família tupi-guarani, pois, como o já exposto, é relevante a ocorrência de topônimos de base tupi e/ou guarani inscritos na toponímia do Estado de Mato Grosso do Sul. Dentre muitos outros exemplos, podemos citar designativos como: **Ponta Porã** (AH, município), topônimo composto híbrido formado por *ponta*, de base portuguesa, e *porã*, adjetivo guarani, cujo significado é “bonito, lindo, formoso [...]” (ASSIS, 2008, p.311); **Laranjaí** (AF, um córrego em Antônio João, um rio em Naviraí e um ribeirão em Nova Andradina), um composto híbrido formado pelo termo português *laranja* mais o radical *í*, do guarani, “água, rio, córrego, lago” (ASSIS, 2008, p. 417); **Bocajá** (AH, uma vila em Douradina e uma em Laguna Caarapã; AF: um córrego em Caracol, um em Iguatemi e um em Juti), de estrutura simples, *bocajá*, do guarani, “casta de palmeira” (BUENO, 2008, p.76); **Capim** (AF, um córrego em Camapuã, um em Caracol e um em Corguinho), do tupi, “corr. *caapii*, a planta de folha fina, a herva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179); **Cipó** (AF, um córrego em Antônio João, um em Aquidauana, um em Dois Irmãos do Buriti, um em Eldorado, um em Iguatemi e um em São Gabriel do Oeste), do tupi, “corr. *iça-pó*, literalmente – galho-mão, que é o mesmo que dizer – galho apprehensor – que tem a propriedade de se prender, de se enleiar, de atar. [...] (SAMPAIO, 1987, p. 188) e **Imbiruçu/Imbirussu/Imbissu** (AF, um córrego em Campo Grande [*Imbiruçu*], um em Costa Rica [*Imbirussu*] e dois em Ribas do Rio Pardo

²⁵ Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 08 de julho de 1999. Texto disponível em “Línguas Indígenas Brasileiras – Texto” <http://orbita.starmedia.com/i.n.d.i.o.s/textos/txt008or.htm> Acesso 05/01/2010

[*Imbiruçu e Imbissu*]). A unidade léxica *imbiruçu* deriva do tupi, “corr. *ybyr-ucú*, a embira grande, a entrecasca grossa” (SAMPAIO. 1987, p. 223).

Referindo-se à questão das línguas indígenas na toponímia brasileira, Dick (1990b, p. 120) argumenta que,

particularmente, no Brasil, os nomes geográficos de origem indígena acusam uma variada procedência, não se limitando, como por engano se acredita, a uma única família linguística, a Tupi. Muito embora a contribuição deste grupo tenha sido mais considerável, não apenas do ponto de vista da penetração lexicológica no Português, como o confirmam as diversas fontes históricas de que se pode servir, ou pela própria densidade toponomástica, o fato é que a toponímia brasileira contém um acervo considerável de designações de outras origens como os karib, aruak, bororo, jê, kariri, kaingang, por exemplo.

Sabe-se que a língua tupi está presente na nomeação dos acidentes físicos e humanos em vários países da América do Sul e em todos os Estados brasileiros. Em Mato Grosso do Sul, mais particularmente, é considerável a incidência de nomes de base indígena, como já mencionado anteriormente. E isso tem sido atestado pelas pesquisas acerca da toponímia sul-mato-grossense, relacionadas ao Projeto ATEMS, fato justificável por questões geográficas e de formação étnica. Mato grosso do Sul limita-se com o Paraguai e concentra a maior população indígena do País. Esse quadro etnolinguístico, ao mesmo tempo em que evidencia uma riqueza linguística, também representa uma questão complexa que afeta as pesquisas toponímicas, dada a existência de poucas fontes realmente seguras sobre as línguas indígenas faladas em território sul-mato-grossense, em especial sobre o guarani. Em razão disso, torna-se, por exemplo, difícil determinar quais palavras são de origem tupi e quais são do guarani, sobretudo porque alguns topônimos foram registrados diferentemente de sua forma original.

Em relação às línguas tupi e guarani e às diferenças e semelhanças entre essas línguas, Teodoro Sampaio (1987, p. 75), na sua obra *O tupi na Geografia Nacional*, reportando-se a Couto de Magalhães, esclarece que:

o tupi e o guarani entendem muitos por línguas diferentes e são apenas irmãs diferenciadas por influência dialetal. É o guarani, ou o tupi falado no Paraguai, o que entre os índios dessa parte do continente se chama de **abanhehen**, *língua de gente*. O tupi falado no Amazonas é, porém, conhecido por **nhehen-gatu**, isto é, *língua boa*. Observa o general Couto de Magalhães que a diferença entre elas é a mesma que se nota entre paulistas e mineiros falando o português. Parece-nos, entretanto, que a diferença é um pouco mais acentuada, como já o fizera sentir o mesmo autor citado, no seu “Estudo Antropológico” onde, tratando do tupi e do guarani, compara-os, no

grau de semelhança, ao português e ao castelhano. São, de fato, o tupi e o guarani [...] a mesma língua em período diverso: o tupi, num período mais primitivo, quase monossilábico, conservando com escrúpulos as raízes com que formou a aglutinação; o guarani, em um período mais desenvolvido, aquele em que a raiz monossilábica, perde a significação para abandoná-la ao vocábulo aglutinado. Portanto, conclui o autor citado, o tupi é fonte e, por isso denominado o grupo com o nome tupi.

Já Aryon Rodrigues, em *As Línguas Gerais Sul-Americanas*²⁶, tratando da questão das línguas tupi e guarani, informa que:

A família Tupi-Guarani é um grupo genético de moderada diferenciação interna, dentro do qual se podem distinguir pelo menos oito subgrupos (Rodrigues 1984/5). As línguas tupinambá e tupi pertencem a um mesmo subgrupo (o subconjunto II em Rodrigues 1984/5), ao passo que o guarani integra um outro subgrupo (o subconjunto I). Isto significa que o tupinambá e o tupi têm mais propriedades linguísticas em comum do que um e outro têm com o guarani. Se as línguas de um mesmo subgrupo, ou mesmo de subgrupos distintos, devem ser chamadas de "línguas" distintas ou de "dialetos" de uma mesma "língua" é questão muito relativa, porque relativos são os conceitos de "língua" e de "dialeto", como sabem todos os linguistas.

Mediante o exposto, percebe-se que a expressão “língua tupi-guarani” é um equívoco, pois tupi-guarani é um termo genérico criado para englobar as diversas línguas indígenas faladas ao longo do tempo na América do Sul. “O Guarani é um dialeto do tupi e foi falado desde S. Vicente até o Paraguai onde o é ainda hoje, se bem que muito influenciado pelo castelhano, a língua da população” (BUENO, 2008, p. 11). O idioma ancestral desse grupo de línguas (a tupi e a guarani) é o prototupi, surgido na região onde hoje fica o Estado de Rondônia.

Com o intento de esclarecer o conceito coberto pelo termo “língua tupi-guarani”, Bueno (2008, p. 13) acrescenta que

foram os jesuítas que a impuseram (*a língua tupi*), em seus aldeamentos, unificando, portanto, as diferenças existentes entre os fatores de cada tribo, criando o grande instrumento de comunicação, quer entre as várias tribos, quer entre os missionários e missionados, quer ainda, no decorrer do tempo, entre portugueses e nativos. Criou-se então a verdadeira *língua geral* que, pela costa atlântica, desceu do norte para o sul do país. Em consequência dessa aculturação, especialmente de S. Vicente, em São Paulo, para o sul, no contacto com outros falares indígenas, dialetou-se o Tupi no Guarani. Dado o

²⁶ Texto disponível em <http://orbita.starmedia.com/~i.n.d.i.o.s/textos/txt009lg.htm>. Acesso em 28/11/2009.

maior desenvolvimento geral desta parte meridional, estendendo-se até os territórios das Missões, atingindo o Paraguai, Uruguai e Argentina, do que as regiões do norte do Brasil, um número muito maior de vocábulos guaranis foram postos em uso.

A língua tupi se concentrava mais no litoral brasileiro, entre o norte do País e o sul do atual Estado de São Paulo. Ao sul era falado o guarani, vivo até hoje principalmente no Paraguai, onde, ao lado do espanhol, se tornou a língua oficial em 1967. Em síntese, “tupi é proto-língua, tupi-guarani é uma das famílias linguísticas ligadas ao tupi e guarani é uma das línguas da família tupi-guarani” (TAVARES, 2004, p. 50).

A originalidade das línguas indígenas brasileiras tem importante relação com questões históricas, porque a língua representa as transformações ocorridas no Brasil desde o seu nascimento, as suas invasões, suas mudanças e o resultado final.

Várias das línguas indígenas brasileiras encontram-se ameaçadas de desaparecimento nas próximas décadas e, com elas, a maior parte do complexo cultural que caracteriza os povos que as falam. Elas estão sendo substituídas pelo espanhol, o português e idiomas indígenas mais fortes na fronteira do Brasil com a Bolívia e o Paraguai, os Andes e a região do Chaco. Atualmente tem-se, por exemplo, casos como o de menos de 20 pessoas falarem as línguas *Akuntsú*, *Kanoê* e *Sabanê* em Rondônia; *Avá-Canoero* em Goiás e em Tocantins; *Krenák* em Minas-Gerais; *Guató* no Mato-Grosso do Sul e *Xetá* no Paraná. Cinquenta outras línguas indígenas brasileiras são faladas por menos de cem pessoas, de forma que todas elas podem entrar em processo de extinção a qualquer momento. E, ainda, durante as últimas décadas, houve a morte de várias línguas indígenas brasileiras, como o *Umutína* (família Boróro, tronco Macro-Jê, no Mato Grosso), o *Baré* (família Aruák, no nordeste do Amazonas) e o *Máku* (isolado linguístico, em Roraima)²⁷.

Trata-se de um grave quadro em termos etnolinguísticos, o que aponta para a necessidade de “discussão crítica sobre a preservação das línguas nativas e a

²⁷ I Workshop sobre Línguas Indígenas Ameaçadas: estratégias de preservação e de revitalização – Laboratório de Línguas Indígenas - Instituto de Letras – Universidade de Brasília. 04 a 05 de outubro de 2007, na Universidade de Brasília. Disponível em http://vsites.unb.br/il/lali/semana_de_outubro/ws_linguas_ameacadas/ Acesso em 18/02/2010.

importância delas nos processos de aprendizagem e de ensino para aquisição de novos conhecimentos sem ruptura com os usos e costumes próprios de cada etnia”²⁸.

Reportando-nos mais particularmente à língua tupi, que foi a mais utilizada no início da colonização do Brasil, inclusive como *língua geral* e ainda hoje é a mais (re)conhecida língua indígena brasileira, é fundamental assinalar o fato de, no início da colonização portuguesa no Brasil (a partir da descoberta, em 1500), até meados do século XVIII, o tupi (mais precisamente, o tupinambá, uma língua do litoral brasileiro da família tupi-guarani) ter sido usado como *língua geral* na Colônia sendo o idioma mais utilizado pela população brasileira, ao lado do português, principalmente graças à ação dos padres jesuítas que haviam estudado e difundido essa língua que era falada pelo grupo mais importante dos índios do Brasil e também pelos jesuítas e bandeirantes nos primeiros anos da colonização do Brasil. Em razão disso, passou a ser a língua dos índios pertencentes a outras etnias e dos portugueses, fator que explica o legado de milhares de palavras de origem tupi incorporado ao vocabulário do português do Brasil.

Edelweiss (*apud* BUENO, 2008, p. 11), por exemplo, pontua que a língua tupi

era a língua usada pelos jesuítas em suas catequeses desde o Maranhão até S. Vicente em São Paulo. Não era uma língua própria de uma tribo, mas uma uniformização léxica nacional de vários dialetos, fixada pela Gramática do Padre Anchieta e pelo vocabulário jesuítico.

E de acordo com Sampaio (1987, p. 3-6), “naqueles tempos, quando o desbravamento dos sertões apenas começava e as expedições para o interior se sucediam [...], o tupi era deveras a língua dominante, a língua da colônia”. Esse mesmo autor acrescenta que “a língua Tupi dá à Geografia e à História da América do Sul um cunho especial, pois nelas se encontram, em larga escala, nomes e denominações pertencentes ao vocabulário desta língua” (SAMPAIO, 1987, p. 3- 6).

Ratificando a posição de Sampaio, Bueno (2008, p. 18) declara que “ainda não se fez um levantamento cientificamente conduzido das contribuições lexicais das línguas indígenas ao português falado do Brasil”, porém, sabe-se que, das línguas indígenas, o português herdou palavras, sobretudo, ligadas à flora e à fauna, tais como abacaxi, mandioca, caju, tatu, piranha, dentre outras, bem como nomes próprios de pessoas e de acidentes geográficos (topônimos).

²⁸ Extraído do texto do I Workshop sobre Línguas Indígenas Ameaçadas: estratégias de preservação e de revitalização – Laboratório de Línguas Indígenas - Instituto de Letras – Universidade de Brasília. 4 a 5 de outubro de 2007. Auditório Dois Candangos – Universidade de Brasília.

Em geral, os topônimos de origem tupi têm caráter descritivo. Como os nomes (substantivos) são, na maioria das vezes, utilizados para a nomenclatura dos acidentes geográficos físicos e/ou humanos são frases acabadas que traduzem toda uma ideia, um episódio, uma feição típica dos lugares a que se aplicam; são, a bem dizer, verdadeiras definições do meio local, como ilustram os topônimos de caráter descritivo, a seguir: “*Acaiacatinga*, s. c. *acaiacá~tinga*, o cedro branco. Altera-se para *caiacatinga*. S. Paulo (SAMPAIO, 1987, p. 147); ou, “*Bertioga*, corr. *Parati-oca*, o refúgio, ou morada das tainhas. Designa um canal que separa a Ilha de S. Amaro, da terra firme. S. Paulo. Alt. Baratioca, bartiga, bertioga” (SAMPAIO, 1987, p. 156) e “*Paranapiacaba*, c. *paraná~apiacaba*, a vista do mar; o ponto donde se pode avistar o mar; miramar. S. Paulo” (SAMPAIO, 1987, p. 283). Ressalte-se que esses nomes foram tomados aleatoriamente como exemplos dentre muitos outros que poderiam ter sido citados para ilustrar uma das características dos nomes tupis, que é a de configurar-se como um enunciado significativo.

Ainda de acordo com registros de Sampaio (1987, p. 68-69), o tupi se espalhou por uma extensa parte do País não pela força da própria raça indígena, mas, sobretudo, em razão das expedições dos colonizadores europeus, que adentravam os sertões e difundiam o idioma que também era chamado de *língua geral*. Assim, o português era a língua oficial do Brasil, mas era o tupi o idioma mais usado no novo território:

quando o Português se tornou a língua principal, conservaram-se do Tupi ainda os nomes de instrumentos, de plantas, de animais, de localidades, etc., mas já bastante polidos e mais adaptados ao Português [...] O vasto território do Brasil, seus campos, suas florestas e montanhas, os desertos e as cidades falam em nomes tupis, do trabalho inolvidável daqueles Missionários que cultivaram esta língua, que a salvaram da aniquilação, pois ela nunca desaparecerá da Geografia pátria (SAMPAIO, 1987, p. 25-26).

E esse mesmo autor acrescenta que, mesmo em regiões onde nunca houvera habitado uma tribo da raça tupi, esse idioma predominava nas denominações geográficas. Também na nomenclatura da toponímia sul-mato-grossense percebe-se a manifestação dessa tendência da toponímia brasileira, ou seja, a presença significativa de designativos oriundos da língua tupi. Mas, qual o porquê dessa influência se as terras sul-mato-grossenses não eram áreas habitadas pelo povo tupi? A resposta é fornecida pelo próprio Sampaio (1987, p. 71), quando explica que

as bandeiras quase só falavam o tupi. E se, por toda parte onde penetravam, estendiam-se os domínios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a língua, a qual, só mais tarde se introduziu

com o progresso da administração, com o comércio e os melhoramentos.

No período colonial (séculos XVI a XVIII) a ação dos bandeirantes paulistas exerceu papel importante no povoamento das regiões localizadas no centro do que, por meio do movimento das “entradas e bandeiras” (expedições oficiais ou não), penetraram no sertão em busca de ouro e demais metais preciosos e captura de indígenas. As bandeiras eram formadas, em sua maioria, por índios previamente “domesticados”, já que “os carijós e os tupis engrossavam as expedições, sendo em número bem maior que os brancos (paulistas). E, embrenhados nas matas, prestavam auxílio no carregamento de bagagem, assim como no combate”. Outro aspecto a ser considerado é que “as bandeiras não se davam somente em terra, como também podia ser pelos rios, onde canoas e jangadas eram construídas precariamente, visando superar os obstáculos hidrográficos” (monções). Diante da possibilidade de navegação e “a fim de capturar os índios fugitivos do Guairá, também conhecidos por `gualachos`, as bandeiras entraram na região do atual Estado de Mato Grosso do Sul [...] pelo rio Jaraguari (rio Brilhante) ou Avinhema e Amambaí”²⁹.

Esses dados históricos parecem justificar a presença de nomes tupis na designação de topônimos em território sul-mato-grossense, influência linguística dos índios tupis, trazidos pelas bandeiras que desbravaram essas terras. Também é preciso considerar que muitos desses topônimos são formados por itens lexicais já incorporados ao léxico do português do Brasil e que dão nome a acidentes geográficos de muitas outras regiões, como por exemplo: *buriti*, *capão*, *taquari*, *jaraguá*, etc.

O estudo de Dargel e Isquerdo (2005), *A toponímia do Bolsão sul-mato-grossense e a questão dos estratos linguísticos formadores dos topônimos*, por exemplo, detectou um número significativo de topônimos de origem tupi (194 = 14,54% de um total de 1.341 nomes). Nesse estudo, as autoras formularam o seguinte questionamento: “Se o tupi não foi língua berço no Bolsão, como explicar a incidência desse estrato nos

²⁹ NEVES, Thiago Bonfim. *Bandeiras no sul do Mato Grosso*. Texto obtido por meio de consulta ao site <http://www.meuartigo.brasilecola.com/historia-do-brasil/bandeiras-no-sul-de-mato-grosso.htm>. Acesso em 20/11/2009

signos toponímicos desta localidade?”, respondendo-o, as autoras elegeram “várias possíveis causas” para justificar essa ocorrência e:

uma delas consiste no fato de que a língua tupi, enquanto língua geral, foi trazida para a região durante o ciclo das bandeiras, pelo europeu, por integrantes da etnia tupi e por intermédio da miscigenação entre o europeu e o ameríndio. [...] Sampaio (1928, p. 02), por sua vez, argumenta que não há a necessidade de esse povo ter habitado uma localidade para que se verifiquem topônimos de origem tupi. Assim, para esse tupinólogo, deve-se ao europeu “ou a seus descendentes cruzados, que realizaram as conquistas dos sertões” a expansão do tupi. Para Ramos (1943, *apud* DICK, 1976, p. 315), a influência tupi se deve à “aculturação inter-tribal”, pois “as migrações desses povos, iniciadas desde os tempos mais remotos, puseram-nos em contato com outros grupos, o que incrementou a tarefa de aculturação inter-tribal” (DARGEL; ISQUERDO, 2005, p. 313).

As autoras assinalam ainda que, “como os povos da etnia tupi eram nômades, por onde passavam, não só deixavam rastros de sua cultura e de sua língua, como também os adquiriam de outros povos indígenas”. Também lembram o fato de, no Brasil, um grande contingente de palavras do léxico tupi ter sido totalmente incorporadas ao português, “principalmente no âmbito da nomeação da flora e da fauna brasileiras” (DARGEL; ISQUERDO, 2005, p. 313).

Visualizando a vegetação como motivadora das denominações geográficas de procedência indígena, Sampaio (1987, p. 85) pondera que

numa região como o Brasil, onde a vegetação exubera, variada e intensa, em vastíssimas zonas, a denominação dos lugares de procedência indígena deve, de contínuo, traduzir a feição local do ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas espécies características. A Geographia aqui reflecte, nas denominações dos lugares, a característica vegetal de cada uma. Não é pois, de estranhar-se o frequente emprego de nomes de plantas, árvores, para indicar um rio, um banhado, um valle, um povoado, uma serra, um accidente topographico qualquer.

Diante do exposto, pode-se depreender que, em todos os lugares por onde passaram, os indígenas foram deixando “rastros” da sua língua, e esse fato pode ser facilmente observado na toponímia das diversas regiões brasileiras. Esse aspecto também é notado na toponímia sul-mato-grossense, como pode ser comprovado por diversos designativos que compõem o *corpus* deste estudo. Assim, vale a referência à presença indígena em terras sul-mato-grossenses, tópico abordado a seguir.

2.2.2 A presença indígena em terras sul-mato-grossenses

Tratando mais particularmente da população indígena sul-mato-grossense, de acordo com um estudo realizado pelo IBGE (1998), estimava-se que, nesse ano, existiam 38.397 indivíduos³⁰. Sobre essa situação, o professor Gilson Rodolfo Martins, um estudioso da etno-história dos índios sul-mato-grossenses, considerava que, em 2002 viviam no sul do Estado em torno de vinte e cinco mil índios Guarani, subdivididos em três sociedades étnicas: os *Kaiowá*, os *Nhandeva* e os *Mbya*, “dos quais, em termos demográficos, os primeiros compunham o contingente mais expressivo”. A maioria dos índios Guarani vivia em terras indígenas legalizadas (*reservas*), nos municípios de Dourados, Amambaí, Caarapó e outros menores. (MARTINS, 2002, p. 41).

Reportando-se às origens das sociedades indígenas em terras sul-mato-grossense, Martins (2002, p. 39) esclarece que, no início do século XVI, por ocasião do “descobrimento” do Brasil, “o território do atual Estado de Mato Grosso do Sul era densamente povoado por índios Guarani, Guató, Ofayé, Kaiapó Meridional, Payaguá e outras sociedades indígenas que ainda não foram identificadas pela arqueologia e pela etno-história”.

E o mesmo autor informou também que “na geografia humana de Mato Grosso do Sul, no período colonial, as sociedades indígenas mais numerosas foram os falantes da língua Guarani, filiadas à família linguística Tupi-Guarani, integrante do tronco Tupi” e acrescentou que os índios Guarani ocupavam, no período colonial, “a porção sul, sudeste e centro-sudoeste do Estado” (MARTINS, 2002, p. 41).

Já se referindo à situação dos índios Kadiwéu (do grupo étnico Guaikuru), ponderou o autor que:

No século XIX [...] a população indígena Guaikuru refluíu de forma progressiva, de tal forma que, no início do século XX, estava reduzida a algumas poucas centenas de pessoas. No presente, em torno de mil e quinhentos índios – entre Kadiwéu (único subgrupo étnico falante de uma língua Guaikuru em Mato Grosso do Sul) e descendentes de outras etnias (sobretudo Terena) – que sobreviveram ao processo de contato conflituoso com a sociedade brasileira, vivem em uma área extensa (mais de quinhentos mil hectares), cuja legalização ainda está inconclusa (MARTINS, 2002, p. 58).

³⁰ Fonte: Anuário Estatístico do Brasil 1998. Rio de Janeiro: IBGE, v.58, p.1-143-1-152, 1999. Informação obtida por meio do site <http://www.ibge.gov.br/brasil500/indios/numeros.html> Acesso em 13/05/2010

Os índios Kadiwéu habitavam a Reserva Kadiwéu localizada na região conhecida como Pantanal de Nabileque, no município de Porto Murtinho.

A etnia Terena, como também outras etnias chaquenhas, por seu turno, “integrantes da família linguística Guanã, filiadas ao tronco Aruak”, acompanharam o ingresso dos Guaikuru em território brasileiro, e entraram, a partir do século XVIII, em território sul-mato-grossense. Destacavam-se, entre essas etnias, além dos Terena, os Kinikinao (MARTINS, 2002, p. 63). Em 2002, os Terena eram aproximadamente dezoito mil índios vivendo em reservas nos municípios de Miranda, Aquidauana, Nioaque, Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti e em algumas comunidades menores localizadas nos municípios de Dourados e Porto Murtinho. Alguns índios viviam na condição de índios desaldeados em fazendas ou em cidades vizinhas próximas às suas aldeias e em Campo Grande (MARTINS, 2002, p. 65-66).

Já os índios Guató, “linguisticamente enquadrados por alguns autores no tronco Macro-Jê”, apresentavam características culturais e linguísticas tão próprias que até dificultava inseri-los nas classificações gerais existentes. “Para alguns autores esses índios eram considerados falantes de um grupo linguístico isolado”, apontou Martins (2002, p. 69). Segundo esse mesmo autor,

em 1984, um levantamento demográfico realizado pelo órgão responsável pela política indigenista do governo brasileiro, a FUNAI, cadastrou trezentos e vinte e oito índios Guató, em Mato Grosso do Sul, sendo considerados como tal inclusive aqueles indivíduos que tenham pelo menos um dos progenitores Guató. Desses, uma parcela menor vive na cidade de Corumbá ou dispersos por fazendas da região pantaneira. Algumas famílias, em seu *habitat* natural, estão bastante pressionadas pelo avanço das atividades agropastoris atuais, ou mesmo pelo turismo fluvial no rio Paraguai (MARTINS, 2002, p. 70).

Ainda esse pesquisador sul-mato-grossense destacou a presença dos índios Ofayé no Estado de Mato Grosso do Sul, esclarecendo que algumas dezenas de remanescentes dessa etnia, os Ofayé-xavante, se localizavam, desde a segunda metade do século XIX até o ano de 2002, no leste do Estado. Informou também que esse grupo indígena é filiado ao tronco linguístico Macro-Jê e era, em quantidade, o grupo com menor número de elementos dos que já habitaram o Estado de Mato Grosso do Sul, pois a sua etno-história há séculos convivia com a violência, a perseguição e o extermínio (MARTINS, 2002, p. 73). Acrescentou a essas informações que,

após serem considerados como extintos, nas décadas de 1960 e 1970, a comunidade Ofayé atualmente ocupa uma parte da área para eles demarcada pela FUNAI, no município de Brasilândia. Ainda hoje

lutam pelo reconhecimento de seus direitos étnicos, principalmente pela posse de uma área suficiente para conservar viva sua cultura e multiplicar sua população com qualidade de vida (MARTINS, 2002, p. 74).

Já ao tratar da questão da etnia Kaiapó Meridional, Martins (2002, p. 78) revelou que esse grupo indígena, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, vivia ambientado à vegetação xeromórfica dos cerrados, na região norte-nordeste de Mato Grosso do Sul, todavia, “desde meados do século XIX esses índios estão extintos no Estado”.

Em referência aos Payaguá, Martins (2002, p. 79-80) esclareceu que os índios dessa etnia eram considerados exemplos de canoeiros/pescadores, “não significando que outros grupos étnicos, como os Guarani, agricultores, por exemplo, desconhecem a navegação fluvial”. Segundo os cronistas dos séculos XVI e XVII, os Payaguá não construíam aldeias, viviam quase que todo o tempo a bordo de canoas e só desembarcavam delas, por períodos mais longos, para participarem de festas tradicionais ou de confraternização étnica, “mesmo assim circunscritos às margens fluviais ou lacustres”. No entanto, consumidos por quase três séculos de confronto desproporcional contra o avanço da colonização ibérica, “já em meados do século XIX os Payaguá estavam praticamente dizimados, sobretudo por perderem o controle sobre o ambiente natural (o rio) de realização de sua cultura” (MARTINS, 2002, p. 80).

Mediante a exposição realizada por Martins a respeito dos povos indígenas que habitavam o território sul-mato-grossense, pode-se inferir que a situação apresentada à época para todos os grupos indígenas é, ainda na atualidade, deveras preocupante, principalmente porque os povos indígenas existentes até hoje dependem, em vários contextos, de ações governamentais para que possam usufruir de uma vida decente: para que ocupem terras que originariamente lhes pertenciam e para que consigam sustentabilidade na manutenção de suas necessidades básicas, tais como alimentação, moradia e educação. E como bem sintetiza Martins (2002, p. 85) no final de sua obra *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*,

qualquer fórmula ou encaminhamento de soluções para a ainda crítica situação dos índios, em Mato Grosso do Sul, será, sobretudo, produto de um consórcio de intervenções públicas orientadas e dirigidas pela consulta a todos os setores (índios e não-índios) envolvidos com o problema, lembrando, como um dos pressupostos para tal, o tema da “Campanha da Fraternidade”, no ano de 1978, que pronunciava que “A esperança do índio depende da consciência do branco”.

Na reportagem *Estudos para definir áreas indígenas no MS geram polêmica*³¹, publicada pelo jornal *Valor Econômico – SP*, de 15 de setembro de 2008, Santilli, coordenador da FUNAI, esclarece que, na atualidade, o espaço reservado aos índios do Mato Grosso do Sul não comporta a manutenção de suas atividades: “é urgente o procedimento de regularização e identificação dessas terras, porque as áreas reservadas não comportam a população”. Nessa mesma reportagem Santilli pontua que “há um grande atraso histórico, muito se fez na Amazônia, mas fora dela as dificuldades de regularização são maiores, pois são territórios mais povoados”. A Amazônia concentra hoje 98,6% das terras indígenas regulamentadas, número bem superior à porcentagem de índios brasileiros na região (Amazônica), que é de 60%, o que mostra o atraso das demarcações no resto do País.

Segundo a mesma reportagem, os empresários, representados pela Federação da Agricultura e Pecuária do Mato Grosso do Sul (FAMASUL), também reivindicam informações mais precisas sobre as áreas que seriam visitadas pelas equipes de terras da FUNAI. Nesse particular, Santilli esclarece não ser possível saber com exatidão os locais a serem transformados em reserva, antes de os estudos serem finalizados, uma vez que eles têm, justamente, por finalidade a identificação das comunidades, o mapeamento da região e a análise da dinâmica de ocupação dessas terras por não-índios, ou seja, pelos agricultores: “é preciso ter entendimento entre as partes envolvidas. De maneira nenhuma queremos reconstituir os territórios originais, mas precisamos garantir a convivência nos locais” (SANTILLI, 2008).³²

Esclarece ainda a reportagem que, após a fase de estudos de identificação, as reservas necessitam de aprovação da FUNAI e, conseqüentemente, a decisão ser submetida a período de contestações, quando os interessados poderão se manifestar e propor mudanças. Ao fim dessa fase, o Ministério da Justiça declarará os limites da terra indígena, a FUNAI estabelecerá a demarcação física e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) cuidará do reassentamento de ocupantes não-índios. Por último, o Presidente da República homologará a demarcação, que poderá

³¹ *Estudos para definir áreas indígenas no MS geram polêmica*. Valor Econômico – SP, 15/09/2008. PFDC – Procuradoria Federal pelos Direitos do Cidadão/Ministério Público Federal/Procuradoria Geral da República <http://pfdc.pgr.mpf.gov.br>. Acesso em 04/03/2010

³² Ainda de acordo com a reportagem *Estudos para definir áreas indígenas no MS geram polêmica* (Valor Econômico – SP, 15/09/2008), no dia 3 de setembro de 2008, a FUNAI publicou uma nova portaria determinando a formação de dois grupos técnicos para estudar mais dois municípios do Mato Grosso do Sul, Miranda e Aquidauana, com o objetivo de serem criadas reservas indígenas nesses locais.

ser registrada. A expectativa da FUNAI é que o processo no Mato Grosso do Sul seja concluído em 2010.

Com o objetivo de apresentar o panorama de ocupação de terras sul-mato-grossenses pelos diversos grupos étnicos ainda existentes nesse Estado, reproduzimos o quadro a seguir, indicando o nome da aldeia (Reserva Indígena), a etnia indígena, a população de indígenas aldeados e o município onde está situada a aldeia³³.

TERRA INDÍGENA (RESERVA)	POVO	POPULAÇÃO (Nº, DATA)	MUNICÍPIO
1. Scuriy	Guarani Kaiowá	84; 1998	Maracaju
2. Pirakua	Guarani Kaiowá	270; 1998	Bela Vista
3. Cerro Marangatu	Guarani Kaiowá	200; s/d	Antônio João
4. Aldeia Campestre	Guarani Kaiowá	236; 1998	Antônio João
5. Dourados	Guarani Ñandeva Terena Guarani Kaiowá	6.758; 1998	Dourados
6. Panambi	Guarani Kaiowá	551; 1998	Dourados
7. Panambizinho	Guarani Kaiowá	253; 1998	Douradina
8. Caarapó	Guarani Kaiowá Guarani Ñandeva	2.896; 1998	Caarapó
9. Guaimbé	Guarani Kaiowá	256; 1998	Ponta Porá
10. Rancho Jacaré	Guarani Kaiowá	505; 1998	Ponta Porá
11. Jarara	Guarani Kaiowá Guarani Ñandeva	249	Juti
12. Guaçuti	Guarani Kaiowá	164; 1998	Aral Moreira
13. Amambaí	Guarani Kaiowá Guarani Ñandeva	4.485; 1998	Amambaí
14. Jaguari	Guarani Kaiowá Guarani Ñandeva	150; 1999	Amambaí
15. Aldeia Limão Verde	Guarani Kaiowá	390; 1993	Amambaí
16. Taquaperi	Guarani Kaiowá	1.600; 1998	Amambaí
17. Sete Cerros	Guarani Kaiowá Guarani Ñandeva	230; 1993	Coronel Sapucaia
18. Sassoró	Guarani Kaiowá Guarani Ñandeva	1.351; 1998	Ponta Porã

³³ As informações constantes desse quadro foram extraídas da obra *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul* (MARTINS, 2002. p. 86).

19. Cerrito	Guarani Kaiowá Guarani Ñandeva	186; 1998	Eldorado
20. Tabuaraty/Yvykuarassu	Guarani Kaiowá	360; 1998	Paranhos
21. Jaguapiré	Guarani Kaiowá	429; 1998	Tacuru
22. Porto Lindo	Guarani Ñandeva	1.859; 1998	Mundo Novo
23. Potrero Guaçu	Guarani Ñandeva	620; 1998	Paranhos
24. Pirajuí	Guarani Ñandeva	1.879; 1998	Sete Quedas
25. Reserva Kadiwéu	Terena Kadiwéu	1.592; 1998	Porto Murtinho
26. Pilade Rebuá	Terena	1.391; 1999	Miranda
27. Cachoeirinha	Terena	3.500; 1993	Miranda
28. Taunay/Ipegue	Terena	4.601; 1999	Aquidauana
29. Limão Verde	Terena	675; 1998	Aquidauana
30. Lalima	Terena	1.137; 1999	Miranda
31. Aldeinha	Terena	328; 1993	Anastácio
32. Campo Grande	Terena	1.500; s/d	Campo Grande
33. Buriti	Terena	1.783; 1999	Dois Irmãos do Buriti Sidrolândia
34. Buritizinho	Terena	320; 1999	Sidrolândia
35. Reserva Kadiwéu	Terena/Kadiwéu	1.300; s/d	Porto Murtinho
36. Nioaque	Terena	1.980; 1993	Nioaque
37. Dourados	Terena	300; s/d	Dourados
38. Guató	Guató	382	Corumbá
39. Ofayé	Ofayé	58; 1999	Brasilândia
40. Nioaque	Atykum	70; 2000	Nioaque

Quadro II – Os povos indígenas no Mato Grosso do Sul (2002)

Como já assinalado anteriormente, a toponímia sul-mato-grossense evidencia grande contingente de nomes de base indígena, o que denota a influência exercida pelas línguas nativas na denominação dos acidentes geográficos, tanto físicos quanto humanos. No *corpus* constituído para esta pesquisa, de um total de 1.017 fitotopônimos, foram encontrados vários topônimos de base linguística tupi e/ou guarani. Podemos citar, como exemplos, designativos como *Imbirussu*, *Indaiá*, *Capim*, *Capão*, *Bocajá*, *Jataí*, *Jatobá*, *Sapé*, *Taboca*, *Taquara*, *Ipê*, *Jenipapo*, *Piúva*, *Jurubeba*, *Sucupira*, *Buriti*, *Guariroba*, *Guavira*, *Aguapé*, *Peroba*, *Congonha*, *Macaúba*, *Curupaí*, *Pequi*, *Tarumã*, *Mangaba*, *Mandioca*, *Pacová*, *Samambaia*, *Cipó*, *Candiúba*, *Caninana*, *Ingá*, *Açaí*, *Carandá* e *Urucum*.

Finalizando este tópico, valemo-nos novamente das palavras de Sampaio (1987, p. 119) acerca da importância dos povos indígenas na formação étnica da população brasileira:

Do devotamento deles pela raça do gentio é que se constituiu esta nação – consórcio de diversas raças, aqui tornado possível – cujo vasto território, nos campos como nas florestas, no vale como na montanha, no deserto como na cidade, atesta, por toda parte, nas vozes tupis com que se designam, o esforço inolvidável daqueles obreiros da palavra, cultores dessa língua que eles salvaram do aniquilamento e que, na Geografia Pátria, ao menos, não perecerá jamais.

Abordadas questões indígenas de interesse para este estudo, no item seguinte focalizamos a questão da pesquisa toponímica, pontuando questões históricas relativas às pesquisas de caráter linguístico nesse ramo de investigação e fundamentos teórico-metodológicos que orientam pesquisas dessa natureza.

2.3 A pesquisa toponímica: perspectivas metodológicas

À medida que estudos toponímicos foram sendo realizados, houve a necessidade do estabelecimento de uma metodologia específica para esse campo de investigação, por isso foram sistematizadas taxionomias e regras para orientar o estudo toponímico. Dick (1975, p. 374) acredita que, mesmo para estudiosos europeus, precursores dos estudos toponomásticos, a realidade não deve ser diferente da encontrada na América, ou seja, entende-se a toponímia como um levantamento dos designativos geográficos de dada região, acompanhados de uma provável etimologia desses nomes, daí a necessidade de classificá-los mediante sua estrutura e categoria.

Em razão disso, a busca por uma sistematização que abranja as perspectivas toponomásticas tem sido perseguida por inúmeros toponimistas desde o início do século XX. Em 1928, o francês Albert Dauzat apresenta um modelo de classificação dos nomes geográficos, dividindo o mecanismo de nomeação em séries lógicas e em categorias históricas. Tendo em vista os dois ângulos, manifesta especial atenção às investigações dos topônimos, classificando-os segundo a ordem histórica de suas formações (DAUZAT, 1928 *apud* TAVARES, 2004, p. 29).

Em 1931, Leite de Vasconcellos considera a *Onomatologia* sob três aspectos: a) a *Antroponímia*, que é o estudo dos nomes individuais, com os dos sobrenomes e apelidos; b) a *Toponímia*, que é o estudo dos nomes de sítios, povoações, nações, e bem

assim de rios, montes, vales, etc, - isto é, os nomes geográficos; c) e os *Vários nomes próprios*, isto é, que não estão contidos nas duas classes precedentes, por exemplo, de entidades sobrenaturais, de astros, ventos, animais, de coisas (espadas, navios, sinos). Nos nomes de entidades estão contidos os nomes de divindades, assim,

um ramo especial do estudo seria, pois, a Teonímia (Theonymia), e aqui pertence um livro que H. Usener publicou em 1896 com o título de *Götternamen*. Outros nomes poderíamos formar, como *Zoonímia*, *Astronímia*, e assim por diante (VASCONCELLOS, 1931, p. 03-04).

George Stewart, por seu turno, em 1954, nos Estados Unidos, apresentou uma classificação que sistematizava os nomes de lugares “em categorias distributivas, baseadas nos mecanismos da própria nomeação” (DICK, 1975, p. 375), compreendendo os seguintes itens: 1) *Descriptive names*; 2) *Possessive names*; 3) *Incident names*; 4) *Commemorative names*; 5) *Euphemistic names*; 6) *Manufactured names*; 7) *Shift names*; 8) *Folk etimologies* e 9) *Mistake names*³⁴.

Para esse estudioso, toda nomeação decorre do desejo de identificar um lugar, distinguindo-o dos outros. A sua classificação é prática e abrangente, porém, essa abrangência é questionada por Dick, quanto à sua aplicabilidade a todos os sistemas onomásticos, o que, na visão da toponimista brasileira, restringe quanto ao uso das *taxes*:

... parece fora de dúvida que a aplicabilidade da classificação, em termos abrangentes de um maior número de casos, deixa a desejar, porque alguns dos “topos” tidos como genéricos poderiam facilmente ser incluídos em outros mais amplos, como os nomes associativos, por exemplo (DICK, 1975, p. 376).

Sublinha a autora que essa “observação não tem o intuito de crítica ou de polêmica, apenas intenta marcar quão problemática se torna, na maioria das vezes, o emprego da correta expressão designativa ou que defina, com menor probabilidade de erro, os motivos onomásticos” (DICK, 1975, p. 376). A compreensão da existência de um vínculo estreito entre o objeto denominado e o seu denominador remete a toponímia ao estudo da questão da motivação no âmbito da nomenclatura geográfica.

³⁴ O modelo teórico sugerido por Stewart foi publicado na revista: *Names – Journal of the American Name Society*. California, University of California Press. Vol. II, nº 1, march, 1954 (DICK, 1975, p. 375). Dick (1986, p. 12), discutindo a proposta de Stewart, esclarece que o pesquisador é um dos mais preciosos colaboradores, de renome mundial, da revista *Names* – publicação oficial da *American Names Society*, fundada em Detroit, 1951. É George Stewart, autor, entre outros trabalhos, de *Names of the land* e de *A classification of place names*, onde enfoca os meios ou mecanismos pelos quais os lugares são nomeados, apontando, deles, nove categorias discriminativas.

No Brasil, a sistematização dos estudos toponímicos teve início com o modelo teórico apresentado por Dick, em 1975. Com o intuito de propor um modelo taxionômico abrangente e de acordo com as características da toponímia brasileira, Dick (1975) apresenta um modelo de classificação composto de 19 (dezenove) categorias. Mas, ainda assim, conforme a própria pesquisadora, não tinha sido possível contemplar “todas as possibilidades contidas na nomenclatura geográfica brasileira” (DICK, 1990b, p. 27). Em razão disso, e com o objetivo de completar o modelo propondo um quadro que compreendesse maior número de categorias, a autora reformula alguns conceitos e subdivide algumas categorias. Assim, o modelo que antes era de 19 (dezenove) taxes passa a conter 27 (vinte e sete): 11 (onze) de natureza física e 16 (dezesesseis) de natureza antro-po-cultural.

Dick (1975, p. 376) esclarece que, uma vez aceita a bipartição genérica dos fatos cósmicos – a física e a antropocultural, também há de se considerar essa mesma duplicidade para o encaixamento dos topônimos e, dentro dessa bi-compartimentação, situar as modalidades que os particulariza. Partindo desse princípio, a toponimista brasileira concebeu e consagrou o modelo taxionômico utilizado pela maioria absoluta dos estudiosos brasileiros que fazem da toponímia o seu objeto de estudo.

Acrescenta a estudiosa que sua terminologia técnica é composta pelo elemento toponímico antecedido de outro elemento genérico que define a classe onomástica referente. Assim, na palavra *fitotopônimo*, por exemplo, *fito*, que faz referência a vegetal, define a classe genérica enquanto *topônimo* mostra a procedência do campo de estudo específico. Esclarece, ainda, que os exemplos toponímicos estudados por ela foram coletados do Índice dos Topônimos contidos na Carta do Brasil 1:1.000.000, do IBGE (DICK, 1990a, p. 23-24).

A seguir apresentamos as taxionomias toponímicas, de natureza física e antropocultural, elaboradas por Dick (1990).

2.3.1 Taxionomias de classificação toponímica: o modelo de Dick (1990)

A primeira versão do modelo teórico de Dick foi proposta em 1975 e, posteriormente, revista e reformulada pela toponimista, dando origem à última versão de 1992. A proposta teve como objetivo “suprir as demandas das pesquisas”, uma vez que o modelo elaborado deve “ser interpretado como um instrumento de trabalho que

permitirá a aferição objetiva das causas motivadoras dos designativos geográficos” (DICK, 1990a, p. 26). A mesma autora esclarece, ainda, que

conscientes da necessidade de se buscar modelos taxionômicos para os vários conjuntos de topônimos, em agrupamentos macro-estruturais, procurou-se, nos ordenamentos sistemáticos das ciências humanas afins à Toponímia, e em algumas poucas obras alienígenas especializadas, os elementos a que permitissem a apresentação de um quadro classificatório, de maneira a satisfazer a demanda da pesquisa.

Trata-se de um modelo elaborado a partir da realidade toponímica brasileira, considerando as especificidades encontradas nas várias regiões do País, que apresentam diversidades geográficas consideráveis. Esse modelo tem orientado a classificação dos topônimos no Projeto Atlas Toponímico do Brasil e de suas variantes, dentre elas, o Projeto ATEMS, a que esta pesquisa está vinculada. Na sequência apresentamos o modelo de Dick (1990a), discriminando as 27 *taxes* que compõem a taxionomia. Ressalte-se que foram utilizados exemplos extraídos do *corpus* desta pesquisa para ilustrar apenas a categoria dos fitotopônimos, por ser essa *taxe* a focalizada neste estudo, os demais exemplos foram fornecidos por Dick.

2.3.1.1 Taxionomias de natureza física

I – *Astrotopônimos*: topônimos relativos aos astros celestes em geral. Ex.: Estrela (AH BA); rio da Estrela (ES); Saturno (AH ES).

II - *Cardinotopônimos*: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex.: praia do Leste (PR); serra do Norte (MT); Entre Rios (AH AM); ribeirão do Norte (MG).

III – *Cromotopônimos*: topônimos relativos à escala cromática. Ex.: rio Branco (AM); rio Negro (AM); rio Pardo (SP); rio Azul (SP).

IV – *Dimensiotopônimos*: topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade. Ex.: ilha Comprida (AM); serra Curta (BA); Larga (AH GO); riacho Grosso (CE); morro Alto (GO); córrego Fundo (MT); igarapé Profundo (RO).

V - *Fitotopônimos*: topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade - ex.: arroio Pinheiro (RS); ou de espécies diferentes - ex.: morro da Mata (MT);

Caatinga (AH BA); serra da Caatinga (RN); além de formações não espontâneas individuais - ex.: ribeirão Café (RS); e em conjunto - ex.: Cafezal (AH PA)³⁵.

Nos fitotopônimos ocorrentes no *corpus* deste estudo foram encontrados *os espontâneos, em sua individualidade: Imbirussu* (AF, Ribas do Rio Pardo, Campo Grande e Costa Rica), *Angelim* (AF, Selvíria e Sidrolândia) e *Gravatá* (AF, Pedro Gomes); *de espécies diferentes: Capim* (AF, Camapuã, Caracol, Corguinho e Sonora), *Matinha* (AF, Aparecida do Taboado, Campo Grande, Jaraguari, Nova Alvorada do Sul e Rio Verde de Mato Grosso) e *Capão Verde* (AH, Sidrolândia); *formações não-espontâneas individuais: Mandioca* (AF, Camapuã), *Arroz* (AF, Ladário, Nova Alvorada do Sul e Paranaíba) e *Repolho* (AF, Cassilândia) e *formações não-espontâneas em conjunto: Canavial* (AF, Angélica), *Arrozal* (AF, Anastácio, Bela Vista, Coxim, Corumbá e Sidrolândia) e *Laranjal* (AF, Anastácio, Bela Vista, Eldorado, Iguatemi, Japorã, Nova Alvorada do Sul, Nova Andradina e Pedro Gomes), dentre muitos outros designativos que poderiam ilustrar as características dos fitotopônimos.

VI – **Geomorfotopônimos:** topônimos relativos às formas topográficas: elevações - ex.: montanha – Montanhas (AH RN); monte – Monte Alto (AH SP); colina – Colinas (AH GO); coxilha – Coxilha (AH RS); morro – Morro Azul (AH RS) e depressões do terreno - ex.: vale – Vale Fundo (AH MG); baixada – Baixadão (AF/AH MT) e às formações litorâneas - ex.: costa – Costa Rica (AH MT); cabo – Cabo Frio (AH RJ); angra – Angra dos Reis (AH RJ); ilha – Ilhabela (AH SP); porto – Porto Velho (AH RO).

VII – **Hidrotopônimos:** topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Ex.: água – serra das Águas (GO); Água Boa (AH MG); rio – Riozinho (AH PI); Rio Preto (AH SP); córrego – Córrego Novo (AH MG); ribeirão – Ribeirão Preto (AH SP); braço – Braço do Norte (AH BA); foz – Foz do Riozinho (AH AM).

VIII – **Litotopônimos:** topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representados por indivíduos - ex.: barro – lagoa do Barro (BA); barreiro – córrego do Barreiro (AM); tijuco – Tijuco Preto (AH SP); ouro – arroio do Ouro (RS);

³⁵ As formações vegetais “espontâneas” são aqueles que se desenvolvem em uma região sem a intervenção humana; a classificação “individual” significa que o vegetal pertence a uma única espécie; “espécies diferentes” significam uma variedade de elementos vegetais num dado terreno. As formações vegetais “não espontâneas” são aquelas que se desenvolvem por meio da ação do homem, individual (uma única espécie) ou em conjunto (vários elementos da espécie num mesmo terreno). (Nota da Autora)

conjuntos da mesma espécie - ex.: córrego Tijucal (SP); ou de espécies diferentes - ex.: Minas Gerais (MG); Cristália (AH MG); Pedreiras (AH MG).

IX - **Metereotopônimos**: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex.: vento – serra do Vento (PR); Ventania (AH SP); Botucatu (AH SP); neve – riacho das Neves (BA); Neves Paulista (AH SP); chuva – cachoeira da Chuva (RO); cachoeira do Chuisco (MT); Chuva (AH MG); trovão – Trovão (AH AM); cachoeira Trovoada (PA).

X – **Morfotopônimos**: topônimos que refletem as formas geométricas. Ex.: Curva Grande (AH AM); ilha Quadrada (RS); lagoa Redonda (BA); Triângulo (AH MT).

XI – **Zootopônimos**: topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos - ex.: boi – rio do Boi (MG) e não domésticos - ex.: onça – lagoa da Onça (RJ), e da mesma espécie em grupos (Ex.: boiada – ribeirão da Boiada (SP); Vacaria (AH RS); Taparatiba (AH SP).

2.3.1.2 Taxionomias de natureza antropo-cultural

I – **Animotopônimos ou Nootopônimos**: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física. Ex.: vitória – Vitória (AH CE); trunfo – Triunfo (AH AC); saudade – cachoeira da Saudade (MT); belo – Campo Belo (AH BA); feio – rio Feio (SP).

II – **Antropotopônimos**: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: prenome – Abel (AH MG); Benedito (igarapé, MT); Fátima (AH MT); hipocorístico – Bentinho (AH MG); Chiquita (ilha, MT); Nico (igarapé, AC); prenome + alcunha – Fernão Velho (AH AL); Joaquim Preto (igarapé do, PA); Jorge Pequeno (ribeirão, MG); Maria Magra (serra da, MG); Pedro Ligeiro (AH GO); apelidos de família – Abreu (AH RS); Barbosa (arroio, RS); Silva (AH PA); Tavares (rio, SP); prenome + apelido de família – Antonio Amaral (AH MG); Francisco Dantas (AH RN); Manuel Alves (rio, GO).

III – **Axiotopônimos**: topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: Presidente Prudente (AH SP); Doutor Pedrinho (AH SC); Duque de Caxias (AH RJ).

IV – **Corotopônimos**: topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: Brasil (AH AM); Europa (AH AC); Amazonas (AH BA); Uruguai (AH MG).

V – **Cronotopônimos**: topônimos que encerram indicadores cronológicos representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Ex.: Velha Boipeba (AH BA); rio Novo Mundo (GO); Nova Viçosa (AH BA); Velha e Nova Emas (AH SP).

VI – **Ecotopônimos**: topônimos relativos às habitações de um modo geral. Ex.: Casa da Telha (AH BA); Ocaçu (AH SP); Sobrado (AH BA).

VII – **Ergotopônimos**: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: flecha – córrego da Flecha (MT); jangada – Jangada (AH MT); relógio – Relógio (AH PR).

VIII – **Etnotopônimos**: topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex.: Guarani (AH PE); ilha do Francês (RJ); rio Xavante (MT); Chavantes (AH SP); Árabe (arroio, RS).

IX – **Dirrematopônimos**: topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex.: Há Mais Tempo (AH MA); Valha-me Deus (AH MA); Vai Quem Quer (igarapé, AM); Deus me Livre (AH BA).

X – **Hierotopônimos**: topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. Ex.: Cristo Rei (AH PR); Jesus (rio, GO); Alá (lago, AM); Nossa Senhora da Glória (AH AM); às efemérides religiosas: Natividade (AH GO); Natal (AH AC); às associações religiosas: Cruz de Malta (AH SC); aos locais de culto: igreja – serra da Igreja (PR); capela – Capela (AH AL); Capelazinha (AH MG).

Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões:

- a) **hagiotopônimos**: topônimos relativos aos santos e santas da hagiologia romano: São Paulo (AH SP); Santa Teresa (AH GO); Santana da Boa Vista (AH RS);
- b) **mitotopônimos**: topônimos relativos às entidades mitológicas. Ex.: saci – ribeirão do Saci (ES); curupira – lago Curupira (AM); jurupari – Jurupari (AH AM); anhanga – Anhangá (AH BA).

XI – **Historiotopônimos**: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes, Ex.: Independência (AH AC); rio 7 de Setembro (MT); Inconfidência (AH RJ); Inconfidentes (AH MG); rua Vinte e Um de Abril (SP).

XII – **Hodotopônimos** (ou odotopônimos): topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex.: Estradas (AH AM); Avenida (AH BA); córrego do Atalho (GO); Travessa (AH BA); Rua da Palha (AH BA); Ladeira (AH MA).

XIII – **Numerotopônimos**: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: Duas Barras (AH BA); Duas Pontes (AH RO); Três Coroas (AH RS).

XIV – **Poliotopônimos**: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: rio da Cidade (RJ); serra da Aldeia (PB); Arraial (AH BA); Vila dos Anjos (AH MG); Povoação (AH PI); Tabapuã (AH SP).

XV – **Sociotopônimos**: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, páteo, praça). Ex.: Sapateiro (serra do, SP); Pescador ((AH MG); Tropeiros (serra dos, MG); Engenho Novo (córrego, MG); Oficina (AH MG); Pracinha (AH SP).

XVI – **Somatotopônimos**: topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal. Ex.: Cotovelo (AH MG); Pé de Boi (AH SE); Pé de Galinha (AH BA); Mão Esquerda (rio da, AL); Mão Quebrada (lagoa da, PI); Dedo (igarapé do, RR); Dedo Cortado (córrego do, GO); Dedo Grosso (AH SC).

Dick (1975, p. 379-380), referindo-se ao seu modelo de classificação dos topônimos, argumenta que

o estudo da distribuição qualitativa dos topônimos, com vistas à sua motivação externa, apesar da extensa enumeração, longe está, ainda, de um suporte definitivo. Esta matéria consubstancia somente a primeira tentativa de sistematizá-los. Muitos elementos, talvez, não tenham sido sequer explorados; outros aqui incluídos, podem não resistir a uma crítica mais profunda dos toponimistas e necessitam de considerações diferentes, sob perspectivas especiais. A metodologia seguida neste campo da Toponímia, todavia, está sendo adotada com resultados até certo ponto satisfatórios, nos cursos de graduação de Toponímia Geral e do Brasil, da USP.

Objetivando contribuir com o modelo taxionômico elaborado por Dick, pesquisadores brasileiros têm proposto subdivisões para as categorias já nominadas

e/ou novas taxes, buscando uma melhor adequação dessas classificações aos “topos” de diferentes regiões do Brasil. Dentre esses pesquisadores podemos citar Isquierdo que, em 1996, para a categoria dos *animotopônimos*, propõe uma subdivisão justificada pela presença de determinados traços nesses signos que permitiriam um novo agrupamento. Assim, os topônimos que denotam “impressão agradável/otimista” foram classificados por essa pesquisadora como *animotopônimos eufóricos* e os que denotam “impressão desagradável/temeridade”, como *animotopônimos disfóricos* (ISQUERDO, 1996a, p. 118).

Também Lima (1997) e Francisquini (1998) foram outras pesquisadoras que contribuíram com o modelo taxionômico de Dick. Aquela propôs a subdivisão da categoria dos *hagiotopônimos*, em *autênticos* – “topônimos de inspiração religiosa, respaldada por um padroeiro homônimo” – e *aparentes* – “topônimos de inspiração política, isto é, aqueles cujo objetivo era homenagear pessoa relacionada aos fundadores e/ou personagens influentes” (SCHENEIDER, 2002, p. 25). Francisquini (1998), por sua vez, pautando-se no Projeto ATEPAR, propôs que os nomes formados por *siglas* fossem classificados como *acronimotopônimos*; aqueles que estivessem ligados às *letras do alfabeto*, como *grafematopônimos*; os que se referissem à *saúde*, à *higiene*, ao *bem-estar físico*, como *higietopônimos* e os que nomeassem *algo que já estivesse morto* fossem classificados como *necrotopônimos* (*apud* TAVARES, 2005, p. 38).

Já Salazar-Quijada, um estudioso da toponímia venezuelana, apresentou, em 1985, uma proposta de classificação para os nomes a partir de cinco perspectivas: 1) seus elementos; 2) sua extensão; 3) sua localização; 4) sua aplicação; 5) seu motivo (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21–27).

A exemplo de Dick, o venezuelano reconhece que não se trata de uma proposta definitiva, mas que o seu modelo servirá de base para uma taxionomia mais completa:

Se ha creído necesario hacer un intento de taxonomía de los topónimos, que estamos seguros será de suma importancia. La presente clasificación no es definitiva ya que al respecto hay mucho que discutir, sin embargo estamos conscientes de que servirá como base para una taxonomía más acabada, por medio de la cual se estará en condiciones de analizar los topónimos en forma más concreta y sobre todo, más sistemática (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21)³⁶.

³⁶ “Acreditou-se necessário fazer uma tentativa de taxionomia dos topônimos, que, certamente, será de suma importância. A presente classificação não é definitiva, já que a respeito dela há muito o que discutir, no entanto estamos conscientes de que servirá como base para uma taxionomia mais acabada, por meio da qual se estará em condições de analisar os topônimos de forma mais concreta e, sobretudo, mais sistemática” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21). (TN)

O tópico seguinte centra-se na categoria dos *fitotopônimos*, particularizando, assim, o objeto de investigação desta pesquisa: a *fitotoponímia sul-mato-grossense*.

2.4 Os fitotopônimos

Os fitotopônimos, conforme a definição de Dick (1990a, p. 31) já apresentada anteriormente neste estudo, são "topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, ou de espécies diferentes; além de formações não espontâneas individuais e em conjunto". O venezuelano Salazar-Quijada (1985, p. 26), por seu turno, conceitua *fitotopônimo* como "(Del griego *phytón*: planta). Son aquellos topónimos que hacen referencia a nombres de la flora, tal es el caso de: El Bucare, El Jobo, Flor Amarilla, El Mamón, El Guayabal, etc"³⁷.

Percebe-se pelo exame dos topônimos que, ao escolher um nome para "batizar" um acidente físico e/ou humano, o homem procura retratar o que de mais valioso possui em sua localidade. É nesse momento que entra em cena a vegetação, pois é dela que o homem extrai parte de seu alimento, consegue madeira resistente para a construção de casas e folhas que servem para a cobertura dessas casas ou espécies vegetais que servem de ornamentação. Desse modo, nomeando um acidente geográfico, físico ou humano, com o nome de um elemento vegetal, o homem estaria "rendendo sua homenagem" a algo que lhe é tão útil e necessário à vida.

Nunes (s/d, p. 134), no texto *A vegetação na toponímia portuguesa*, ratificando essa assertiva esclarece que:

Compreende-se facilmente que as plantas que mais abundavam ou o arvoredo que em maior quantidade se encontrava nos arredores dos sítios habitados deviam ter exercido influência bastante notável na sua nomenclatura e sido um dos factores que mais contribuiram para dar aos lugares os seus nomes: não era ela que desempenhava um papel importantíssimo na vida dos seus habitantes, alimentando-os com os seus produtos?

Salvado (1960), por sua vez, pondera que o povo, como bom observador, tende a assinalar o que destoa da monotonia que o rodeia – aquilo que é exótico ao seu "habitat" –, e geralmente utiliza esse(s) elemento(s) na denominação do(s) lugar(es) onde se encontra. Assim, "os topônimos parecem confirmar [...] essa tendência em realçar a presença duma árvore [...] que destoava no meio da arboricultura meramente

³⁷ "(Do grego *phytón*: planta). São aqueles topônimos que fazem referência a nomes da flora, tal é o caso de El Bucare, El Jobo, Flor Amarilla, El Mamón, El Guayabal, etc" (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 26). (TN)

decorativa, uma raridade no meio da flora mantida e remozada no decurso dos tempos” (SALVADO, 1960, p. 96).

Essas exposições e ponderações ratificam o princípio de que o estudo dos topônimos de uma localidade pode revelar aspectos da flora local, evidenciadas nos designativos de acidentes geográficos – físicos ou humanos.

Dick (1990a, p. 145-196) apresenta um exaustivo estudo sobre os fitotopônimos brasileiros e a influência que as variadas espécies florísticas do Brasil exercem na denominação de lugares. “O estudo da vegetação terrestre constitui, para o leigo, uma das mais árduas tarefas que se lhe possa propor, pela variedade das espécies que se entrecruzam em porções delimitadas do espaço geográfico analisado” (DICK, 1990a, p. 145). E, assim, valendo-se da sua autoridade e experiência, a toponimista identifica fitotopônimos nos mais diversos lugares do Brasil e aproxima-os das espécies vegetais encontradas nesses lugares.

Dick inicia esse processo de correlação entre fitotopônimos e espécies vegetais brasileiras, identificando a “Flora Amazônica” e citando, por exemplo, a grande frequência de topônimos formados com o nome da “palmeira murumuru, jarinas ou marfim- geral, do cacau e do guaraná”. Acrescenta ainda a essas espécies nomes como *cajá-mirim* (ou *taperebá*), *pau-pombo* (ou *Tapirira guianensis*), *andirá*, *andiroba*, *juquiri arbustivo*; *palmeira inajá*; *pechiúba*, *cumarú* e *caucho*; *muiraquatiara*, *murajuba*, *piquiarana*, *faveira*, *imbaúba*, *tachi*, *arapari*, *juruna*, *assacú*, *salgueiro*, *mutamba* e as *palmeiras jauari e marajá* (DICK, 1990a, p. 149-150).

Dentre as “madeiras pesadas” da região amazônica, a pesquisadora cita como representativos na toponímia o *cedro*, a *massaranduba*, a *sumaúma*, a *castanheira* e o *pau-mulato*; a *muiratinga* – “uma das árvores mais altas das várzeas do Amazonas” (DICK, 1990a, p. 150), o *caju-assu*, a *espadeira*, o *marimari* e o *arapari*. Pondera a autora que,

do ponto de vista toponímico, o emprego de **castanha** como denominativo reveste-se de importância, principalmente porque a distribuição dos nomes vai coincidir com a área geográfica específica, dando origem, assim, a uma **área fitotoponímica** por excelência: Castanha (AH AM PA RN; Cach. AM; Ig. AM PA); Castanhal (AH AM PA; Ig. AM PA; lo. AM; Salto do, PA); Castanhão (AH CE); Castanheira (AH AC; Cach. PA; Trav. da, PA); Castanheiro (AH AM; Sa. AM); Castanho (AH AM PA; Cach. AM; Fu. AM; Ig. AM RR; R. AM); Castanhomirim (R. AM) (DICK, 1990a, p. 151).

Na sequência, faz referências aos topônimos que remetem à seringueira, destacando que o “termo preferido é seringal, distribuído em Seringal R. Verde (AH MT); Seringal Paraguaçu (AH AC); Seringal Setenta (AH RO); Seringal Três Lagoas (AH MT); Seringalzinho (C. MT) e Seringa (Cach. AM; Ig. AM; Sa. da, PA)” (DICK, 1990a, p. 151). Passa, em seguida, pelos Campos da Amazônia, pelas Campinas da Amazônia, pela Flora Geral do Brasil ou Extra-Amazônica e pela Zona das Caatingas, esta última

uma das mais difíceis de descrever, pela variedade de associações vegetais, desde as florestas outrora luxuriantes e hoje muito devastadas, até as caatingas mais pobres que aí se encontram e que em grande parte resultaram da obra nefasta do homem que há quatro séculos vem destruindo imprevidentemente a vestimenta florística da região (SAMPAIO apud DICK, 1990a, p. 161).

Na zona da caatinga destaca como espécies predominantes “as cactáceas” *xique-xique*, a *coroa de frade*, o *guibá* e o *quiabento*, esclarecendo que, do ponto de vista toponímico, a *caatinga*, nas denominações que motivou, oferece a mesma variação mórfica consubstanciada no léxico. Assim: Caatinga (AH BA MA; Aç. da, RN); Caatinga de Góis (AH RN); Caatinga do Miranda (Rcho. BA); Caatinga do Moura (Vda. da, BA) e também: Catinga (AH MG; R. MG; Rb. da, RN); Catinga de Cima (AH BA); Catinga do Moura (AH BA); Catingal (AH BA); Catingueira (AH PB) (DICK, 1990a, 162).

Também faz referência aos elementos da vegetação típica das caatingas incorporados pela toponímia brasileira: Araticum (AH BA CE SE); Araticu (R. PA; AH PA); Araticumirim (AH PA); Aroeira (AH BA CE MA MT PI RS PR; C. MT; Vda. da, BA); Aroeiras (AH BA PA PI; Rcho. CE); Barriguda (AH BA MA SE; C. MG; Cach. AM; Rcho. CE MA PB); Braúna (AH MT; Rb. MT); Gravatá (AH PA PE PI RS; La. RN; R. MG PB PE; Sa. do, AL); Gravatá Açú (Ig. PA); Gravataí (AH SC); Jucá (AH AM MA PE; R. CE); Mandacarú (AH BA; Rcho. PE; Aç. do. PI); Mimosa (AH BA GO MT; La. GO); Pau Branco (AH BA; La. BA; Rcho. BA); Pau Terra (Rb. MT); Pereiros (AH CE PI; R. PA); Sucupira (AH MA MG; Rb. MA; Rcho. MA); Urucuri (AH AM PA; Ig. PA RO); Urucuriana ((Ig. PA); Urucuricaia (Fu. PA; I. PA); Urucurina (R. PA); Urucuritêua (AH PA); Urucurituba (AH AM PA) e Xique-xique (AH BA; Sa. de, PE) (DICK, 1990a, p. 163-164).

A mesma autora aponta, ainda, como elementos típicos da Caatinga a *carnaúba*, o *umbu*, o *juazeiro*, a *jurema*, a *oiticica*, a *mangaba*, o *caruá*, a *mandioca* – “apesar de

sua generalidade por todo o país” (DICK, 1990a, p, 164), e a *manicoba do ceará*. Em seguida, faz referência aos elementos vegetais encontrados na Zona das Matas Costeiras (ou Florestas Orientais), na Zona dos Pinhais (ou da Araucária), onde existem os faxinais que “apresentam-se como ‘associações mistas’ de espécies vegetais, das Matas Costeiras e da Zona de Araucária”. O “emprego do designativo (*faxinal*) na nomenclatura geográfica vem confirmar a correlação íntima entre as áreas toponímica e geográfica propriamente dita” (DICK, 1990a, 176).

Dick apresenta como exemplos dessa afirmativa os seguintes fitotopônimos: Faxinal (AH PR RS; Ar. RS; Rb. do, PR; Sa. do, RS); Faxinal da Pinguela (AH PR); Faxinal de São João (AH PR); Faxinal de Santo Antônio (AH PR); Faxinal do Silva (AH PR); Faxinal dos Elóis (AH PR); Faxinal dos Índios (AH PR); Faxinal de Catanduva (AH PR); Faxinal de São Pedro (AH PR); Faxinal do Saturno (AH RS); Faxinal dos Castilhos (AH PR); Faxinal dos Guedes (AH SC) e Faxinal dos Rodrigues (AH PR). A exemplo do designativo *faxinal*, também o elemento *pinhal*

recobre uma área cuja densidade onomástica está manifesta não só quantitativa mas qualitativamente, através das formações decorrentes do termo genérico; coincidindo com o foco principal de dispersão da planta, o Estado do Paraná é o mais representativo no setor toponímico (DICK, 1990a, p. 177).

Cita os fitotopônimos: Pinhal (AH RS SP; Ar. RS; R, do, SP; Rb. do, SP); Pinhal Preto (AH PR); Pinhalão (AH PR); Pinhalito (AH PR); Pinhalzinho (AH SP); Pinheiral (AH SC); Pinheiro (AH BA MA MG SP; Ar. RS; Br. do, SC; Cach. PA; Ig. do, PA; Rcho. CE); Pinheiro de Baixo (AH SC); Pinheiro Preto (AH SC); Pinheiros (AH RS); Pinheirinho (AH PR); Pinheirinhos (AH PR); Pinho (AH PR SC; R. do, PR); Pinhão (AH PR SE; Sa. PR); Pinhotiba (AH MG); Pinhal Ralo (AH PR); Pinhalite (AH PR); Pinhalzinho (AH PR); Pinheiral de Cima (AH PR); Pinheiro Mercado (AH RS); Pinheiro Seco (AH PR); Pinheiros Altos (AH MG); Pinheirinho Baixo (AH SC); Pinhões (AH MG) e Pinhãozinho (AH PR) (DICK, 1990a, p. 177).

Vale ressaltar que a grande maioria dos fitotopônimos formados com os itens lexicais *faxinal* e *pinhal* estão essencialmente localizados na região sul do Brasil, onde predomina a vegetação que acampa esses elementos.

A toponimista também incursiona pela Zona dos Campos, citando os elementos *sapé*, *samambaia* e *capim* como predominantes dessa vegetação na toponímia. “O *sapé* surge em acidentes humanos e físicos, tanto em sintagmas simples como em formações sufixais, principalmente na região Centro-Oeste” (DICK, 1990a, p. 180), e exemplifica

com: Sapé (AH BA GO MG MT PA PI PR SE; C. GO MT; Cach. do, GO; I. GO MG; Rb. do, GO MT); Sapesal (Trav. AM); Sapezal (AH SP; Rb. GO) e Sapezaí (AH MT).

Concernente ao elemento *samambaia*, também elencado como predominante na toponímia da Zona dos Campos, Dick (1990a, p. 180) assevera que "os registros quantitativos de *samambaia* oferecem uma perspectiva de equilíbrio entre os acidentes físicos e os humanos, sendo mais significativa a presença dos topônimos nos Estados centrais". E "a espécie *capim* tem uma utilização bastante sensível na nomenclatura, principalmente em acidentes físicos, ocorrendo razoável número de topônimos compostos e de derivações, mais comuns nos Estados do Pará e de Minas Gerais" (DICK, 1990a, p. 180).

A autora catalogou ainda como exemplos os fitotopônimos Capim (AH MG PA PE; Ba. do, MA; C. do, GO; Cach. do, AM PA; I. do, BA; Ig. PA; R. MA; Rb. do, MG PR; Rcho. CE; R. PA; Sa. do, RJ; Ste. do, CE); Capim Azedo (AH SP); Capim de Cheiro (La. do, BA); Capim Fino (Ste, PR); Capinópolis (AH MG); Capintuba (Lo. PA); Capim Açú (AH BA MA MG); Capim Branco (AH MG; C. MT; Rb. MT); Capim Grosso (AH BA PI); Capinal (AH BA MA; I. PA) e Capinzal (Cach. MT; Chap. MG). Conclui a autora que:

Nos **Campos Cerrados de Mato Grosso** impõe-se uma referência aos chamados **campos do Pantanal**. Este designativo pode causar, ao leigo, dificuldades de interpretação, ao se procurar incluí-lo em uma das categorias toponímicas existentes. De acordo com o que explicita Sampaio, a expressão pode revestir as características de um geomorfotopônimo - 'por se constituir em uma grande depressão'. Qualquer que seja, porém, a interpretação que se dê ao nome, a realidade toponímica brasileira demonstra existir pouquíssimas ocorrências sob essa forma [...]. A formação vegetal específica do lugar é que, de fato, constitui os estratos fitotoponímicos [...] (DICK, 1990a, p. 185).

Como a planta mais característica dos campos do Pantanal Dick (1990a, p. 185) aponta a palmeira *carandá* e demonstra a forte influência dessa espécie na toponímia: Carandá (AH MT; C. MT; R. MT); Carandá Fundo (AH MT); Carandazal (AH MT); Carandá dos Veados (AH MT); Carandaí (AH MG) e Carandazinho (AH MT).

Retomando os caminhos trilhados por Dick (1990a, p. 188) para a apreciação da *fitotoponímia* brasileira, neste ponto a toponimista envereda pela Zona Marítima, onde a espécie vegetal predominante é o *coqueiro* e de onde surgem designativos como: Coqueiro (AH BA MA MG MT PI RS RR; C. MT; I. do, PA; R. MA; Rb. MT SP; Rcho. PI); Coqueiros (AH BA GO MG RS SC; C. GO; I. dos; SE; Pta. de, PE);

Coqueiro Seco (AH AL); Coqueirinho (AH PA) e Coqueiral (AH MG). O fruto do vegetal – *o coco* – encontra maior repercussão como nome geográfico e incorpora diversas formações que predominam nas regiões Norte e Nordeste. Também o vocábulo *taquari (taquara)* – “*c. taquar-i, a cana pequena, ou fina, o iaquaril*” (SAMPAIO, 1987, p. 319) – aparece em grande quantidade na nomenclatura geográfica da zona marítima.

Sintetizando a forte influência exercida pela vegetação na toponímia de um país, Dick (1990a, p. 195) argumenta que

a importância e a função motivadora da vegetação na toponímia estão, portanto, caracterizadas, não apenas na variedade dos fatores determinantes, representados pelos inúmeros exemplos transcritos, como, também, no processo distributivo dos nomes em áreas específicas de referência, de acordo com o elemento predominante.

Seguindo a tendência geral da toponímia brasileira, os fitotopônimos sul-mato-grossenses, além de evidenciarem marcas da realidade étnica e físico-geográfica da região estudada na denominação dos acidentes geográficos, ratifica tendências gerais da toponímia, o que nos permite recorrer à citação de um estudioso português para concluir este tópico, entendendo que a conclusão apresentada por ele para a toponímia portuguesa também se aplica a este estudo: “Não admira, pois, que em toda parte a vegetação figure em quantidade superior a outro qualquer entre os elementos que contribuíram para a toponímia (...)” (NUNES, s/d, p. 134).

O próximo item focaliza a questão da motivação do signo toponímico bem como a estrutura dos topônimos – como são formados os designativos dos lugares encontrados na nomenclatura geográfica brasileira.

2.5 O signo toponímico: motivação, formação e estrutura

Antes de iniciarmos a discussão sobre o signo toponímico, é importante uma retomada acerca de alguns fundamentos da teoria do signo linguístico, uma vez que o signo toponímico é uma forma de língua (também um signo linguístico) dotado, na maioria das vezes, de motivação. Para tanto, recorreremos inicialmente a Ferdinand Saussure, que concebe o signo linguístico como uma combinação de um *conceito* com uma *imagem acústica*.

Esta (*a imagem acústica*) não é um som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se

chegarmos a chamá-la ‘material’, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (SAUSSURE, 1972, p. 80).

Em geral, as imagens sonoras são usadas para produzir uma elocução. Ao pensarmos na linguagem verbal, tendo a língua como código, os signos linguísticos são, então, os responsáveis pela representação das ideias, sendo esses signos as próprias palavras, por meio da fala ou da escrita, associados a determinadas ideias. Pode-se, assim, afirmar que os signos linguísticos apresentam dois componentes: uma parte material (o som ou as letras), o significante e outra parte abstrata (a ideia), o significado. Ou seja, um signo linguístico, de acordo com a proposição de Saussure (1972, p. 80), consiste em: a) um conceito, o *significado*; b) uma imagem acústica, o *significante*, ou forma fonológica em termos generativos.

Uma das características do signo linguístico é o seu caráter arbitrário. Não existe uma razão para que um significante (som) esteja associado a um significado (conceito). Isso explica o fato de cada língua usar significantes (som) diferentes para um mesmo significado (conceito). Logo, o princípio da arbitrariedade do signo, que é o primeiro princípio enunciado por Saussure (1972, p. 82) e, segundo ele mesmo, o de primordial importância na análise linguística, não estaria relacionado com a conexão do signo com o mundo, com a coisa do mundo real designada pelo signo. Os componentes do signo, a saber, o *conceito* (significado) e a *imagem acústica* (significante) é que sofrem uma conexão arbitrária, pois,

o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente que o signo linguístico é arbitrário (SAUSSURE, 1972, p. 81).

Entretanto, afirmar que o signo é arbitrário requer cautela, pois isso pode fazer com que ele pareça estar à mercê do falante, que poderia associá-lo livremente a outras significações. A palavra *arbitrário* requer também uma observação: “não deve dar a ideia de que o significante dependa da livre escolha do que fala; queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, 1972, p. 83).

Ainda segundo esse autor, a língua é a expressão do pensamento que, sem ela, é uma “massa amorfa e indistinta”. A expressão não se dá diretamente do pensamento aos sons: ela é mediada pela língua, que é um sistema de signos. É na relação que se

estabelece no sistema que os signos adquirem seu valor, que significam. A língua não é um sistema de signos justapostos, mas uma rede de signos que se relacionam e, com isso, significam. Entra aqui, na análise de Saussure, a metáfora do jogo de xadrez: cada peça se define, adquire valor, na relação que tem com as outras peças do jogo (SAUSSURE, 1972, p. 31 -32). Os signos, também, se definem negativamente pela oposição com outros signos do sistema. Mas há que se distinguir, como acentua Saussure, o valor linguístico da significação. O valor é um elemento da significação. A significação refere-se internamente ao signo linguístico, ao seu componente conceitual. Temos, então, um paradoxo: “...de um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua” (SAUSSURE, 1972, p. 133).

Com isso, a interpretação do signo se dá, então, em duas direções: vertical, entre seus componentes (significante e significado); e horizontal, na relação com outros valores semelhantes. Sem essas relações de diferentes direções não haveria significação.

Benveniste (1976, p. 56) retoma a discussão de Saussure sobre o arbitrário do signo, colocando-a em novos termos. O autor não refuta o pensamento saussureano, mas perscruta o texto de Saussure apontando certas confusões decorrentes da exclusão do mundo na análise da língua como um sistema de signos. Para Benveniste (1976, p. 56), a relação entre significado e significante não é arbitrária, ou seja, “o que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica o determinado elemento da realidade, mas não a outro”. Ao retirar de sua análise o mundo exterior, Benveniste (1976, p. 57) exclui dela a questão do arbitrário:

A natureza do signo linguístico não tem nada que ver com isso [*com a realidade*], se o definirmos como fez Saussure, pois o próprio dessa definição consiste precisamente em não encarar senão a relação do significante e do significado. O domínio do arbitrário fica assim relegado para fora da compreensão do signo linguístico.

E acrescenta esse mesmo autor que, quando Saussure se refere à arbitrariedade do signo, ele discute na verdade a significação, não o signo linguístico, pois “o arbitrário só existe em relação com o fenômeno ou o objeto material e não intervém na constituição própria do signo” (BENVENISTE, 1976, p. 57).

A noção saussureana da arbitrariedade do signo linguístico tem gerado discussões entre os estudiosos da linguagem até a atualidade, sobretudo entre os

semanticistas, seja quanto à dicotomia significante/significado, seja num plano mais geral, quanto à vinculação entre signo e realidade. Como consequência, vários enfoques teóricos surgiram, dentre os quais se destacam: a tendência “analítica” ou “referencial”, que procura apreender a essência do significado, reduzindo-o aos seus componentes principais, e a “operacional”, que estuda as palavras em ação e se interessa menos pelo que é significado, do que pelo modo que opera.

Entre os linguistas que consideram a motivação do signo linguístico estão Ullmann (1964) e Guiraud (1980). O primeiro defende que pode ocorrer motivação semântica do signo por uma relação metafórica ou metonímica, enquanto o segundo destaca a motivação externa do signo que “repousa sobre uma relação entre a coisa significada e a forma significante do sistema linguístico” (GUIRAUD, 1980, p. 30).

No que tange ao signo toponímico, como explica Dick (1990b, p. 18), pode-se acatar, a princípio, a noção saussureana de arbitrariedade, já que, estruturalmente, o topônimo é, como uma forma de língua, um significante animado por uma substância de conteúdo; contudo, funcionalmente,

o topônimo é marcado duplamente, uma vez que o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo (DICK, 1990b, p. 18).

Assim, considerando a natureza intrínseca do signo toponímico, é preciso rever a questão da arbitrariedade, já que sua característica primordial é a motivação semântica no processo de construção do significado, não sendo exagero afirmar que aspectos sócio-histórico-culturais ligados ao contexto de um grupo situado em um espaço geográfico marcado por determinadas características físico-naturais são considerados no ato da nomeação dos acidentes geográficos físicos e/ou humanos. Portanto, deve-se considerar o nome próprio do lugar – o *topônimo* - como fato da língua (como um signo linguístico que identifica e guarda uma significação precisa de aspectos físicos ou antro-po-culturais) e o estudo toponomástico servirá como fonte de conhecimento da língua falada numa dada região e como recuperação de fatos físico-geográficos e/ou sócio-histórico-culturais, em parte ou em sua totalidade, pelos quais passaram os povos que habitaram, temporária ou definitivamente, a região pesquisada.

O signo toponímico é motivado pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador. Além de diferir dos demais signos, e dentre esses está o signo linguístico, no que se refere à motivação, tem

particularidades específicas também quanto à função. O signo linguístico é arbitrário; o signo toponímico, na maioria das vezes, motivado. Ou seja, o princípio da arbitrariedade do signo linguístico baseia-se no fato de que a ideia – o significado – não está ligada por nenhuma relação interior à sequência de sons que lhe serve de significante (SAUSSURE, 1972, p. 81– 82), enquanto o signo toponímico “assume uma correspondência analógica entre o significante e o significado” (DICK, 1980, p. 288). O que os diferencia é “a função significativa quando a toponímia os transforma em seu objeto de estudo” (DICK, 1980, p. 288).

Ainda a mesma autora, ao se referir à motivação do signo toponímico, esclarece:

ainda que, na língua, o signo participe, genericamente, de uma natureza convencional de significação, ao se aplicar o mesmo princípio à Toponímia notar-se-á uma diversidade de aspecto: o elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada (DICK, 1990a, p. 34).

O signo, na toponímia, é direcionado pela função onomástica de identificar nomes caracterizados pela motivação. Deve, portanto, ser encarada sob dois ângulos: a função do denominador (razões que fazem com que o falante escolha e/ou selecione um signo toponomástico dentro de um eixo paradigmático) e a natureza do produto dessa escolha: a própria origem semântica da denominação, de modo transparente ou opaco. Todo trabalho toponímico constitui um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* e da cosmovisão das comunidades linguísticas que ocupam ou ocuparam determinado espaço. Portanto, são exteriorizados e evidenciados aspectos sociais, religiosos, antropoculturais, organização política e linguística de determinado grupo.

Em síntese, o estudo toponímico não é só o estudo da língua, mas também uma dimensão disciplinar à medida que a etnia, a história social da população que fala essa língua, as características do espaço em que vive o falante dessa língua, a recuperação do tempo em que vive/viveu esse falante são considerados na análise toponímica. Isso ratifica a tese de que os estudos toponímicos são também estudos etnolinguísticos, uma vez que, ao analisarmos o léxico toponímico, devemos levar em conta aspectos culturais, a formação étnica, aspectos econômicos, políticos e sociais da comunidade falante.

Theodoro Sampaio (1987, p. 16) argumenta que se deve recorrer sempre aos designativos autóctones a fim de se obter, através da correta interpretação etimológica, “o fundamento para uma identificação de lugares, na certeza de que o significado dos nomes indígenas traduz fielmente a característica natural de cada localidade”.

Entretanto, os signos toponímicos, assim como os demais, podem sofrer, no plano do significante, modificações fonéticas e gráficas com o passar dos anos. E em virtude desse distanciamento temporal, fica difícil recuperar a motivação inicial e isso pode ser facilmente observado principalmente no caso dos topônimos de origem indígena, porque esses, em grande número de casos, são grafados de maneira diferente da forma original, dificultando – ou mesmo impossibilitando – o esclarecimento de seus significados. É necessário, portanto, recuperar também aspectos da realidade dos grupos para a compreensão do processo de nomeação.

Isquierdo (1996, p. 90-91), ao tratar da origem dos topônimos, considera que

o signo toponímico se nos apresenta, pois, como um dos aspectos do léxico, particularmente complexo, no que se refere à sua motivação designativa. A diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também, as especificidades físicas de cada região tornam dificultosa toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de acidentes geográficos. Em vista disso, o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralinguísticos como as características geo-socio-econômicas de uma região e, conseqüentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural.

A análise linguística dos topônimos deve, entre outras questões, considerar a etimologia das palavras, elemento básico para a classificação dos topônimos, haja vista que o exame dos substratos linguísticos inscritos no sistema toponímico de uma localidade fornecem pistas para a interpretação do topônimo. Particularmente os fitotopônimos, dentre eles os analisados nesta pesquisa, evidenciam substratos de línguas indígenas. Na fitotoponímia sul-mato-grossense, por exemplo, são abundantes os topônimos de base tupi e/ou o guarani, daí a necessidade de ser considerada a etimologia das palavras indígenas como requisito para a análise dos designativos.

É sabido que os topônimos surgem à medida que o denominador sente a necessidade de “batizar” acidentes geográficos, a exemplo do que ocorre com as palavras da língua comum que também surgem de acordo com a necessidade do homem de nominar fatos, locais, invenções, situações cotidianas. Basílio (1989, p. 09) argumenta que existem “dois bons motivos para formarmos palavras: a utilização da

ideia de uma palavra em outra classe gramatical; e a necessidade de um acréscimo semântico numa significação lexical básica” e acrescenta ainda que “a palavra que se forma mantém uma relação semântica fixa com a palavra-base”.

Tratando do processo de formação de palavras, Kehdi (1992, p. 07) esclarece que “o acervo lexical da língua portuguesa é constituído de uma grande maioria de palavras herdadas do latim, às quais se acrescentaram palavras de outras origens, além de vocábulos formados em nosso próprio idioma”.

Assim, a formação de novas palavras se dá a partir de elementos já existentes em nosso léxico a fim de facilitar a apreensão dessas novas formas pela memória humana, uma vez que seria extremamente difícil para o falante captar e armazenar modelos diferentes para cada necessidade de utilizar palavras em diferentes contextos e situações. Nesse particular, Basílio (1989, p. 10) esclarece que

o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que se traduz num máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos que sobrecarregar a memória com esses mesmos elementos.

Desta feita, no processo de formação de novas palavras o usuário da língua recorre a mecanismos que permitem a utilização de elementos já inscritos no léxico de sua língua e vale-se ora do processo de formação ora do de composição. A derivação, por exemplo, consiste no mecanismo pelo qual novas palavras são formadas a partir de um radical acrescido de afixos (prefixos e sufixos), enquanto a composição configura-se como o mecanismo segundo o qual uma nova palavra é formada pela junção de dois ou mais radicais, podendo ocorrer de duas formas: justaposição e aglutinação.

Sabendo-se que a composição ocorre quando dois ou mais radicais se combinam e verificando-se que

certos prefixos em nossa língua têm uso autônomo, como se fossem preposições (como é o caso de *contra-* e *entre-*), esse fato levou muitos gramáticos do passado e algumas correntes da Linguística Moderna, como a gramática gerativa, a classificar a prefixação como um caso de composição (KEHDI, 1992, p. 07-08).

Nesse particular, o mesmo autor acrescenta que: “argumentou-se, entretanto, que essa autonomia não é característica de todos os prefixos: alguns como *des-* e *re-*, só figuram como formas presa (atreladas a um radical): *desigual*, *rever*” (KEHDI, 1992, p. 08). E, ainda, considera que alguns sufixos

também tiveram uso autônomo: a forma latina *-mente*, ‘espírito’, aparecia combinada com adjetivos adequados à sua significação, constituindo um exemplo de processo de composição: *boamente*. A partir do momento em que *-mente* pode juntar-se a outros adjetivos, como em *rapidamente*, *recentemente*, adquiriu o caráter de sufixo, portanto, de forma presa (KEHDI (1992, p, 08).

O processo de formação de palavras por derivação caracteriza-se pela inclusão de afixos (prefixo e sufixo) a um radical, assim, se a um radical houver a inclusão de um prefixo, tem-se *derivação prefixal*: *desleal*, *imoral*, *injustiça*; ao se incluir um sufixo a um radical, tem-se *derivação sufixal*: *felizmente*, *cafezal*, *maldade*; e a incorporação de um prefixo e um sufixo, ao mesmo tempo, em um radical, obtém-se a *parassíntese* (ou *derivação parassintética*), processo que, de acordo com Kehdi (1992, p. 17), “consiste na adjunção simultânea de um prefixo e de um sufixo a um radical, de forma que a exclusão de um ou de outro resulta numa forma inaceitável na língua”. Como exemplos de palavras formadas pelo processo de derivação parassintética, têm-se: *anoitecer*, *embarcadouro*, *enriquecer*.

Além dos processos de *derivação prefixal*, *derivação sufixal* e *derivação parassintética*, abordados no parágrafo anterior, existem, ainda:

- *derivação prefixal e sufixal*, consiste na junção não simultânea de um prefixo e um sufixo a um radical, uma vez que as palavras não receberam os afixos ao mesmo tempo. Observe: *infelizmente* e *imoralidade*: quando se acrescentou os prefixos (*in-* e *i-*) já havia as palavras *felizmente* e *moralidade*; ao acrescentar os sufixos (*-mente* e *-dade*) já havia as palavras *infeliz* e *imoral*. (CEGALLA, 2008, p. 96).
- *Derivação regressiva* (ou *regressão*), que ocorre quando, a partir de um vocábulo com sufixo real ou suposto, formamos um novo vocábulo através da eliminação do referido sufixo. (KEHDI, 1992, p. 22).
- *derivação imprópria*, que consiste em mudar a classe de uma palavra, estendendo-lhe a significação: os adjetivos passam a substantivos: os maus, os bons, o verde, etc., os participípios passam a substantivos ou adjetivos: um feito heróico, o passado, ente querido, etc., os infinitivos passam a substantivos: o viver, o andar, o sorrir, o bater da porta, etc., os substantivos passam a adjetivos: comício monstro, menino

prodígio, traje esporte, etc., os adjetivos passam a advérbio: falar alto, vender caro, tossir forte, etc., dentre outros casos (CEGALLA, 2008, p. 96).

- *Redução*, uma espécie de economia lingüística, comum a todos os idiomas, é responsável por simplificações tais como: zoo (zoológico), cine (cinema) quilo (quilograma), moto (motocicleta), etc. (CEGALLA, 2008, p. 98).
- *Reduplicação* (ou *redobro*), que "consiste na repetição da sílaba radical de um vocábulo" (KEHDI, 1992, p. 50). É utilizada na estruturação das onomatopéias e merecem menção os exemplos de redobro em que se dá ao substantivo repetido o caráter de aparente adjetivo. Vale mencionar também que a reduplicação ou redobro apresenta um forte valor expressivo, integrando-se mais no campo da Estilística (KEHDI, 1992, p. 50).
- *hibridismo*, que "é a designação dada aos vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes" (KEHDI, 1992, p. 50). São comuns, em português, os compostos de elemento grego com elemento latino: automóvel (grego e latim), sociologia (latim e grego). Contudo, outras combinações são possíveis: alcalóide (árabe e grego), burocracia (francês e grego), zincografia (alemão e grego), moscardo (latim e germânico), caferana (árabe e tupi), caiporismo (tupi e grego), bananal (africano e latim), goiabeira, capim-gordura (tupi e português) (KEHDI, 1992, p.50-51)

Posicionando-se a respeito do processo de formação de palavras denominado hibridismo, Kehdi (1992, p. 51) esclarece que

como os elementos constitutivos das palavras formadas por hibridismo figuram em outros vocábulos e são, portanto, recorrentes, podemos integrar esse processo na composição e na derivação. Recorre-se ao hibridismo, sobretudo, quando, com elementos gregos, já existem compostos com significação distinta. Assim, devem-se distinguir: décímetro (lat.: decem) e decâmetro (gr.: deka); automóvel (lat.: móbile) e autômato (adj. gr. com a raiz de *mão, "agir").

Ainda discutindo esse mesmo fenômeno, o autor ratifica que “o hibridismo está estreitamente vinculado à composição” e argumenta que, mesmo sendo um processo em que predominam elementos gregos e latinos, dada a grande produtividade desses elementos, o hibridismo também pode ser estudado numa perspectiva sincrônica, visto tratar-se de um fenômeno de grande vitalidade na língua (KEHDI, 1992, p. 54).

No *corpus*³⁸ deste trabalho houve a ocorrência de topônimos formados pelos seguintes processos: *derivação sufixal* - **Bananal** (ribeirão em Alcinópolis; córregos em Bonito, Costa Rica, Pedro Gomes e Ponta Porã; rios em Antônio João e Bela Vista [2 ocorrências]); **Mandioquinha** (córrego em Camapuã); **Cafelândia** (córrego em Ivinhema); *hibridismo* **Laranjaí** (português+guarani, córrego em Antônio João e ribeirões em Naviraí e Nova Andradina); **Capão Alto** (tupi+português, povoado em Rio Verde de Mato Grosso; cabeceiras em Bandeirantes e Nova Alvorada do Sul; córregos em Dourados e Rio Brilhante [2 ocorrências]); **Capim Verde** (tupi+português, povoado em Bandeirantes); **Buriti Preto** (tupi+português, córrego em Pedro Gomes). Ressalte-se que existem, ainda, no *corpus* desta pesquisa, outros designativos que poderiam ter sido utilizados como exemplos para esses processos de formação de palavras.

Já o processo de formação de palavras denominado composição “utiliza a estruturação sintática para fins lexicais e constitui-se num processo de função semântica, mas sem elementos semânticos em sua estrutura, e tem por objetivo fundamental a denominação”. Com isso, não é de surpreender o fato de o processo de composição se situar muito mais “no nível do lexical, do coloquial, do regional”, do que o processo de derivação, “que é mais frequente na língua formal e mais estável em suas produções” (BASÍLIO, 1989, p. 34).

Foram encontrados no *corpus* deste trabalho topônimos formados pelo processo de *composição por justaposição*: **Capim-branco** (córrego em Alcinópolis) e **Taquaramirim** (rio em São Gabriel do Oeste). Não ocorreram topônimos formados por composição por aglutinação.

Apesar de as línguas serem flexíveis quanto à formação de novas palavras, tem-se, vinculado a isso, um problema central: o fato de “encontrarmos no léxico formações regulares ao lado de formações cristalizadas, onde podemos observar uma enorme

³⁸ Os exemplos de topônimos apresentados neste item foram retirados do *corpus* desta pesquisa, isso significa, também, que todos os municípios registrados nesses exemplos pertencem ao Estado de Mato Grosso do Sul.

variação de estágios de não-regularidade, desde as pequenas sub-regularidades e desvios até a irregularidade total” (BASÍLIO, 1989, p. 20). Isso decorre do caráter polissêmico das palavras que “emprestam” seu radical à formação de outras palavras. Segundo a autora, esse problema configura-se como

uma situação típica do léxico, ou seja, a situação em que temos várias formas construídas de vários elementos, na qual elas evoluem semanticamente como um todo, mas suas partes continuam morfológicamente inalteradas (e) como consequência, passamos a ter formas cuja significação tem pouco ou nada a ver com o que se poderia esperar pelas características morfológicas da construção (BASÍLIO, 1989, p. 21).

Ainda ao tratar da evolução semântica em desacordo com a permanência morfológica, a autora aponta que essa não é a única causa para o descompasso entre a significação das palavras e a função que assume os elementos formadores: “outra causa seria a multiplicidade de processos que podem afetar uma construção; ou na utilização/disseminação de situações naturais de metáfora e extensão de sentido, ou na presença insuspeitada de funções em certos formativos” (BASÍLIO, 1989, p. 21-22).

Assim, as dificuldades no estudo do léxico são compreensíveis porque os processos regulares se misturam com os resultados de cadeias de extensões de sentido, com os acidentes históricos e com funções regulares ainda não conhecidas.

A formação e a estrutura dos topônimos seguem esses mecanismos, uma vez que há ocorrência de topônimos formados tanto pelo processo de derivação quanto pelo de composição. Como exemplos, podem ser citados os topônimos: **Pastinho** (cabeceira em Jaraguari; designativo formado pelo processo de derivação sufixal: past(o)+inho); **Ipezal** (distrito de Angélica; designativo formado pelo processo de derivação sufixal: ipê+(z)al); **Vassourão** (córrego em Costa Rica; designativo formado pelo processo de derivação sufixal: vassour(a)+ão); **Capim-branco** (córrego em Alcinópolis; designativo formado pelo processo de composição por justaposição) e **Taquara-mirim** (rio em São Gabriel do Oeste; designativo formado pelo processo de composição por justaposição).

Dick (1990b, p. 10), ao discutir a questão da estrutura dos topônimos, assevera que,

tradicionalmente, o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização de nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma

relação binômica, que se pode posicionar para melhor distinguirem os seus termos formadores.

Acrescenta ainda que, dessa associação, pode-se depreender dois elementos básicos: o que se convencionou denominar *termo ou elemento genérico* – aquele que diz respeito ao acidente geográfico que receberá a denominação -, e o outro, *termo ou elemento específico* - o topônimo propriamente dito; aquele que particularizará o acidente, identificando-o e singularizando-o dentre outros semelhantes. Cabe o registro de que ambos os termos atuam no sintagma toponímico de forma *justaposta* ou *aglutinada*, “conforme, portanto, a natureza da língua que os inscreve” (DICK, 1990b, p. 10).

A posição de Basílio (1989, p. 31) acerca do processo de composição ratifica a posição teórica defendida por Dick (1990b, p. 13) acerca do topônimo composto:

um ser, uma entidade, uma substância, etc, é denominado a partir de suas características objetivas mais relevantes. No caso da composição temos uma primeira classificação geral, correspondente ao núcleo da composição, e um elemento particularizante correspondente ao especificador. Em alguns casos, o significado é transparente. Mais frequentemente, a forma composta descreve as características gerais do objeto de nomeação, que passa então a ser o referente da forma composta, embora nesta possam deixar de figurar elementos essenciais.

Ainda sobre a estrutura dos topônimos, Dick esclarece que é fora de dúvida que a qualidade dos designativos geográficos brasileiros será de variada natureza conforme seja a motivação envolvida, semanticamente, de acordo com a maior ou menor preferência do denominador, ou segundo a inclinação de seu espírito. Assim, segundo sua formação, o *topônimo simples*, ou elemento específico simples, “é aquele que se faz definir por um só formante podendo, contudo, se apresentar também acompanhado de sufixações [diminutivas, aumentativas ou de outras procedências linguísticas]” (DICK, 1990a, p. 13). No *corpus* desta pesquisa, ilustram esse processo exemplos como: **Bananalzinho** (córrego em Alcinópolis); **Limoeiro** (córregos em Amambai, Nova Andradina e Sidrolândia); **Caarapozinho** (córrego em Caarapó); **Laranjeiras** (vila em Paranhos, córrego em Ponta Porã e cabeceira em Nioaque); **Arrozal** (córregos em Anastácio, Bela Vista [2 ocorrências], Coxim e Sidrolândia, e vazante em Corumbá) e **Perobão** (córregos em Iguatemi e Japorã).

Também a mesma autora (DICK, 1990b, p. 13-14), referindo-se ao *topônimo composto*, ou elemento específico composto, esclarece que “é aquele que se apresenta

com mais de um elemento formador, de origens diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo, gerando, por isso, às vezes, formações inusitadas que, talvez, apenas a história local poderá elucidar, convenientemente”. São exemplos de topônimos compostos: **Árvore Grande** (córregos em Cassilândia, Paranaíba e Santa Rita do Pardo); **Mata Velha** (cabeceira em Jaraguari); **Arroz Doce** (córrego em Selvíria) e **Floresta Negra** (povoado em Japorã), coletados dentre muitos outros do *corpus* deste trabalho.

Dick (1990b, p. 14) define, ainda, o *topônimo híbrido*, ou elemento específico híbrido, “aquele designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências”. Neste estudo, esse fenômeno pode ser verificado em sintagmas toponímicos como: **Laranjaí, do** (cabeceira em Juti [2 ocorrências]), formado por *laranja*, do português, mais o radical *í*, do guarani, representando o fonema /y/, que significa “água, rio, líquido” (Bueno, 2008); **Capão Bonito** (povoado em Aral Moreira e córregos em Campo Grande e Ponta Porã), formado por *capão*, do tupi “*caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 215), mais o adjetivo português *bonito*; **Capim Verde** (povoado em Bandeirantes), formado por *capim*, do tupi “*caapii*, a planta de folha fina; a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 215), mais o adjetivo *verde*, do português; **Buritizinho** (córregos em Anastácio, Camapuã, Chapadão do Sul, Coxim e Nioaque [2 ocorrências] e cabeceira em Sidrolândia), formado por *buriti*, do tupi “*burity*, corr. *mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira (*Mauritia Vinifera*, Mart) Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 209), mais o sufixo português *-(z)inho*, indicador de diminutivo.

Em outras circunstâncias, e por simples mecanismos designativos, pode não haver termos específicos nos acidentes geográficos, utilizados para particularizá-los, pois essa função é exercida tão somente pelo termo genérico que reúne simultaneamente as duas categorias: a de determinado e a de determinante.

Portanto, ao abordar essa característica da toponímia, Dick (1990b, p. 11) pondera que o mecanismo que atribui uma qualidade a um referente nem sempre é uma constatação segura porque pode ocorrer de o acidente geográfico ser único na região e, desse modo, serão desnecessárias as “complementações referenciais”. Ainda segundo a mesma autora, em outras circunstâncias, o acidente é tão significativo para os habitantes daquela comunidade que lhe atribuir outra(s) característica(s) seria “desvirtuá-lo” ou privar-lhe do seu “caráter de plenitude enfática”, marcado pelo nome comum, mas tornado próprio na fala do povo que assim o denomina.

O toponimista venezuelano, Salazar-Quijada (1985, p. 21), referindo-se aos topônimos simples, esclarece que “se denominan Topónimos Simples, aquellos que constan solamente de elementos específicos, independientemente del número de palabras que posean”³⁹; ou seja, na concepção desse estudioso, quando nenhuma das palavras formantes do topônimo incluírem termos geográficos, o topônimo será considerado *simples*, e exemplifica com “Caracas, Maracay, Guarenas, etc.”. Continua sua assertiva esclarecendo que “en caso de que el toponimo sea Rio Caribe, que tiene dos palabras, pero está acotado a un centro poblado del Estado Sucre, nos estamos refiriendo a un toponimo simples”⁴⁰, significando que rio, nesse contexto, não está definindo o acidente, não está cumprindo o papel de termo geográfico, então, simplesmente se trata de um topônimo simples formado por duas palavras. E acrescenta que isso é o que “igualmente ocurre con San Juan de Los Morros o San José de El Ávila, que son topónimos simples de cinco palabras”⁴¹.

E ao tratar da estrutura dos topônimos compostos, esse autor argumenta que “Topónimos Compuestos são aquellos que constan de dos elementos: *un elemento genérico y un elemento específico*”⁴² (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 22) e explica que o elemento genérico é um termo geográfico que indica a classe do acidente – rio, córrego, morro, porto, etc – e o elemento específico é a denominação do acidente propriamente dita. Então os designativos “Orinoco, Manamo, El Ávila, San Juan, Cabello” são considerados elementos específicos, e río, cerro, morro, porto, que nos permitem precisar o tipo ou a classe do acidente, são os elementos genéricos. Assim, esses elementos genéricos, conjuntamente com os elementos específicos Orinoco, Manamo, El Ávila, San Juan y Cabello, “integran los topónimos compuestos: Rio Orinoco, Cano Manamo, Cerro El Ávila, Morro de San Juan o Puerto Cabello”⁴³ (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 22).

³⁹ “denominam-se Topônimos Simples aqueles que constam somente de elementos específicos, independientemente do número de palavras que possuam” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21) (TN).

⁴⁰ “em caso de que o topônimo seja Rio Caribe, que tem duas palavras, mas está delimitado a um centro povoado do Estado Sucre, estamos nos referindo a um topônimo simples” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21) (TN).

⁴¹ “igualmente ocurre con San Juan de Los Morros ou San José de El Ávila, que são topônimos simples de cinco palavras” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21) (TN)

⁴² “Topónimos Compuestos aqueles que constam de dois elementos: um elemento genérico e um elemento específico” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 22) (TN).

⁴³ “integran los topónimos compuestos: Rio Orinoco, Cano Manamo, Cerro El Ávila, Morro de San Juan ou Porto Cabello” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 22) (TN)

São claras as diferenças conceituais entre Dick e Salazar-Quijada, no que se refere à definição de topônimos simples e compostos. Enquanto Dick (1990b, p. 13) considera como topônimo simples apenas o elemento específico – “aquele que particularizará o acidente, identificando-o e singularizando-o dentre outros semelhantes” (DICK, 1990b, p. 10), aquele definido por um só formante, Salazar-Quijada (1985, p. 21) caracteriza como topônimo simples aquele que consta somente do elemento específico, independentemente de quantas palavras o formem.

Assim, o topônimo *Rio Verde de Mato Grosso* (hidrotopônimo, AH, município sul-mato-grossense) seria classificado por Dick como um topônimo composto em virtude de o elemento específico do sintagma toponímico ser formado por cinco palavras. Já para Salazar-Quijada, esse topônimo seria da categoria simples formado por cinco palavras. Quanto aos topônimos compostos, os dois autores também apresentam diferenças relevantes quanto à conceituação. Enquanto para Dick (1990b, p. 13-14) topônimo composto é o aquele em que o elemento específico é formado por mais de um formante, Salazar-Quijada (1985, p. 22) o concebe como o nome com os elementos genérico e específico soldados de forma indissociável. Ou seja, *ribeirão Capim Branco* (fitotopônimo, AF, ribeirão em Camapuã – MS), para Dick seria considerado topônimo composto por ser o elemento específico formado por duas palavras. Todavia, Salazar-Quijada classificaria esse mesmo topônimo como composto por trazer agregado em si o elemento genérico *ribeirão*. Nesta pesquisa, como já assinalado, adotamos a posição teórica de Dick (1990a).

Pelo exposto pode ser observado que, no que se refere aos estudos toponímicos, de modo geral, ainda há muito a pesquisar, discutir, realizar. Sem dúvida, trata-se de um tema instigador para estudos, cujos resultados podem ajudar na reconstituição de aspectos etnolinguísticos, sociais e do próprio ambiente.

O terceiro capítulo deste estudo aborda aspectos da Lexicografia, ciência que se ocupa da confecção de obras lexicográficas.

CAPÍTULO III

LEXICOGRAFIA: DOS DICIONÁRIOS GERAIS AOS DICIONÁRIOS ONOMÁSTICOS

Este Capítulo discute fundamentos teórico-metodológicos da Lexicografia, ciência do léxico que orienta a construção e a análise das obras lexicográficas, tais como dicionários, glossários e vocabulários. Também apresenta, conceitua e discute diversos tipos de obras lexicográficas e, por fim, apresenta e analisa oito dicionários onomásticos, direta ou indiretamente voltados à Toponímia.

3.1 A Lexicografia em foco: alguns fundamentos

Inicialmente é preciso considerar que “o interesse pela linguagem data da antiguidade clássica” (GUIMARÃES, 2001)⁴⁴, todavia, só a partir do século XIX, com o advento da Filologia, é que os estudos linguísticos tornam-se científicos. Com o decorrer dos tempos surgem novas teorias para explicar e estudar os fenômenos linguísticos. Na óptica da Linguística, a ciência da linguagem, língua e linguagem estão immanentemente ligadas, não se concebendo uma sem a outra. Logo, a língua é o próprio elemento de comunicação social, pois não há sociedade sem linguagem ou sem comunicação. E se a língua é social, a fala é individual, e para que a fala se socialize é necessário obedecer a regras sociais de acordo com os códigos estabelecidos.

A fala é, para alguns, o impulso rumo à expressão; para outros, identifica-se com o ato linguístico. Por sua vez, a língua “é o sistema abstrato que governa o falar” (COSERIU, 1979, p. 34). Diante do exposto, sabe-se que a língua é uma realidade abstrata e que como atividade linguística concreta só existem os atos de fala (e da escrita). Como bem assinala Coseriu (1979, p. 35),

língua e fala não podem ser realidades autônomas e nitidamente separáveis, visto que, por um lado, a fala é a realização da língua e, por outro, a língua é condição da fala, constitui-se sobre a base da fala e só na fala se manifesta concretamente.

⁴⁴ GUIMARÃES, Eduardo. *Os estudos sobre linguagens: uma história das ideias*. Texto publicado em 2001 – SBPC/LABJOR Brasil. Disponível em <http://www.comciencia.br> contato@comciencia.br. Acesso em 20/02/2010

Assim, linguagem faz parte da história do homem e é expressa por palavras que constituem o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Com isso, deve-se considerar que o sistema lexical de uma comunidade é um dos maiores responsáveis pela disseminação da história, da ideologia, das crenças acumuladas pelos indivíduos que formam essa comunidade. Quando se refere ao léxico de uma língua, Biderman (1998b, p. 12) pondera que:

o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras.

Portanto, considera-se que os aspectos do mundo real de uma comunidade são refletidos nas palavras que constituem o sistema lexical da língua falada por essa comunidade. Com isso, o estudo do léxico de uma língua torna-se necessário para que se conheça mais sobre a história da humanidade, e esse estudo é realizado pela Lexicologia, “uma ciência antiga e que tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 1998b, p. 14).

Como já mencionado, os estudos sobre o léxico de uma língua remontam à Antiguidade. A seguir traçamos um breve panorama sobre os mais significativos estudos da linguagem desenvolvidos, com a finalidade de apresentar/contextualizar o percurso dos estudos lexicológicos e lexicográficos através dos tempos.

Um dos estudos mais antigos sobre o léxico “remonta ao séc. IV a.C. e vem da Índia, com Panini, que em sua gramática estudou o sânscrito e definiu elementos significativos da língua como *palavras reais* – as *lexias* – e *palavras fictícias* – os morfemas” (ABBADE, 2003, p. 716). No ocidente, devemos aos gregos as primeiras reflexões conhecidas envolvendo o léxico: “os gregos alicerçaram o campo da Semântica quando, ao se preocuparem com a palavra como conceitos, relacionaram *idéia* e *forma* partindo de reflexões filosóficas” (ABBADE, 2003, p. 717).

A contribuição dos latinos que desenvolveram estudos gramaticais foi mostrando a oposição entre *sistema* (gramática da língua) e *norma* (uso social efetivo), que atuam como forças que conservam a língua, ao mesmo tempo em que lhe permitem mudanças. Na Idade Média, continuando a tradição greco-latina, retoma-se a controvérsia acerca da exatidão das palavras, opondo *realistas* (as palavras são apenas reflexo das idéias) e

nominalistas (os nomes foram dados arbitrariamente às coisas). Do Renascimento até o século XVIII, o estudo do léxico se desenvolveu basicamente em torno de dois eixos: a) confecção de dicionários; b) estudo da palavra, numa perspectiva filosófica. Apesar de existirem, desde a Antiguidade, listas lexicais tais como os ideogramas chineses, lista de palavras aparentadas, dentre outras, foi no século XVI, no ocidente, que se inicia a descrição ordenada do léxico. E, com a invenção da imprensa, no século XV, por Johann Gutenberg, surgem os dicionários monolíngues e plurilíngues. Já os estudos filosóficos sobre a palavra acabaram por influenciar os gramáticos da época que procuravam definir os fatores constitutivos da linguagem e das línguas. “Nasce a Lexicologia que estudava a língua falada, analisando-se o conteúdo lexical em elementos conceituais (sentido “básico” da palavra), funcionais (sentido “específico”) e morfossintáticos (sentido “acidental”), e defendendo o aspecto formal e histórico da palavra, subordinados aos aspectos semântico e sócio-cultural” (ABBADE, 2003, p. 717).

Biderman (1981, p. 131) pronuncia-se a respeito do estudo do léxico, ou “da ciência da Lexicologia”, esclarecendo que essa ciência

tem uma longa tradição na Linguística Românica. No final do século XIX e primeira metade do século XX algumas províncias dessa ciência tiveram muitos cultores que produziram trabalhos de grande prestígio, particularmente em três áreas: a) a semântica evolutiva ou histórica das palavras; b) o domínio conhecido como de “palavras e coisas”; c) a geografia linguística. Embora privilegiando diversos tipos de enfoques, essas três áreas sempre relacionaram o léxico à cultura.

A mesma autora ainda considera que antes que a Linguística monte um modelo para analisar a estrutura e a combinatória do léxico é necessário ater-se a um problema mais básico que é a questão primitiva: “existe uma unidade léxica?” (BIDERMAN, 2001a, p. 97). Muitos linguistas apresentam esse questionamento como um dos mais sérios, digno de estudos e discussões a respeito e manifestam a necessidade de distinguir *lexia*, unidade léxica, *vocábulo* e *palavra*. Abbade (2003, p. 718) manifesta-se a esse respeito expondo que “algumas distinções são fundamentais para os estudos lexicológicos, dentre essas, a distinção básica entre os termos *palavra*, *lexia* e *vocábulo*”. Para muitos, esses termos seriam uma espécie de sinônimos, não haveria “maiores distinções” entre eles. O termo mais genérico seria “palavra” e os outros –

“lexia” e “vocábulo” - seriam empregados de forma mais científica. Essa mesma autora acrescenta que:

A palavra é uma unidade significativa, mas a sua significação não é só lexemática, pode também ser morfemática, isto é, gramatical. A lexia, ao contrário, tem significação externa ou referencial, ou seja, apenas lexemática. A sua referência pode ser as coisas concretas ou abstratas (ABBADE, 2003, p.718).

Relativo, ainda, a essa questão, e de acordo com o pensamento de Biderman (1998a, p. 83), o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto, ele é relativo e varia de língua para língua, ou seja, só se pode identificar uma unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior da língua onde essa unidade léxica está sendo utilizada. Também expõe que “os linguistas não sabem definir a palavra, nem tampouco delimitá-la numa definição universal” tanto que “Garcia de Diego cognominava a palavra de ‘fantasma da linguagem’” (BIDERMAN, 2001a, p. 100).

Percebe-se, com isso, que essa questão é, de fato, bastante complexa uma vez que, até os dias atuais há, ainda, muitas discussões acerca da conceituação do termo palavra, o quando de sua utilização e a diferença entre os termos “palavra”, “vocábulo” e “lexia”.

E ainda que não haja uma definição unânime acerca dos termos “palavra”, “vocábulo” e “lexia”, os dicionários continuam a ser produzidos com a finalidade de auxiliar o consulente a entender, descrever e/ou significar os termos ali constituídos. E, apesar de os dicionários serem os meios mais conhecidos e/ou utilizados para o estudo das palavras, não são apenas os lexicógrafos, aqueles que elaboram os dicionários, que as estudam. As “Ciências do Léxico”, ciências afins que têm o léxico como objeto de estudo, são: a) *Lexicologia* – a ciência que estuda o léxico em todas as suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais; b) *Lexicografia* – *grosso modo* é ciência que se dedica ao estudo e à elaboração de dicionários e glossários; c) *Terminologia* – ciência que estuda os termos de natureza técnico-científica.

Lexicologia é a disciplina linguística que se ocupa do estudo do léxico nas suas diferentes estruturas e estuda todos os aspectos relacionados com as unidades de primeira articulação, ou seja, as unidades dotadas de duas faces, significante e significado. Devemos distinguir a Lexicologia da Lexicografia, disciplina que se ocupa da feitura de dicionários, contudo, as contribuições daquela são de grande interesse para esta.

Quanto à *Lexicografia*, como já anteriormente mencionado, é uma ciência instrumental que tem como finalidade a elaboração ou compilação de dicionários, porém, essa conceituação se apresenta muito simples quando pensada, verdadeiramente, a prática lexicográfica. A finalidade de uma obra lexicográfica é, na percepção do usuário, a de, simplesmente, dirimir dúvidas a respeito de determinada língua: ortografia, gramática, regência, etimologia, etc, e, ainda, prestar esclarecimentos sobre o significado de palavras pouco utilizadas. De acordo com Bevilacqua e Finatto (2006, p. 44-45), essa “visão” do dicionário como “fonte de soluções imediatas para determinadas dúvidas de uso da norma culta da língua”, produziu – e fez prevalecer – a ideia de que um dicionário é uma lista de palavras, com determinadas informações sobre as mesmas, e, conseqüentemente, de elaboração relativamente fácil. Contudo,

para além dessa percepção utilitária tão imediata, em que pese a complexidade das funções citadas, é relativamente fácil antever que um dicionário, em geral, supera a singela função de “tira-dúvidas”. Afinal, é também um repositório ou de registro de todo um patrimônio sociocultural configurado pela língua, de modo que oferece bem mais do que respostas simples para dúvidas de grafia ou de regência verbal. Mas, com certeza, esse “a mais” contido em um dicionário só será descoberto pelo consulente da obra, independentemente do seu tipo ou natureza, à medida que ele saiba reconhecer as diferentes nuances de informação oferecidas em um verbete. Esse reconhecimento, naturalmente, requer um bom aprendizado (BEVILACQUA; FINATTO, 2006, p. 45).

Ou seja, o labor lexicográfico é algo que requer, além de capacidades científicas “tão espetaculares como agudeza de espírito, fantasia, coerência e juízo crítico”, muitas outras virtudes discretas, como aquelas que animam os mais aplicados artífices, tais como “paciência, assiduidade, constância, precisão nos pormenores e – por último mas não em ínfimo lugar – uma grande paixão de colecionador” (WEINRICH, 1979, P. 314 *apud* BEVILACQUA; FINATTO, 2006, p. 45).

Assim, a afirmação de que a *Lexicografia* é, *tão somente*, a ciência que trata da confecção de dicionários já não é mais aceita pelos estudiosos do léxico, quer se trate de lexicólogos, lexicógrafos ou terminólogos.

Manifestando-se a respeito da conceituação da *Lexicografia*, Azorín Fernández (2003, p. 47) esclarece que:

Como en todo dominio aplicado, en el de la lexicografía confluyen muchos de los resultados y hallazgos procedentes de otros campos de investigación. Al ser el fin último de la lexicografía la producción de diccionarios, esto es, la confección de obras de consulta donde se

describen los sentidos y usos de las palabras, no es extraño que sean, sobre todo, las diversas parcelas de los estudios lingüísticos las que contribuyan a crear ese espacio multidisciplinar donde trabaja la lexicografía⁴⁵.

A assertiva de que a Lexicografia é mais que elaboração de dicionários já fora defendida por Rey-Debove (1994 *apud* AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 47-48) quando assinala a tripla originalidade da Lexicografia, que consiste em:

1. *sintetizar las investigaciones* que se llevan a cabo sobre todos los aspectos que conciernen al léxico. Grafías, pronunciación, etimología, propiedades sintácticas, morfológicas, semánticas, sociales, estilísticas, etc;
2. al ser una disciplina aplicada se halla *sometida al principio cuantitativo*, es decir, la descripción que hace el diccionario abarca la totalidad de una lengua, estado de lengua o variedad de esta;
3. por último, *produce obras de consulta* que deben permitir al lector comprender las palabras y emplearlas correctamente, esto es, obras cuyo discurso metalingüístico no desemboca en una teoría, sino sobre el lenguaje primario funcional de cada individuo⁴⁶.

Mesmo considerando a Lexicografia bem mais que elaboração ou compilação de dicionários, essas são atividades que competem à Lexicografia e em nenhum momento ou lugar fugiu-se disso, ao contrário. Biderman (1998b, p. 15), por exemplo, ao conceituar Lexicografia, após uma brilhante explanação sobre o assunto, sentencia: “é a ciência dos dicionários”.

Sabe-se que a confecção de dicionários é uma atividade muito antiga, porém, a maneira como eram feitos na Antiguidade e na Idade Média era muito diferente da que prevaleceu nos tempos modernos. O período medieval conheceu a produção de dicionários monolíngues, do tipo tesouro (*thesaurus*) que, segundo Haensch (1982, p. 97),

registran todas las palabras u otras unidades léxicas que se presentan en los textos de ciertas personas (por lo general escritores, poetas, etc),

⁴⁵ Como em todo domínio aplicado, na lexicografia confluem muitos dos resultados e achados procedentes de outros campos de investigação. A ser o fim último da lexicografia, a produção de dicionários, isto é, a confecção de obras de consulta donde se descrevem os sentidos e usos das palavras, não é estranho que sejam, sobretudo, as diversas parcelas dos estudos lingüísticos que contribuem para criar esse espaço multidisciplinar onde trabalha a lexicografia (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 47). (TN)

⁴⁶ 1. sintetizar as investigações que se levam a cabo sobre todos os aspectos que concernem ao léxico. Grafias, pronúnciação, etimologia, propriedades sintáticas, morfológicas, semânticas, sociais, estilísticas, etc;

2. por ser uma disciplina aplicada se acha submetida ao princípio quantitativo. Isto é, a descrição que faz o dicionário abarca a totalidade de uma língua, estado de língua ou variedade desta;

3. por último, produz obras de consulta que devem permitir ao leitor compreender as palavras e empregá-las corretamente, isto é, obras cujo discurso metalingüístico não desemboca em uma teoria, e sim sobre a linguagem primária funcional de cada indivíduo (REY-DEBOVE, 1994 *apud* AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003. p. 47-48). (TN)

representativos de la lengua de una coletividad humana en una época determinada, o incluso en todos los textos conocidos de una lengua de una coletividad humana em una época determinada⁴⁷.

Geralmente esses dicionários não adotavam um arranjo por ordem alfabética, ao contrário, as entradas eram agrupadas conforme o sentido – palavras que diziam respeito às atividades da fazenda, nomes de frutas, e assim por diante. A bem dizer, essas obras tampouco poderiam ser consideradas dicionários, antes, eram listas de palavras que serviam a determinados fins. Segundo Welker (2004, p. 63), os gregos instauraram a sua Lexicografia com a confecção de listas de palavras e expressões de difícil entendimento, voltadas, sobretudo, à língua grega, porque esse povo não demonstrava o menor interesse por qualquer outra língua que não a sua. Desde então, muitas transformações ocorreram com os trabalhos lexicográficos até se chegar ao modelo de dicionário que se tem na atualidade. O fato é que a Lexicografia foi se desenvolvendo como prática textual e se expandindo, passando a fazer parte dos livros didáticos – que traziam em suas páginas os glossários referentes aos textos que os formavam – para a compreensão dos textos e a tradução de línguas. A partir da utilização dos glossários em larga escala, como produto de interesse relevante para toda uma comunidade, esses se tornaram modelos para a elaboração dos dicionários (WELKER, 2004, p. 63).

O desenvolvimento da Lexicografia direcionou-se, pois, à construção de listas de palavras – de determinados campos semânticos, voltadas a diversos setores da sociedade e que serviam também para um aprendizado bilíngue, uma vez que passavam de língua para língua, sobretudo, considerando o Latim e as listas de palavras antigas, difíceis, homônimos, sinônimos, que eram desenvolvidas em uma língua dada. (NUNES, 2006, p. 48).

Foi a partir do Renascimento que surgiram os dicionários das línguas maternas, os dicionários monolíngues, e é nesse momento que a prática lexicográfica começa a se estabelecer. Por sua vez, a ciência Lexicografia é impulsionada por vários fatores, dentre os quais, o surgimento da imprensa, a expansão territorial, as viagens, o comércio entre as nações, o intercâmbio entre línguas de diferentes origens, que influenciaram sobremaneira o seu fortalecimento.

⁴⁷ Registran todas as palabras e outras unidades léxicas que se apresentam nos textos de certas pessoas (geralmente escritores, poetas, etc.), representativos da língua de uma coletividade humana em uma época determinada, ou incluso em todos os textos conhecidos de uma língua de uma coletividade humana em uma época determinada (HAENSCH, 1982, p. 97). (TN)

Nunes (2002, p. 48) cita grandes obras lexicográficas que foram produzidas nessa época: *Dictionarium seu linguae Latinae Thesaurus* (1531); *Lexicon Latino-Hispânico* (1492) e *Vocabulário Hispano-Latino* (1495), bilíngues, latim-vernáculo e escritos por Nebrija; *Léxicon Latinum, Variarum Linguarum interpretatione adjecta*, plurilíngues, escritos por Ambrogio Calepino (1502). Essas obras muito colaboraram para a divulgação da Lexicografia em toda a Europa. Em Portugal, o primeiro dicionário data de 1569 e é da autoria de Jerônimo Cardoso. A seguir, foram produzidas as obras *Dictionarium lusitano-latinum*, de 1611, escrito por Agostinho Barbosa e o *Thesouro da Língua Portuguesa*, de Bento Pereira. Entretanto, é tida como a principal obra lexicográfica de língua portuguesa o *Vocabulário portuguez e latino*, de Rafael Bluteau. Segundo Murakawa (2007, p. 236),

Bluteau inicia o período da produção dicionarística baseado em corpus de referência construído a partir das obras, sobre os mais diversos assuntos, produzidas entre os séculos XV e XVIII em língua portuguesa. Além disso, Bluteau adota procedimento inovador registrando exemplificação abonada e acompanhada de completa informação bibliográfica como autor, data da obra, página, volume, parágrafo, etc.

A obra de Rafael Bluteau serviu de modelo para a elaboração do primeiro dicionário exclusivamente português, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio Moraes Silva, publicado em 1789 que, de acordo com Biderman (1984, p. 5), “constitui um marco na lexicografia portuguesa” porque “muito avançado para os padrões lexicográficos da época” e, também, porque “apesar de baseado na obra de Bluteau, libertou-se de seu modelo, ampliou consideravelmente a obra [...] e apurou o trabalho lexicográfico”. Em 1813, houve o enriquecimento da obra para a publicação da segunda edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*, a que é considerada a edição definitiva de Moraes Silva.

Verdelho (2002, p. 15), em seu artigo *Dicionários Portugueses: uma breve história*, faz uma reconstituição do surgimento dos dicionários na história, esclarecendo que se pode recuar a gênese dos dicionários para as escolas medievais do latim e que, desde o século XI, produziu-se, sobretudo na Itália, “uma espécie de pré-lexicografia que foi rapidamente divulgada entre as escolas monásticas de toda a Europa”. Acrescenta, ainda, que, em Portugal, conservam-se testemunhos manuscritos do *Elementarium* (c. 1050), de Papias, “que pode ser considerado como o primeiro arquétipo dos dicionários modernos”; do *Líber derivationum* (fins do século XII), de

Hugúcio de Pisa; do *Catholicon* (1286), de João Balbo; “e de outros textos medievais com informação lexicográfica essencialmente latina, mas que serviram de referência para o aparecimento dos primeiros glossários das línguas modernas” (VERDELHO, 2002, p. 15). E, mais particularmente, o mesmo autor manifesta-se sobre as obras Lexicográficas portuguesas, expondo que:

muitos textos medievais portugueses parecem ser construídos com a preocupação de fornecerem um fácil acesso à significação do seu próprio léxico, apresentando um estilo parafrástico, enquadrado por muitas palavras redundantes e frequentemente entretecido por verdadeiras definições lexicográficas. Os exemplos mais elucidativos poderão recolher-se nos textos jurídicos de Afonso X, tais como as *Partidas* e o *Foro Real* traduzidos do castelhano logo nos primeiros séculos da escrita em língua portuguesa. Os textos da Casa de Avis, e muito especialmente o *Leal Conselheiro* de D. Duarte, ofereceu também bons exemplos do fundo pré-dicionarístico que acompanhou o início da memória textual portuguesa. O *Leal Conselheiro* apresenta-se mesmo como obra do tipo paralexigráfica nas declarações introdutórias do próprio autor (VERDELHO, 2002, p. 16).

Acompanhando-se o “percurso” trilhado pela Lexicografia pela história, chegue-se à produção lexicográfica brasileira, sobre a qual Biderman (1999, p. 90) esclarece: “a nossa produção lexicográfica não fornece parâmetros seguros no tratamento da unidade lexical, e a identificação dos lemas pelos nossos dicionários é extremamente criticável, não podendo ser acatada em grande número de casos”. E sequencia essa afirmativa dizendo que a Lexicografia praticada no Brasil data de há muito tempo, mas sempre realizada com pouca ciência, e que, infelizmente, nossos dicionaristas foram nada mais que pessoas apaixonadas pela língua, que não detinham nenhuma ciência para a elaboração e/ou confecção de dicionários. Em outra obra, a mesma autora (BIDERMAN, 1998b, p. 15) argumenta que “é muito recente, pelo menos entre nós, o advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos”, portanto, ainda que a passos lentos, deve-se acreditar que a Lexicografia brasileira direciona-se ao ponto para onde deveria ter-se encaminhado desde o seu início: apoiada em ciência para produzir obras lexicográficas de qualidade e seguras em seu conteúdo.

Atentando-nos, ainda,, para as “ciências do léxico”, voltamo-nos agora à *Terminologia*, ciência que trata do léxico especializado, ou seja, trata das denominações técnicas de diferentes áreas de especialidade e cujo produto concreto é um dicionário terminológico, “obra que pode ser percebida como um produto imediato” que serve, tal

como o produto lexicográfico, para tirar dúvidas sobre o sentido de um “termo técnico” em uma área de saber específica, “mas também pode ser vista como um produto de reflexão e, ao mesmo tempo, resultado da metodologia derivada dessa reflexão, teoricamente embasada” (BEVILACQUA; FINATTO, 2006, p. 48). Um dicionário terminológico advém do reconhecimento terminológico, processo empreendido a partir de um *corpus* de referência, “segundo uma sistemática planejada” (BEVILACQUA; FINATTO, 2006, p. 48). Esse *corpus* representa uma linguagem especializada em uso e deve servir de fonte para que se reconheçam usos terminológicos em sua dimensão mais ampla, o que comporta padrões textuais, fraseológico, expressões cristalizadas, combinatórias frequentes ou específicas e, naturalmente, definições ou conceituações de termos.

Ao tratar da TGT (Teoria Geral da Terminologia), Cabré (*apud* BIDERMAN, 1998b, p. 17) assinala que:

A teoria geral da Terminologia baseia-se [...] na natureza do conceito, nas relações conceptuais, na relação termo-conceito e a atribuição de termos aos conceitos ocupam uma posição chave [nessa ciência]. Esse enfoque do conceito ao termo distingue o método de trabalho da Terminologia daquele que caracteriza a Lexicografia. Os terminógrafos, que são os práticos da Terminologia, têm por objeto a atribuição de denominações aos conceitos: atuam pois do conceito para o termo (processo onomasiológico); os lexicógrafos, práticos da Lexicografia, partem da denominação, que é a entrada do dicionário, e a caracterizam funcional e semanticamente, movem-se na direção contrária, do termo para o conceito (processo semasiológico).

Isso significa que, mesmo se considerando as diferenças, Terminologia e Lexicografia têm, entre si, pontos de confluência, até porque ambas tratam do estudo do léxico de uma língua. E ainda que a Terminologia volte-se a um léxico de especialidades, “essa linguagem técnica ou científica não corresponde a uma língua à parte da língua cotidiana, mas perfaz um uso seu que a torna peculiar, especializada, em uma dada situação de comunicação” (BEVILACQUA; FINATTO, 2006, p. 48).

3.1.1 Obras lexicográficas: tipologia e conceituação

A classificação das obras lexicográficas constitui-se numa tarefa árdua e não são poucos os problemas com os quais se esbarra quem se propõe à elaboração ou à classificação, uma vez que esses problemas são tanto teórico-linguísticos quanto

práticos. De acordo com Haensch (1982, p. 95), “en la disciplina lingüística que constituye la lexicografía, se ha ido perfilando una serie de tipos parciales y especiales de labor lexicográfico”⁴⁸, e acrescenta ainda que “varios autores han intentado establecer una clasificación más o menos rigurosa de los distintos tipos de obras lexicográficas”⁴⁹. Na realidade, é muito difícil realizar uma classificação de tipos de obras lexicográficas porque, em primeiro lugar, não só os critérios linguísticos, mas também os fatores históricos e culturais influem no nascimento e no desenvolvimento dos diversos tipos de obras lexicográficas; em segundo lugar, porque as obras lexicográficas existentes apresentam uma combinação de aspectos pertencentes a categorias de classificação totalmente diferentes. Portanto,

una caracterización de los diferentes tipos de obras lexicográficas que se pueden distinguir de hecho ha de partir, primero, de la historia de la lexicografía, en segundo lugar, de los trabajos lexicográficos existentes y, en grado menor, de criterios teórico-lingüísticos (HAENSCH, 1982, p. 96)⁵⁰.

Já Souto e Pascual (2003, p. 55) esclarecem que os lexicógrafos geraram, ao longo dos séculos, uma infinidade de obras lexicográficas sob títulos diversos, como *dicionário*, *vocabulário*, *tesouro*, *léxico*, etc., porém, a experiência e o contato com outras obras lexicográficas fê-los perceber que um mesmo tipo de repertório (como, por exemplo, um inventário de regionalismos, um catálogo de termos técnicos, etc) poderia ser rotulado com, no mínimo, dois ou três dos títulos supracitados. Quanto à precisão terminológica referente ao(s) título(s), os mesmos autores (2003, p. 55) esclarecem que se o termo dicionário tem atuado como um hiperônimo de todos os subgêneros e produtos lexicográficos, também, e em mesmo grau, existe o fato de obras como vocabulário e glossário não possuírem uma precisão concernente à sua classificação.

Obras lexicográficas como dicionários, glossários e vocabulários possuem, entre si, uma diferença tênue e, geralmente, são consideradas de uma tipologia ou outra pela sua extensão, conforme expõe Haensch (1982, p. 127): “un criterio externo de clasificación de las obras lexicográficas, que tiene cierta importancia práctica, es su

⁴⁸ Na disciplina linguística que constitui a lexicografia, foi se perfilando uma série de tipos parciais e especiais de trabalho lexicográfico (HAENSCH, 1982, p. 95). (TN)

⁴⁹ Vários autores tentaram estabelecer uma classificação mais ou menos rigorosa dos distintos tipos de obras lexicográficas (HAENSCH, 1982, p. 95). (TN)

⁵⁰ Para uma caracterização dos diferentes tipos de obras lexicográficas que se podem distinguir de fato, há de se partir, primeiro, da história da lexicografia e, em segundo lugar, dos trabalhos lexicográficos existentes e, em grau menor, de critérios teórico-linguísticos (HAENSCH, 1982, p. 96). (TN)

formato y extensión y, condicionados por hechos, el número de entradas que contiene”⁵¹.

Ou seja, de acordo com a finalidade à qual se destina a obra lexicográfica é que se dará a sua classificação, pois o percurso histórico da Lexicografia demonstra que a criação dos diferentes tipos de obras lexicográficas, bem como as denominações que lhes foram dadas, “foram condicionadas pela evolução sociocultural, inclusive por modas e gostos, mais que por critérios teórico-linguísticos”⁵² (HAENSCH, 1982, p. 127). Com isso, o mais indicado para distinguir os diferentes tipos de obras lexicográficas é perguntar quais características a obra reúne, “aplicando uma série de critérios de ordem prática em cada caso individual”⁵³ (HAENSCH, 1982, p. 126), em vez de atribuir-lhes um nome estereotipado, incapaz de refletir as características distintas de cada uma.

Esse mesmo autor elenca vários tipos de obras lexicográficas e esclarece que os diferentes modos de ser de uma língua, bem como os diferentes aspectos de descrição linguística são critérios linguísticos fundamentais para se realizar uma tipificação dessas obras. Como codificações lexicográficas, cujo objeto de estudo são os discursos individuais, apresenta os glossários, dicionários ou vocabulários de obras literárias; como codificações lexicográficas do discurso coletivo, apresenta os *thesaurus*, que “registram todas las palabras u otras unidades léxicas que se presentan en los textos de ciertas personas [...] o incluso en todos los textos conocidos de una lengua de una colectividad humana en una época determinada (HAENSCH, 1982, p. 97)⁵⁴

Por sua vez, referindo-se à questão da tipificação das obras lexicográficas, Souto e Pascual (2003, p. 57) asseveram que

la realidad cotidiana del manejo y la consulta de los diccionarios coexiste con la dificultad de formular una definición satisfactoria, integradora y rigurosa de estos repertorios; su heterogeneidad, los variados objetivos con que se elaboran las diversas necesidades a que

⁵¹ Um critério externo de classificação das obras lexicográficas, que tem certa importância prática, é o seu formato e sua extensão e, condicionado a isso, o número de entradas que contém (HAENSCH, 1982, p. 127). (TN)

⁵² “fueron condicionadas por la evolución sociocultural, incluso por modas y gustos, más que por criterios teórico-linguísticos” (HAENSCH, 1982, p. 126) (TN).

⁵³ “aplicando una serie de criterios de orden práctico en cada caso individual” (HAENSCH, 1982, p. 126) (TN).

⁵⁴ “que registram todas as palavras e outras unidades léxicas que se apresentam nos textos de certas pessoas [...] inclusive em todos os textos conhecidos de uma língua de uma coletividade humana em uma época determinada”⁵⁴ (HAENSCH, 1982, p. 97).

atienden y sus distintos soportes, explican, entre otros factores, las múltiples definiciones que acompañan al término diccionario⁵⁵.

Assim, tem-se que um dicionário é uma compilação de palavras de uma língua, quase sempre dispostos por ordem alfabética e com a respectiva significação ou a sua versão em outra língua. Cada dicionário possui classificações em harmonia com objetivos e finalidades didáticas aos quais se compromete em abranger. Isso muito se deve a uma constante necessidade de atender aos diversificados níveis e áreas de conhecimento, o que resulta na minuciosa classificação dos diferentes dicionários disponíveis que conhecemos hoje.

Baseando-nos na conceituação realizada por Haensch (1982, p. 98-102), a respeito das diversas tipologias de dicionários, apresentamos algumas dessas tipologias, bem como tecemos alguns comentários sobre cada uma delas. A saber:

- a) *dicionários gerais da língua* – são de versão extensa ou com adaptação a uso escolares. Possuem um considerável número de palavras definidas em suas várias acepções e significados;
- b) *dicionários de regionalismos e/ou dicionários de jargões* – são característicos de um subsistema e consideram o papel do emissor linguístico tanto quanto o do receptor;
- c) *dicionários onomasiológicos* – são os que partem de conceitos e determinados materiais, indicando os significantes linguísticos correspondentes;
- d) *dicionários ortoépicas* – são aqueles, cuja missão específica consiste em dar indicações sobre o uso de significantes léxicos dentro de um sistema linguístico; dá indicações sobre a pronúncia dos significantes léxicos;
- e) *dicionários ortográficos* - são aqueles, cuja missão específica consiste em dar indicações sobre o uso de significantes léxicos dentro de um

⁵⁵ A realidade cotidiana do manejo e consulta dos dicionários coexiste com a dificuldade de formular uma definição satisfatória, integradora e rigorosa destes repertórios: sua heterogeneidade, os variados objetivos com que se elaboram as diversas necessidades atendidas e seus distintos suportes explicam, entre outros fatores, as múltiplas definições que acompanham o termo dicionário (SOUTO e PASCUAL, 2003, p. 57) (TN)

sistema linguístico; dá indicações sobre a grafia dos significantes léxicos;

- f) *dicionários semasiológicos* – consideram essencialmente o papel do receptor linguístico; o procedimento semasiológico parte do significante léxico para indicar conteúdos realizados ou virtuais; o significante se indica, geralmente, com a orografia vigente dentro de uma comunidade linguística, porém, se pode representar também mediante transcrição fonética, que representa a forma oral da língua. São exemplos de dicionários semasiológicos os *dicionários de fraseologia* e os *dicionários de vozes estrangeiras*;
- g) *dicionários plurilíngues* – se propõem a indicar não só o conteúdo dos significantes, mas também possibilidades de tradução para outras línguas. Segundo o número de línguas que entram em um dicionário, se distinguem: *dicionários monolíngues* (apenas uma língua) e *dicionários plurilíngues* que, por sua vez, se subdividem em *dicionários bilíngues* (duas línguas) e *dicionários multilíngues* (mais de duas línguas);
- h) *dicionários de sinônimos* e *dicionários de antônimos* – definem o significado das palavras mediante equivalências ou afinidades (palavras sinônimas) e significados opostos (palavras antônimas). Baseiam-se nas relações estruturais dentro do léxico de um sistema linguístico;
- i) *dicionário histórico* – é um dicionário semasiológico que descreve as fases anteriores de evolução de sistemas linguísticos coletivos;
- j) *dicionário etimológico* – fornecem a origem de cada palavra através de sua formação e evolução. Segue a evolução de um sistema linguístico coletivo; segue a evolução formal de um significante através dos séculos e, também, a troca quanto ao conteúdo, considerando as unidades léxicas semanticamente relacionadas com as codificadas.

Além dos dicionários supracitados, ainda existem outros que se propõem a atender diversas finalidades como dúvidas e dificuldades de uma língua, de frases feitas,

de provérbios, de gírias e expressões regionais, etc. Porém, de maneira geral, pode-se afirmar que

existe un diccionario u otro trabajo lexicográfico en el que no tengan en cuenta varios aspectos. Ya hemos observado que, a menudo, es difícil establecer una separación estricta entre los aspectos descriptivos y normativos. Se ha de observar, sin embargo, que junto con los diccionarios puramente descriptivos [diccionarios de uso] existen diccionarios cuya finalidad es claramente normativa [‘prescriptiva’ o ‘preceptiva’] (HAENSCH, 1982, p. 102-103)⁵⁶.

Haensch (1982, p. 103) menciona, também, as enciclopédias, tipo de obra lexicográfica em que não se explica a relação existente entre o significante léxico e o seu conteúdo, mas “sino los conocimientos humanos sobre determinadas materias que se agrupan en artículos mediante significantes lingüísticos que figuran como lemas”⁵⁷. Acrescenta que, quando se combinam, em um dicionário, a descrição enciclopédica e a descrição linguística, surgem os *dicionários enciclopédicos*.

Por seu turno, Welker (2004, p. 45) aponta que “o *dicionário* trata das ‘palavras’ enquanto a *enciclopédia* trata das ‘coisas’”. E a diferença entre uma e outra dessas obras é definida por Jackson (2002 *apud* WELKER, 2004, p. 45), esclarecendo que:

O dicionário é um livro de consulta sobre palavra. É um livro sobre uma língua. Seu primo mais próximo é a enciclopédia, mas esta é um livro sobre coisas, pessoas, lugares e idéias, um livro sobre o ‘mundo real’, não sobre a língua. Nem sempre é fácil distinguir entre dicionário e enciclopédia, e muitas vezes, elementos de um [desses tipos de livro] encontram-se também no outro. Porém, eles não têm a mesma lista de entradas – dificilmente encontra-se *parecer* numa enciclopédia – e eles não fornecem a mesma informação sobre as entradas que têm em comum.

Também Biderman (1984, p. 11-16) apresenta a seguinte tipologia de obras lexicográficas: 1) *dicionário padrão da língua ou dicionário de uso da língua*; 2) *dicionário ideológico*; 3) *dicionário histórico*; 4) *dicionário especial*; 5) *dicionário inverso* e esclarece que, numa sociedade diversificada socialmente como a atual, que exhibe muitas classes sociais, coexistem variedades diastráticas diversas, e que, embora o

⁵⁶ Existe um dicionário ou outro trabalho lexicográfico em que não tenham em conta vários aspectos. Já observamos que, com frequência, é difícil estabelecer uma separação estrita entre os aspectos descritivos e normativos. Há de se observar, no entanto, que junto com os dicionários puramente descritivos [dicionários de uso] existem dicionários cuja finalidade é claramente normativa [‘prescriptiva’ ou ‘preceptiva’] (HAENSCH, 1982, p. 102-103). (TN)

⁵⁷ “sim os conhecimentos humanos sobre determinadas matérias que se agrupam em artigos mediante significantes lingüísticos que figuram como lemas” (HAENSCH, 1982, p.103) (TN).

dicionário privilegie a língua escrita, ele deve descrever também os diferentes níveis de linguagem, os registros sociais e, desse modo, não só identificar o vocabulário e os usos marcados como típicos da linguagem culta e formal, mas também o da linguagem coloquial, “apontando os itens lexicais característicos de um uso popular, vulgo, chulo, as gírias e palavras e expressões obscenas” (BIDERMAN, 1997, p. 166).

É sabido que cada dicionário tem sua organização e suas finalidades específicas e é recomendável uma interação com o conteúdo de cada obra lexicográfica para um melhor aproveitamento da obra. Embora as informações sobre a língua em seu conjunto sejam objeto dos dicionários gerais de palavras e enciclopédicos, vários dicionários especializados podem trazer enfoque linguístico (*dicionários de sinônimos, analógicos, etimológicos*) ou enciclopédico (*dicionários de psicologia, de informática, de cinema ou de literatura*). Os dicionários usualmente trazem uma relação das abreviaturas utilizadas e dos sinais de pontuação específicos, que é importante conhecê-los para otimizar seu manuseio.

É importante, também, que o consulente adquira as habilidades de manuseio de uma obra lexicográfica e tenha algum conhecimento a respeito da sua composição, uma vez que

um dicionário é constituído de entradas lexicais, ou lemas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um referente do universo extralinguístico. A lista total desses lemas constitui a nomenclatura do dicionário, a sua macroestrutura. Quanto ao verbete, essa microestrutura tem como eixos básicos a definição da palavra em epígrafe e a ilustração contextual desse mesmo vocábulo, quer através de abonações por contextos realizados na língua escrita ou oral, quer através de exemplos. (BIDERMAN, 1998, p. 16).

Atualmente, no Brasil, o Dicionário *Aurélio*⁵⁸ é tido como “sinônimo” de dicionário de uso da língua, e sobre essa obra lexicográfica, Biderman (2000), no seu trabalho *Aurélio: sinônimo de dicionário?* (2000), após várias críticas ao modelo lexicográfico produzido por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (críticas essas voltadas ao uso de palavras obsoletas, exclusivamente literárias; à nomenclatura, variedades linguísticas, gírias, termos populares; às inadequações dos verbetes, etc), conclui seu trabalho observando que “se ele (*o dicionário Aurélio*) não tivesse méritos,

⁵⁸ *Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*, “que modestamente se intitula ‘aprendiz de lexicografia’” (BIDERMAN, 2000, p. 29), publica, em 1975, a 1ª edição do seu *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, dicionário de uso geral da língua; em 1986, a 2ª e em 2001, a 3ª – Aurélio Século XXI. Apesar das críticas recebidas, o “Dicionário Aurélio” é, certamente, a obra lexicográfica mais (re)conhecida e a mais consultada em todo o Brasil.

não teria alcançado o sucesso que obteve” e sequencia dizendo que “também é verdade que seu sucesso é parcialmente pela ausência de concorrentes” (BIDERMAN, 2000, p. 52). Por fim, rende suas homenagens “ao mestre que, laboriosa e dignamente, auxiliou gerações de brasileiros a entender melhor sua língua e a escrever com mais propriedade” (BIDERMAN, 2000, p. 53).

Ademais, existem outras obras lexicográficas, não muito reconhecidas pelo público, mas que trazem sua contribuição à lexicografia brasileira, como é o caso do Dicionário *Houaiss*, de Antônio Houaiss⁵⁹.

Após o exame de diversos tipos de obras lexicográficas, percebe-se a importância de um dicionário onomástico, mais particularmente voltado aos topônimos de uma localidade. Esse tipo de obra, além de registrar os nomes próprios designativos dos acidentes geográficos – físicos e/ou humanos – de uma região, bem como a localização de cada um desses acidentes, também servirá para consulta àqueles que necessitarem informações sobre a etimologia do topônimo e a causa – ou a possível causa – de o acidente ter recebido tal denominação. Desse modo, uma obra dessa natureza contribui para o resgate social, histórico e cultural do povo que habitou a região onde tais topônimos se encontram. Considerando-se que o produto final deste estudo será o *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses*, o tópico seguinte aborda os dicionários onomásticos, apresentando e discutindo conceitos e modelos desse tipo de obra.

3.1.2 Os dicionários onomásticos (toponímicos)

Os dicionários onomásticos, incluídos geralmente na categoria dos dicionários de especialidades, contribuem para o resgate social, histórico e cultural de um povo. Entretanto, “a despeito de sua importância para o registro dos nomes próprios de pessoas e lugares, não têm sido objeto frequente de investigação por parte de pesquisadores que se dedicam ao estudo do léxico”. Em sua maioria, os dicionários onomásticos existentes não foram elaborados por especialistas, antes, “foram produzidos por filólogos, estudiosos de línguas indígenas e, não raras vezes, por curiosos [...]”. “Faz-se necessário que esses dicionários sejam objetos de apreciação,

⁵⁹ O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* é um dicionário de uso da língua portuguesa, elaborado pela equipe coordenada pelo filólogo *Antônio Houaiss*, cuja primeira edição foi lançada em 2001, no Rio de Janeiro, pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia

estudo e elaboração dos lexicógrafos, os especialistas no tratamento de obras lexicográficas, até porque, os dicionários onomásticos, mesmo se encaixando na categoria de “dicionários especiais”, utilizam as unidades lexicais que, no conjunto, constituem o universo lexical da língua. Ratificando essa assertiva, Cabré (1998, p. 38 *apud* BEVILACQUA; FINATTO, 2006, p. 49) assinala que “as regras gerais que governam o funcionamento do léxico são as mesmas que governam os termos” e acrescenta ainda que “não temos uma língua diferente da língua portuguesa do Brasil na comunicação técnico-científica”.

Isquerdo e Castiglioni (2008, p. 291–292) esclarecem que a produção de dicionários de uso da língua – monolíngues e bilíngues – é de longa tradição, e mais recentemente, as obras lexicográficas de natureza terminológica abundam entre as pesquisas terminológicas, mas os dicionários onomásticos “continuam carecendo do olhar dos lexicógrafos”. Isso significa que a produção dessas obras ocorre em escala mínima, ficando aberta essa lacuna no referencial das produções lexicográficas.

O tratamento dos nomes próprios, tanto de pessoas quanto de lugares, objetos de estudo da Antroponímia e da Toponímia, respectivamente, gera muita polêmica até quanto à definição desses nomes. E, ainda, aspectos afetos a essa categoria de signos geram controvérsias na questão da referência e do significado, dentre outras. Conforme argumenta Brito (2003 *apud* ISQUERDO; CASTIGLIONI, 2008, p. 292),

contemporaneamente, o tema dos nomes tem sido tratado em filosofia, sobretudo com vistas ao esclarecimento da função referencial que lhe é típica. [...] O que torna a questão dos nomes tão entrelaçada com outros temas da filosofia, como a metafísica, a ontologia e teoria do conhecimento, como se vê no diálogo de Platão, é que por meio dos nomes, que são signos linguísticos, nos referimos ao mundo.

Ratificamos que o “batismo” de pessoas e lugares – quando a esses são aplicados nomes que lhes particularizarão dentre os demais elementos de suas espécies – reflete a visão do mundo de determinado grupo, seus valores, suas crenças, ideologias, tradições, enfim, aspectos que singularizam a sociedade, o meio onde esse grupo se encontra. Desse modo, estudar os nomes próprios é apropriar-se de dados que podem esclarecer aspectos da história política, econômica, social e cultural de uma sociedade. Assim, a obra conceituada como um *dicionário onomástico* trata dos nomes próprios, diferentemente dos dicionários de uso da língua geral, cujo foco é o léxico da língua comum.

Ao considerar a relação entre vocabulário comum e de nomes próprios, Dick (1999 *apud* ISQUERDO; CASTIGLIONI, 2008, p. 293-294) esclarece que,

embora sendo formas aplicadas em um campo específico do conhecimento (onomástica), os nomes próprios compartilham das modificações estruturais dos demais lexemas e comportam a mesma categorização dos fenômenos comuns ao sistema lexical. Mas porque se referem à experiência de outros domínios, como suportes de um organismo estruturado, sujeitam-se a reformulações conceituais, não apenas intra-código como extra-código. Nesse âmbito é que se revela, de modo mais explícito, a forma pela qual o grupo gerador do designativo manifesta o seu entendimento sobre a percepção real e a qualidade do dado percebido [...].

Reportando-nos, novamente, às tipologias das obras lexicográficas, reiteramos que os dicionários onomásticos geralmente são classificados como dicionários especiais. Welker (2004, p. 35-54), por exemplo, enumera e conceitua algumas tipologias de obras lexicográficas e ratifica a proposição de Scerba (1940), defendendo que os nomes próprios deveriam constar tanto em dicionários como em enciclopédias, mesmo que as informações sejam diferentes em uma obra e outra.

Para a elaboração do *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses*, além da análise da teoria lexicográfica que trata do assunto, fomos buscar subsídios em obras lexicográficas sobre nomes próprios a que tivemos acesso: 1) *Dicionário de toponimos españoles y sus gentilicios* (GOMARIZ, 2002); 2) *Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi – significado dos nomes brasileiros de origem tupi* (TIBIRIÇA, 1985); 3) *Toponímia Brasileira* (CARDOSO, 1961); 4) *Opúsculos* (VASCONCELOS, 1931) e 5) *Glossário de Topônimos do Bolsão Sul-Mato-Grossense* (CASTIGLIONI, 2008).

Castiglioni, em sua dissertação de Mestrado (2008), como anteriormente registrado, apresentou como produto o *Glossário de Topônimos do Bolsão Sul-mato-grossense* e também realizou uma análise contrastiva de sete obras: 1) *Dicionário de toponimos españoles y sus gentilicios* (GOMARIZ, 2002); 2) *Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi – significado dos nomes brasileiros de origem tupi* (TIBIRIÇA, 1985); 3) *Toponímia Brasileira* (CARDOSO, 1961); 4) *Opúsculos* (VASCONCELOS, 1931); 5) *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa* (MACHADO, s/d); 6) *Dicionário glossográfico e toponímico da documentação sobre Angola séculos XV – XVII* (PARREIRA, 1990) e 7) *Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto Amazonas* (AMAZONAS, 1982). Logo, além das considerações realizadas sobre as cinco obras às quais tivemos

acesso, valemo-nos, também, das considerações feitas por Castiglioni (2008) acerca das obras que só pudemos conhecer através dessa autora⁶⁰ para elaborar o quadro a seguir, que apresenta uma síntese de oito obras e pontua características relativas à arquitetura de cada uma delas.

TÍTULO	HISTÓRICO	MACROESTRUTURA	MICROESTRUTURA
1. Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa	Uma obra de José Pedro Machado, s/d.	A obra apresenta uma nota prévia na qual o autor esclarece sobre as categorias dos nomes que integram o dicionário: os nomes próprios, sobrenomes, apelidos, alcunhas, epítetos, cognomes, topônimos, mitônimos, astrônimos, usados nos países de língua portuguesa. Na sequência apresenta uma vasta lista de abreviaturas e siglas que ocupam oito páginas. A seguir, inicia-se o dicionário, cuja nomenclatura vem organizada por ordem alfabética e, como último item da macroestrutura, são apresentadas as referências bibliográficas.	Nos verbetes, logo após a entrada, é identificada a categoria do nome próprio: “Abaetetuba, topônimo (top)”; em seguida aparece a localização do topônimo, seguido das possíveis variações do nome, da indicação das diferentes obras e documentos escritos, nas quais o topônimo foi citado, da etimologia, que é acompanhada por observações do autor a respeito da evolução do nome, bem como da citação de excertos de obras em que o topônimo ocorra. No caso de topônimo indígena, é informada a tradução para o português. Apenas alguns verbetes contêm remissivas e contemplam como itens obrigatórios apenas a localização e a etimologia.
2. Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto Amazonas	Uma obra de Lourenço Silva Araújo e Amazonas, publicada em 1852, em Recife – Pernambuco. A 2ª edição data de 1982 e foi a descrita neste trabalho.	Um dicionário formado, em sua maioria, por topônimos de acidentes físicos e humanos da região amazônica e por alguns outros vocábulos. É composto por uma apresentação, uma lista de abreviaturas, seguido do dicionário propriamente dito, organizado em ordem alfabética, da errata e de uma tabela com estatísticas da Comarca do Alto Amazonas, dividido por regiões representadas pelos rios Negro, Solimões e Amazonas. Essa tabela indica o tipo de acidente humano, sua respectiva localização com	O dicionário apresenta a entrada (o topônimo) em negrito seguido de dois pontos para iniciar o texto do verbe. São <i>itens obrigatórios</i> da microestrutura o tipo do acidente, a localização e informações geográficas, detalhadas ou resumidas. Como <i>itens não obrigatórios</i> aparecem: informações históricas, que podem ser extensas, como no verbe <i>Amazonas</i> , que ocupa dez páginas, ou resumidas, como em <i>Abacaxi</i> , que não ultrapassa quatro linhas. O

⁶⁰ As obras às quais não tivemos acesso e que, conseqüentemente, só pudemos conhecer por meio da análise de Castiglioni (2008, p. 49-60) foram: 1) *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa* (MACHADO, s/d); 2) *Dicionário glossográfico e toponímico da documentação sobre Angola séculos XV – XVII* (PARREIRA, 1990) e 3) *Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto Amazonas* (AMAZONAS, 1982).

		relação ao rio Jamundá; além disso, informa a população da Comarca (número de habitantes divididos por etnias: brancos, mamelucos, indígenas, mestiços e escravos). Não contém o item bibliografia.	autor não insere todos os acidentes nomeados pelo mesmo topônimo em um mesmo verbete e não relaciona dois topônimos com remissivas. O autor não seguiu uma ordem de critérios para a organização da nomenclatura do dicionário.
3. Opúsculos – Volume III - Onomatologia	José Leite de Vasconcelos, 1931.	A obra “Opúsculos” não pode ser verdadeiramente classificada como uma obra lexicográfica com as características de um dicionário. Não apresenta uma macroestrutura que deva ser considerada e segue dois critérios: 1) nomes de lugar classificados por línguas e 2) categorias de nomes segundo as causas que lhes deram origem (fauna, flora, natureza do solo, história, religião, etc.).	Na parte destinada aos nomes de lugar classificados por línguas, o autor registra exemplos de alguns topônimos originários dessas línguas e descreve as fases da formação do nome. Já ao tratar da categoria de nomes segundo as causas que lhes deram origem, o autor cita exemplos distribuídos segundo a categoria do nome: “nomes provenientes da agricultura: Roças, Baceto, Baltrigal, (...)”.
4. Toponímia Brasília – Glossário	Uma obra de Armando Levy Cardoso, de 1961, que traz três glossários de topônimos: o glossário de topônimos de étimos caribes; o glossário de topônimos de étimos aruacos e o glossário de topônimos de étimos bororos. Nessa obra, o autor não tem como intenção principal organizar um dicionário, mas apenas esclarecer o significado de étimos menos conhecidos na toponímia do Brasil.	A obra é constituída da apresentação – elaborada pelo próprio autor -, e dos três glossários que apresentam um repertório lexical indígena composto, cada um, por uma língua diferente.	Os verbetes que integram esses glossários informam o tipo de acidente, a localização, o étimo do topônimo e a bibliografia consultada. Em alguns verbetes são acrescentadas informações enciclopédicas após a localização do topônimo.
5. Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi – significado dos nomes brasileiros de origem tupi.	Trabalho pioneiro no âmbito da lexicografia toponímica brasileira, publicado em 1985 (1ª ed.), de autoria de Luis Caldas Tibiriçá. O autor,	A obra traz apresentação e prefácio, onde o autor esclarece que ainda que o objetivo da obra seja sanar as dificuldades de interpretação dos consulentes, seria impossível descrever cada localidade com todas as suas características em apenas um	A estrutura dos verbetes é formada com a entrada seguida do tipo do acidente, localização e a etimologia do topônimo. Esses três itens integram todos os verbetes das duas partes da obra. A tradução dos topônimos de língua indígena para a língua

	<p>na apresentação da obra, ressalta a dificuldade de elaboração de um dicionário de topônimos de origem indígena, salientando que não menos importante que conhecer o linguajar familiar, os hábitos e crenças dos indígenas, é necessário saber declinar verbos do tupi antigo e do nheengatu.</p>	<p>verbetes. Apresenta, também, uma lista de abreviaturas e é dividida em três partes: o dicionário de topônimos de origem tupi, um dicionário de topônimos de outras procedências indígenas e um glossário de palavras, nomes e termos de origem indígena, não apenas de base tupi. A parte da obra que apresenta o glossário, além de formado por palavras de origem tupi, também contém algumas traduzidas do guarani e ainda outras que resultaram da alteração de palavras portuguesas e de outras procedências indígenas, introduzidas no tupi.</p>	<p>portuguesa é apresentada em todos os verbetes, exceto em <i>Aquidauana</i>, que traz apenas o tipo de acidente, a localização e a etimologia. Em alguns verbetes há o registro do histórico do nome; grande parte dos verbetes registra o item alteração, não necessariamente seguido de uma explicação gramatical; topônimos com variações ortográficas que designam o mesmo lugar aparecem em entradas diferentes sem remissivas; nos casos de topônimos que não têm origem tupi, essa informação é registrada no verbete; em várias traduções do indígena para o português, há referências a pesquisas de outros autores; em outros verbetes, o autor da obra insere a sua interpretação sobre o item lexical que deu origem ao verbete.</p>
<p>6. Dicionário glossográfico e toponímico da documentação sobre Angola séculos XV – XVII</p>	<p>Uma obra de Parreira, editada e publicada em 1990, na cidade de Lisboa – Portugal.</p>	<p>A obra apresenta prefácio, introdução, lista de abreviaturas, verbetes organizados em ordem alfabética e referências bibliográficas. A obra é dividida em duas partes: glossográfica e toponímica. A parte glossográfica trata dos vocábulos que deixaram de ser utilizados na língua portuguesa (escrita ou falada), como também os que tinham um significado distinto do que têm na atualidade, auferidos na documentação de Angola nos séculos XV – XVII. A parte toponímica do dicionário focaliza os dados de natureza geográfica sobre Angola, também referidos na documentação dos séculos XV e XVII.</p>	<p>Os verbetes da parte destinada à Toponímia são organizados de modo bastante complexo, não evidenciando uma sistematização. Após a entrada, o tipo de acidente e a localização são itens obrigatórios, na sequência o autor organiza os “diversos significados do topônimo”, antecidos por números, todavia, em alguns verbetes, a informação que vem depois desse número não pode ser definida como “significado”, porque apresenta o histórico do topônimo, informações enciclopédicas e outros nomes que designam o mesmo local. Topônimos que têm alguma variação ortográfica ganham uma entrada nova, com a remissiva.</p>
<p>7. Dicionário de topônimos espanhóis y sus gentilicios.</p>	<p>Editado em Madrid - Espanha, no ano de 2002, de autoria de Pancrácio Celdrán Gomariz; reúne 15.000 topônimos de</p>	<p>A obra contém explicação, introdução, verbetes formados por topônimos e gentilícios organizados em ordem alfabética; um quadro com 1.405 topônimos com a respectiva localização, além</p>	<p>Os verbetes contêm elementos obrigatórios: o gentílico referente ao lugar, a localização geográfica e a etimologia do topônimo. Entre os itens não obrigatórios, o dicionário</p>

	acidentes humanos da Espanha. É uma obra específica, que trata da toponímia. espanhola	dos gentílicos da Espanha que não foram mencionados como verbetes; bibliografia e uma lista dos mesmos gentílicos já presentes na microestrutura.	registra o contexto onde o topônimo aparece.
8 - Glossário de Topônimos do Bolsão Sul-Mato-Grossense	Uma obra inédita de Ana Cláudia Castiglioni, concluída em 2008 como Dissertação de Mestrado, e defendida no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.	A obra contém, em seu capítulo III, os procedimentos metodológicos utilizados para a elaboração do Glossário. A macroestrutura do Glossário é formada por 763 topônimos organizados em ordem alfabética; todos os topônimos estudados receberam tratamento lexicográfico e os que aparecem mais de uma vez no <i>corpus</i> , designando acidentes geográficos diferentes, foram registrados na mesma entrada, com a devida indicação da localização dos acidentes nomeados; topônimos que não se enquadraram em nenhuma das 27 taxionomias elaboradas por Dick (1992) foram excluídos, bem como os designativos não localizados nos mapas oficiais. O Glossário constitui o IV capítulo da dissertação e reúne 763 topônimos; compreende das páginas 77 a 241, de uma obra cuja quantidade de páginas é de 279, no total.	A estrutura dos verbetes do <i>Glossário de Topônimos do Bolsão Sul-Mato-Grossense</i> foi construída com base nos elementos contemplados na ficha lexicográfico-toponímica, preenchida para cada topônimo do <i>corpus</i> . O verbete possui como <i>dados obrigatórios</i> : topônimo, indicação do acidente geográfico, do tipo de acidente, da localização em termos de microrregião, taxionomia, origem, estrutura morfológica e nota; e <i>dados opcionais</i> : gentílico, nomes anteriores, variante lexical, etimologia, nota contendo o histórico do topônimo, de informações enciclopédicas, localização do acidente no mapa, contexto e remissiva.

Quadro III – Dicionários onomásticos: algumas considerações

Considerando as leituras feitas sobre tipologia e organização de dicionários e os aspectos/características de obras lexicográficas, mais particularmente dos dicionários onomásticos, elaboramos uma proposta de glossário onomástico, pautando-nos nas informações registradas na ficha toponímica, relativa aos *fitotopônimos*, disponível no Banco de Dados do Projeto ATEMS para definir um modelo de microestrutura dos verbetes do *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses*, e que é parte integrante deste trabalho, apresentado no Capítulo IV desta dissertação. E considerando-se, também, que pautamo-nos mais proximamente na proposta de Castiglioni (2008) para a elaboração da nossa proposta de Glossário, apresentamos, a seguir, um quadro comparativo entre essas duas obras.

CASTIGLIONI (2008)	CAZAROTTO (2010)
Modelos de verbete	Modelos de verbete
<p>Cedro Designativo de dois córregos (AF) no município de Paranaíba – MS, microrregião de Paranaíba, classificado como um <i>fitotopônimo</i>. Nome de base portuguesa, de estrutura simples, formado pelo substantivo masculino <i>cedro</i>. Cf. Cedro (do) Nota: O córrego Cedro nasce no município de Paranaíba, sendo afluente do córrego Marimbondo.</p> <p>Cedro, do Designativo de um córrego (AF) e um ribeirão (AF) no município de Cassilândia – MS, microrregião de Cassilândia, classificado como <i>fitotopônimo</i>. Nome de base portuguesa, de estrutura simples, formado pela preposição <i>do</i> e pelo substantivo <i>cedro</i>. Cf. Cedro Nota: O ribeirão do Cedro nasce no município de Cassilândia, cruza a rodovia MS 112 e é afluente da margem esquerda do ribeirão do Salto.</p> <p>Guarvira Designativo de um córrego (AF) no município de Três Lagoas – MS, microrregião de Três Lagoas, classificado como um <i>fitotopônimo</i>. Nome de base tupi, de estrutura simples, formado pelo substantivo feminino <i>guarvira</i>. Etim.: Guarvira: arbusto da família das poligonáceas (HOUAISS). Nota: O córrego Guarvira nasce no município de Três Lagoas e é afluente da margem direita do rio Sucuriú.</p> <p>Sapé Designativo de dois córregos (AF) no município de Paranaíba – MS. Microrregião de Paranaíba, de um córrego no município de Brasilândia - MS, microrregião de Três Lagoas, classificado como um <i>fitotopônimo</i>. Nome de base tupi, de estrutura simples, formado pelo substantivo masculino <i>sapé</i>. Etim.: de <i>iasa'pe</i>, planta da família das gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas (CUNHA, 1998). Cf. Sapé</p>	<p>Cedro [português; simples] Nome de um AH: lugarejo em Rio Verde de Mato Grosso; e de oito AF: um córrego em Alcinópolis, um arroio em Aral Moreira, um córrego em Dois Irmãos do Buriti, um em Figueirão, dois em Paranaíba, um em Ponta Porã e um em Sidrolândia. Espécie de planta originária do Brasil, o cedro atinge grande altura, 20 a 30 m, e 80 cm a 3 m de diâmetro. Madeira de lei de alta reputação, aproveitada para trabalhos de marcenaria. A casca, assim como outras partes da planta, tem cheiro forte, semelhante ao do alho (CRUZ, 1985). Cf. <i>Cedral; Cedro, do</i></p> <p>Cedro, do [português; simples] Nome de cinco AF: um córrego em Água Clara, um morro em Alcinópolis, uma cabeceira em Aral Moreira, um córrego e um ribeirão em Cassilândia e um córrego em Jateí. Espécie de planta originária do Brasil, o cedro atinge grande altura, 20 a 30 m, e 80 cm a 3 m de diâmetro. Madeira de lei de alta reputação, aproveitada para trabalhos de marcenaria. A casca, assim como outras partes da planta, tem cheiro forte, semelhante ao do alho (CRUZ, 1985). Cf. <i>Cedral; Cedro, do</i></p> <p>Guarvira [guarani; simples] Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. “Guavira – (subst.) (bot.) (<i>Campomanesia</i>) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens. No Mato Grosso do Sul há as espécies <i>Campomanesia adamantinum</i> e <i>Campomanesia pubescens</i>” (ASSIS, 2008). Variantes: Guavirá, Guavira. Cf. <i>Guavirá; Guaviraí; Guavira; Guaviral</i></p> <p>Nota: Assis (2008) registra, ainda, “guavirami/guavira – <i>Campomanesia adamantinum</i>, planta adstringente, anti-diarréica, relaxante, serve para aliviar dores musculares, através de banhos de imersão”.</p> <p>Sapé [tupi; simples] Nome de dezesseis AF: um córrego em Bandeirantes, em Bataguassu, em Brasilândia e em Campo Grande; uma cabeceira em Jaraguari, um córrego em Nova Alvorada do Sul e em Nova Andradina; uma ilha e dois córregos em Paranaíba, um córrego em Pedro Gomes, em Ribas do Rio Pardo, em Rio Brillante, em Rio Negro, em Rochedo e em Terenos. Espécie de planta da família das gramíneas, é herbácea e o caule mede de 50 a 80 cm de altura; as folhas são longas e</p>

<p>(do)</p> <p>Taquarizinho Designativo de um ribeirão (AF) no município de Costa Rica – MS, microrregião de Cassilândia, classificado como um <i>fitotopônimo</i>. Nome de base tupi, de estrutura simples, formado pelo substantivo masculino no grau diminutivo <i>taquarizinho</i>. Etim.: de <i>taquari</i>, planta da família das euforbiáceas (TIBIRIÇÁ, 1985); de <i>takua'ri</i>, taquaras+i, pequeno (CUNHA, 1998); <i>taquar-í</i>, a cana pequena, ou fina, o <i>taquaril</i> (SAMPAIO, 1928). Cf. Taquari, Taquari (do).</p>	<p>lanceoladas, as flores se ajeitam em panículas e o rizoma (raiz, na linguagem vulgar) é carnoso, branco, não muito grosso e apresenta nós em toda sua extensão (CORRÊA, 1984). “<i>Sapé</i>, corr. <i>eçá-pé</i>, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação” (SAMPAIO, 1987, p. 304). Cf. <i>Sapé</i>, do</p> <p>Taquarizinho [tupi+português; simples híbrido] Nome de três AF: um ribeirão em Alcínópolis, um em Costa Rica e um rio em Rio Verde de Mato Grosso. Espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas: uma árvore de 6-7,5 m de altura e dois colmos – um de 9-12 m de altura e o outro de 15-18 m de altura. Os colmos são conhecidos, também, por taquara (CORRÊA, 1984). “Taquari, corr. taquar-i, a cana pequena, ou fina, o taquaril” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Variante: Tacuarizinho CF. Tacuarizinho; Taquari; Taquari, do; Taquari Mirim; Taquaribe</p>
Características do Glossário	Características do Glossário
<p>A macroestrutura do Glossário é formada por 763 topônimos organizados em ordem alfabética; todos os topônimos estudados receberam tratamento lexicográfico e os que aparecem mais de uma vez no <i>corpus</i>, designando acidentes geográficos diferentes, foram registrados na mesma entrada, com a devida indicação da localização dos acidentes nomeados; topônimos que não se enquadraram em nenhuma das 27 taxionomias elaboradas por Dick (1992) foram excluídos, bem como os designativos não localizados nos mapas oficiais. O Glossário constitui o IV capítulo da dissertação e reúne 763 topônimos; compreende das páginas 77 a 241, de uma obra cuja quantidade de páginas é de 279, no total.</p> <p>A microestrutura do Glossário traz como informações sistemáticas (obrigatórias): <i>topônimo</i>; <i>acidente geográfico</i>; <i>tipo de acidente</i>; <i>localização</i>; <i>microrregião</i>; <i>taxionomia</i>; <i>origem</i>; <i>estrutura morfológica e nota</i>; como informações não-sistemáticas (opcionais): <i>gentílicos</i>; <i>nomes anteriores</i>; <i>variante lexical</i>; <i>etimologia</i>; <i>histórico</i>; <i>informações enciclopédicas</i>; <i>contexto e remissiva</i>. As informações a respeito da microestrutura do Glossário podem ser observadas nos modelos de verbetes descritos neste quadro.</p>	<p>A macroestrutura do Glossário é formada por 439 topônimos organizados em ordem alfabética; todos os topônimos que constituíram o <i>corpus</i> da pesquisa foram coletados do Banco de Dados do Projeto ATEMS e receberam tratamento lexicográfico. Os topônimos que aparecem mais de uma vez no <i>corpus</i>, designando acidentes geográficos diferentes e em diferentes localidades, foram registrados na mesma entrada, com a devida indicação do tipo e da categoria do acidente nomeado, bem como das localidades onde esses se encontram. Os designativos que não justificaram a sua inclusão na taxa dos fitotopônimos e/ou aqueles cuja base linguística não foi possível ser recuperada foram excluídos do <i>corpus</i>. O Glossário constitui parte do Capítulo V desta dissertação e reúne 439 fitotopônimos; compreende das páginas 154 a 306, de uma obra cuja quantidade de páginas é de 321, no total.</p> <p>A microestrutura do Glossário traz como informações sistemáticas (obrigatórias): <i>entrada (topônimo)</i>; <i>origem linguística</i>; <i>estrutura morfológica</i>; <i>tipo de acidente geográfico</i>; <i>localização geográfica do acidente nomeado</i>; <i>definição do topônimo de acordo com a definição do item lexical que deu origem ao topônimo, com base em informações registradas em dicionários de plantas</i>; as informações não-sistemáticas (opcionais) reúnem, quando disponíveis e/ou necessários, os itens: <i>definição do topônimo de acordo com dicionário de língua indígena, quando se tratar de topônimo de base linguística indígena</i>; <i>nota (informação enciclopédica)</i>, <i>variante e remissiva</i>.</p> <p>A microestrutura não apresenta a taxionomia do topônimo por se tratar de um estudo exclusivo de</p>

	fitotopônimos, uma classificação anteriormente definida. As informações a respeito da microestrutura do Glossário podem ser observadas nos modelos de verbetes descritos neste quadro.
--	---

Quadro IV – Paralelo entre os modelos de verbete do *Glossário de Topônimos do Bolsão Sul-Mato-Grossense* (CASTIGLIONI, 2008) e do *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses: uma proposta* (CAZAROTTO, 2010)

O quarto Capítulo, a seguir, apresenta as tendências da fitotoponímia sul-mato-grossense registradas nesta pesquisa.

CAPÍTULO IV

TENDÊNCIAS DA FITOTOPONÍMIA SUL-MATO-GROSSENSE: ANÁLISE PRELIMINAR

Este Capítulo analisa os fitotopônimos encontrados na toponímia sul-mato-grossense e apresenta os resultados alcançados neste estudo. Centra-se nos objetivos propostos e verifica a ocorrência dos estratos linguísticos registrados nos fitotopônimos desta pesquisa, bem como verifica os nomes de espécies típicas das formações vegetais características do Estado de Mato Grosso elevados à categoria de topônimos.

4.1 Apresentação e análise dos fitotopônimos

A análise considerou os topônimos que nomeiam tanto os acidentes físicos (*rios, riachos, córregos, cachoeiras, vazantes, cabeceiras, morros, etc.*) quanto os acidentes humanos (*municípios, vilas, distritos, povoados, aldeias, etc.*). Cada topônimo apresenta-se numa entrada informando os tipos e as categorias dos acidentes e dando a localização dos acidentes nomeados. Com relação à base linguística, os fitotopônimos sul-mato-grossenses são fortemente marcados por estratos da língua indígena representados pelo tupi e pelo guarani. Os municípios do Estado que fazem limite com o Paraguai, país limítrofe com o Brasil entre sul e oeste – *Porto Murtinho, Caracol, Bela Vista, Antônio João, Ponta Porá, Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Paranhos, Sete Quedas, Japorã e Mundo Novo* – evidenciam forte influência do guarani, a língua oficial do Paraguai, na base linguística dos *fitotopônimos* utilizados na nomeação dos acidentes físicos. Podem ser citados como exemplos: **Laranjaí**, designativo híbrido português-guarani, significando “rio da laranja”, nomeando um córrego em Antônio João, dois córregos em Juti, um córrego em Naviraí e um em Nova Andradina; **Nhum-Verá e Nhu-Verá**, “*nhum/nhu, campo*” (BUENO, 2008), dois córregos em Coronel Sapucaia; **Nhupeí**, córrego em Tacuru; **Nhu-Guaçu**, córrego em Paranhos; **Nhuatim**, dois córregos em Bela Vista; **Pacova**, “*pakova, banana, fruto da bananeira, fruta com polpa pastosa*” (ASSIS, 2008), um córrego em Iguatemi, um em Japorá e um em Naviraí; **Bocajá**, “casta de palmeira” (BUENO, 2008), um povoado em Douradina (AH), um povoado em Laguna Caarapã (AH), um córrego em Caracol, um em Juti e um em Iguatemi; **Curupai**, “angico-branco, árvore de madeira muito boa que serve para curtume” (ASSIS, 2008), uma cabeceira em Amambai, um córrego em Caracol, dois

córregos em Jateí e um córrego em Naviraí, dentre outros. A ocorrência de topônimos de origem guarani, na maioria dos municípios limítrofes com o Paraguai, pode ser explicada, sobretudo, pela presença de indígenas (e de áreas indígenas) em território municipal ou pelo fato de o guarani ser um dos idiomas oficiais e correntes do país vizinho. Conforme argumento de Tibiriçá (1989, p. 11),

é necessário que saibam que a língua guarani completa o tupi, com a qual forma um todo cromático. Ninguém pode se aprofundar nessa última se prescindir daquela. Além disso, o belo e harmonioso idioma de nossos irmãos paraguaios e de nossos velhos bandeirantes está tão vivo como nos primórdios da Conquista.

Ainda com relação à base linguística dos fitotopônimos, nota-se, também, grande incidência de nomes tupis na toponímia sul-mato-grossense, ou seja, apresenta a mesma tendência da toponímia brasileira quanto à presença significativa de designativos oriundos da língua tupi. Mas, havemos de nos perguntar o porquê dessa influência se as terras sul-mato-grossenses não eram habitadas pelos tupis. A resposta nos é dada por Sampaio (1987, p. 71) quando explica que

as bandeiras quase só falavam o tupi. E se, por toda parte onde penetravam, estendiam-se os domínios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a língua, a qual, só mais tarde se introduziu com o progresso da administração, com o comércio e os melhoramentos.

E as bandeiras eram formadas, em sua maioria, por índios previamente “domesticados” - “os carijós e os tupis engrossavam as expedições, sendo em número bem maior que os brancos (paulistas). E, embrenhados nas matas, prestavam auxílio no carregamento de bagagem, assim como no combate”. Mas, “as bandeiras não se davam somente em terra, como também podia ser pelos rios, onde canoas e jangadas eram construídas precariamente, visando superar os obstáculos hidrográficos”. Diante da possibilidade de navegação e “a fim de capturar os índios fugitivos do Guairá, também conhecidos por `gualachos`, as bandeiras entraram na região do atual Estado de Mato Grosso do Sul [...] pelo rio Jaraguari (rio Brilhante) ou Avinhema e Amambaí”⁶¹.

Isso nos leva à constatação de que o Estado de Mato Grosso do Sul recebeu influência linguística dos índios tupis, trazidos pelas bandeiras que desbravaram as então terras mato-grossenses.

⁶¹ Artigo de Thiago Bonfim Neves, disponível no site <http://www.meuartigo.brasilecola.com/historia-do-brasil/bandeiras-no-sul-de-mato-grosso.htm> . Acesso em 10/01/2010.

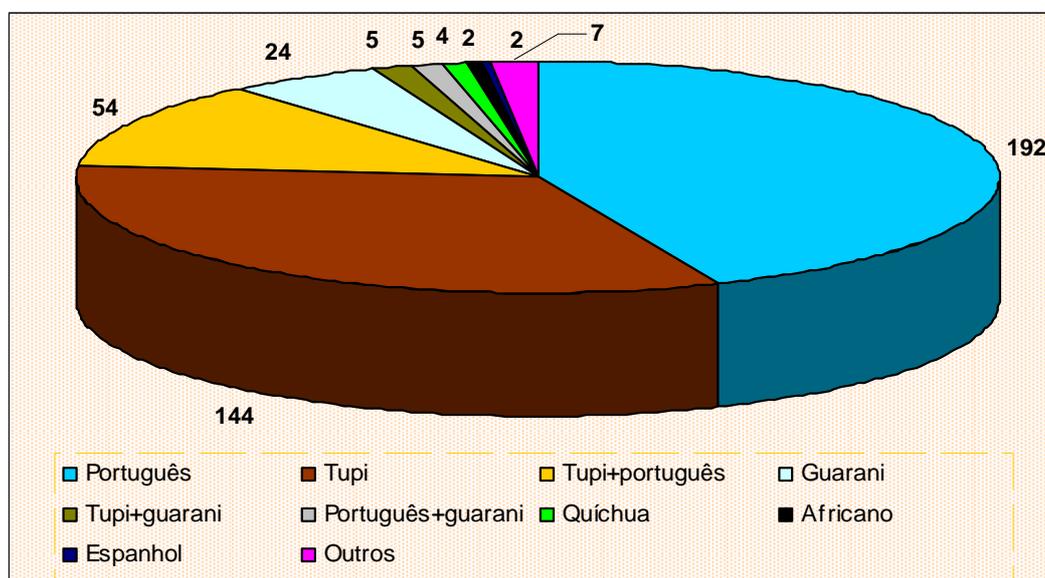
Os dados analisados para esta pesquisa registraram, dentre os 439 (quatrocentos e trinta e nove) nomes que compõem o *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses*, 144 (cento e quarenta e quatro) de base tupi; 54 (cinquenta e quatro) tupi-português; 24 (vinte e quatro) guarani; 05 (cinco) português-guarani; 05 (cinco) tupi-guarani; 01 (um) guarani-português e 01 (um) guarani-tupi, totalizando 234 (duzentos e trinta e quatro) nomes de base linguística puramente indígena e/ou com alguma influência indígena em sua formação. Portanto, fica comprovada, por meio deste estudo, a forte influência que os designativos indígenas exercem sobre a toponímia sul-mato-grossense.

Os resultados desta pesquisa demonstraram ainda que a toponímia sul-mato-grossense, a exemplo da toponímia brasileira em geral, sofreu relevante influência lusitana, uma vez que dos 439 (quatrocentos e trinta e nove) nomes que compõem o Glossário, 192 (cento e noventa e dois) são de base portuguesa. Levy Cardoso (*apud* DICK, 1990b, p. 94), ao tratar da presença de designativos portugueses na toponímia brasileira, narra o curioso fato de que “Mendonça Furtado foi, por todas as cidades que ia percorrendo, substituindo os nomes indígenas pelos nomes portugueses que a velha saudade lusitana ia sugerindo”. Esse fenômeno é denominado pela toponimista Dick (1990b, p. 90) “topônimo transplantado”, justificando que “topônimo transplantado é o designativo geográfico que existe como tal em determinado espaço e que passa a integrar a nomenclatura de outra região qualquer, trazido pelo próprio povo que emigrou ou influenciado por um mero mimetismo”.

Também os nomes híbridos formados com um termo de base portuguesa mais uma forma indígena alcançaram um percentual considerável neste estudo: dos 439 (quatrocentos e trinta e nove) que integram a nomenclatura do Glossário, 54 (cinquenta e quatro) são de base tupi+português; 05 (cinco) português+guarani e 01 (um) guarani+português, perfazendo um total de 60 (sessenta) nomes, o que equivale a 13,2% do *corpus* analisado. Dick (1990b, p. 91) esclarece que “nesses casos de hibridismo português mais forma indígena, não havia a intenção flagrante de apagar a cultura nativa e, sim, de acrescentar um dado novo visivelmente voltado à catequese”.

Ademais, também neste estudo houve a ocorrência de outros estratos linguísticos inscritos na fitotoponímia, porém, com menor índice de produtividade. Foram registrados nesta pesquisa 04 (quatro) designativos de origem quíchua; 02 (dois), africana; 02 (dois), espanhola e 02 (dois), latim. Ainda foram registrados 03 (três) nomes de origem incerta. Os dados relativos à base linguística dos *fitotopônimos* estudados estão demonstrados no Gráfico I, que segue.

Gráfico I – Fitotopônimos sul-mato-grossenses: base linguística



Outro aspecto considerado na análise dos dados diz respeito ao papel da vegetação como fonte motivadora de designativos na toponímia de uma região. Nesse particular, a grande produtividade de *fitotopônimos* registrada na toponímia do Estado de Mato Grosso do Sul confirma a importância da vegetação na vida do homem. Os resultados alcançados com esta pesquisa confirmam que a utilização em grande quantidade de nomes de plantas características de uma região na nomeação de acidentes físicos e humanos “na maioria das vezes (é) motivada pela abundância da espécie na localidade e/ou até mesmo pela presença significativa de alguma em particular que sirva de ponto de referência para a identificação da localidade” (ISQUERDO, 1997, p. 38). Isso porque essas espécies exercem influência notável na vida dos que ali habitam, seja na construção da moradia, na produção de bens que proporcionam conforto, bem como na manutenção da própria vida, servindo-se dessas espécies vegetais como alimentos.

Portanto, como as plantas são essenciais ao ser humano, acabam se tornando “motivo” de nomeação dos acidentes geográficos e isso é o que pode ser verificado nos nomes de várias espécies florísticas sul-mato-grossenses utilizados na denominação de diversos acidentes físicos e humanos por todo o território do Estado de Mato Grosso do Sul. Dentre os nomes que traduzem as espécies vegetais características das formações vegetais inscritas na fitogeografia sul-mato-grossense, alcançaram maior produtividade

os topônimos *buriti*, *taquaruçu*, *mimoso* (capim), *pindaíba* e *sapé*, sobre os quais discorreremos a seguir.

O nome *buriti*, do tupi, "corruptela *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira [...] Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*" (SAMPAIO, 1987, p. 209), designa uma espécie de palmeira nativa do Brasil, está incorporado ao léxico da língua portuguesa do Brasil e nomeia acidentes geográficos em todo o território nacional. Essa tendência se confirmou neste estudo, já que o topônimo *buriti* alcançou o maior índice de produtividade entre os *fitotopônimos* do Estado de Mato Grosso do Sul. Ratificando essa assertiva, Sampaio (1987, p. 85) expõe que

as palmas são, de fato, tipo vegetal tão distinto, tão característico e tão comum em nossa terra, que a sua beleza e frequência [...] não podia deixar de influir para o nome que o devia designar. Daí vem encontrarem-se amiudadas vezes, em nosso mapa geográfico, as denominações de diversas espécies de palmeiras.

E, tratando particularmente do topônimo *buriti*, o mesmo autor (1987, p. 86) registra que "o *burity*, a *Mauritia Vinífera* dos botânicos, com as suas belas folhas espalmadas em leque, aparece, dando o seu nome a grande número de localidades nas regiões dos campos elevados, onde cresce, formando capões cerrados nas baixadas das cabeceiras dos rios".

Em seu artigo *A motivação de topônimos indígenas de Mato Grosso do Sul*, Tavares (2008, p. 271) esclarece que

entre os *fitotopônimos* indígenas examinados, **Buriti** é o de maior frequência e identifica diversos tipos de acidentes geográficos físicos e humanos, não apenas no Estado, mas em todo o Brasil. Essa escolha recorrente pode ser explicada pelo fato de *buriti* ser o nome de um tipo de palmeira que pode ser facilmente encontrada na natureza, e ser útil, sobretudo aos indígenas porque fornece folhas que podem ser usadas em coberturas de casas (das habitações utilizadas por alguns grupos indígenas principalmente no passado), o palmito comestível e o óleo extraído de seus frutos. Isso tudo acabou conferindo a essa árvore o estatuto de *fitotopônimo* de maior ocorrência em Mato Grosso do Sul.

Nota-se que a palmeira *buriti* é um elemento característico da vegetação do Estado que predomina na toponímia sul-mato-grossense e no *corpus* desta pesquisa o topônimo **Buriti** nomeia 42 (quarenta e dois) acidentes geográficos, dois acidentes humanos e quarenta acidentes físicos, assim distribuídos: AH - um povoado em Coxim e uma aldeia em Dois Irmãos do Buriti; AF - um córrego em Água Clara, em Alcinópolis, em Anastácio, em Antônio João, em Bandeirantes, em Brasilândia, em Campo Grande, em Cassilândia, em Corguinho, em Inocência, em Guia Lopes da

Laguna, em Paranaíba, em Ribas do Rio Pardo, em Rio Negro, em São Gabriel do Oeste e em Santa Rita do Pardo. Nomeia ainda dois córregos em Anaurilândia, em Bataguassu, em Dois Irmãos do Buriti, em Nioaque, em Sidrolândia e em Três Lagoas; duas cabeceiras em Campo Grande; três córregos em Costa Rica e em Selvíria, uma cabeceira em Nova Alvorada do Sul e dois morros em Ribas do Rio Pardo.

O elemento *buriti* também incorpora formações variadas e é registrado em sintagmas toponímicos como: **Buritzinho** (um córrego em Anastácio, em Coxim, em Chapadão do Sul, em Inocência; dois córregos em Nioaque e uma cabeceira em Sidrolândia); **Buritzal** (um córrego em Anastácio e em Costa Rica); **Buriti de Cima** (um córrego em Água Clara); **Buriti de Baixo** (um córrego em Água Clara); **Buriti Preto** (um córrego em Pedro Gomes); **Buriti Vermelho** (um córrego em Sonora) e **Buriti do Cervo** (um córrego em Campo Grande). Reunidos, os topônimos que trazem o elemento *buriti* em topônimos simples ou compostos perfazem um total de cinquenta e cinco ocorrências. Acreditamos que a ocorrência do nome *buriti* na toponímia sul-matogrossense, bem como em toda a toponímia nacional, decorre do fato dessa espécie vegetal estar disseminada em todo o território brasileiro, como já atestaram os estudos de Dick (1990) e Isquerdo e Seabra (2009)⁶².

Ocupando o segundo lugar em produtividade fitotoponímica encontramos **Taquaruçu** (**Taquarussu/Taquaraçu**), do tupi “*taquar-uçú*, a cana grande, a taquara grossa, bambu” (SAMPAIO, 1987, p. 319), nomeando vinte e seis acidentes físicos, sendo dois córregos em Anastácio, um em Aquidauana, dois em Bela Vista, um em Bodoquena, dois córregos em Bonito (Taquarussu e Taquarussu 2), um em Brasilândia, em Camapuã, em Corumbá, em Jaraguari; um córrego e um riacho em Maracaju, quatro córregos em Nioaque, um em Nova Alvorada do Sul, dois em Porto Murtinho, um em Santa Rita do Pardo, um em Sete Quedas, em Sidrolândia, em Tacuru e em Taquarussu. Relacionados à *taquaruçu* e nomeando acidentes geográficos no Mato Grosso do Sul também podem ser mencionados os topônimos **Taquaral**, que empresta nome a um córrego em Anastácio, em Aquidauana, em Bodoquena, em Bonito, em Corumbá, em Dourados, em Miranda e em Porto Murtinho, além de três córregos em Nioaque; **Taquari**, que designa um povoado em Coxim (AH), um rio em

⁶²Para maiores informações sobre o nome *buriti*, na toponímia, conferir ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A trilha dos “buritis” no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul*. Texto disponível no site <http://www.mel.ileel.ufu.br/gilex> Acesso em 01/03/2010.

Alcinópolis, uma serra em Alcinópolis, um córrego em Anaurilândia, em Aquidauana, em Bataguassu, em Brasilândia, em Corumbá, em Costa Rica, em Coxim, em Rio Brillhante e em Rio Verde de Mato Grosso; *Taquarizinho/Tacuarizinho*, que nomeia um ribeirão em Alcinópolis, um córrego em Costa Rica, em Paranhos e em Rio Verde de Mato Grosso; *Taquara/Taguara*, que designa um córrego em Água Clara, em Antônio João, em Caarapó, em Dourados, em Itaporã, em Juti e em Laguna Caarapã; *Taquari Mirim*, que nomeia um córrego em São Gabriel do Oeste e *Taquapiri/Tacuapiri/Taquaperi*, que dá nome a um córrego em Coronel Sapucaia e dois córregos em Paranhos, que, juntos, perfazem um total de sessenta e quatro ocorrências na toponímia sul-mato-grossense.

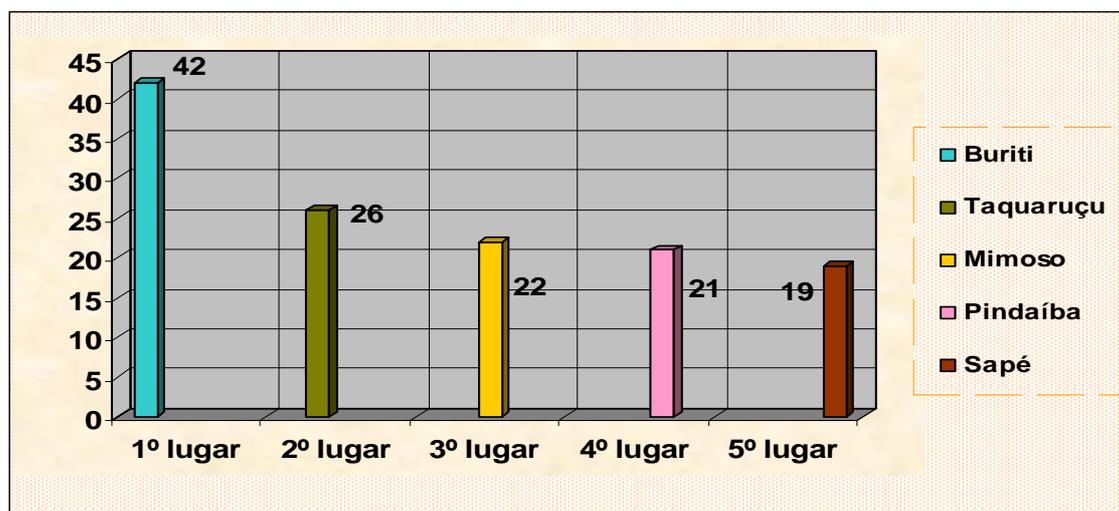
O *capim-mimoso*, ou simplesmente *mimoso*, ocupa o terceiro lugar no “ranking” de espécies vegetais com maior produtividade entre os fitotopônimos sul-mato-grossenses, com vinte e duas ocorrências. São denominados *Mimoso*: dois córregos em Água Clara e um em Bandeirantes, um rio em Bonito, um ribeirão e um córrego em Chapadão do Sul, um córrego em Campo Grande, em Cassilândia, em Corguinho, em Figueirão, em Inocência, em Jardim, em Nioaque, em Nova Andradina, um córrego e um ribeirão em Ribas do Rio Pardo, um córrego em Santa Rita do Pardo e em São Gabriel do Oeste, dois em Selvíria, um em Sidrolândia e uma cabeceira em Terenos. É importante ressaltar que o capim *mimoso*, uma “erva da família das gramíneas [...], de pequeno porte, folhagem fina e inflorescência muito delicada”, ao qual também se diz “apenas *mimoso*” (FERREIRA, 2004), bem como outras espécies com características semelhantes a essas, são espécies vegetais típicas dos *campos*, uma das formações vegetais típicas do Estado de Mato Grosso do Sul.

O nome *pindaíba*, do tupi “*pindahyba*, corr. *pindá-yba*, a vara do anzol, a cana do anzol [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 288), vem em seguida com vinte e uma ocorrências. *Pindaíba/Pindaíva* é encontrado nominando três córregos em Água Clara, um em Anaurilândia, um em Bataguassu, um em Camapuã, um em Chapadão do Sul, dois em Guia Lopes da Laguna, um em Jaraguari, um em Naviraí, um em Nova Alvorada do Sul, um em Nova Andradina, dois em Selvíria, um em Sidrolândia, uma cabeceira e um córrego em Terenos e três em Três Lagoas. Também pertencem ao campo lexical de *pindaíba* os topônimos *Pindaivinha*, que nomeia dois córregos em Rio Brillhante, e *Pindaibão*, que designa um córrego em Rio Verde de Mato Grosso, totalizando 24 ocorrências na toponímia do Estado de Mato Grosso do Sul.

O fitotopônimo *sapé*, do tupi “corr. *eçá-pé*, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação” (SAMPAIO, 1987, p. 304), ocupa, com dezenove ocorrências, a quinta posição entre as espécies florísticas mais ocorrentes na nomenclatura de acidentes geográficos sul-mato-grossenses. O topônimo *Sapé* designa uma ilha em Aparecida do Taboado, um córrego em Bandeirantes, em Bataguassu, em Brasilândia e em Campo Grande, uma ilha em Chapadão do Sul, um córrego em Coxim, uma cabeceira em Jaraguari, um córrego em Nova Alvorada do Sul e em Nova Andradina, dois córregos e uma ilha em Paranaíba, um córrego em Pedro Gomes, em Ribas do Rio Pardo, em Rio Brillhante, em Rio Negro, em Rochedo e em Terenos.

Essas considerações acerca das maiores ocorrências na fitotoponímia sul-mato-grossense podem ser melhor visualizadas no Gráfico II, que segue.

Gráfico II – Fitotopônimos mais produtivos na toponímia sul-mato-grossense



E, ainda, seguidos a esses designativos anteriormente citados com maiores ocorrências na toponímia do Estado de Mato Grosso do Sul, também com relevante produtividade apresentam-se os topônimos: *Coqueiro* (17), *Jatobá* (16), *Cedro* (15), *Indaiá* (15), *Bálsamo* (15), *Limeira* (15), *Taboca* (14), *Tarumã* (14), *Figueira* (11), *Amambai* (10), *Guariroba* (10) e *Laranjeira* (10).

Ainda considerando a vegetação, reportamo-nos aos estudos realizados por Dick (1990a)⁶³, quando incursiona pela Zona dos Campos e registra os elementos *sapé*, *samambaia* e *capim* como predominantes na toponímia brasileira. Observamos no Estado de Mato Grosso do Sul, coincidentemente com os estudos realizados por Dick (1990a), que também houve a ocorrência bastante marcante do designativo *sapé* na toponímia sul-mato-grossense, ou seja, o fitotopônimo *Sapé* designa dezenove acidentes físicos distribuídos por todas as regiões do Estado de Mato Grosso do Sul e ocupou o quinto lugar no “ranking” das espécies florísticas mais ocorrentes na fitotoponímia sul-mato-grossense, como já demonstrado anteriormente. Já o designativo *Samambaia* ocorreu na nominação de apenas seis AF, sendo um córrego em Alcinópolis, um rio em Anaurilândia, um em Batayporã, um em Nova Andradina e um córrego e um rio em Ponta Porã. *Capim* apresenta-se, enquanto fitotopônimo simples, nomeando cinco AF, sendo: um córrego em Camapuã, um em Caracol, um em Corguinho e uma cabeceira e um córrego em Sonora. *Capim* também se apresenta em sintagmas toponímicos compostos nomeando acidentes geográficos por todas as regiões de Mato Grosso do Sul: *Capim Branco*, um AH, povoado em Bandeirantes e oito AF, sendo um córrego em Alcinópolis, um em Anastácio, um córrego e um ribeirão em Bandeirantes, um córrego e um ribeirão em Camapuã, um córrego em Costa Rica e um em Dois Irmãos do Buriti; *Capim Verde*, um AH, povoado em Bandeirantes e *Capim Scardine*, um córrego em Caracol. Na totalidade, o topônimo *capim* está presente na nomeação de dezesseis topônimos sul-mato-grossenses.

Também os campos do Pantanal são formação vegetal característica do Estado de Mato Grosso do Sul, no entanto, a ocorrência da palmeira *carandá*, que no estudo realizado por Dick (1990a) é apontada como a planta mais característica dos campos pantaneiros, na toponímia do Estado de Mato Grosso do Sul se restringe a apenas sete AF, sendo denominados *Carandá* dois córregos em Anastácio, um em Inocência, dois em Nioaque e dois em Porto Murtinho.

Tratando, ainda, da presença de nomes de espécies comumente encontradas na vegetação de Mato Grosso do Sul na designação de topônimos, encontram-se espécies da “família das palmáceas”, vegetais encontrados na vegetação típica do *Complexo do Pantanal*. As palmáceas têm inúmeras utilidades para o homem: as folhas servem de

⁶³ É importante informar que na ocasião do estudo realizado por Dick (1990a), ao qual nos referimos durante todo o percurso desta pesquisa, o Estado de \Mato Grosso ainda não havia sido dividido, portanto, lendo-se Mato Grosso também é em referência a Mato Grosso do Sul, uma vez que ambos os Estados ocupavam um mesmo território. (Nota da autora)

cobertura para casas e choupanas; o palmito fornecido por algumas dessas espécies servem de alimento ao homem; o fruto extraído de outras dessas espécies, além de ser um alimento saboroso, produz óleo comestível; a madeira fornecida por algumas dessas espécies são utilizadas em construções e os “restos”, as fibras de algumas dessas palmeiras servem para o fabrico de estofamento de bancos de carros. Em suma, esse importante tipo de vegetação aparece de forma significativa na fitotoponímia sul-mato-grossense em nomes como: **Baguaçu** (AF – Corguinho); **Baguaçuzinho** (AF – Corguinho); **Indaiá** (AF – Água Clara, Camapuã, Campo Grande, Costa Rica, Ribas do Rio Pardo, Rio Verde de Mato Grosso, Santa Rita do Pardo); **Indaiazinho** (AF – Ribas do Rio Pardo, Cassilândia); **Indaiá Grande** (AF – Chapadão do Sul); **Indaiá do Sul** (AF – Cassilândia); **Macaúba** (AF – Corguinho, Costa Rica, Nova Andradina); **Palmeira** (AF – Alcinópolis, Amambaí, Dourados, Laguna Caarapã, Nioaque, Tacuru); **Palmeiras** (AF – Coxim); **Palma** (AF – Amambaí, Deodápolis, Dourados); **Pindó** (AF – Iguatemi, Itaquiraí); **Palmar** (AF – Amambaí); **Palmital** (AF – Eldorado; AH – Eldorado); **Coqueiro** (AF – Campo Grande, Douradina, Jaraguari, Nova Andradina, Ribas do Rio Pardo) e **Coqueirinho** (AF – Nova Andradina). Vale assinalar, também, que a ocorrência dos nomes dessas espécies vegetais na toponímia é encontrada não somente em território sul-mato-grossense, mas em toda a extensão do território nacional.

Cabe aqui referência às árvores nativas que bem traduzem o *cerrado* e a *floresta* e se configuram como espécies vegetais, cujos nomes são recuperados na nomeação dos lugares, tanto de acidentes físicos como humanos, dentre outras: **Angico** (AF – Campo Grande, Ribas do Rio Pardo, Rochedo); **Aroeira** (AF – Chapadão do Sul, Santa Rita do Pardo); **Cedro** (AF – Água Clara, Alcinópolis, Cassilândia, Jateí; AH – Rio Verde de Mato Grosso); **Cedral** (AH – Corumbá); **Curupaí**⁶⁴ (AF – Amambaí, Caracol, Jateí, Naviraí); **Ipê** (AF – Dourados); **Ipezal** (AH – Angélica); **Jatobá** (AF – Água Clara, Camapuã, Cassilândia, Chapadão do Sul, Corumbá, Dourados, Jaraguari, Nova Andradina, Ribas do Rio Pardo); **Jatobazinho** (AF – Ribas do Rio Pardo); **Peroba** (AF – Cassilândia, Dourados, Itaporã, Jateí, Maracaju); **Perobão** (AF – Iguatemi, Japorã); **Quebracho** (AF – Bataguassu, Anaurilândia; AH – Anaurilândia, Tarumã (AF –

⁶⁴ Segundo Houaiss (2007), *curupaí* significa “angico-do-campo, angico-verdadeiro”. No município de Caracol há um córrego (AF) nomeado **Curubaí**.

Alcinópolis, Amambai, Corumbá, Eldorado, Iguatemi, Maracaju, Mundo Novo, Nioaque) e **Turumã**⁶⁵ (AF – Naviraí).

Um dado que sob a nossa visão causou certa “estranheza” foi o fato de o nome *ipê*, que é considerado um símbolo do Brasil e eleita a árvore símbolo de Mato Grosso do Sul, ter ocorrido apenas uma vez na toponímia de Mato Grosso do Sul, nominando um córrego em Dourados, *Ipê*, e a forma **Ipezal**, como designativo de um distrito no município de Angélica.

Igualmente estranha é a ocorrência de apenas dois designativos ligados à erva-mate: **Erva, da**, nomeando um córrego em Anaurilândia e um em Nova Andradina e **Hervalzinho**, um córrego em Nova Andradina. E essa “estranheza” se deve ao fato de o Estado de Mato Grosso do Sul ter a sua história immanentemente ligada à produção/extração da erva-mate, razão pela qual tínhamos a expectativa de essa atividade econômica ter influenciado a toponímia, em especial dos municípios localizados ao sul do Estado, na fronteira do Brasil com o Paraguai.

Os gráficos que seguem demonstram a ocorrência de nomes de espécies vegetais típicas das formações vegetacionais características do Estado de Mato Grosso do Sul alçadas à categoria de topônimos. Ressalte-se que todas as formações vegetais compreendidas pelo território sul-mato-grossense, de acordo com estudo realizado pelo IBGE (1977), foram contempladas nessa amostragem gráfica.

⁶⁵ **Turumã** é mais conhecida pela variante **tarumã**, “árvore da família das verbenáceas (*Vitex orinocensis*), que habita as florestas das margens dos rios, semelhante ao *pimenteiro*, e cuja madeira, pardo-escura, serve para obras em lugares úmidos: esteios, mourões, dormentes, etc.” (FERREIRA, 2004).

Gráfico III – Índice de ocorrência de topônimos oriundos de nomes de espécies típicas da formação vegetal *floresta tropical* em Mato Grosso do Sul

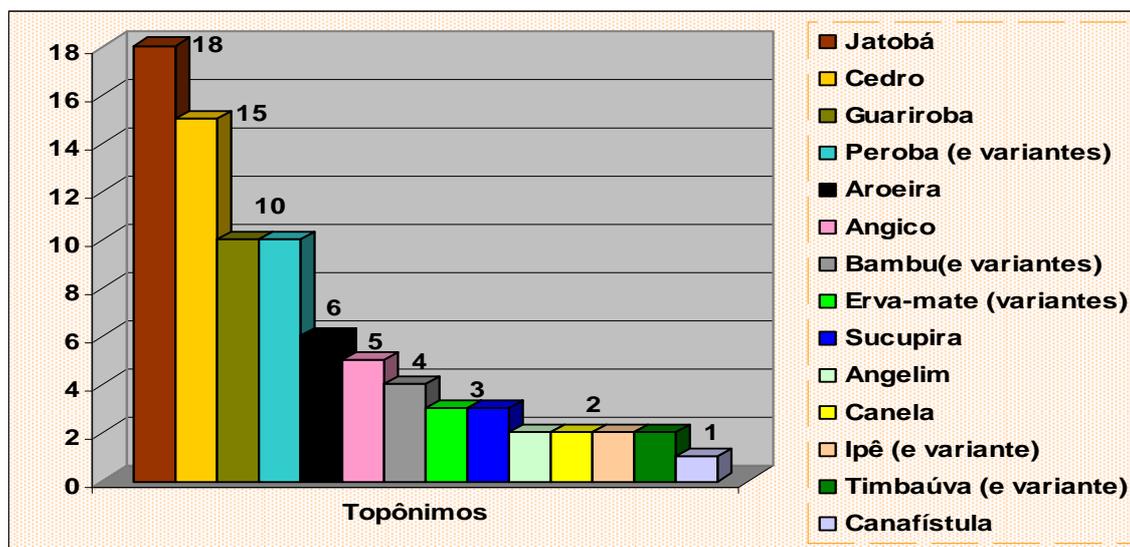


Gráfico IV – Índice de ocorrência de topônimos oriundos de nomes de espécies típicas da formação vegetal *cerrado* em Mato Grosso do Sul

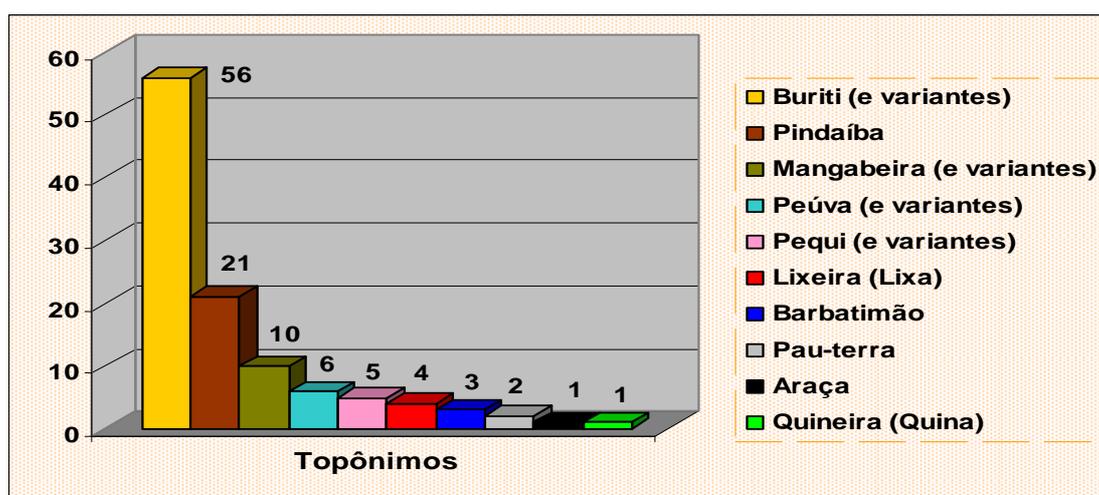


Gráfico V – Índice de ocorrência de topônimos oriundos de nomes de espécies típicas da formação vegetal *campo* em Mato Grosso do Sul

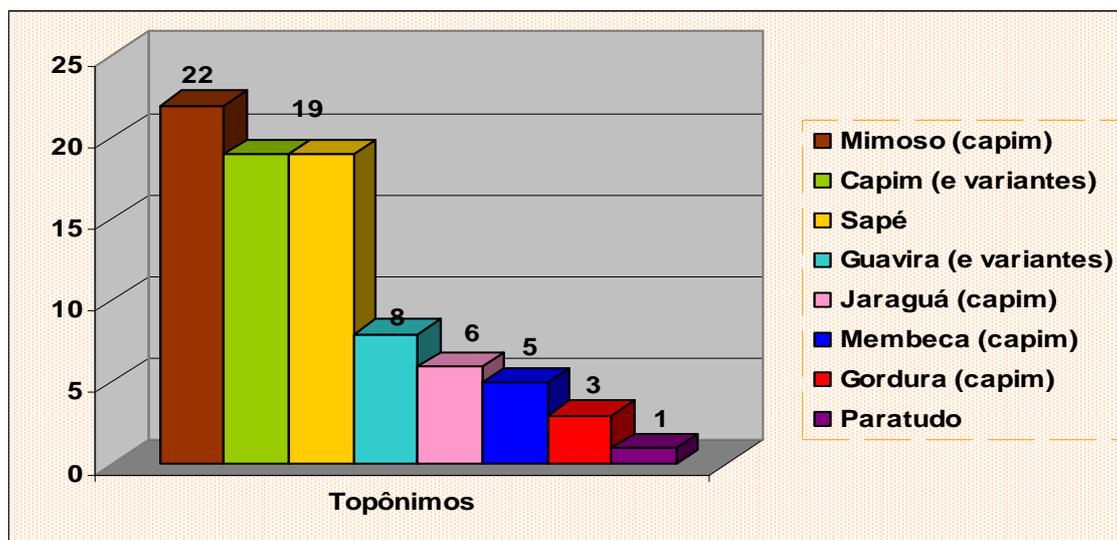
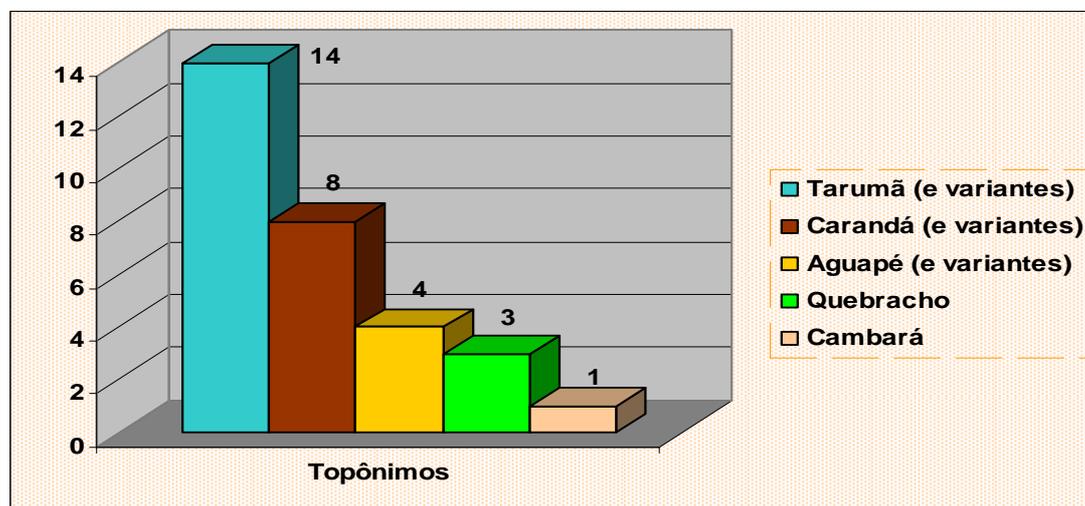


Gráfico VI – Índice de ocorrência de topônimos oriundos de nomes de espécies típicas da formação vegetal *complexo do Pantanal* em Mato Grosso do Sul



Ainda incursionando pelos nomes de espécies vegetais utilizadas como designativos de acidentes geográficos, destacamos a significativa ocorrência de topônimos relacionados à *laranja*, como: **Laranjaí** (AF – Antônio João, Juti, Naviraí, Nova Andradina); **Laranjeira** (AF – Selvíria, Tacuru, Nova Andradina, Paranhos); **Laranjeiras** (AF – Antônio João; AH – Paranhos); **Laranjal** (AF – Eldorado, Iguatemi,

Japorã, Nova Alvorada do Sul, Nova Andradina); **Laranjalzinho** (AF – Nova Andradina); **Lima** (AF – Nioaque); **Limeira** (AF – Anaurilândia, Jardim, Juti); **Laranja Doce** (AF – Douradina, Dourados); **Laranja Azeda** (AF – Dourados) e **Laranja Lima** (AF – Douradina, Dourados). Acreditamos que a grande ocorrência desse item lexical nomeando acidentes geográficos no Estado de Mato Grosso do Sul tenha sido motivada pelas muitas plantações de laranja, espontâneas ou não espontâneas, que houve nesse Estado até a segunda metade do século XX⁶⁶.

Importante ressaltar, ainda, que muitos dos designativos de caráter vegetal que se destacam são aqueles que dão nomes a referentes ligados à alimentação. Certamente que os vegetais que suprem a necessidade de alimento têm uma importância considerável para o homem que, numa atitude de “homenagem”, nomeia os seus lugares com os nomes dessas espécies. Observa-se, portanto, a ocorrência de: **Abóbora** (AF – Ribas do Rio Pardo, Rio Verde de Mato Grosso); **Argite**⁶⁷ (AF – Naviraí); **Arroz** (AF – Nova Alvorada do Sul); **Arrozal** (AF – Corumbá, Coxim); **Arroz Doce** (AF – Selvíria); **Batata** (AF – Nioaque); **Bananal** (AF – Alcinópolis, Antônio João, Costa Rica); **Bananalzinho** (AF – Alcinópolis); **Café** (AF – Água Clara, Alcinópolis, Camapuã, Chapadão do Sul); **Cafelândia** (AF – Ivinhema); **Cafeporã** (AH – Caarapó); **Cana** (AF – Amambaí); **Canas** (AF – Água Clara); **Canadá**⁶⁸ (AF – Juti); **Canavial** (AF – Angélica); **Cana Brava** (AF – Costa Rica); **Cana Verde** (AF – Juti); **Cereja** (AF – Angélica); **Frutal** (AF – Batayporã, Nova Andradina); **Guariroba** (AF – Água Clara, Camapuã, Campo Grande, Dourados, Itaporã, Rio Verde de Mato Grosso); **Guavirá** (AF – Glória de Dourados, Iguatemi, Itaquiraí, Naviraí); **Guaviraí** (AF – Amambaí); **Goiabal** (AF – Cassilândia, Chapadão do Sul); **Ingá** (AF – Iguatemi); **Jaboticaba** (AF – Naviraí); **Jaboticabal** (AF – Nova Andradina); **Jenipapo** (AF – Corumbá); **Limoeiro** (AF – Amambaí); **Limão** (AF – Água Clara);

⁶⁶ Em meados da década de 70 e início até meados da década de 80, foram erradicados os laranjais sul-mato-grossenses em decorrência de terem sido acometidos pelo *cancro cítrico*, uma doença causada pela bactéria *Xanthomonas axonopodis*, que impossibilitava a exportação de frutos cítricos (laranja, limão, etc). Os laranjais sul-mato-grossenses não tinham tradição, mas, pela proximidade, poderiam vir a infestar os laranjais paranaense e paulista, grandes exportadores, daí a necessidade de serem erradicados, de acordo com o Decreto 24.114, de 12/04/1934, publicado no DOU, em 05/05/1934, p. 8514, artigos 27, 28, 29 e 30 - (Regulamento da Defesa Sanitária Vegetal). Informações orais sobre o assunto também nos foram dadas pelo Engenheiro Agrônomo Émerson Cassuci Ferreira, do IAGRO – Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal, de Angélica – MS, em 17/05/2010. (Nota do Autor)

⁶⁷ *Argite*: “variedade de uva branca cultivada na Itália no tempo dos antigos romanos” (HOUAISS, 2007).

⁶⁸ *Canadá*: “variedade de videira norte-americana, de folhas pequenas e cachos pretos”(HOUAISS, 2007).

Mamão (AF – Miranda); **Manga** (AF – Amambaí, Iguatemi, Naviraí); **Mandarina**⁶⁹ (AF – Juti, Naviraí); **Mandioca** (AF – Camapuã); **Mandioquinha** (AF – Camapuã); **Maxixe** (AF – Alcinópolis); **Melancia** (AF – Chapadão do Sul, Santa Rita do Pardo, Ribas do Rio Pardo); **Morangas** (AF – Cassilândia; AH – Cassilândia); **Pacova**⁷⁰ (AF – Iguatemi, Japorã, Naviraí); **Palmito** (AF – Cassilândia); **Palmital** (AF – Eldorado; AH – Eldorado); **Pequi** (AF – Corguinho); **Pimenta** (AF – Corumbá, Ladário); **Pimenteira** (AH – Coxim, Rio Verde de Mato Grosso); **Repolho** (AF – Cassilândia); **Seriguela** (AF – Iguatemi) e **Urucum** (AH – Corumbá, Ladário).

Vale também alusão às plantas ornamentais que “na sua essência, substanciam aspectos marcantes da vida do grupo” (ISQUERDO, 1997, p. 34). Encontramo-las em: **Açucena** (AF - Deodópolis); **Faia**⁷¹ (AF – Selvíria, Ribas do Rio Pardo); **Flor** (AF – Coronel Sapucaia); **Flores** (AF – Sonora); **Samambaia** (AF – Alcinópolis, Batayporã, Nova Andradina); **Caraguatá** (AF – Bataguassu, Corumbá); **Margarida** (AF – Corumbá); **Palma** (AF – Deodópolis, Dourados); **Ramallete** (AF – Maracaju); **Violeta** (AF – Nova Alvorada do Sul) e **Xexim** (AF - Naviraí), nominando acidentes físicos, cujo uso pode ter sido motivado pela grande ocorrência dessas espécies nos lugares para os quais emprestaram os nomes.

Os exemplos arrolados demonstram que a ocorrência de espécies vegetais típicas da vegetação sul-mato-grossense na *fitotoponímia* de Mato Grosso do Sul é marcante, uma vez que se estendem a todas as regiões do Estado, pois os municípios onde estão localizados os topônimos homônimos a essas espécies vegetais apontadas espalham-se por todo o território sul-mato-grossense, então, a estreita relação entre a fitogeografia e a fitotoponímia é confirmada neste estudo.

As considerações aqui trazidas devem ser interpretadas como relevantes, mas parciais de um estudo mais aprofundado sobre a *fitotoponímia* sul-mato-grossense, que é um recorte do universo toponímico, todavia, de caráter bastante expressivo à medida que registra a cultura, a ideologia e a memória de uma coletividade.

O quinto Capítulo, a seguir, discute a metodologia utilizada para a elaboração desta pesquisa e do *Glossário*, bem como apresenta o *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses*, objetivo maior deste estudo.

⁶⁹ Mandarina: “espécie de laranja, tangerina” (HOUAISS, 2007).

⁷⁰ Pacova: “variedade de banana grande” (FERREIRA, 2004).

⁷¹ Faia: “árvore fagácea (*Fagus silvatica*), muito cultivada por ser ornamental [...]” (FERREIRA, 2004)

CAPÍTULO V

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA E GLOSSÁRIO DE FITOTOPÔNIMOS SUL-MATO-GROSSENSES

Este Capítulo apresenta e discute a metodologia utilizada para a realização deste estudo, desde a coleta dos dados até a construção do *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses*. Essa abordagem considerou duas perspectivas: i) levantamento e organização do *corpus* estudado – fitotopônimos sul-mato-grossenses – e, ii) tratamento lexicográfico dos dados – construção do glossário.

5.1 A constituição do *corpus*

Como já foi assinalado anteriormente, o objetivo desta pesquisa é o estudo dos fitotopônimos sul-mato-grossenses, topônimos formados por itens lexicais que nomeiam aspectos da vegetação, segundo Dick (1990a), e o tratamento lexicográfico desses fitotopônimos por meio da construção de um glossário, elaborado segundo os princípios da Lexicografia, ciência que se ocupa da construção de dicionários, glossários, vocabulários e demais obras lexicográficas. O *corpus* deste estudo foi extraído do Banco de Dados do Projeto ATEMS - Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul, por meio de relatórios gerados em 28/09/2009 e em 18/03/2010, sendo que esse último relatório reuniu 1.017 (um mil e dezessete) fitotopônimos extraídos de mapas oficiais do IBGE, escalas 1:250.000 e 1:100.000, relativos aos 78 municípios de Mato Grosso do Sul.

Todos os *fitotopônimos* catalogados para esta pesquisa foram minuciosamente revisados e os itens contemplados nessa revisão foram, dentre outros, a “origem linguística” e o “significado” do item lexical que deu origem ao topônimo. Para tanto, foram consultadas várias obras, dentre as quais, dicionários de uso da língua comum, dicionários de língua indígena e dicionários de botânica:

- *O tupi na geografia nacional* (SAMPAIO, 1987).
- *Dicionário Guarani-Português/Português-Guarani* (ASSIS, 2008).
- *Vocabulário tupi-guarani-português* (BUENO, 2008).
- *Toponímia Brasileira* (CARDOSO, 1961).
- *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi* (CUNHA, 1998).

- *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (CUNHA, 1997).
- *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI* (FERREIRA, 2004).
- *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2007).
- *Diccionario Castellano-Guarani. Guarani Castellano: sintactico, fraseológico y Ideológico* (GUASCH; ORTIZ, 1998).
- *Dicionário Tupi-Português: com esboço de gramática do Tupi Antigo* (TIBIRIÇA, 1984).
- *Dicionário Guarani-Português* (TIBIRIÇA, 1989).
- *Dicionário da língua portuguesa* (NASCENTES, 1988).
- *Dicionário da plantas úteis do Brasil* (CRUZ, 1985).
- *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas* (CORRÊA, 1984).
- *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo das plantas arbóreas do Brasil* (LORENZI, 2002).
- *Palmeiras brasileiras e exóticas cultivadas* (LORENZI et al, 2004).
- *Dicionário da terra da gente do Brasil* (SOUZA, 1961).
- www.dicionarioindigena.com.br

Ainda na etapa de revisão dos dados, quando necessário, houve ajustes e/ou complementação das informações registradas pela equipe de pesquisadores do Projeto ATEMS. Nessa revisão foram analisadas as informações acerca da taxionomia, estrutura morfológica e, sobretudo, etimologia dos topônimos, em virtude de ser essa informação a base para a classificação taxionômica de um topônimo, haja vista que o significado do item lexical na língua é o elemento que determina a classificação em termos de categoria taxionômica, no caso desta pesquisa, nomes direta ou indiretamente relacionados a elementos da flora. Concluída essa fase de revisão dos 1.017 topônimos constantes da lista gerada pelo Banco de Dados do Projeto ATEMS, alguns foram retirados por não justificarem a classificação como *fitotopônimos*, caso de: *Jardim Corcovado*, *Culturama*, *Bataguaçu*, *Bata*, *Jardim/Jardim(do)* (seis ocorrências), *Pastorinho(do)* e *Piquiri*. Houve aqueles cuja base linguística não foi possível ser recuperada, não podendo, portanto, ser classificados como *fitotopônimos*, sendo também excluídos do *corpus*: *Gometeira*, *Guaripora*, *Iguira Moriti*, *Jaguarão*, *Jogui*, *Orozinho*, *Pataninho* e *Puitã*. Outros, repetidos, nomeiam diversos acidentes em diferentes

municípios do Mato Grosso do Sul, tendo sido, portanto, registrados em uma única entrada na microestrutura do Glossário, com a informação de todas as localidades onde se encontram os acidentes assim denominados. São eles: *Acurizal (do), Aguapeí, Amambaí, Angelim, Angico, Aroeira, Arroz, Arrozal, Árvore Grande, Bacuri, Baguaçu, Bálsamo, Bambu, Bananal, Bananeira (da), Barbatimão, Bocaiúva, Bocajá, Buriti, Buriti (do), Buritizinho, Caarapó, Cabaça, Cabaça (da), Caeté, Café, Café (do), Cafezal, Cana Brava, Candiúba, Canela Preta, Caninana, Capão, Capão Alto, Capão Bonito, Capão Redondo, Capão Seco, Capim, Capim (do), Capim Branco, Capi-y, Capoeira, Caraguatá, Carandá, Cedro, Cedro (do), Cipó, Congonha, Coqueiro, Curuhaí, Curupaí, Erva (da), Esteio (do), Figueira, Figueira (da), Figueirão, Frutal, Gameleira, Geriva, Goiabal, Gordura, Guanandi, Guariroba, Guavirá, Imbiruçu, Indaiá, Indaiá (do), Indaiá Grande, Indaiazinho, Ingá, Inhamé (do), Jaraguá, Jataí, Jatobá, Jatobazinho, Jenipapo, Jeribá, Juqueri, Laranja, Laranja Doce, Laranjaí, Laranjaí (do), Laranjal, Laranja Lima, Laranjeira, Laranjeiras, Limão, Limeira, Limeira (da), Limoeiro, Lixa, Macaúba, Manga, Mangaba, Mangabal, Mangava, Mangue, Mangueira, Margarida, Marmelada, Mata (da), Matão, Mateira, Mateira (da), Mateirinha, Matinha, Mato, Melancia, Melancia (da), Membreca, Mimoso, Nhuatim, Pacova, Palha (da), Palma, Palmeira, Palmital, Palmito, Pasto Ruim (do), Pau-Terra, Peroba, Peroba (da), Perobão, Pimenta (da), Pindaíba, Pindaíva, Pindaivinha, Pindó, Pinheiro (do), Piqui, Pirizal, Piripucu, Piripucu-Açu, Pitangueira, Piúva, Porongo, Quebracho, Ramada, Ramallete, Samambaia, Sapé, Sapé (do), Sucupira, Tabaco, Taboca, Tabocas (das), Taboco, Taboquinha, Taquara, Taquaraçu, Taquaral, Taquari, Taquarizinho, Taquaruçu, Taquarussu, Tarumã, Tataré, Tatarém, Tuna, Urucum e Urumbeba.*

Concluída a revisão e considerados os aspectos apontados, os dados evidenciam a distribuição a seguir especificadas.

- a) Total de *fitotopônimos* gerados pelo Banco de Dados: **1.017** (um mil e dezessete).
- b) Total de *fitotopônimos* desconsiderados: **20** (vinte).
- c) Total de *fitotopônimos* repetidos: **558** (quinhentos e cinquenta e oito).
- d) Total de *fitotopônimos* que integraram a nomenclatura do glossário: **439** (quatrocentos e trinta e nove).

Cabe aqui a informação de que os termos utilizados para a constituição das categorias dos acidentes físicos (AF) nos verbetes são definidos segundo o *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente* (IBGE, 2004), assim apresentados:

Cabeceira: porção superior de um curso d'água, próximo à sua nascente.

Corredeira: estirão de um rio que apresenta declividade acentuada e um escoamento veloz e turbulento, embora sem verdadeiras quedas ou cascata.

Ilha: porção de terra firme, situada no mar, lago ou rio, e cercada de água por todos os lados. Ainda que comumente de pequenas dimensões, algumas podem ser consideradas como pequenos continentes, como a Groenlândia, que possui cerca de 2.000.000 de km².

Morro: elevação que apresenta encostas suaves, com declividade menor do que 15%, e altitudes que variam entre 100 e 300m.

Rio:

Intermitente – curso d'água que circula em certas épocas do ano, sendo alimentado por água de nascentes, por águas superficiais ou até mesmo pela fusão da neve. Comum em regiões semi-áridas.

Perene – rio cujo escoamento não é interrompido, nem no espaço e nem no tempo. Rio com água permanente.

Os termos a seguir, que também nomeiam categorias de acidentes físicos (AF), não constam no *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente* (IBGE, 2004), razão pela qual foram definidos segundo Ferreira (2004):

Corixo (corixa): canal por onde as águas das lagoas, dos brejos ou dos campos baixos se escoam para os rios vizinhos. [Var.: *corixe* e *corixo*].

Córrego: ribeiro de pequeno caudal; riacho.

Jardim: terreno, em geral com alamedas, onde se cultivam plantas ornamentais, úteis, ou para estudo.

Riacho: rio pequeno, mais volumoso que o regato, e menos que a ribeira.

Ribeirão: curso de água menor que um rio e maior que um riacho.

Vazante⁷²: Terreno baixo e úmido, grande vale ao longo dos rios, baixa próxima de aguadas e de lagoas em geral, enfim, qualquer terra baixa e plana, temporariamente alagada pelas enchentes dos rios.

⁷² Houaiss (2007) registra para *vazante* a seguinte definição: “cada um dos córregos temporários que ligam as extensas lagoas, separadas por cordilheiras, no Pantanal”. Essa referência ao Pantanal aproxima, sobremaneira, a definição de item lexical de uso geral a uma região muito particular do Estado de Mato Grosso do Sul – o Pantanal sul-mato-grossense.

Os termos a seguir constituem categorias de acidentes humanos (AH) e são assim definidos por Ferreira (2004):

Aldeia: Pequena povoação, de categoria inferior a vila; povoação rústica; povoado *ou* Povoação constituída exclusivamente de índios; maloca.

Distrito: divisão administrativa de município ou cidade, compreendendo geralmente mais de um bairro.

Município: circunscrição administrativa autônoma do estado, governada por um prefeito e uma câmara de vereadores; municipalidade, concelho.

Povoado: pequena aglomeração urbana; lugarejo, vila, aldeia, povoação, povo, póvoa.

Vila: povoação de categoria superior à de aldeia ou arraial e inferior à de cidade.

5.2 A construção do glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses

De acordo com Haensch (1982, p. 106), um glossário é um “repertório de palavras, em muchos casos de términos técnicos (monolíngüe o plurilíngüe), que no pretende ser exhaustivo [...]”⁷³. Considerando essa posição teórica e as considerações de Dick (1999, p. 126) de que “os topônimos podem ser interpretados como termos”, entendemos que a tipologia *glossário* é a que melhor se aplica ao produto final desta pesquisa.

5.2.1 A macroestrutura do glossário

A macroestrutura do *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses* é formada por 439 (quatrocentos e trinta e nove) *fitotopônimos* organizados em ordem alfabética, sendo a palavra-entrada destacada em negrito e com apenas a primeira letra maiúscula. Todos os *fitotopônimos*, cuja origem foi identificada, receberam tratamento lexicográfico e os que ocorrem mais de uma vez, nomeando acidentes geográficos diferentes, foram registrados na mesma entrada, porém, com a informação sobre todos os tipos de acidentes nomeados pelo topônimo em questão, com a devida localização dos acidentes nomeados, como no exemplo:

Capão Alto

⁷³ “repertório de palavras, em muitos casos de termos técnicos (monolíngüe ou plurilíngüe), que não pretendem ser exhaustivos [...]” (HAENSCH, 1982, p. 106) (TN)

AH – povoado em Rio Verde de Mato Grosso; AF – uma cabeceira em Bandeirantes, um córrego em Dourados, um córrego em Inocência, uma cabeceira em Nova Alvorada do Sul e dois córregos em Rio Brillante.

Cabe destacar que o exemplo ilustra apenas o comportamento do verbete quando o designativo referir-se a vários acidentes geográficos, de diferentes tipos e em diferentes localidades. A estrutura completa do verbete será informada no item “microestrutura do glossário”.

Castiglioni (2008, p. 69), ao elaborar o *Glossário de topônimos do bolsão sul-mato-grossense*, deixa claro que um dos objetivos do glossário é “oferecer uma proposta de tratamento lexicográfico que poderá contribuir para a confecção do futuro dicionário de topônimos de Mato Grosso do Sul”, logo, servimo-nos parcialmente da proposta lexicográfica dessa autora para a elaboração do *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses* e também partilhamos do mesmo objetivo dessa pesquisadora, no que diz respeito à expectativa de contribuir com a elaboração futura do dicionário de topônimos sul-mato-grossenses.

5.2.2 A microestrutura do glossário

Um glossário de topônimos é classificado como um *dicionário especial* e diferencia-se dos dicionários de uso geral, principalmente no que refere à microestrutura do verbete, ou seja, um glossário de topônimos apresenta elementos que não ocorrem nos demais dicionários de uso geral da língua, tais como o tipo de acidente (córrego, rio, vale, cidade, vila, distrito, etc) nomeado pela palavra (verbeta/topônimo), a classificação taxionômica do topônimo, a estrutura mórfica do nome, a etimologia dos elementos formadores e significado do item do léxico da língua elevado à categoria de topônimo, com base no registro em dicionários gerais de língua ou em dicionários/glossários específicos.

Portanto, os verbetes do *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses* foram organizados em ordem alfabética para facilitar o manuseio, contém informações *sistemáticas* (obrigatórias em todos os verbetes) e *não-sistemáticas* (informações não-obrigatórias).

As informações sistemáticas contemplam os seguintes elementos na estrutura do verbete: entrada; origem linguística; estrutura morfológica; tipo e categoria do acidente geográfico; localização geográfica do acidente nomeado; definição do topônimo considerando a definição do item lexical que deu origem ao topônimo, com base em

informações registradas em dicionários de plantas. Já as informações não-sistemáticas reúnem, quando disponíveis e/ou necessários, os seguintes itens: nota, variante e remissiva.

5.2.2.1 Entrada (topônimo)

O verbete reproduz a forma como o topônimo é registrado nos mapas oficiais do IBGE, grafado com inicial maiúscula e destacado em negrito.

5.2.2.2 Origem linguística

A origem linguística dos *fitotopônimos*, identificada com base na consulta dos dicionários anteriormente citados, aparece, entre colchetes, imediatamente após a entrada (português, guarani, tupi, tupi+português, guarani+português, etc.), na mesma linha horizontal. Quando não foi possível recuperar a origem linguística do topônimo, por falta de registro nos dicionários utilizados como fonte nesta pesquisa, o campo *origem linguística* foi preenchido com a informação *origem incerta*, como é o caso do topônimo *Tabaco*, que tem a significação definida, mas a origem incerta. De acordo com Ferreira (2004),

Tabaco: (De origem incerta). Grande erva, molemente tomentosa, da família das solanáceas (*Nicotiana tabacum*), de origem sul-americana, de folhas amplas, oblongas, acuminadas e macias, flores vistosas, tubulosas e róseas, e que possui nicotina, razão por que a infusão das folhas serve para matar parasitos. Dessecadas, as folhas constituem o fumo ou tabaco.

5.2.2.3 Estrutura morfológica

A estrutura morfológica dos topônimos considera a estrutura formal do sintagma toponímico (simples, simples híbrido, composto ou composto híbrido). É registrada entre colchetes, juntamente com o campo “origem linguística” e separada desse campo por ponto e vírgula, como nos exemplos:

Figueira [português; simples]

Guapeí [tupi+guarani; composto híbrido]

Mata Assombrada, da [português; composto]

Landizinho [tupi+português; simples híbrido]

5.2.2.4 Tipo e categoria do acidente geográfico

Nesse item são relacionados os tipos de acidentes (AH ou AF) e a categoria do acidente geográfico designado pelo topônimo (rio, córrego, cachoeira, caverna, vazante, morro, riacho, município, distrito, vila, povoado, etc.). Essa informação é apresentada no corpo da definição. Exemplos:

Bocajá

[...] um AH: uma vila em Douradina e uma em Laguna Caarapã; e de três AF: um córrego em Caracol, um em Iguatemi e um em Juti.

Jaraguá

[...] um AH: uma vila em Terenos; e cinco AF: um córrego em Bandeirantes, um em Corguinho, um em Dois Irmãos do Buriti, um em Jaraguari e um em Terenos.

É importante destacar que os exemplos ilustram apenas o comportamento do verbete quando da categorização dos acidentes geográficos. A estrutura completa do verbete será informada no item “5.2.3 Modelos de verbete”.

5.2.2.5 Localização geográfica do acidente nomeado

Todas as localidades (municípios) onde estão inscritos os topônimos são indicadas, de acordo como consta no Banco de Dados do Projeto ATEMS, após a indicação do tipo e da categoria do acidente.

5.2.2.6 Definição

O item lexical elevado à categoria de topônimo é definido com base nos dicionários de plantas e, quando não identificado em dicionários especializados, são utilizadas as definições disponíveis em dicionários gerais da língua portuguesa, Ferreira (2004) e/ou Houaiss (2007). Quando se trata de estratos linguísticos indígenas, a definição do termo pauta-se nos registros encontrados nos dicionários de língua indígena utilizados nesta pesquisa. Os termos de outras origens linguísticas têm sua definição verificada em Cunha (1997) – *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* – e/ou em Ferreira (2004), que traz o item etimologia em sua estrutura.

A definição é redigida com o objetivo de ser compreendida por leitores não-especializados e demonstrar ao consulente a relação havida entre o item lexical utilizado como topônimo e o acidente geográfico.

5.2.2.7 Nota

Esse campo contém, quando localizadas, informações adicionais de caráter enciclopédico, sobre o topônimo, que buscam acrescentar o caráter definitório do termo. As notas enciclopédicas proporcionam ao consulente um maior esclarecimento sobre o termo que deu origem ao topônimo.

5.2.2.8 Variante

São consideradas variantes topônimos com registros ortográficos distintos, que foram grafados em *itálico/negrito* após a significação do item lexical que deu origem ao topônimo (ou após a significação do item lexical em língua indígena, quando ocorrer). Havendo mais de uma variante para um verbete, estas foram separadas por ponto e vírgula. Cada variante teve uma entrada específica com todas as informações pertinentes, como pode ser verificado nos modelos de verbete (item 5.2.3). Exemplos:

Babaçu [tupi; simples]

Variantes: *Baguaçu; Babuaçu*

Babuaçu [tupi; simples]

Variantes: *Babaçu; Baguaçu*

Baguaçu [tupi; simples]

Variantes: *Babaçu; Babuaçu*

Cabe destacar aqui que os exemplos dados neste item ilustram apenas o comportamento do verbete apresentando variante(s).

5.2.2.9 Remissiva

As remissivas são marcadas pela sigla Cf. (“conferir”), grafadas em *itálico* imediatamente após a(s) variante(s), quando houve, e faz referências a outros verbetes do glossário que evidenciam relações semânticas e/ou formais com o *fitotopônimo* que encabeça o verbete. Exemplos:

Babaçu [tupi; simples]

Cf. *Baguaçu; Baguaçuzinho; Babuaçu*

Babuaçu [tupi; simples]

Cf. *Babaçu; Baguaçu; Baguaçuzinho*

Baguaçu [tupi; simples]

Cf. *Babaçu; Babuaçu; Baguaçuzinho*

5.2.3 Modelos de verbete

A seguir são apresentados alguns modelos de verbetes do *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses*.

Babaçu [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Alcinópolis. Espécie vegetal da família das palmáceas, tem espique alto (nos indivíduos seculares até mais ou menos 20 m), sendo cortado por 15-20 folhas planas, penipartidas, muito aproximadas, de mais de 9 m de comprimento, amarelo-estriadas, branco-tomentosas enquanto novas; flores dispostas em espadices (4-6) ramosos com pedúnculos de 1 m e protegidos por espatas lanceoladas, sendo a interior ferrugíneo-tomentosa; fruto drupa oblonga, ferrugíneo-vilosa, de tamanho variável, até 15 cm de diâmetro longitudinal, encerrando 3-4 sementes (amêndoas) (CORRÊA, 1984). “*Babassú* – De *ibabassú*, fruto grande, coco” (BUENO, 2008). Variantes: ***Baguaçu; Babuaçu***. Cf. *Baguaçu; Baguaçuzinho; Babuaçu*.

Nota: Essa é, certamente, uma das palmeiras mais importantes da flora brasileira e essa importância resulta principalmente dos frutos e das sementes produzidas por ela. É planta social que cobre enormes extensões, desde a Amazônia até a Bahia e Mato Grosso; calcula-se que cada indivíduo produz pelo menos 2.000 frutos anualmente, não sendo raro que produza até mais que o dobro, dependendo da vitalidade da árvore. O seu melhor aproveitamento vem sendo feito desde 1913, exportando-se consideráveis quantidades e havendo cada vez maior procura do artigo. Entre as espécies do gênero, e mesmo entre as palmeiras nacionais, é essa a que dá frutos maiores. O lenho é utilizado para esteios e ripas e as folhas, pecíolos e espatas constituem bom material para cobertura das cabanas. O nome vulgar adotado, corruptela de nome indígena, é o mais disseminado em todo o País. Tem como sinônimos os seguintes nomes: *Aguassú*,

Auassú, Baguassú, Bauassú, Coco de Macaco, Coco de Palmeira, Coco Nayá, Coco Pindoba, Guaguassú, Oauassú, Palha Branca, Uáuássú (CORRÊA, 1984).

Babuaçu [tupi; simples]

Nome de um AF: córrego em Chapadão do Sul. Espécie vegetal da família das palmáceas, tem espique alto (nos indivíduos seculares até mais ou menos 20 m), sendo cortado por 15-20 folhas planas, penipartidas, muito aproximadas, de mais de 9 m de comprimento, amarelo-estriadas, branco-tomentosas enquanto novas; flores dispostas em espádices (4-6) ramosos com pedúnculos de 1 m e protegidos por espatas lanceoladas, sendo a interior ferrugíneo-tomentosa; fruto drupa oblonga, ferrugíneo-vilosa, de tamanho variável, até 15 cm de diâmetro longitudinal, encerrando 3-4 sementes (amêndoas). “*Babassú* – De *ibabassú*, fruto grande, coco” (BUENO, 2008). Variantes: **Babaçu; Baguaçu**. Cf. *Babaçu; Baguaçu; Baguaçuzinho*.

Nota: Essa é, certamente, uma das palmeiras mais importantes da nossa flora e essa importância resulta principalmente dos frutos e das sementes. É planta social que cobre enormes extensões, desde a Amazônia até a Bahia e \Mato Grosso; calcula-se que cada indivíduo produz pelo menos 2.000 frutos anualmente, não sendo raro que produza até mais que o dobro, dependendo da vitalidade da árvore. O seu melhor aproveitamento vem sendo feito desde 1913, exportando-se consideráveis quantidades e havendo cada vez maior procura do artigo. Entre as espécies do gênero, e mesmo entre as palmeiras nacionais, é essa a que dá frutos maiores. O lenho é utilizado para esteios e ripas e as folhas, pecíolos e espatas constituem bom material para cobertura das cabanas. O nome vulgar adotado, corruptela de nome indígena, é o mais disseminado em todo o País. Tem como sinônimos os seguintes nomes: *Aguassú, Auassú, Baguassú, Bauassú, Coco de Macaco, Coco de Palmeira, Coco Nayá, Coco Pindoba, Guaguassú, Oauassú, Palha Branca, Uáuássú* (CORRÊA, 1984).

Baguaçu [tupi; simples]

Nome de seis AF: um córrego em Água Clara, um em Alcínópolis, um em Corguinho, um em Pedro Gomes, um em Porto Murtinho e um em São Gabriel do Oeste. Espécie vegetal da família das palmáceas, tem espique alto (nos indivíduos seculares até mais ou menos 20 m), sendo cortado por 15-20 folhas planas, penipartidas, muito aproximadas, de mais de 9 m de comprimento, amarelo-estriadas, branco-tomentosas enquanto novas;

flores dispostas em espadices (4-6) ramosos com pedúnculos de 1 m e protegidos por espatas lanceoladas, sendo a interior ferrugíneo-tomentosa; fruto drupa oblonga, ferrugíneo-vilosa, de tamanho variável, até 15 cm de diâmetro longitudinal, encerrando 3-4 sementes (amêndoas). “*Babassú* – De *ibabassú*, fruto grande, coco” (BUENO, 2008). Variantes: ***Babaçu***; ***Babuaçu***. Cf. *Babaçu*; *Babuaçu*; *Baguaçuzinho*.

Nota: Essa é, certamente, uma das palmeiras mais importantes da flora brasileira e essa importância resulta principalmente dos frutos e das sementes. É planta social que cobre enormes extensões, desde a Amazônia até a Bahia e Mato Grosso; calcula-se que cada indivíduo produz pelo menos 2.000 frutos anualmente, não sendo raro que produza até mais que o dobro, dependendo da vitalidade da árvore. O seu melhor aproveitamento vem sendo feito desde 1913, exportando-se consideráveis quantidades e havendo cada vez maior procura do artigo. Entre as espécies do gênero, e mesmo entre as palmeiras nacionais, é essa a que dá frutos maiores. O lenho é utilizado para esteios e ripas e as folhas, pecíolos e espatas constituem bom material para cobertura das cabanas. O nome vulgar adotado, corruptela de nome indígena, é o mais disseminado em todo o País. Tem como sinônimos os seguintes nomes: *Aguassú*, *Auassú*, *Baguassú*, *Bauassú*, *Coco de Macaco*, *Coco de Palmeira*, *Coco Nayá*, *Coco Pindoba*, *Guaguassú*, *Oauassú*, *Palha Branca*, *Uáuássú* (CORRÊA, 1984).

A seguir apresentamos o *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses*.

GLOSSÁRIO

A

Abóbora [português; simples]

Nome de um AF: córrego em Rio Verde de Mato Grosso. Fruto da aboboreira, geralmente grande, variando em qualidade. Em sua maior parte é comestível e medicinal (CRUZ, 1985). Cf. *Aboboreira*.

Aboboreira [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranaíba. Espécie de planta rasteira, ramosa, que tem o caule áspero que, às vezes, se apresenta coberto de espinhos de consistência mole. A aboboreira é uma planta de vegetação espontânea e, às vezes, cultivada, produzindo grande quantidade de frutos (CRUZ, 1985). Cf. *Abóbora*.

Açaí [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Amambaí. “*Assahi, a-çai*, a fruta ácida, [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 161).

Acorizal, do [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Coxim. Acori - “*bacury*, corr. *yba-curú-uú* ou *yba-curi*, o fruto contínuo, apressado; o que lubrifica de prompto [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 162). Variante: *Acurizal*. Cf. *Acurizal*.

Nota: No verbete *acuri/acori*, Houaiss (2007) remete a *guacuri* que, por sua vez, remete a *bacuri*, “grande árvore [...] nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), [...] madeira nobre, [...] com polpa amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro, landirana”.

Acurizal [tupi+português; composto híbrido]

Nome de dois AF: um córrego em Bonito e um em Nioaque. Formação de acoris dispostos proximamente entre si. *Acori* - “*bacury*, corr. *yba-curú-uú* ou *yba-curi*, o fruto contínuo, apressado; o que lubrifica de prompto [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 162).

Variante: *Acorizal*. Cf. *Acorizal*.

Açucena [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Deodópolis. Espécie de flor que confere encanto aos nossos jardins, onde figura em destaque, mercê de sua delicadeza e suave aroma que exala, embalsamando o ambiente onde é cultivada. Essa planta produz um óleo essencial de muita utilidade. São sinônimos de Açucena: *Lírio-Branco*, *Copo-de-leite*, *Cebola*, *Cecém*, *Flor da Imperatriz*, *Lírio dos Poetas*, *Palma de São José* (CRUZ, 1985)

Variante: *Assussena*. Cf. *Assussena*.

Assussena [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Naviraí. Espécie de flor que confere encanto aos nossos jardins, onde figura em destaque, mercê de sua delicadeza e suave aroma que exala, embalsamando o ambiente onde é cultivada. Essa planta produz um óleo essencial de muita utilidade. São sinônimos de Açucena: *Lírio-Branco*, *Copo-de-leite*, *Cebola*, *Cecém*, *Flor da Imperatriz*, *Lírio dos Poetas*, *Palma de São José* (CRUZ, 1985). Variante: *Açucena*. Cf. *Açucena*.

Aguapé, do [tupi; simples]

Nome de um AF: uma lagoa em Corumbá. Espécie vegetal cujo nome pertence a numerosas espécies aquáticas e flutuantes de diversas famílias, em sua maioria indígenas, e outras exóticas, cultivadas nos lagos e tanques dos jardins como ornamentais. São ocorrentes em Mato Grosso as espécies: *Nymphaeaceas*, *Eichornia azurea* Kth, *Heteranthero limosa* Vahl, *H. reniformis* R. e P., *Nymphaea blanda* e *P. ovalis* M. (CORRÊA, 1984). “*Aguá-pé*, [...] a planta vulgarmente chamada *guapé*, *guapéba*, *guapéva*, que cobre a superfície dos lagos e de águas remansadas [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 149). Cf. *Aguapéi*; *Guapéi*.

Nota: É importante ressaltar que o aguapé é uma planta abundante nos rios de Mato Grosso do Sul, principalmente na região do Pantanal.

Aguapeí [tupi+guarani; composto híbrido]

Nome de dois AF: um córrego em Naviraí e um em Tacuru. Espécie vegetal cujo nome pertence a numerosas espécies aquáticas e flutuantes de diversas famílias, em sua maioria indígenas, e outras exóticas, cultivadas nos lagos e tanques dos jardins como ornamentais. São ocorrentes em Mato Grosso as espécies: *Nymphaeaceas*, *Eichornia azurea* Kth, *Heteranthero limosa* Vahl, *H. reniformis* R. e P., *Nymphaea blanda* e *P. ovalis* M. (CORRÊA, 1984). “Aguá-pé, [...] a planta vulgarmente chamada *guapé*, *guapéba*, *guapéva*, que cobre a superfície dos lagos e de águas remansadas [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 149). Variante: **Guapeí**. Cf. *Aguapé, do; Guapeí*.

Nota: Designativo formado por *Aguá-pé* mais o radical *í*, “água, rio, líquido [...]” (BUENO, 2008), significando, literalmente, “rio do aguapé”. É importante ressaltar que o aguapé é uma planta abundante nos rios de Mato Grosso do Sul, principalmente na região do Pantanal.

Alecrim [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ribas do Rio Pardo. Espécie de planta por cujo nome são conhecidas três espécies, sendo: 1. *Holocalyx balansae* Micheli - árvore de caule tortuoso, de até 14 m de altura e 1 de diâmetro; casca cinzento-escura, quase lisa; folhas alternas; flores pequenas. Fornece madeira vermelho-amarelada, muito compacta, dura, pesada, não elástica, própria para marcenaria de luxo e obras de torno; os aborígenes, designadamente os Guayaquis de Mato Grosso e do Paraguay, servem-se dela para fazer suas flechas. 2. *H. Glaziovil* Taub. – árvore ocorrente em São Paulo. 3. *Rosmarinus officinalis* L. – arbusto de folhas sésseis (diretamente inseridas nos ramos), verdes, flores azul-pálidas, raramente róseas ou brancas e fruto ovóide. (CORRÊA, 1984).

Nota: Essa planta é conhecida nas farmácias como “Herba Rosmarinii” e já os antigos gregos e romanos associavam-na às suas festas religiosas e civis e ainda hoje goza de grande reputação entre as populações rurais do mundo civilizado, sendo a infusão das folhas muito corrente como chá. Originária da Europa, deve ter sido introduzida no Brasil pelos primeiros colonos, achando-se agora disseminada em todos os Estados,

sempre cultivada como remédio caseiro, desenvolvendo-se bem em quaisquer terrenos secos ou expostos ao sol (CORRÊA, 1984).

Algadoal [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Pedro Gomes. Formação de algodoeiros dispostos proximamente entre si. O algodoeiro é uma espécie de planta que tem, comumente, a altura de um arbusto, sendo que, às vezes, apresenta maior crescimento chegando a ter quase o tamanho de uma árvore. Suas folhas se colocam nos ramos de forma alternada. Tem flores bonitas e grandes, amarelas e purpúreas. Os frutos têm, na linguagem popular, o nome de *maçãs* e são uma espécie de cápsula oval, cuja parte superior é pontiaguda. Cada um desses frutos se reparte em cerca de 3 a 4 compartimentos, nos quais se ocultam 3 a 7 sementes negras e ovais envoltas em penugens finas e delicadas, o algodão (CRUZ, 1985).

Alho [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. Espécie vegetal, o *Allium Sativum* desenvolve-se espontaneamente em várias partes da Europa, sendo muito conhecido no Brasil e em outras partes do mundo. Esse vegetal cresce pouco e suas folhas são estreitas e não apresentam desigualdade em sua superfície. Na parte terminal do caule nascem flores miúdas, brancas, pouco cheirosas, as quais se ajuntam formando uma espécie de chapéu de sol. O bulbo, que ordinariamente se chama de raiz, é um corpo oval, formado por alguns gomos, ou “dentes”, e constituído por uma massa consistente e aquosa, de cheiro muito forte. Esse gênero de plantas tem muitas espécies, dentre as quais se destacam o *Alho da Espanha* ou *Alho Grosso* (*Allium Scorodoprasum*) e o *Alho Porro* (*Allium Porrum*), maior do que o alho comum. O *Alho Porro* é uma variedade interessante, pois, ao contrário das outras espécies, não produz as chamadas “cabeças de alho”, mas sim um único “dente”.

Nota: Desde os tempos mais remotos da humanidade o homem conhece o alho bem como o cultiva e o utiliza não só como condimento, mas também como remédio para várias enfermidades. Os egípcios e os árabes muito o apreciavam, entretanto, esta liliácea foi alvo do preconceito dos gregos, que o hostilizavam, combatendo e impondo castigo àqueles que dele faziam uso (CRUZ, 1985).

Amambaí [tupi; composto]

Nome de um AH: município, Amambaí; e nove AF: um rio em Amambai, um em Aral Moreira, dois rios em Coronel Sapucaia, um em Iguatemi, um em Itaquiraí, um em Juti, um em Laguna Caarapã e um em Naviraí. Amambaí, corruptela de *samambaia*, designativo formado por: *çama*: corda, fio e *mbai*: trançado, emaranhado (BUENO, 2008, p. 313).

Nota: Tavares (2004, p. 78) informa sobre o topônimo Amambai que esse foi classificado como um fitotopônimo por estar relacionado à samambaia, pois, de acordo com Houaiss (2001), samambaia, segundo Teodoro Sampaio, tem origem no tupi “*çama* – *mbaí*, traçado de cordas”, sendo que o mesmo dicionário registra ainda a interpretação de Nascentes: “*ham a’ mbae*, o que se torce em espiral”, em referência às folhas da samambaia que são enroladas nas pontas e se desenvolvem à medida que crescem.

Amoreiras, das [português; simples]

Nome de um AF: uma baía em Porto Murinho. Espécie vegetal que tem sua origem na Ásia, frutificando com maior intensidade e abundância, sobretudo na Ásia Menor, e está plenamente aclimatada ao nosso País. É árvore de relativo crescimento, de copa ampla, com folhas mais compridas do que ovais, revestidas de pelos finos e flores em cachos. Fruto azedo e comestível, de cor roxo-escuro (CRUZ, 1985).

Nota: As folhas da amoreira são aproveitadas para alimentar o bicho-da-seda e o seu lenho é de qualidade apreciável, sendo utilizado na confecção de obras de marcenaria (CRUZ, 1985).

Ananás [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Bandeirantes. Espécie vegetal da família das bromeliáceas, considerada por muito autores como originária do Brasil, entretanto, outros acreditam que o *Ananassa Sativa* procede da Índia e admitem mesmo que ela é conhecida na China desde os tempos mais remotos. Todavia, pode-se afirmar que o Ananaseiro é uma planta americana, pois, como bem assinala Caminhoá, nas florestas da América do Sul se encontram numerosos exemplares em estado selvagem. O fruto do Ananaseiro, o Ananás, é de forma cônica e quando maduro adquire uma cor vermelha muito viva; é uma fruta extremamente ácida. Parece-se com o Abacaxi, mas entre

ambos há uma pequena diferença: o Ananás é um fruto silvestre enquanto que o Abacaxi, uma variedade do Ananás, é cultivado (CRUZ, 1985). Ananás, “*ananã* - ananás, abacaxi. [...] modificação de *nen-e*, cheiroso, rescendente” (BUENO, 2008).

Angelim [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Selvíria e um em Sidrolândia. Espécie de árvore de folhas imparipinadas, compostas de 5 a 9 folíolos ovados, elípticos ou cordiformes, coriáceos, pubescentes na página inferior; flores roxas dispostas em panículas terminais; fruto vagem drupácea (CORRÊA, 1984). Acrescenta-se sobre essa espécie vegetal que è uma árvore com altura de 4 a 6 m, dotada de copa mais ou menos globosa, com ramos novos grossos e fomentosos. Tronco tortuoso e cilíndrico, de 20-30 cm de diâmetro, com casca suberosa, partida no sentido longitudinal; fruto legume drupáceo subgloboso, contendo uma única semente (LORENZI, 2002, p. 206). Angelim, “*andyrayba* – o mesmo que *angelim* (Tastevin); trad. lit. árvore de morcego” (TIBIRIÇA, 1984).

Nota: Ocorre nos Estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso, nos cerradões. Sua madeira é moderadamente pesada, macia ao corte, de textura média, grã ondulada, pouco resistente e de baixa durabilidade, utilizada apenas localmente para a confecção de gamelas, cochos e utensílios domésticos, para obras internas em construções civis, para caixotaria, bem como para lenha e carvão. Os frutos são muito perseguidos por morcegos frutívoros. O cerne do lenho moído é usado como medicinal. As flores são apícolas. Nomes populares: *Morcego*, *Morcegueiro*, *Mata-Baratas*, *Angelim-do-Cerrado* (LORENZI, 2002, p. 206).

Angico [português; simples]

Nome de quatro AF: um córrego em Campo Grande, um em Dois Irmãos do Buriti, um em Ribas do Rio Pardo e um em Rochedo. Espécie de árvore de origem brasileira que atinge grande altura, tendo 24 a 26 m, medrando nos lugares de vegetação enfezada, onde são encontrados espinheiros, cardos, gravatás e outros tipos de vegetais próprios dessas regiões. Folhas miúdas, opostas, em forma de pequenas palmas; flores de cor branca, pequenas, arredondadas e ligeiramente cheirosas; frutos que são vagens pequenas, comprimidas, escuras, contendo sementes miúdas (CRUZ, 1985). Cf. *Angico, do*.

Nota: Essa é uma das plantas de grande valor da flora brasileira, pelas suas muitas utilidades. Para o reflorestamento das matas que sofrem devastações é indicado com muito acerto, pois cresce com rapidez e substitui com vantagem o eucalipto, cujo crescimento é mais demorado. Produz madeira de primeira qualidade, tradicionalmente empregada na construção civil. A entrecasca contém elevada porcentagem de tanino, pelo que é muito empregado, com resultados satisfatórios, na indústria de curtume de couros. Também é conhecida por *Acácia Angico* e *Cambiú* (CRUZ, 1985).

Angico, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Figueirão. Espécie de árvore de origem brasileira que atinge grande altura, tendo 24 a 26 m, medrando nos lugares de vegetação enfezada, onde são encontrados espinheiros, cardos, gravatás e outros tipos de vegetais próprios dessas regiões. Folhas miúdas, opostas, em forma de pequenas palmas; flores de cor branca, pequenas, arredondadas e ligeiramente cheirosas; frutos que são vagens pequenas, comprimidas, escuras, contendo sementes miúdas. (CRUZ, 1985). Cf. *Angico*.

Nota: Essa é uma das plantas de grande valor da flora brasileira, pelas suas muitas utilidades. Para o reflorestamento das matas que sofrem devastações é indicado com muito acerto, pois cresce com rapidez e substitui com vantagem o eucalipto, cujo crescimento é mais demorado. Produz madeira de primeira qualidade, tradicionalmente empregada na construção civil. A entrecasca contém elevada porcentagem de tanino, pelo que é muito empregado, com resultados satisfatórios, na indústria de curtume de couros. Também é conhecida por *Acácia Angico* e *Cambiú* (CRUZ, 1985).

Anil, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Aparecida do Taboado. Espécie de planta que se tornou popularíssima no Brasil, podendo se dizer que não há uma só região em que ela seja desconhecida. Arbusto herbáceo, de ramagem abundante, revestida de pelos de um verde-claro; flores miúdas, em cachos. E cuja cor é um misto de vermelho e verde; frutos que são vagens arredondadas e recurvas, sendo uma das extremidades pontiagudas (CRUZ, 1985).

Nota: Tempos atrás, a anileira representou papel destacado na economia brasileira, pois era bastante cultivada para a extração do anil, cuja exportação chegou a ser volumosa

Araçatuba, de [tupi; simples]

Nome de um AF: um canal em Taquarussu. Espécie de planta brasileira que cresce preferencialmente nos campos, em lugares úmidos como, por exemplo, nas proximidades dos rios, riachos e lagoas. Arbusto quase árvore, de cerne de um roxo desmaiado, com veios bem escuros, tendo folhas grandes e peludas e frutos amarelos, alongados, ovais e ácidos, tornando-se doces e gostosos quando se completa o ciclo da maturação. As folhas são pecioladas, alongadas, terminado em ponta aguda na base e na extremidade superior. As flores são brancas e os frutos se dividem em 3, 4 ou 5 compartimentos, onde se encontram algumas sementes (CRUZ, 1985). . “*Araçatuba*, corr. *araçá-tyba*, o sítio dos araçás, onde há araçás em abundância. Alt. *Araçatiba*” (SAMPAIO, 1987, p. 156).

Nota: A araçatuba dá madeira de boa qualidade, fortemente impregnada de tanino para curtir couros e peles e seu fruto é largamente utilizado para a preparação de doces, geléias e refrigerantes (CRUZ, 1985).

Argite [latim; simples]

Nome de um AF: córrego em Naviraí. Espécie vegetal, “variedade de uva branca cultivada na Itália no tempo dos antigos romanos” (HOUAISS, 2007). Variante: *Argitá*. Cf. *Argitá*.

Argitá [latim; simples]

Nome de um AF: córrego em Naviraí. Espécie vegetal, “variedade de uva branca cultivada na Itália no tempo dos antigos romanos” (HOUAISS, 2007) Variante: *Argite*. Cf. *Argite*.

Aroeira [português; simples]

Nome de cinco AF: um córrego em Aparecida do Taboado, um em Chapadão do Sul, dois em Paranaíba e um em Santa Rita do Pardo. Espécie de árvore alta, de casca fina, de um cinza avermelhado, com escamas. Tem as folhas alternadas, cujos folíolos são

lanceolados, pontiagudos, denteados e desprovidos de pedúnculos; flores pequenas em grande número, em forma de panículas; fruto arredondado, encarnado e lúcido, o qual exala um cheiro que se assemelha ao da pimenta; a casca adstringente é empregada na indústria de curtume. Dá boa madeira, dura, de durabilidade limitada. É conhecida também por *Aguarabaguaçu*, *Aroeira do Amazonas* e *Pimenteira Bastarda* (CRUZ, 1985). Cf. *Aroeira, da*.

Nota: Na busca por *aroeira*, Ferreira (2004) remete a *urundeúva*, cuja etimologia é tupi e, segundo Tibiriçá (1984), significa "urundeúba – planta da família das anacardiáceas [Geraldo da Cunha]".

Aroeira, da [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranaíba. Espécie de árvore alta, de casca fina, de um cinza avermelhado, com escamas. Tem as folhas alternadas, cujos folíolos são lanceolados, pontiagudos, denteados e desprovidos de pedúnculos; flores pequenas em grande número, em forma de panículas; fruto arredondado, encarnado e lúcido, o qual exala um cheiro que se assemelha ao da pimenta; a casca adstringente é empregada na indústria de curtume. Dá boa madeira, dura, de durabilidade limitada. É conhecida também por *Aguarabaguaçu*, *Aroeira do Amazonas* e *Pimenteira Bastarda* (CRUZ, 1985). Cf. *Aroeira*.

Nota: Na busca por *aroeira*, Ferreira (2004) remete a *urundeúva*, cuja etimologia é tupi e, segundo Tibiriçá (1984), significa "urundeúba – planta da família das anacardiáceas [Geraldo da Cunha]".

Arroz [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Nova Alvorada do Sul e um em Paranaíba. Espécie vegetal, o arroz, ou melhor, *Oryza Sativa*, Lineu, da família das gramíneas, um cereal alimentício de quase todos os povos da terra, é uma planta anual, cujo caule é uma vergonha fina, de 40 cm a 1 m, revestida de folhas alongadas e estreitas da cor verde descorado; desabrocha um cacho em época própria, com sumidades floridas com aparência de sementes formando os frutos cobertos de envoltório paleáceo, de forma elíptica, contendo uma semente branca, rica de uma substância amilácea. (CRUZ, 1985). Cf. *Arroz, do*; *Arrozal*; *Arroz Doce*.

Nota: O Brasil é um país que dispõe de grandes áreas de terras úmidas e semi-úmidas para a cultura desse cereal em grande escala. A casca do Arroz é aproveitada na indústria do papel e do papelão ondulado, destinados a embalagens hoje de grande emprego.

Existem provas históricas de que essa gramínea, o arroz, vem sendo cultivada desde há cerca de 5.000 anos, o que explica e justifica a existência de incalculável número de variedades, cuja identificação científica parece não mais poder fazer-se, tais as dificuldades que oferece agora um trabalho dessa natureza, pois somente na Índia foram constatados oficialmente cerca de 8.000 nomes diferentes e tudo leva a acreditar que o número será ainda mais elevado na Indo-China, na China e no Japão, englobadamente. Mesmo no Brasil, onde a cultura é recente, já hoje temos grande número de variedades, muitas das quais sinônimas (CORRÊA, 1984).

Arroz, do [português; simples]

Nome de um AF: uma lagoa em Ladário. Espécie vegetal, o arroz, ou melhor, *Oryza Sativa*, Lineu, da família das gramíneas, um cereal alimentício de quase todos os povos da terra, é uma planta anual, cujo caule é uma vergoncha fina, de 40 cm a 1 m, revestida de folhas alongadas e estreitas da cor verde descorado; desabrocha um cacho em época própria, com sumidades floridas com aparência de sementes formando os frutos cobertos de envoltório paleáceo, de forma elíptica, contendo uma semente branca, rica de uma substância amilácea. (CRUZ, 1985). Cf. *Arroz; Arrozal; Arroz Doce*.

Nota: O Brasil é um país que dispõe de grandes áreas de terras úmidas e semi-úmidas para a cultura desse cereal em grande escala. A casca do arroz é aproveitada na indústria do papel e do papelão ondulado, destinados a embalagens hoje de grande emprego.

Existem provas históricas de que o arroz vem sendo cultivada desde há cerca de 5.000 anos, o que explica e justifica a existência de incalculável número de variedades, cuja identificação científica parece não mais poder fazer-se, tais as dificuldades que oferece agora um trabalho dessa natureza, pois somente na Índia foram constatados oficialmente cerca de 8.000 nomes diferentes e tudo leva a acreditar que o número será ainda mais elevado na Indo-China, na China e no Japão, englobadamente. Mesmo no Brasil, onde a cultura é recente, já hoje temos grande número de variedades, muitas das quais sinônimas (CORRÊA, 1984).

Arrozal [português; simples]

Nome de seis AF: um córrego em Anastácio, dois em Bela Vista, uma vazante em Corumbá, uma em Coxim e um córrego em Sidrolândia. Formação de pés de arroz dispostos proximamente entre si. Espécie vegetal, o arroz, ou melhor, *Oryza Sativa*, Lineu, da família das gramíneas, um cereal alimentício de quase todos os povos da terra, é uma planta anual, cujo caule é uma vergonhea fina, de 40 cm a 1 m, revestida de folhas alongadas e estreitas da cor verde descorado; desabrocha um cacho em época própria, com sumidades floridas com aparência de sementes formando os frutos cobertos de envoltório paleáceo, de forma elíptica, contendo uma semente branca, rica de uma substância amilácea. (CRUZ, 1985). Cf. *Arroz*; *Arroz, do*; *Arroz Doce*.

Arroz Doce [português; composto] – Topônimo de estrutura composta, designativo de um AF: um córrego em Selvíria. Espécie vegetal, o arroz, ou melhor, *Oryza Sativa*, Lineu, da família das gramíneas, um cereal alimentício de quase todos os povos da terra, é uma planta anual, cujo caule é uma vergonhea fina, de 40 cm a 1 m, revestida de folhas alongadas e estreitas da cor verde descorado; desabrocha um cacho em época própria, com sumidades floridas com aparência de sementes formando os frutos cobertos de envoltório paleáceo, de forma elíptica, contendo uma semente branca, rica de uma substância amilácea. (CRUZ, 1985). Cf. *Arroz*; *Arroz, do*; *Arrozal*.

Nota: O Brasil é um país que dispõe de grandes áreas de terras úmidas e semi-úmidas para a cultura desse cereal em grande escala. A casca do Arroz é aproveitada na indústria do papel e do papelão ondulado, destinados a embalagens hoje de grande emprego.

Árvore Grande [português; composto]

Nome de cinco AF: três córregos em Cassilândia, um em Paranaíba e um em Santa Rita do Pardo. Espécie de “vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo, ao contrário do arbusto, que exhibe ramos desde junto ao solo” (FERREIRA, 2004).

B

Babaçu [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Alcinópolis. Espécie vegetal da família das palmáceas, tem espique alto (nos indivíduos seculares até mais ou menos 20 m), sendo cortado por 15-20 folhas planas, penipartidas, muito aproximadas, de mais de 9 m de comprimento, amarelo-estriadas, branco-tomentosas enquanto novas; flores dispostas em espadices (4-6) ramosos com pedúnculos de 1 m e protegidos por espatas lanceoladas, sendo a interior ferrugíneo-tomentosa; fruto drupa oblonga, ferrugíneo-velosa, de tamanho variável, até 15 cm de diâmetro longitudinal, encerrando 3-4 sementes (amêndoas). “*Babassú* – De *ibabassú*, fruto grande, coco” (BUENO, 2008). Variantes: *Baguaçu*, *Babuaçu*. Cf. *Baguaçu*; *Baguaçuzinho*; *Babuaçu*.

Nota: Essa é, certamente, uma das palmeiras mais importantes da nossa flora e essa importância resulta principalmente dos frutos e das sementes. É planta social que cobre enormes extensões, desde a Amazônia até a Bahia e \Mato Grosso; calcula-se que cada indivíduo produz pelo menos 2.000 frutos anualmente, não sendo raro que produza até mais que o dobro, dependendo da vitalidade da árvore. O seu melhor aproveitamento vem sendo feito desde 1913, exportando-se consideráveis quantidades e havendo cada vez maior procura do artigo. Entre as espécies do gênero, e mesmo entre as palmeiras nacionais, é essa a que dá frutos maiores. O lenho é utilizado para esteios e ripas e as folhas, pecíolos e espatas constituem bom material para cobertura das cabanas. O nome vulgar adotado, corruptela de nome indígena, é o mais disseminado em todo o País. Tem como sinônimos os seguintes nomes: *Aguassú*, *Auassú*, *Baguassú*, *Bauassú*, *Coco de Macaco*, *Coco de Palmeira*, *Coco Nayá*, *Coco Pindoba*, *Guaguassú*, *Oauassú*, *Palha Branca*, *Uáuássú* (CORRÊA, 1984).

Babuaçu [tupi; simples]

Nome de um AF: córrego em Chapadão do Sul. Espécie vegetal da família das palmáceas, tem espique alto (nos indivíduos seculares até mais ou menos 20 m), sendo cortado por 15-20 folhas planas, penipartidas, muito aproximadas, de mais de 9 m de comprimento, amarelo-estriadas, branco-tomentosas enquanto novas; flores dispostas em espadices (4-6) ramosos com pedúnculos de 1 m e protegidos por espatas lanceoladas, sendo a interior ferrugíneo-tomentosa; fruto drupa oblonga, ferrugíneo-vilosa, de tamanho variável, até 15 cm de diâmetro longitudinal, encerrando 3-4 sementes (amêndoas). “*Babassú* – De *ibabassú*, fruto grande, coco” (BUENO, 2008). Variantes: ***Babaçu***; ***Baguaçu***. Cf. *Babaçu*; *Baguaçu*; *Baguaçuzinho*.

Nota: Essa é, certamente, uma das palmeiras mais importantes da nossa flora e essa importância resulta principalmente dos frutos e das sementes. É planta social que cobre enormes extensões, desde a Amazônia até a Bahia e \Mato Grosso; calcula-se que cada indivíduo produz pelo menos 2.000 frutos anualmente, não sendo raro que produza até mais que o dobro, dependendo da vitalidade da árvore. O seu melhor aproveitamento vem sendo feito desde 1913, exportando-se consideráveis quantidades e havendo cada vez maior procura do artigo. Entre as espécies do gênero, e mesmo entre as palmeiras nacionais, é essa a que dá frutos maiores. O lenho é utilizado para esteios e ripas e as folhas, pecíolos e espatas constituem bom material para cobertura das cabanas. O nome vulgar adotado, corruptela de nome indígena, é o mais disseminado em todo o País. Tem como sinônimos os seguintes nomes: *Aguassú*, *Auassú*, *Baguassú*, *Bauassú*, *Coco de Macaco*, *Coco de Palmeira*, *Coco Nayá*, *Coco Pindoba*, *Guaguassú*, *Oauassú*, *Palha Branca*, *Uáuássú* (CORRÊA, 1984).

Bacuri [tupi; simples]

Nome de três AF: um rio em Bonito, um em Corumbá e um córrego em Maracaju. Espécie de árvore grande, de até 15 m de altura, ou mais, e cerca de 1 m de diâmetro; folhas opostas, pecioladas, lanceoladas, peninervias, coriáceas, inteiras, luzidias e glabras; flores branco-róseas, solitárias, grandes, terminais; fruto baga globosa, amarelo-citrina, de 7 cm de diâmetro longitudinal, contendo polpa branco-amarelada, mucilagínosa, agri-doce, comestível e agradável envolvendo sementes de 3 cm ou mais. (CORRÊA, 1984). “*Bacury*, corr. *ybá-cury* ou *yba-curi*, o fruto contínuo, apressado; o que frutifica de pronto [*Platonia insignis*]” (SAMPAIO, 1987, p. 163).

Nota: O bacuri fornece madeira de lei (*bacury amarello*), com alburno pardo e cerne amarelado, compacta, dura, elástica, própria para obras hidráulicas, construção naval e civil. Os frutos são de difícil digestão e, por isso, aproveitam-nos mais para doces, compotas, geléias, xaropes e refrescos de larga extração no Norte (CORRÊA, 1984).

Baguaçu [tupi; simples]

Nome de seis AF: um córrego em Água Clara, um em Alcinópolis, um em Corguinho, um em Pedro Gomes, um em Porto Murtinho e um em São Gabriel do Oeste. Espécie vegetal da família das palmáceas, tem espique alto (nos indivíduos seculares até mais ou menos 20 m), sendo cortado por 15-20 folhas planas, penipartidas, muito aproximadas, de mais de 9 m de comprimento, amarelo-estriadas, branco-tomentosas enquanto novas; flores dispostas em espadices (4-6) ramosos com pedúnculos de 1 m e protegidos por espatas lanceoladas, sendo a interior ferrugíneo-tomentosa; fruto drupa oblonga, ferrugíneo-vilosa, de tamanho variável, até 15 cm de diâmetro longitudinal, encerrando 3-4 sementes (amêndoas). “*Babassú – De ibabassú, fruto grande, coco*” (BUENO, 2008). Variantes: **Babaçu, Babuaçu**. Cf. *Babaçu; Babuaçu; Baguaçuzinho*.

Nota: Essa é, certamente, uma das palmeiras mais importantes da nossa flora e essa importância resulta principalmente dos frutos e das sementes. É planta social que cobre enormes extensões, desde a Amazônia até a Bahia e \Mato Grosso; calcula-se que cada indivíduo produz pelo menos 2.000 frutos anualmente, não sendo raro que produza até mais que o dobro, dependendo da vitalidade da árvore. O seu melhor aproveitamento vem sendo feito desde 1913, exportando-se consideráveis quantidades e havendo cada vez maior procura do artigo. Entre as espécies do gênero, e mesmo entre as palmeiras nacionais, é essa a que dá frutos maiores. O lenho é utilizado para esteios e ripas e as folhas, pecíolos e espatas constituem bom material para cobertura das cabanas. O nome vulgar adotado, corruptela de nome indígena, é o mais disseminado em todo o País. Tem como sinônimos os seguintes nomes: *Aguassú, Auassú, Baguassú, Bauassú, Coco de Macaco, Coco de Palmeira, Coco Nayá, Coco Pindoba, Guaguassú, Oauassú, Palha Branca, Uáuássú* (CORRÊA, 1984).

Baguaçuzinho [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Corguinho. Espécie de planta da família das palmáceas, tem espique alto (nos indivíduos seculares até mais ou menos 20 m), sendo cortado por 15-20 folhas planas, penipartidas, muito aproximadas, de mais de 9 m de comprimento, amarelo-estriadas, branco-tomentosas enquanto novas; flores dispostas em espadices (4-6) ramosos com pedúnculos de 1 m e protegidos por espatas lanceoladas, sendo a interior ferrugíneo-tomentosa; fruto drupa oblonga, ferrugíneo-vilosa, de tamanho variável, até 15 cm de diâmetro longitudinal, encerrando 3-4 sementes (amêndoas). “*Babassú* – De *ibabassú*, fruto grande, coco” (BUENO, 2008). Cf. *Babaçú*; *Babuaçu*; *Baguaçu*.

Nota: Essa é, certamente, uma das palmeiras mais importantes da nossa flora e essa importância resulta principalmente dos frutos e das sementes. É planta social que cobre enormes extensões, desde a Amazônia até a Bahia e \Mato Grosso; calcula-se que cada indivíduo produz pelo menos 2.000 frutos anualmente, não sendo raro que produza até mais que o dobro, dependendo da vitalidade da árvore. O seu melhor aproveitamento vem sendo feito desde 1913, exportando-se consideráveis quantidades e havendo cada vez maior procura do artigo. Entre as espécies do gênero, e mesmo entre as palmeiras nacionais, é essa a que dá frutos maiores. O lenho é utilizado para esteios e ripas e as folhas, pecíolos e espatas constituem bom material para cobertura das cabanas. O nome vulgar adotado, corruptela de nome indígena, é o mais disseminado em todo o País. Tem como sinônimos os seguintes nomes: *Aguassú*, *Auassú*, *Baguassú*, *Bauassú*, *Coco de Macaco*, *Coco de Palmeira*, *Coco Nayá*, *Coco Pindoba*, *Guaguassú*, *Oauassú*, *Palha Branca*, *Uáuássú* (CORRÊA, 1984).

Bálsamo [português; simples]

Nome de dois AH: um povoado em Coxim e um distrito em Ribas do Rio Pardo; e de onze AF: um córrego em Campo Grande, um em Cassilândia, um em Jaraguari, dois em Nioaque, um em Pedro Gomes, dois em Ribas do Rio Pardo, um em Rochedo, um em Terenos e um em Três Lagoas. Espécie de árvore de grande altura, de tronco direito, ostentando casca bastante espessa, enrugada e de cor cinzento-escura, folhas pecioladas e alternadas, com folíolos compridos e sem pelos; flores de cor branca e dispostas em cachos. O fruto é uma vagem de pedúnculo pequeno, pardacenta, tendo de 12 a 13 cm

de comprimento e contendo sementes que exalam agradável aroma. Cf. *Bálsamo (1)*; *Bálsamo (2)*; *Bálsamo, do*.

Nota: Espécie vegetal conhecida e aproveitada medicinalmente em quase todo o mundo. É encontrado na Colômbia, Venezuela e outros países da América do sul, inclusive no Brasil, onde se desenvolve em diversas regiões, principalmente no Amazonas e Mato Grosso. Ficou conhecida pela denominação de *Bálsamo de Tolu* não só porque era feita sua exportação pelo porto colombiano de Tolu, como também porque sua cultura era bem desenvolvida nos arredores dessa cidade portuária.

Bálsamo (1) [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Sidrolândia. Espécie de árvore de grande altura, de tronco direito, ostentando casca bastante espessa, enrugada e de cor cinzento-escuro, folhas pecioladas e alternadas, com folíolos compridos e sem pelos; flores de cor branca e dispostas em cachos. O fruto é uma vagem de pedúnculo pequeno, pardacento, tendo de 12 a 13 cm de comprimento e contendo sementes que exalam agradável aroma. Cf. *Bálsamo*; *Bálsamo (2)*; *Bálsamo, do*.

Nota: Espécie vegetal conhecida e aproveitada medicinalmente em quase todo o mundo. É encontrado na Colômbia, Venezuela e outros países da América do sul, inclusive no Brasil, onde se desenvolve em diversas regiões, principalmente no Amazonas e Mato Grosso. Ficou conhecida pela denominação de *Bálsamo de Tolu* não só porque era feita sua exportação pelo porto colombiano de Tolu, como também porque sua cultura era bem desenvolvida nos arredores dessa cidade portuária.

Bálsamo (2) [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Sidrolândia. Espécie de árvore de grande altura, de tronco direito, ostentando casca bastante espessa, enrugada e de cor cinzento-escuro, folhas pecioladas e alternadas, com folíolos compridos e sem pelos; flores de cor branca e dispostas em cachos. O fruto é uma vagem de pedúnculo pequeno, pardacento, tendo de 12 a 13 cm de comprimento e contendo sementes que exalam agradável aroma. Cf. *Bálsamo*; *Bálsamo (1)*; *Bálsamo, do*.

Nota: Espécie vegetal conhecida e aproveitada medicinalmente em quase todo o mundo. É encontrado na Colômbia, Venezuela e outros países da América do sul, inclusive no Brasil, onde se desenvolve em diversas regiões, principalmente no Amazonas e Mato Grosso. Ficou conhecida pela denominação de *Bálsamo de Tolu* não só porque era feita sua exportação pelo porto colombiano de Tolu, como também porque sua cultura era bem desenvolvida nos arredores dessa cidade portuária.

Bálsamo, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Inocência. Espécie de árvore de grande altura, de tronco direito, ostentando casca bastante espessa, enrugada e de cor cinzento-escura, folhas pecioladas e alternadas, com folíolos compridos e sem pelos; flores de cor branca e dispostas em cachos. O fruto é uma vagem de pedúnculo pequeno, pardacenta, tendo de 12 a 13 cm de comprimento e contendo sementes que exalam agradável aroma. Cf. *Bálsamo*; *Bálsamo (1)*; *Bálsamo (2)*.

Nota: Espécie vegetal conhecida e aproveitada medicinalmente em quase todo o mundo. É encontrado na Colômbia, Venezuela e outros países da América do sul, inclusive no Brasil, onde se desenvolve em diversas regiões, principalmente no Amazonas e Mato Grosso. Ficou conhecida pela denominação de *Bálsamo de Tolu* não só porque era feita sua exportação pelo porto colombiano de Tolu, como também porque sua cultura era bem desenvolvida nos arredores dessa cidade portuária.

Bambu [português; simples]

Nome de dois AF: uma lagoa em Anaurilândia. Espécie vegetal da família das gramíneas, arborecente, de até 8-15 m de altura, colmos fistulosos e inermes, amarelos ou estriados, de 10 cm de diâmetro e com os internódios inferiores medindo 30-45 cm; folhas curto-pecioladas, lineares, oblongas ou lanceoladas-oblongas, agudas, ásperas, enervadas e com as nervuras até a extremidade superior. Bainhas nervo-estriadas e pubescentes; inflorescência sem folhas ou apenas interrompida por pequenos ramos faviculados; espiguetas sésseis, 4-6 floras, oblongo-lanceoladas, numerosas, dispostas em panículas (CORRÊA, 1984). Cf. *Bambu, do*; *Bambus*.

Nota: Essa espécie é, com certeza, entre as numerosas congêneres cultivadas, a mais comum em todo o Brasil. A ela são referidos os estudos relativos ao aproveitamento do

Bambu no fabrico do papel. A cultura dessa espécie tem ainda grande importância para o fornecimento de material de construção. Outros empregos do colmo consistem no fabrico de mobília rústica e artigos manufaturados. Os brotos novos, desembaraçados das bainhas, são comestíveis (CORRÊA, 1984).

Bambu, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Cassilândia. Espécie vegetal da família das gramíneas, arborescente, de até 8-15 m de altura, colmos fistulosos e inermes, amarelos ou estriados, de 10 cm de diâmetro e com os internódios inferiores medindo 30-45 cm; folhas curto-pecioladas, lineares, oblongas ou lanceoladas-oblongas, agudas, ásperas, enervadas e com as nervuras até a extremidade superior. Bainhas nervo-estriadas e pubescentes; inflorescência sem folhas ou apenas interrompida por pequenos ramos faviçulados; espiguetas sésseis, 4-6 floras, oblongo-lanceoladas, numerosas, dispostas em panículas (CORRÊA, 1984). Cf. *Bambu*; *Bambus*.

Nota: Essa espécie é, com certeza, entre as numerosas congêneres cultivadas, a mais comum em todo o Brasil. A ela são referidos os estudos relativos ao aproveitamento do Bambu no fabrico do papel. A cultura dessa espécie tem ainda grande importância para o fornecimento de material de construção. Outros empregos do colmo consistem no fabrico de mobília rústica e artigos manufaturados. Os brotos novos, desembaraçados das bainhas, são comestíveis (CORRÊA, 1984).

Bambus [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranaíba. Espécie vegetal da família das gramíneas, arborescente, de até 8-15 m de altura, colmos fistulosos e inermes, amarelos ou estriados, de 10 cm de diâmetro e com os internódios inferiores medindo 30-45 cm; folhas curto-pecioladas, lineares, oblongas ou lanceoladas-oblongas, agudas, ásperas, enervadas e com as nervuras até a extremidade superior. Bainhas nervo-estriadas e pubescentes; inflorescência sem folhas ou apenas interrompida por pequenos ramos faviçulados; espiguetas sésseis, 4-6 floras, oblongo-lanceoladas, numerosas, dispostas em panículas (CORRÊA, 1984). Cf. *Bambu*; *Bambu, do*.

Nota: Essa espécie é, com certeza, entre as numerosas congêneres cultivadas, a mais comum em todo o Brasil. A ela são referidos os estudos relativos ao aproveitamento do

Bambu no fabrico do papel. A cultura dessa espécie tem ainda grande importância para o fornecimento de material de construção. Outros empregos do colmo consistem no fabrico de mobília rústica e artigos manufaturados. Os brotos novos, desembaraçados das bainhas, são comestíveis (CORRÊA, 1984).

Bananal [português; simples]

Nome de oito AF: um ribeirão em Alcinópolis, um rio em Antônio João, dois rios em Bela Vista, um córrego em Bonito, um em Costa Rica, um em Pedro Gomes e um em Ponta Porã. Formação de bananeiras dispostas proximamente entre si e, por sua vez, a *bananeira* é uma espécie de planta herbácea e vivaz, com o caule formado pelas próprias folhas, que se enrolam umas às outras, e que têm de 2 a 3 m de comprimento e são atravessadas de ponta a ponta por uma nervura de largura mediana, havendo também nervuras transversais bastante finas. Flores grandes e frutos carnosos, formando um comprido cacho que se inclina para o chão. É conhecida e saboreada desde tempos imemoriais e há milênios já se fazia a sua cultura na Índia (CRUZ, 1985). Cf. *Bananalzinho; Bananeira, da*.

Bananalzinho [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Alcinópolis. Formação de bananeiras dispostas proximamente entre si e, por sua vez, a *bananeira* é uma espécie de planta herbácea e vivaz, com o caule formado pelas próprias folhas, que se enrolam umas às outras, e que têm de 2 a 3 m de comprimento e são atravessadas de ponta a ponta por uma nervura de largura mediana, havendo também nervuras transversais bastante finas. Flores grandes e frutos carnosos, formando um comprido cacho que se inclina para o chão. É conhecida e saboreada desde tempos imemoriais e há milênios já se fazia a sua cultura na Índia (CRUZ, 1985). Cf. *Bananal; Bananeira, da*.

Bananeira, da [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Inocência e um em Paranaíba. Espécie de planta herbácea e vivaz, com o caule formado pelas próprias folhas, que se enrolam umas às outras, e que têm de 2 a 3 m de comprimento e são atravessadas de ponta a ponta por uma nervura de largura mediana, havendo também nervuras transversais bastante finas. Flores grandes e frutos carnosos, formando um comprido cacho que se inclina para o

chão. É conhecida e saboreada desde tempos imemoriais e há milênios já se fazia a sua cultura na Índia (CRUZ, 1985). Cf. *Bananal*; *Bananalzinho*.

Barbatimão [português; simples]

Nome de três AF: dois córregos em Água Clara e um em Nova Andradina. Espécie de árvore pequena, cujo caule apresenta tortuosidade. Ramos com escassas folhagens; folhas em formato de palmas pequenas, ostentando folíolos um tanto ovais e, por vezes, guarnecidos de pelos; flores vermelhas ou esbranquiçadas em espigas roliças. O fruto é vagem grossa, carnuda, achatada, sem pedúnculo. A madeira tem o cerne rubro com laivos escuros, de consistência dura, e é de excelente qualidade, servindo, além de outras aplicações, para obras que se expõem às intempéries e em lugares úmidos. (CRUZ, 1985).

Nota: O barbatimão é, de todos os vegetais conhecidos, o mais rico em substância taninosa, e chega a encerrar 50% de tanino. A casca desse importante vegetal, além de sua riqueza em tanino, também fornece matéria corante, de cor avermelhada, sendo muito aproveitada para a fabricação de tinta de escrever (CRUZ, 1985).

Ferreira (2004) traz como sinônimos *barbatimão*, *barba-de-timão*, *ibatimô*, *uabatimô* e remete a *caroba* quando se pesquisa *barbatimão*, e, de acordo com Sampaio (1987, p. 184), *caroba*, do tupi, “corr. *caá-roba*, a folha ou planta amarga”.

Baru [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em São Gabriel do Oeste. Espécie vegetal de primeira grandeza da nossa floresta nacional. é uma das mais importantes árvores indígenas, elevada e copada; folhas grandes, palmadas; flores vermelhas em cachos; fruto em vagem redonda contendo uma semente de cor cinzenta, aromática, empregada na indústria de perfumaria e na indústria de fumos. Também é conhecida pelos nomes de *Cumabaru* e *Cumaru* (CORRÊA, 1984). Baru, “corr. *mbarú*, o cheiroso, o odorífero, o recendente. Nome de uma planta que dá sementes de cheiro, servindo para beneficiar o rapé no tabaco [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 165).

Batata, da [português; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Nioaque. Espécie de tubérculo, ou “o tubérculo comestível da batata-inglesa; qualquer tubérculo, comestível ou não” (FERREIRA, 2004).

Bocaiúva [tupi; simples]

Nome de dois AF: uma cabeceira em Amambaí e uma em Iguatemi. Espécie vegetal cujo nome é comum às seguintes espécies da família das Palmáceas – também conhecida pelos nomes de *Bocayuva* e *Mbocayuva*, ambas dando frutos comestíveis para o gado e de efeitos benéficos sobre a secreção láctea das vacas: *Acrocomia Mokayáya* Rodr. – Espique cilíndrico, cinzento e liso, até 7 m de altura e 15 cm de diâmetro, sem acúleos na base ou, às vezes, com alguns esparsos; folhas de 2 m ou mais de comprimento, aglomeradas na extremidade; flores dispostas em espádices de 80-90 cm, aculeadas na base e protegidas por espata aveludada quase do mesmo tamanho; fruto drupa globosa com 3 cm. Ocorrente em Mato Grosso. *A. Odorata* Rodr. – Muito semelhante à outra espécie e também ocorrente em Mato Grosso (CORRÊA, 1984). Bocaiúva, “*macahuba*, *macahiba*, corr. *macá-yba*, a árvore da macaba. É a palmeira *Acrocomia sclerocarpa*, Mart., que se chama Côco de catharro. Alt. *Macahyba*, *Macahuba*, *Bocayuva*” (SAMPAIO, 1987, p. 256).

Bocajá [guarani; simples]

Nome de dois AH: uma vila em Douradina e uma em Laguna Caarapã; e de três AF: um córrego em Caracol, um em Iguatemi e um em Juti. “*Bocajá*, casta de palmeira” (BUENO, 2008).

Buriti [tupi; simples]

Nome de dois AH: um povoado em Coxim e uma aldeia em Dois Irmãos do Buriti; e de trinta e cinco AF: um córrego em Água Clara, um em Alcinópolis, um em Anastácio, um em Antônio João, dois em Anaurilândia, um em Bandeirantes, dois em Bataguassu, um em Brasilândia, um córrego e uma cabeceira em Campo Grande, um córrego em Cassilândia, um em Corguinho, três em Costa Rica, três em Dois Irmãos do Buriti, um em Guia Lopes da Laguna, dois em Nioaque, uma cabeceira em Nova Alvorada do Sul, um córrego em Paranaíba, um córrego e dois morros em Ribas do Rio Pardo, um em

Santa Rita do Pardo, um em São Gabriel do Oeste, três em Selvíria e dois em Três Lagoas. Espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, o buriti, ou buritizeiro, é a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti (1)*; *Buriti (2)*; *Buriti, do*; *Buriti de Baixo*; *Buriti de \Cima*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Preto*; *Buriti Vermelho*; *Buritizal*; *Buritizal, do*; *Buritizinho*.

Nota: Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai. As folhas servem para a cobertura de ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras, redes e cordoalha. È conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

Buriti (1) [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Sidrolândia. Espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, o buriti, ou buritizeiro, é a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti*; *Buriti (2)*; *Buriti, do*; *Buriti de Baixo*; *Buriti de \Cima*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Preto*; *Buriti Vermelho*; *Buritizal*; *Buritizal, do*; *Buritizinho*.

Nota: Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai. As folhas servem para a cobertura de ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras, redes e cordoalha. È conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

Buriti (2) [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Sidrolândia. Espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, o buriti, ou buritizeiro, é a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti*; *Buriti (1)*; *Buriti, do*; *Buriti de Baixo*; *Buriti de Cima*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Preto*; *Buriti Vermelho*; *Buritizal*; *Buritizal, do*; *Buritizinho*.

Nota: Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai. As folhas servem para a cobertura de ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras, redes e cordoalha. É conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

Buriti, do [tupi; simples]

Nome de três AF: uma cabeceira em Campo Grande, um córrego em Inocência e um em Rio Negro. Espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, o buriti, ou buritizeiro, é a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti*; *Buriti (1)*; *Buriti (2)*; *Buriti de Baixo*; *Buriti de \Cima*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Preto*; *Buriti Vermelho*; *Buritizal*; *Buritizal, do*; *Buritizinho*.

Nota: Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai. As folhas servem para a cobertura de ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras, redes e cordoalha. È conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

Buriti de Baixo [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Água Clara. Espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, o buriti, ou buritizeiro, é a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti*; *Buriti (1)*; *Buriti (2)*; *Buriti, do*; *Buriti de \Cima*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Preto*; *Buriti Vermelho*; *Buritzal*; *Buritzal, do*; *Buritzinho*.

Nota: Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai. As folhas servem para a cobertura de ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras, redes e cordoalha. É conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

Buriti de Cima [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Água Clara. Espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, o buriti, ou buritizeiro, é a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti*; *Buriti (1)*; *Buriti (2)*; *Buriti, do*; *Buriti de Baixo*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Preto*; *Buriti Vermelho*; *Buritzal*; *Buritzal, do*; *Buritzinho*.

Nota: Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai. As folhas servem para a cobertura de ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras, redes e cordoalha. É conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

Buriti do Cervo [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Campo Grande. Espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, o buriti, ou buritizeiro, é a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti*; *Buriti (1)*; *Buriti (2)*; *Buriti, do*; *Buriti de Baixo*; *Buriti de \Cima*; *Buriti Preto*; *Buriti Vermelho*; *Buritizal*; *Buritizal, do*; *Buritizinho*.

Nota: Designativo formado por *Burity* mais a locução adjetiva *do cervo*. Ferreira (2004) registra cervo como “mamífero artiodáctilo, cervídeo [...] das regiões pantanosas da Bolívia, Brasil meridional, Paraguai e Uruguai. [...] mede 2m de comprimento e 1,30m de altura, e a galhada tem 0,50m de comprido, podendo chegar a quatro ou mais pontas em cada chifre, ramificadas dicotomicamente. Muda de galhada entre agosto e dezembro, e prefere as regiões de banhados e pântanos. O topônimo **Buriti do Cervo** remete à compreensão de *propriedade*, *lugar de morada*, ou seja, “buriti onde o cervo mora”.

Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das

Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguay. As folhas servem para a cobertura de ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras, redes e cordoalha. È conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

Buriti Preto [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: córrego em Pedro Gomes. Espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, o buriti, ou buritizeiro, é a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti*; *Buriti (1)*; *Buriti (2)*; *Buriti, do*; *Buriti de Baixo*; *Buriti de \Cima*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Vermelho*; *Buritizal*; *Buritizal, do*; *Buritizinho*.

Nota: Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de

glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai. As folhas servem para a cobertura de ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras, redes e cordoalha. È conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

Buriti Vermelho [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Sonora. Espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, o buriti, ou buritizeiro, é a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbirity*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti*; *Buriti (1)*; *Buriti (2)*; *Buriti, do*; *Buriti de Baixo*; *Buriti de \Cima*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Preto*; *Buritized*; *Buritized, do*; *Buritizedinho*.

Nota: Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai. As folhas servem para a cobertura de

ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras, redes e cordoalha. È conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

Buritizal [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Anastácio. Formação de buritizeiros dispostos proximamente entre si e, por sua vez, o buritizeiro é uma espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, considerada a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti*; *Buriti (1)*; *Buriti (2)*; *Buriti, do*; *Buriti de Baixo*; *Buriti de \Cima*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Preto*; *Buriti Vermelho*; *Buritizal, do*; *Buritizinho*.

Nota: Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguay. As folhas servem para a cobertura de

ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras, redes e cordoalha. È conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

Buritzal, do [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Costa Rica. Formação de buritizeiros dispostos proximamente entre si e, por sua vez, o buritizeiro é uma espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, considerada a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbirity*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti*; *Buriti (1)*; *Buriti (2)*; *Buriti, do*; *Buriti de Baixo*; *Buriti de \Cima*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Preto*; *Buriti Vermelho*; *Buritzal*; *Buritzinho*.

Nota: Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai. As folhas servem para a cobertura de ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras,

redes e cordoalha. É conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

Buritizinho [tupi+português; composto híbrido]

Nome de sete AF: um córrego em Anastácio, um em Camapuã, um em Chapadão do Sul, um em Coxim, dois em Nioaque e uma cabeceira em Sidrolândia. Espécie vegetal, *Mauritia Vinifera*, Martius, da família das palmáceas, o buriti, ou buritizeiro, é a palmeira mais alta do Brasil, destacando-se pela sua altura como também por sua imponência e elegância. Mede de 45 a 50 m de alto por cerca de 50 cm de circunferência, ostentando, na parte superior, um belo e vistoso leque formado de folhas de 5 m de comprimento, às vezes mais, por 3 a 4 m de largura; fruto amarelado de forma elíptica, escamoso, contendo polpa avermelhada e sementes um tanto ovais e comestíveis. A madeira do caule é de pouco peso e fornece uma fécula nutritiva e, como tal, tradicionalmente aproveitada como alimento em nosso País. O caule produz igualmente um líquido adocicado com o qual, desde muito tempo, se fabrica uma bebida de agradável paladar e por isso bastante apreciada, denominada *vinho de buriti*. Essa planta ainda produz uma espécie de palmito de excelente sabor e que substitui vantajosamente o verdadeiro palmito. A polpa do fruto é aproveitada para doces e compotas. Esse é, sem dúvida, um dos mais preciosos e úteis vegetais que compõem a nossa diversificada flora (CRUZ, 1985). “*Burity*, corr. *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*” (SAMPAIO, 1987, p. 171). Cf. *Buriti*; *Buriti (1)*; *Buriti (2)*; *Buriti, do*; *Buriti de Baixo*; *Buriti de \Cima*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Preto*; *Buriti Vermelho*; *Buritizal*; *Buritizal, do*.

Nota: Corrêa (1984) registra que a palmeira buriti se desenvolve isolada ou socialmente em pequenos grupos, de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome *palmeira dos brejos*, e a sua presença no alto das serras indica com absoluta segurança a existência de fontes de água ali. O lenho do espique é leve e esponjoso, utilizado pelos sertanejos para fazerem as talas necessárias para a colheita do látex das Seringueiras. Ainda o espique, bem como os espadices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rósea, contendo cerca de 50% de glicose, o qual é agradável e refrigerante e, por vezes, saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai. As folhas servem para a cobertura de ranchos, sendo que dessas se extraem fibras resistentes com as quais se fazem esteiras,

redes e cordoalha. È conhecido também por: *Carandá-Guassú*, *Carandahy-Guassu*, *Coqueiro Burity*, *Mority*, *Murity*.

C

Caaporã [tupi+guarani; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Batayporã. “*Caá*, a folha, a planta, a herva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte, o matte (*Illex paraguayensis*). Alt. *Cá*” (SAMPAIO, 1987, p. 173). Cf. *Caarapó*; *Caarapozinho*.

Nota: *Porã* é um adjetivo guarani e significa “bonito, lindo, formoso [...]” (ASSIS, 2008).

Caarapó [tupi; simples]

Nome de um AH: município, Caarapó; e dois AF: dois córregos em Aral Moreira. “*Caá*, a folha, a planta, a herva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte, o matte (*Illex paraguayensis*). Alt. *Cá*” (SAMPAIO, 1987, p. 173) e *apó*, “a raiz, a base, a fundação” (SAMPAIO, 1987, p. 154). Cf. *Caaporã*; *Caarapozinho*.

Nota: Tavares (2004, p. 81) informa que em conversas informais com vários moradores caarapoenses lhe fora dito que *caa* significa *mato* ou, mais precisamente, *erva*, e *apó*, *raiz*, assim, o topônimo teria o significado de “raiz da erva”, provavelmente em alusão à erva-mate, comum na região. E ainda informa que, mais uma vez, se verifica que a criação do município e a escolha do seu designativo estão diretamente relacionadas à presença da Companhia Mate Laranjeira na região, tendo em vista que, de acordo com Campestrine e Guimarães (2002, p. 235), “o povoado que deu origem ao atual município surgiu em razão dessa empresa, uma vez que o local era ponto de pouso para tropeiros e ervateiros, ou seja, para trabalhadores da erva-mate”.

Caarapozinho [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Caarapó. “*Caá*, a folha, a planta, a herva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte, o matte (*Illex paraguayensis*). Alt. *Cá*” (SAMPAIO,

1987, p. 173) e *apó*, “a raiz, a base, a fundação” (SAMPAIO, 1987, p. 154). Cf. *Caaporã; Caarapó*.

Cabaça [português; simples]

Nome de três AF: um córrego em Camapuã, um em Cassilândia e um em Ribas do Rio Pardo. Espécie de árvore pequena, de até 4 m de altura, ou pouco mais, ramos eretos; folhas alternadas, curto-pecioladas, quase sésseis. Oblanceoladas-oblongas, obtusas, peninervadas, verde-escuras, glabras, grandes; flores brancas ou amareladas, aromáticas, grandes, dispostas em capítulos de 10-12, racimoso-paniculados, axilares e com pedúnculos bracteados; fruto achenio duro, cilíndrico, com papilo vermelho-pálido, parecendo uma pequena cabaça. Fornece madeira branca, leve, fácil de trabalhar, própria para caixotaria e muito provavelmente para o fabrico de papel (CORRÊA, 1984). Cf. *Cabaça, da*.

Nota: Ferreira (2004) registra como sinônimos: *cabaça, cabaça-amargosa, cabaça-de-trombeta, cabaça-purunga, cabaço-amargoso, calabaça, cuietezeira ou cuietezeiro, taquera, colombo, cocombro*.

Cabaça, da [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Água Clara e um em Brasilândia. Espécie de árvore pequena, de até 4 m de altura, ou pouco mais, ramos eretos; folhas alternadas, curto-pecioladas, quase sésseis. Oblanceoladas-oblongas, obtusas, peninervadas, verde-escuras, glabras, grandes; flores brancas ou amareladas, aromáticas, grandes, dispostas em capítulos de 10-12, racimoso-paniculados, axilares e com pedúnculos bracteados; fruto achenio duro, cilíndrico, com papilo vermelho-pálido, parecendo uma pequena cabaça. Fornece madeira branca, leve, fácil de trabalhar, própria para caixotaria e muito provavelmente para o fabrico de papel (CORRÊA, 1984). Cf. *Cabaça*.

Nota: Ferreira (2004) traz como sinônimos: *cabaça, cabaça-amargosa, cabaça-de-trombeta, cabaça-purunga, cabaço-amargoso, calabaça, cuietezeira ou cuietezeiro, taquera, colombo, cocombro*.

Caeté [tupi; simples]

Nome de três AF: um córrego em Corumbá, um em Coxim e um em Rio Verde de Mato Grosso. Espécie vegetal cujo nome, que os antigos muito frequentemente escreviam *caá-eté*, designa as várias espécies da família da marantáceas, todas brasileiras e cultivadas no estrangeiro. Espécie de planta herbácea ornamental, de porte muito variável, porém, geralmente de caule ramoso e folhas peninervadas, distintamente separadas em bainha, pecíolo e limbo; sempre com uma articulação intumescida na extremidade do pecíolo, algumas dessa espécie são chamadas de *Bananeirinha do Mato* (CORRÊA, 1984). Caeté, “corr. *caá-eté*, a mata real, constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga” (SAMPAIO, 1987, p. 175). Variante: **Caeté 2**.

Caeté 2 [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Rio Verde de Mato Grosso. Espécie vegetal cujo nome, que os antigos muito frequentemente escreviam *caá-eté*, designa as várias espécies da família da marantáceas, todas brasileiras e cultivadas no estrangeiro. Espécie de planta herbácea ornamental, de porte muito variável, porém, geralmente de caule ramoso e folhas peninervadas, distintamente separadas em bainha, pecíolo e limbo; sempre com uma articulação intumescida na extremidade do pecíolo, algumas dessa espécie são chamadas de *Bananeirinha do Mato* (CORRÊA, 1984). Caeté, “corr. *caá-eté*, a mata real, constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga” (SAMPAIO, 1987, p. 175). Cf. *Caeté*.

Café [português; simples]

Nome de cinco AF: um córrego em Água Clara, um córrego em Alcínópolis, um em Camapuã, um em Inocência e um em Pedro Gomes. Fruto do cafeeiro; drupa elipsóide ou globosa, vermelha, com escassa polpa adocicada e duas grandes sementes, as quais constituem a matéria-prima para o preparo do café (FERREIRA, 2004). Cf. *Café, do; Cafelândia; Cafeporã; Cafezal; Cafezal, do*.

Nota: O *café* - *Coffea Arabica*, Lineu, da família das rubiáceas - é conhecido e usado desde a Antiguidade e, do seu aproveitamento, como planta útil, até os nossos dias, seu consumo, de um modo geral, não tem sofrido declínio. Não é possível fixar com exatidão o momento histórico em que o homem, pela primeira vez, fez uso do café

como bebida. Pesquisadores afirmam que foi conhecido e bastante vulgarizado na Pérsia, já no ano 875 da nossa era. A origem do café foi, durante anos, assunto controvertido entre botânicos e historiadores. Acreditou-se, a princípio, que era originário da Arábia e o próprio Lineu, botânico de indiscutível autoridade, também laborou nesse erro com a sua classificação científica *Coffea Arabica*. Todavia, estudos posteriores esclarecem definitivamente a sua verdadeira origem, que é a região de Kaffa, na Etiópia. Este é o ponto de partida da expansão do café através das mais diversas regiões do mundo. Da Etiópia as sementes do cafeeiro foram levadas, no século XV, para a Arábia, onde se aclimataram facilmente. O café foi introduzido no Brasil em 1723, tendo sido as primeiras sementes trazidas da Guiana Francesa por um brasileiro chamado Palheta. Foram primeiramente plantadas no Pará, depois passou para o Maranhão, em 1732, em seguida veio para o Rio de Janeiro, em 1770, onde foi cultivado em sítios, hortas e fazendas nos arredores da cidade. Daí, finalmente, a cultura dessa famosa planta se propagou pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo (CRUZ, 1985).

Café, do [português; simples]

Nome de dois AF: um ribeirão em Água Clara e um em Chapadão do Sul. Fruto do cafeeiro; drupa elipsóide ou globosa, vermelha, com escassa polpa adocicada e duas grandes sementes, as quais constituem a matéria-prima para o preparo do café (FERREIRA, 2004). Cf. *Café*; *Cafelândia*; *Cafeporã*; *Cafezal*; *Cafezal*.

Nota: O *café* - *Coffea Arabica*, Lineu, da família das rubiáceas - é conhecido e usado desde a Antiguidade e, do seu aproveitamento, como planta útil, até os nossos dias, seu consumo, de um modo geral, não tem sofrido declínio. Não é possível fixar com exatidão o momento histórico em que o homem, pela primeira vez, fez uso do café como bebida. Pesquisadores afirmam que foi conhecido e bastante vulgarizado na Pérsia, já no ano 875 da nossa era. A origem do café foi, durante anos, assunto controvertido entre botânicos e historiadores. Acreditou-se, a princípio, que era originário da Arábia e o próprio Lineu, botânico de indiscutível autoridade, também laborou nesse erro com a sua classificação científica *Coffea Arabica*. Todavia, estudos posteriores esclarecem definitivamente a sua verdadeira origem, que é a região de Kaffa, na Etiópia. Este é o ponto de partida da expansão do café através das mais diversas regiões do mundo. Da Etiópia as sementes do cafeeiro foram levadas, no século

XV, para a Arábia, onde se aclimataram facilmente. O café foi introduzido no Brasil em 1723, tendo sido as primeiras sementes trazidas da Guiana Francesa por um brasileiro chamado Palheta. Foram primeiramente plantadas no Pará, depois passou para o Maranhão, em 1732, em seguida veio para o Rio de Janeiro, em 1770, onde foi cultivado em sítios, hortas e fazendas nos arredores da cidade. Daí, finalmente, a cultura dessa famosa planta se propagou pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo (CRUZ, 1985).

Cafelândia [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ivinhema. Espécie vegetal, café, o fruto do cafeeiro; drupa elipsóide ou globosa, vermelha, com escassa polpa adocicada e duas grandes sementes, as quais constituem a matéria-prima para o preparo do café (FERREIRA, 2004). Cf. *Café*; *Café, do*; *Cafeporã*; *Cafezal*; *Cafezal, do*.

Nota: O *café* - *Coffea Arabica*, Lineu, da família das rubiáceas - é conhecido e usado desde a Antiguidade e, do seu aproveitamento, como planta útil, até os nossos dias, seu consumo, de um modo geral, não tem sofrido declínio. Não é possível fixar com exatidão o momento histórico em que o homem, pela primeira vez, fez uso do café como bebida. Pesquisadores afirmam que foi conhecido e bastante vulgarizado na Pérsia, já no ano 875 da nossa era. A origem do café foi, durante anos, assunto controvertido entre botânicos e historiadores. Acreditou-se, a princípio, que era originário da Arábia e o próprio Lineu, botânico de indiscutível autoridade, também laborou nesse erro com a sua classificação científica *Coffea Arabica*. Todavia, estudos posteriores esclarecem definitivamente a sua verdadeira origem, que é a região de Kaffa, na Etiópia. Este é o ponto de partida da expansão do café através das mais diversas regiões do mundo. Da Etiópia as sementes do cafeeiro foram levadas, no século XV, para a Arábia, onde se aclimataram facilmente. O café foi introduzido no Brasil em 1723, tendo sido as primeiras sementes trazidas da Guiana Francesa por um brasileiro chamado Palheta. Foram primeiramente plantadas no Pará, depois passou para o Maranhão, em 1732, em seguida veio para o Rio de Janeiro, em 1770, onde foi cultivado em sítios, hortas e fazendas nos arredores da cidade. Daí, finalmente, a cultura dessa famosa planta se propagou pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo (CRUZ, 1985).

Cafeporã [português+guarani; composto híbrido]

Nome de um AH: povoado em Caarapó. Espécie vegetal, café, o fruto do cafeeiro; drupa elipsóide ou globosa, vermelha, com escassa polpa adocicada e duas grandes sementes, as quais constituem a matéria-prima para o preparo do café (FERREIRA, 2004). Cf. *Café*; *Café, do*; *Cafelândia*; *Cafezal*; *Cafezal, do*.

Nota: O *café* - *Coffea Arabica*, Lineu, da família das rubiáceas - é conhecido e usado desde a Antiguidade e, do seu aproveitamento, como planta útil, até os nossos dias, seu consumo, de um modo geral, não tem sofrido declínio. Não é possível fixar com exatidão o momento histórico em que o homem, pela primeira vez, fez uso do café como bebida. Pesquisadores afirmam que foi conhecido e bastante vulgarizado na Pérsia, já no ano 875 da nossa era. A origem do café foi, durante anos, assunto controvertido entre botânicos e historiadores. Acreditou-se, a princípio, que era originário da Arábia e o próprio Lineu, botânico de indiscutível autoridade, também laborou nesse erro com a sua classificação científica *Coffea Arabica*. Todavia, estudos posteriores esclarecem definitivamente a sua verdadeira origem, que é a região de Kaffa, na Etiópia. Este é o ponto de partida da expansão do café através das mais diversas regiões do mundo. Da Etiópia as sementes do cafeeiro foram levadas, no século XV, para a Arábia, onde se aclimataram facilmente. O café foi introduzido no Brasil em 1723, tendo sido as primeiras sementes trazidas da Guiana Francesa por um brasileiro chamado Palheta. Foram primeiramente plantadas no Pará, depois passou para o Maranhão, em 1732, em seguida veio para o Rio de Janeiro, em 1770, onde foi cultivado em sítios, hortas e fazendas nos arredores da cidade. Daí, finalmente, a cultura dessa famosa planta se propagou pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo (CRUZ, 1985).

Cafezal [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Anastácio e um em Dois Irmãos do Buriti. Formação de cafeeiros dispostos proximamente entre si. (FERREIRA, 2004). Cf. *Café*; *Café, do*; *Cafelândia*; *Cafeporã*; *Cafezal, do*.

Nota: O *café* - *Coffea Arabica*, Lineu, da família das rubiáceas - é conhecido e usado desde a Antiguidade e, do seu aproveitamento, como planta útil, até os nossos dias, seu consumo, de um modo geral, não tem sofrido declínio. Não é possível fixar com

exatidão o momento histórico em que o homem, pela primeira vez, fez uso do café como bebida. Pesquisadores afirmam que foi conhecido e bastante vulgarizado na Pérsia, já no ano 875 da nossa era. A origem do café foi, durante anos, assunto controvertido entre botânicos e historiadores. Acreditou-se, a princípio, que era originário da Arábia e o próprio Lineu, botânico de indiscutível autoridade, também laborou nesse erro com a sua classificação científica *Coffea Arabica*. Todavia, estudos posteriores esclarecem definitivamente a sua verdadeira origem, que é a região de Kaffa, na Etiópia. Este é o ponto de partida da expansão do café através das mais diversas regiões do mundo. Da Etiópia as sementes do cafeeiro foram levadas, no século XV, para a Arábia, onde se aclimataram facilmente. O café foi introduzido no Brasil em 1723, tendo sido as primeiras sementes trazidas da Guiana Francesa por um brasileiro chamado Palheta. Foram primeiramente plantadas no Pará, depois passou para o Maranhão, em 1732, em seguida veio para o Rio de Janeiro, em 1770, onde foi cultivado em sítios, hortas e fazendas nos arredores da cidade. Daí, finalmente, a cultura dessa famosa planta se propagou pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo (CRUZ, 1985).

Cafezal, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Dois Irmãos do Buriti. Formação de cafeeiros dispostos proximamente entre si. (FERREIRA, 2004). Cf. *Café; Café, do; Cafelândia; Cafeporã; Cafezal*.

Nota: O *café* - *Coffea Arabica*, Lineu, da família das rubiáceas - é conhecido e usado desde a Antiguidade e, do seu aproveitamento, como planta útil, até os nossos dias, seu consumo, de um modo geral, não tem sofrido declínio. Não é possível fixar com exatidão o momento histórico em que o homem, pela primeira vez, fez uso do café como bebida. Pesquisadores afirmam que foi conhecido e bastante vulgarizado na Pérsia, já no ano 875 da nossa era. A origem do café foi, durante anos, assunto controvertido entre botânicos e historiadores. Acreditou-se, a princípio, que era originário da Arábia e o próprio Lineu, botânico de indiscutível autoridade, também laborou nesse erro com a sua classificação científica *Coffea Arabica*. Todavia, estudos posteriores esclarecem definitivamente a sua verdadeira origem, que é a região de Kaffa, na Etiópia. Este é o ponto de partida da expansão do café através das mais diversas regiões do mundo. Da Etiópia as sementes do cafeeiro foram levadas, no século

XV, para a Arábia, onde se aclimataram facilmente. O café foi introduzido no Brasil em 1723, tendo sido as primeiras sementes trazidas da Guiana Francesa por um brasileiro chamado Palheta. Foram primeiramente plantadas no Pará, depois passou para o Maranhão, em 1732, em seguida veio para o Rio de Janeiro, em 1770, onde foi cultivado em sítios, hortas e fazendas nos arredores da cidade. Daí, finalmente, a cultura dessa famosa planta se propagou pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo (CRUZ, 1985).

Cajá [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Taquarussu. Espécie de árvore de aspecto sugestivo, alto, imponente, frondoso, que atinge de 20 a 25 m, ou mais, de altura e cujo caule é direito, com ramos de farta folhagem, folhas que se apresentam de modo alternado, grandes, dotadas de folíolos opostos, alongados, agudos ou obtusos; flores aromáticas em panículas e fruto de um amarelo-alaranjado, contendo polpa ácida, pequeno, comestível, de aroma agradável. A madeira é de relativo valor e pouco aproveitada, servindo para alguns trabalhos de carpintaria e marcenaria (CRUZ, 1985). Cajá, “*acayá, acã-yá*, o fruto de caroço cheio, graúdo; fruto que é todo caroço [...] Alt. *Cajã*” (SAMPAIO, 1987, p. 148).

Nota: Essa árvore não se destaca apenas, no conjunto das demais espécimes vegetais, por ser vistosa e bonita, senão também por ser excepcionalmente vivaz, de raro poder de germinação e extraordinária facilidade de multiplicação. Essa planta produz frutos em abundância e serve para a construção de cercas-vivas. É originária do Brasil (CRUZ, 1985).

Cambaúba [tupi; simples]

Nome de um AF: uma caverna em Cassilândia. Cambaúba, “*cambayba*, m. q. *yssipó-carijó*” (TIBIRIÇA, 1984); “*Yssipócarijó*, planta da família das delineáceas; sinonímia: *cambaíba, muirakitica, cipó-caboclo*” (TIBIRIÇA, 1984). Variante: ***Cambaúva***. Cf. *Cambaúva*.

Cambaúva [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Costa Rica. Cambaúba, “*cambayba*, m. q. *yssipó-carijó*” (TIBIRIÇA, 1984); “*Yssipócarijó*, planta da família das delineáceas; sinonímia: *cambaíba*, *muirakitica*, *cipó-caboclo*” (TIBIRIÇA, 1984). Variante: **Cambaúba**. Cf. *Cambaúba*.

Cambará [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Corumbá. Espécie vegetal das mais comuns do nosso País, sendo geralmente utilizada para fins medicinais. O caule, em toda sua extensão, é ramificado, com os ramos guarnecidos de espinhos; folhas ovais, com recortes nas bordas, de um verde sem brilho e aparentando aspereza em toda sua superfície; flores de cor vermelha, mas sucede muitas vezes apresentarem coloração amarela; fruto arredondado, muito pequeno e escuro, contendo uma espécie de massa ou polpa de consistência mole e uma única semente. São sinônimos: *Camará*, *Cambará Verdadeiro*, *Camará Juba*, *Camará de Chumbo*, *Lantana Spinosa*, *Camará de Espinho* (CRUZ, 1985). Cambará, “*camará*, corr. *caá-mbará*, a planta variegada; a planta de folhas de várias cores. [...] Alt. *Cambará*, *Capará*” (SAMPAIO, 1987, p. 177).

Campeira [português; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Nova Alvorada do Sul. “Espécie de mandioca” (FERREIRA, 2004).

Campestre [português; simples]

Nome de um AH: um povoado em Antônio João. Espécie de “vegetação baixa, subarbustiva e arbustiva, em geral esclerófila, que cobre os campos” (FERREIRA, 2004).

Cana, da [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Figueirão. Espécie vegetal originária da Ásia e conhecida desde tempos remotíssimos, tendo sido cultivada na Pérsia há mais de 14 séculos. É planta herbácea, cuja raiz é, até certo ponto, fibrosa. O caule (colmo) é roliço, medindo de 5 a 6 m de altura por 6 de diâmetro, disposto em arco na extremidade

inferior e apresentando nós de distância em distância. Folhas alternas, pontiagudas na extremidade superior, denteadas, com nervuras e assinaladas por asperezas, tendo seu ponto de origem nos nós e formando uma espécie de bainha; as flores se ajuntam e formam espigas e se dispõem em panículas de forma piramidal; fruto pequeno com as extremidades agudas (CRUZ, 1985). Cf. *Cana, do; Cana Brava; Cana Brava, da; Cana Verde; Canavial*.

Cana, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Amambaí. Espécie vegetal originária da Ásia e conhecida desde tempos remotíssimos, tendo sido cultivada na Pérsia há mais de 14 séculos. É planta herbácea, cuja raiz é, até certo ponto, fibrosa. O caule (colmo) é roliço, medindo de 5 a 6 m de altura por 6 de diâmetro, disposto em arco na extremidade inferior e apresentando nós de distância em distância. Folhas alternas, pontiagudas na extremidade superior, denteadas, com nervuras e assinaladas por asperezas, tendo seu ponto de origem nos nós e formando uma espécie de bainha; as flores se ajuntam e formam espigas e se dispõem em panículas de forma piramidal; fruto pequeno com as extremidades agudas (CRUZ, 1985). Cf. *Cana, da; Cana Brava; Cana Brava, da; Cana Verde; Canavial*.

Cana Brava [português; composto]

Nome de dois AF: um córrego em Paranaíba. Espécie vegetal originária da Ásia, a cana é conhecida desde tempos remotíssimos, tendo sido cultivada na Pérsia há mais de 14 séculos. É planta herbácea, cuja raiz é, até certo ponto, fibrosa. O caule (colmo) é roliço, medindo de 5 a 6 m de altura por 6 de diâmetro, disposto em arco na extremidade inferior e apresentando nós de distância em distância. Folhas alternas, pontiagudas na extremidade superior, denteadas, com nervuras e assinaladas por asperezas, tendo seu ponto de origem nos nós e formando uma espécie de bainha; as flores se ajuntam e formam espigas e se dispõem em panículas de forma piramidal; fruto pequeno com as extremidades agudas (CRUZ, 1985). Cf. *Cana, da; Cana, do; Cana Brava, da; Cana Verde; Canavial*.

Cana Brava, da [português; composto]

Nome de um AF: um córrego em Costa Rica. Espécie vegetal originária da Ásia, a cana é conhecida desde tempos remotíssimos, tendo sido cultivada na Pérsia há mais de 14 séculos. É planta herbácea, cuja raiz é, até certo ponto, fibrosa. O caule (colmo) é roliço, medindo de 5 a 6 m de altura por 6 de diâmetro, disposto em arco na extremidade inferior e apresentando nós de distância em distância. Folhas alternas, pontiagudas na extremidade superior, denteadas, com nervuras e assinaladas por asperezas, tendo seu ponto de origem nos nós e formando uma espécie de bainha; as flores se ajuntam e formam espigas e se dispõem em panículas de forma piramidal; fruto pequeno com as extremidades agudas (CRUZ, 1985). Cf. *Cana, da; Cana, do; Cana Brava; Cana Verde; Canavial*.

Canafristo, do [português; simples]

Nome de um AF: um corixo em Corumbá. Canafristo, corruptela de canafístula, designação comum a árvores e arbustos dos gêneros *Cassia*, *Senna* e *Peltophorum*, da família das leguminosas, subfamília cesalpinioídea, geralmente de boa madeira, com flores amarelas em inflorescências vistosas; *betame, bitambe, sambassinhame, sinjau* (HOUAISS, 2007).

Cana Verde [português; composto]

Nome de um AF: um córrego em Juti. Espécie vegetal originária da Ásia, a cana é conhecida desde tempos remotíssimos, tendo sido cultivada na Pérsia há mais de 14 séculos. É planta herbácea, cuja raiz é, até certo ponto, fibrosa. O caule (colmo) é roliço, medindo de 5 a 6 m de altura por 6 de diâmetro, disposto em arco na extremidade inferior e apresentando nós de distância em distância. Folhas alternas, pontiagudas na extremidade superior, denteadas, com nervuras e assinaladas por asperezas, tendo seu ponto de origem nos nós e formando uma espécie de bainha; as flores se ajuntam e formam espigas e se dispõem em panículas de forma piramidal; fruto pequeno com as extremidades agudas (CRUZ, 1985). Cf. *Cana, da; Cana, do; Cana Brava; Cana Brava, da; Canavial*.

Canavial [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Angélica. Formação de canas dispostas proximamente entre si. Plantação de cana-de-açúcar. (FERREIRA, 2004). Cf. *Cana, da; Cana, do; Cana Brava; Cana Brava, da; Cana Verde*.

Candiúba [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Camapuã e uma cabeceira em Jaraguari. Candiuba, “*ubá*, corr. *ybá*, contração de *yba-á*, o que se colhe da árvore, o fruto” (SAMPAIO, 1987, p. 333).

Nota: Ainda de acordo com Sampaio (1987, p. 333), *ubá* “também significa canoa, mas as fabricadas com casca de árvore”.

Canela Preta [português; composto]

Nome de dois AF: dois córregos em Anastácio. Espécie vegetal que se evidencia na flora brasileira. É árvore alta, mede de 10 a 16 m de altura, sendo encontrada com mais frequência nos Estados do Sudeste. Copa ampla, folhas alongadas, terminadas em ponta aguda, rígidas, aromáticas, revestidas de pelos na face inferior e contendo grande quantidade de óleos essenciais, amarelado e cheiroso. O lenho é escuro, compactado, resistente. As cascas são mais ou menos grossas, apresentando-se em pedaços achatados, duros, de um vermelho escuro, com saliências na superfície não só externa como interna (CRUZ, 1985, p. 160).

Caninana [tupi; simples]

Nome dois AF: um córrego em Bandeirantes e um em Camapuã. Espécie de trepadeira lenhosa ou arbusto volúvel, de até 250 cm de altura; ramos alternos, pubescentes no ápice; folhas simples, lanceoladas, inteiras, até 5 cm de comprimento e 25 mm de largura, paralelinervadas, coriáceas, quase glabras; flores irregulares, róseas ou violáceas, numerosas, de sépalas esverdeadas e ciliadas, dispostas em racimos terminais e auxiliares ou em grandes panículas compostas; fruto ovóide, reticulado; semente ovóide rugosa (CORRÊA, 1984). Caninana, “planta medicinal da família das rubiáceas [Rangel de Carvalho]” (TIBIRIÇA, 1984).

Nota: Ferreira (2004) registra a lexia caninana como “réptil ofídio [...] comum em todo o Brasil, exceto no litoral meridional. Coloração parda, de tom amarelo com desenhos azuis. Comprimento até 3m. Alimenta-se de rãs, pererecas, lagartos, ratos e ovos, e vive geralmente em matas, podendo subir nas árvores”.

Capão [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Paranaíba e um em Três Lagoas. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão, do*; *Capão Alto*; *Capão Alto, do*; *Capão Bonito*; *Capão da Anta*; *Capão Escuro*; *Capão Leão*; *Capão Limpo*; *Capão Queimado, do*; *Capão Redondo*; *Capão Seco*; *Capão Verde*.

Capão, do [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranaíba. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão*; *Capão Alto*; *Capão Alto, do*; *Capão Bonito*; *Capão da Anta*; *Capão Escuro*; *Capão Leão*; *Capão Limpo*; *Capão Queimado, do*; *Capão Redondo*; *Capão Seco*; *Capão Verde*.

Capão Alto [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AH: um povoado em Rio Verde de Mato Grosso; e cinco AF: uma cabeceira em Bandeirantes, um córrego em Dourados, uma cabeceira em Nova Alvorada do Sul e dois córregos em Rio Brillhante. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão*; *Capão, do*; *Capão Alto, do*; *Capão Bonito*; *Capão da Anta*; *Capão Escuro*; *Capão Leão*; *Capão Limpo*; *Capão Queimado, do*; *Capão Redondo*; *Capão Seco*; *Capão Verde*.

Capão Alto, do [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: em Inocência. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão.*; *Capão, do*; *Capão Alto*; *Capão Bonito*; *Capão da Anta*; *Capão Escuro*; *Capão Leão*; *Capão Limpo*; *Capão Queimado, do*; *Capão Redondo*; *Capão Seco*; *Capão Verde*.

Capão Bonito [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AH: um povoado em Aral Moreira; e dois AF: um córrego em Campo Grande e um em Ponta Porã. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão*; *Capão, do*; *Capão Alto*; *Capão Alto, do*; *Capão da Anta*; *Capão Escuro*; *Capão Leão*; *Capão Limpo*; *Capão Queimado, do*; *Capão Redondo*; *Capão Seco*; *Capão Verde*.

Capão da Anta [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Campo Grande. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão*; *Capão, do*; *Capão Alto*; *Capão Alto, do*; *Capão Bonito*; *Capão Escuro*; *Capão Leão*; *Capão Limpo*; *Capão Queimado, do*; *Capão Redondo*; *Capão Seco*; *Capão Verde*.

Capão Escuro [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Campo Grande. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão*; *Capão, do*; *Capão Alto*; *Capão Alto, do*; *Capão Bonito*; *Capão da Anta*; *Capão Leão*; *Capão Limpo*; *Capão Queimado, do*; *Capão Redondo*; *Capão Seco*; *Capão Verde*.

Capão Leão [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Amambaí. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão*; *Capão, do*; *Capão Alto*; *Capão Alto, do*; *Capão Bonito*; *Capão da Anta*; *Capão Escuro*; *Capão Limpo*; *Capão Queimado, do*; *Capão Redondo*; *Capão Seco*; *Capão Verde*.

Nota: Designativo formado por “*capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179) mais o substantivo *leão*, “mamífero carnívoro, felídeo (*Panthera leo*), o qual habita as estepes e as savanas densamente cobertas de arbustos. Atualmente restrito à África e ao Sul da Ásia” (FERREIRA, 2004).

Provavelmente a unidade lexical *leão*, na composição *Capão Leão*, refere-se a um sobrenome de família ou a alcunha de algum cidadão habitante/proprietário das

terras onde se encontra o acidente assim nomeado, não havendo, desse modo, nenhuma relação com o animal denominado com essa mesma lexia.

Capão Limpo [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Inocência. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão*; *Capão, do*; *Capão Alto*; *Capão Alto, do*; *Capão Bonito*; *Capão da Anta*; *Capão Escuro*; *Capão Leão*; *Capão Queimado, do*; *Capão Redondo*; *Capão Seco*; *Capão Verde*.

Capão Queimado, do [tupi+português; composto h[híbrido]

Nome de um AF: uma ilha em Corumbá. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão*; *Capão, do*; *Capão Alto*; *Capão Alto, do*; *Capão Bonito*; *Capão da Anta*; *Capão Escuro*; *Capão Leão*; *Capão Limpo*; *Capão Redondo*; *Capão Seco*; *Capão Verde*.

Capão Redondo [tupi+português; composto híbrido]

Nome de dois AF: um córrego em Água Clara e um em São Gabriel do Oeste. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão*; *Capão, do*; *Capão Alto*; *Capão Alto, do*; *Capão Bonito*; *Capão da Anta*; *Capão Escuro*; *Capão Leão*; *Capão Limpo*; *Capão Queimado, do*; *Capão Seco*; *Capão Verde*.

Capão Seco [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AH: um distrito em Sidrolândia; e um AF: córrego em Bandeirantes. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão*; *Capão, do*; *Capão Alto*; *Capão Alto, do*; *Capão Bonito*; *Capão da Anta*; *Capão Escuro*; *Capão Leão*; *Capão Limpo*; *Capão Queimado, do*; *Capão Redondo*; *Capão Verde*.

Capão Verde [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AH: um povoado em Sidrolândia. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capão*; *Capão, do*;

Capão Alto; Capão Alto, do; Capão Bonito; Capão da Anta; Capão Escuro; Capão Leão; Capão Limpo; Capão Queimado, do; Capão Redondo; Capão Seco.

Capim [tupi; simples]

Nome de três AF: um córrego em Camapuã, um em Caracol e um em Corguinho. “*Capim*, corr. *caapii*, a planta da folha fina, a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capim, do; Capim-branco; Capim Branco; Capim Scardine; Capim Verde; Capey; Capi-y.*

Capim, do [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego e uma cabeceira em Sonora. “*Capim*, corr. *caapii*, a planta da folha fina, a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capim; Capim-branco; Capim Branco; Capim Scardine; Capim Verde; Capey; Capi-y.*

Capim-branco [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: córrego em Alcínópolis. “*Capim*, corr. *caapii*, a planta da folha fina, a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capim; Capim, do; Capim Branco; Capim Scardine; Capim Verde; Capey; Capi-y.*

Capim Branco [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AH: povoado em Bandeirantes; e sete AF: um córrego em Anastácio, um córrego e um ribeirão em Bandeirantes, um córrego e um ribeirão em Camapuã, um córrego em Costa Rica e um em Dois Irmãos do Buriti. “*Capim*, corr. *caapii*, a planta da folha fina, a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capim; Capim, do; Capim-branco; Capim Scardine; Capim Verde; Capey; Capi-y.*

Capim Scardine [tupi+origem incerta; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Caracol. “*Capim*, corr. *caapii*, a planta da folha fina, a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capim; Capim, do; Capim-branco; Capim Branco; Capim Verde; Capey; Capi-y.*

Nota: Capim Scardine, formado por “*capim*, corr. *caapii*, a planta da folha fina, a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179) mais *scardine*. Provavelmente a unidade lexical

Scardine, na composição *Capim Scardine*, refere-se a um sobrenome de família ou a alcunha de algum cidadão habitante/proprietário das terras onde se encontra o acidente assim nomeado. Cf. *Capim*; *Capim, do*; *Capim-branco*; *Capim Branco*; *Capim Verde*; *Capey*; *Capi-y*.

Capim Verde [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AH: povoado em Bandeirantes. “*Capim*, corr. *caapii*, a planta da folha fina, a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Cf. *Capim*; *Capim, do*; *Capim-branco*; *Capim Branco*; *Capim Scardine*; *Capey*; *Capi-y*.

Capey [tupi+guarani; composto híbrido]

Nome de um AH: um povoado em Ponta Porã. “*Capim*, corr. *caapii*, a planta da folha fina, a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Variante: ***Capi-y*** Cf. *Capim*; *Capim, do*; *Capim-branco*; *Capim Branco*; *Capim Scardine*; *Capim Verde*; *Capi-y*.

Nota: *Capey*, formado por “*capim*, corr. *caapii*, a planta da folha fina, a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179) mais o radical *y*, “água, rio, córrego, lago” (ASSIS, 2008, p. 417), significando, literalmente, “rio do Capim”.

Capi-y [tupi+guarani; composto híbrido]

Nome de dois AF: dois córregos em Bela Vista. “*Capim*, corr. *caapii*, a planta da folha fina, a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179). Variante: ***Capey*** Cf. *Capim*; *Capim, do*; *Capim-branco*; *Capim Branco*; *Capim Scardine*; *Capim Verde*; *Capey*.

Nota: *Capi-y*, formado por “*capim*, corr. *caapii*, a planta da folha fina, a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 179) mais o radical *y*, “água, rio, córrego, lago” (ASSIS, 2008, p. 417), significando, literalmente, “rio do Capim”.

Capoeira [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Cassilândia e um em Paranaíba. Espécie de “roça abandonada, roça que foi roça” (BUENO, 2008). Bueno (2008) também registra que, segundo Edelweiss, *capoeira* procede de *koroça, puera*, abandonada, que já foi roça.

Capões, dos [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Aparecida do Taboado. “*Capão*, corr. *caá-pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1987, p. 179).

Caraguatá [tupi; simples]

Nome de três AF: um córrego em Bataguassu, um córrego em Corumbá e um córrego em Jateí. Espécie vegetal popular em certas regiões do Brasil, sendo mais encontrada em São Paulo, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso. Os frutos são encartuchados, lisos, de 6 a 8 cm de comprimento. (CRUZ, 1985). Caraguatá, “*carauatá*, o *carauá* rijo, duro; *carauá*, corr. *cará-uã*, talo armado de espinho, nervura farpada; bromélia, cujas folhas dão excelente fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel, Alt. *Crauá*. Norte do Brasil” (SAMPAIO, 1987, p. 182).

Carambola [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ponta Porã. Fruto da caramboleira, originária da Ásia e aclimatada no Brasil. Trata-se de um arbusto de copa larga, cujas flores são amarelas ou vermelhas de pétalas arredondadas. Os frutos são grandes e o suco que produzem é doce e ácido ao mesmo tempo (CRUZ, 1985).

Carandá [tupi; simples]

Nome de seis AF: dois córregos em Anastácio, dois em Nioaque e dois em Porto Murtinho. Espécie vegetal da família das palmáceas, tem o espique de 10 a 12 m de altura, folhas cobertas de diminutos pontos vermelhos nas duas páginas; ramos floríferos retos e filiformes, de 3 a 5 cm de comprimento, com as flores dispostas em pequenos glomérulos de 2-3 e protegidas por espata tubuloso-infundibiliforme; ovário densamente piloso; filamentos dos estames com larga base triangular abruptamente contraída num só filamento subulado; tubo da corola liso. Fornece espiques de grande resistência e durabilidade e as folhas são empregadas para a cobertura de ranchos e para a manufatura de chapéus (CORRÊA, 1984). Carandá, “*caraná*, escamoso, cascudo, cheio de aspereza. É o nome da palmeira *Copernicia cerifera*, vulgo *carnaúba*” (SAMPAIO, 1987, p. 182). Cf. *Carandá, do*; *Carandazal*.

Nota: O carandá se desenvolve socialmente e de preferência nos banhados e campos pantanosos, formando associação pura, *Carandásaes*, no Estado de Mato Grosso (CORRÊA, 1984).

Carandá, do [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Inocência. Espécie vegetal da família das palmáceas, tem o espique de 10 a 12 m de altura, folhas cobertas de diminutos pontos vermelhos nas duas páginas; ramos floríferos retos e filiformes, de 3 a 5 cm de comprimento, com as flores dispostas em pequenos glomérulos de 2-3 e protegidas por espata tubuloso-infundibiliforme; ovário densamente piloso; filamentos dos estames com larga base triangular abruptamente contraída num só filamento subulado; tubo da corola liso. Fornece espiques de grande resistência e durabilidade e as folhas são empregadas para a cobertura de ranchos e para a manufatura de chapéus (CORRÊA, 1984). Carandá, “*caraná*, escamoso, cascudo, cheio de aspereza. É o nome da palmeira *Copernicia cerifera*, vulgo *carnaúba*” (SAMPAIO, 1987, p. 182). Cf. *Carandá*; *Carandazal*.

Nota: O carandá se desenvolve socialmente e de preferência nos banhados e campos pantanosos, formando associação pura, *Carandásaes*, no Estado de Mato Grosso (CORRÊA, 1984).

Carandazal [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AH: um córrego em Corumbá. Formação de carandás dispostos proximamente entre si. O carandá é uma espécie vegetal da família das palmáceas, tem o espique de 10 a 12 m de altura, folhas cobertas de diminutos pontos vermelhos nas duas páginas; ramos floríferos retos e filiformes, de 3 a 5 cm de comprimento, com as flores dispostas em pequenos glomérulos de 2-3 e protegidas por espata tubuloso-infundibiliforme; ovário densamente piloso; filamentos dos estames com larga base triangular abruptamente contraída num só filamento subulado; tubo da corola liso. Fornece espiques de grande resistência e durabilidade e as folhas são empregadas para a cobertura de ranchos e para a manufatura de chapéus (CORRÊA, 1984). Carandá, “*caraná*, escamoso, cascudo, cheio de aspereza. É o nome da palmeira *Copernicia cerifera*, vulgo *carnaúba*” (SAMPAIO, 1987, p. 182). Cf. *Carandá*; *Carandá, do*.

Nota: O carandá se desenvolve socialmente e de preferência nos banhados e campos pantanosos, formando associação pura, *Carandásaes*, no Estado de Mato Grosso (CORRÊA, 1984).

Carrapicho [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Dois Irmãos do Buriti. Espécie vegetal da família das leguminosas, uma planta cujo caule é reto e coberto de penugem. Dá folhas em folíolos elípticos e pontiagudos e flores róseas e de lacínias compridas, formando cachos espessos. Desenvolve-se mais facilmente em terrenos onde também se desenvolvem as gramíneas (CRUZ, 1985).

Castanha [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. Fruto do castanheiro (FERREIRA, 2004).

Catingueira [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Corguinho. Espécie de planta da família das leguminosas e nome comum dado às seguintes plantas: *Caesalpinia gardneriana*, Bth. – Árvore de folhas bipinadas; flores amarelas dispostas em racimos no ápice dos galhos; fruto vagem. A casca fornece matéria tintorial amarela; a planta é bastante ornamental. *C. pyramidalis* Tul. – Arbusto ou árvore pequena, de folhas pinadas; flores amarelas dispostas em racimos curtos e estes reunidos em pequenas panículas piramidais; fruto vagem sésil. Vegeta de preferência em lugares pedregosos (CORRÊA, 1984). Variante: *Catingueiro*. Cf. *Catingueiro*.

Catingueiro [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Nioaque. Espécie de planta da família das leguminosas e nome comum dado às seguintes plantas: *Caesalpinia gardneriana*, Bth. – Árvore de folhas bipinadas; flores amarelas dispostas em racimos no ápice dos galhos; fruto vagem. A casca fornece matéria tintorial amarela; a planta é bastante ornamental. *C. pyramidalis* Tul. – Arbusto ou árvore pequena, de folhas pinadas; flores amarelas dispostas em racimos curtos e estes reunidos em pequenas panículas piramidais; fruto

vagem sésil. Vegeta de preferência em lugares pedregosos (CORRÊA, 1984). Variante: *Catingueira*. Cf. *Catingueira*.

Caverá [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Sete Quedas. Caverá, “*cabera*, de *caá*, a folha; *berá*, luzidia. Qualidade de mate do Rio Grande do Sul” (BUENO, 2008).

Caviúna [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Corguinho. Espécie vegetal, a caviúna, ou *jacarandá cabiúna*, é uma árvore que mede de 15 a 20 m, tem folhas opostas e flores que se agrupam formando panículas. A madeira é de primeira ordem, de uma cor marrom, os tecidos apresentam ondulações e os veios são negros (CRUZ, 1985). Caviúna, “*jacarandá-caviúna* – grande árvore da família das leguminosas; de *caá-oby-una*, vegetal verde escuro” (TIBIRIÇA, 1984),

Cedral [português; simples]

Nome de um AH: um córrego em Corumbá. Formação de cedros dispostos proximamente entre si. Espécie de planta originária do Brasil, o cedro atinge grande altura, 20 a 30 m, e 80 cm a 3 m de diâmetro. Madeira de lei de alta reputação, aproveitada para trabalhos de marcenaria. A casca, assim como outras partes da planta, tem cheiro forte, semelhante ao do alho (CRUZ, 1985). Cf. *Cedro*; *Cedro, do*.

Cedro [português; simples]

Nome de um AH: lugarejo em Rio Verde de Mato Grosso; e oito AF: um córrego em Alcinópolis, um arroio em Aral Moreira, um córrego em Dois Irmãos do Buriti, um em Figueirão, dois em Paranaíba, um em Ponta Porã e um em Sidrolândia. Espécie de planta originária do Brasil, o cedro atinge grande altura, 20 a 30 m, e 80 cm a 3 m de diâmetro. Madeira de lei de alta reputação, aproveitada para trabalhos de marcenaria. A casca, assim como outras partes da planta, tem cheiro forte, semelhante ao do alho (CRUZ, 1985). Cf. *Cedro, do*; *Cedral*.

Cedro, do [português; simples]

Nome de cinco AF: um córrego em Água Clara, um morro em Alcinópolis, uma cabeceira em Aral Moreira, um córrego e um ribeirão em Cassilândia e um córrego em Jateí. Espécie de planta originária do Brasil, o cedro atinge grande altura, 20 a 30 m, e 80 cm a 3 m de diâmetro. Madeira de lei de alta reputação, aproveitada para trabalhos de marcenaria. A casca, assim como outras partes da planta, tem cheiro forte, semelhante ao do alho (CRUZ, 1985). Cf. *Cedro*; *Cedral*.

Cerradão [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranaíba. Tipo de vegetação caracterizado por árvores baixas, retorcidas, em geral dotadas de casca grossa e suberosa, espaçadas, e que leva por baixo tapete de gramíneas. Ocorre no Planalto Central Brasileiro, na Amazônia, em parte do Nordeste, e muito pouco no Sul (FERREIRA, 2004). Cf. *Cerrado Feio*.

Cerrado Feio [português; composto]

Nome de um AF: um córrego em Iguatemi. Tipo de vegetação caracterizado por árvores baixas, retorcidas, em geral dotadas de casca grossa e suberosa, espaçadas, e que leva por baixo tapete de gramíneas. Ocorre no Planalto Central Brasileiro, na Amazônia, em parte do Nordeste, e muito pouco no Sul (FERREIRA, 2004). Cf. *Cerradão*.

Cereja [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Angélica. Espécie de árvore de tamanho regular, com até 8 m de altura e 30 cm de diâmetro; casca verde, fina, lisa e luzidia; folhas curto-pecioladas, até 4 cm de comprimento e 2 cm de largura, verde-escuro na página superior e pálida na inferior. Fornece madeira branca ou levemente rósea, compacta, dura, pesada e de grande durabilidade (CORRÊA, 1984).

Cipó [tupi; simples]

Nome de seis AF: um córrego em Antônio João, um em Aquidauana, um em Dois Irmãos do Buriti, um em Eldorado, um em Iguatemi e um em São Gabriel do Oeste. Cipó, “corr. *içá-pó*, literalmente – *galho-mão*, que é o mesmo que dizer – *galho*

apprehensor – que tem a propriedade de se prender, de se enleiar, de atar. Alt. *Icepó, cepo, çapó, sipó*” (SAMPAIO, 1987, p. 188). Cf. *Cipó, do; Cicolândia*.

Cipó, do [tupi; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Maracaju. Cipó, “corr. *içá-pó*, literalmente – *galho-mão*, que é o mesmo que dizer – *galho apprehensor* – que tem a propriedade de se prender, de se enleiar, de atar. Alt. *Icepó, cepo, çapó, sipó*” (SAMPAIO, 1987, p. 188). Cf. *Cipó; Cicolândia*.

Cicolândia, de [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AH: distrito em Aquidauana. Cipó, “corr. *içá-pó*, literalmente – *galho-mão*, que é o mesmo que dizer – *galho apprehensor* – que tem a propriedade de se prender, de se enleiar, de atar. Alt. *Icepó, cepo, çapó, sipó*” (SAMPAIO, 1987, p. 188). Cf. *Cipó; Cipó, do*.

Congonha [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Aparecida do Taboado e um em Bandeirantes. Espécie de árvore de pequeno porte, de folhas lanceoladas, grandes, grossas, que se mostram de modo alternado, apresentam nervuras bem salientes e se tornam um tanto quebradiças quando secas. As flores são pequenas e o fruto é uma drupa com uma única cavidade (CRUZ, 1985). Congonha, “corr. *congõi*, o que sustenta ou alimenta; é a herva-matte, variedade [*Illex Congonha*]” (SAMPAIO, 1987, p. 190). Variante: *Congonhas*. Cf. *Congonhas*.

Nota: Corrêa (1984) registra que, por esse nome – *congonha* -, são conhecidas numerosas plantas de diversas famílias, a maior parte porque suas folhas servem para chás ou tisanas, e as restantes, quase todas, porque se parecem ou lembram a *Herva Mate (Illex Paraguaiensis St Hill)* ou, finalmente, porque entram no preparo ou na adulteração comercial do produto desta última.

Congonhas [tupi; simples]

Nome de um AH: distrito em Bandeirantes. Espécie de árvore de pequeno porte, de folhas lanceoladas, grandes, grossas, que se mostram de modo alternado, apresentam

nervuras bem salientes e se tornam um tanto quebradiças quando secas. As flores são pequenas e o fruto é uma drupa com uma única cavidade (CRUZ, 1985). Congonha, “corr. *congõi*, o que sustenta ou alimenta; é a herva-matte, variedade [*Illex Congonha*]” (SAMPAIO, 1987, p. 190). Variante: **Congonha**. Cf. *Congonha*.

Nota: Corrêa (1984) registra que, por esse nome – *congonha* -, são conhecidas numerosas plantas de diversas famílias, a maior parte porque suas folhas servem para chás ou tisanas, e as restantes, quase todas, porque se parecem ou lembram a *Herva Mate* (*Illex Paraguaiensis* St Hill) ou, finalmente, porque entram no preparo ou na adulteração comercial do produto desta última.

Coqueiro [português; simples]

Nome de dezesseis AF: um córrego em Anastácio, um em Bandeirantes, um em Bonito, um em Campo Grande, um em Dois Irmãos do Buriti, um em Douradina, um córrego e uma cabeceira em Jaraguari, um ribeirão em Nova Andradina, um córrego em Paranaíba, um em Ponta Porã, dois em Ribas do Rio Pardo, um córrego e uma cabeceira em Rio Brilhante e um córrego em Sidrolândia. Espécie vegetal da família das palmáceas, sendo que palmeira é nome comum a todas as árvores da família das palmáceas, também chamadas *palma*, e no Brasil, *coqueiro*. O Coqueiro é da família das plantas monocotiledôneas que têm um tufo de folhas compridas na extremidade de uma estirpe bem lançada. São árvores de estirpe raras vezes ramificadas, tendo todas as folhas reunidas no cimo, em uma espécie de tufo terminal. O limbo das folhas, indiviso no gomo, rasga-se regularmente desabrochando, de sorte que as folhas completamente desenvolvidas parecem compostas (palmadas, *chamaerops*, ou penadas, *phoenix*). As flores, agrupadas em regime ao abrigo de grandes brácteas chamadas espatas, são geralmente diclinas, por vezes poligâmicas. Certas palmeiras são *monóicas* (*coqueiro*), outras *dióicas* (*tamareira*). Os seus frutos são bagas (tâmaras) ou drupas (nozes de coco). Importante pelo número de espécies (perto de um milhão), a família das palmeiras ainda o é mais sob o ponto de vista econômico (CRUZ, 1985). Cf. *Coqueiro, do*; *Coqueirinho*.

Coqueiro, do [português; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Rio Brilhante. Espécie vegetal da família das palmáceas, sendo que a palmeira é nome comum a todas as árvores da família das

palmáceas, também chamadas *palma*, e no Brasil, *coqueiro*. O Coqueiro é da família das plantas monocotiledôneas que têm um tufo de folhas compridas na extremidade de uma estirpe bem lançada. São árvores de estirpe raras vezes ramificadas, tendo todas as folhas reunidas no cimo, em uma espécie de tufo terminal. O limbo das folhas, indiviso no gomo, rasga-se regularmente desabrochando, de sorte que as folhas completamente desenvolvidas parecem compostas (palmadas, *chamaerops*, ou penadas, *phoenix*). As flores, agrupadas em regime ao abrigo de grandes brácteas chamadas espatas, são geralmente diclinas, por vezes poligâmicas. Certas palmeiras são *monóicas* (*coqueiro*), outras *dióicas* (*tamareira*). Os seus frutos são bagas (tâmaras) ou drupas (nozes de coco). Importante pelo número de espécies (perto de um milhão), a família das palmeiras ainda o é mais sob o ponto de vista econômico (CRUZ, 1985). Cf. *Coqueiro*, *Coqueirinho*.

Coqueirinho [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Nova Andradina. Espécie vegetal da família das palmáceas, sendo que a palmeira é nome comum a todas as árvores da família das palmáceas, também chamadas *palma*, e no Brasil, *coqueiro*. O Coqueiro é da família das plantas monocotiledôneas que têm um tufo de folhas compridas na extremidade de uma estirpe bem lançada. São árvores de estirpe raras vezes ramificadas, tendo todas as folhas reunidas no cimo, em uma espécie de tufo terminal. O limbo das folhas, indiviso no gomo, rasga-se regularmente desabrochando, de sorte que as folhas completamente desenvolvidas parecem compostas (palmadas, *chamaerops*, ou penadas, *phoenix*). As flores, agrupadas em regime ao abrigo de grandes brácteas chamadas espatas, são geralmente diclinas, por vezes poligâmicas. Certas palmeiras são *monóicas* (*coqueiro*), outras *dióicas* (*tamareira*). Os seus frutos são bagas (tâmaras) ou drupas (nozes de coco). Importante pelo número de espécies (perto de um milhão), a família das palmeiras ainda o é mais sob o ponto de vista econômico (CRUZ, 1985). Cf. *Coqueiro*; *Coqueiro, do*.

Cravo [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. Espécie vegetal cujo nome é dado a duas espécies de plantas: o *cravo da Índia*, que tem aroma intenso e sabor picante (*Caryophyllus aromaticus*, Lineu) e o arbusto que floresce por toda a extensão do nosso

País; uma flor de belo aspecto, cultivada e exportada para os grandes centros (*Dianthus cariophyllus*, Lineu. Família das Cariofiláceas) (CRUZ, 1985).

Curubaí [guarani; composto]

Nome de um AF: um córrego em Sete Quedas. “*Kurupa’i – anandenanthera colubrina*, angico-branco, árvore de madeira avermelhada ou pardo-escuro, casca tanífera, depurativa, hemostática, exsuda goma, das flores as abelhas fazem mel claro, de qualidade superior, tem vagens compridas e estreitas, o pó das sementes é usado para fazer o niopó rapé, de efeito alucinante” (ASSIS, 2008). Variantes: **Curuhaí**; **Curupaí**. Cf. *Curuhaí*; *Curupaí*.

Nota: Designativo formado por *Kurupa’i* mais o radical *í*, “água, rio, líquido” (BUENO, 2008).

Houaiss (2007) traz “*exsudação* - líquido que, transudando pelos poros de uma planta ou um animal, adquire consistência viscosa na superfície onde aparece”.

Curuhaí [guarani; composto]

Nome de dois AF: um córrego em Paranhos e um em Tacuru. “*Kurupa’i – anandenanthera colubrina*, angico-branco, árvore de madeira avermelhada ou pardo-escuro, casca tanífera, depurativa, hemostática, exsuda goma, das flores as abelhas fazem mel claro, de qualidade superior, tem vagens compridas e estreitas, o pó das sementes é usado para fazer o niopó rapé, de efeito alucinante” (ASSIS, 2008). Variantes: **Curubaí**; **Curupaí**. Cf. *Curubaí*; *Curupaí*.

Nota: Designativo formado por *Kurupa’i* mais o radical *í*, “água, rio, líquido” (BUENO, 2008).

Houaiss (2007) traz “*exsudação* - líquido que, transudando pelos poros de uma planta ou um animal, adquire consistência viscosa na superfície onde aparece”.

Curupaí [guarani; composto]

Nome de cinco AF: uma cabeceira em Amambai, um córrego em Caracol, um córrego e um rio em Jateí e um córrego em Naviraí. “*Kurupa’i – anandenanthera colubrina*, angico-branco, árvore de madeira avermelhada ou pardo-escuro, casca tanífera, depurativa, hemostática, exsuda goma, das flores as abelhas fazem mel claro, de

qualidade superior, tem vagens compridas e estreitas, o pó das sementes é usado para fazer o niopó rapé, de efeito alucinante” (ASSIS, 2008). Variantes: *Curubaí*; *Curuhaí*. Cf. *Curubaí*; *Curuhaí*.

Nota: Designativo formado por *Kurupa'i* mais o radical *í*, “água, rio, líquido” (BUENO, 2008).

Houaiss (2007) traz “*exsudação* - líquido que, transudando pelos poros de uma planta ou um animal, adquire consistência viscosa na superfície onde aparece”.

E

Embarés [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Selvíria. Espécie de árvore de até 20 m, nativa do Brasil (MT, MS, SC), de madeira branca, porosa e leve, casca verde com acúleos grandes, folhas digitadas e cápsulas grandes, com paina usada em almofadas e estofados (HOUAISS, 2007).

Embaúba, da [tupi; simples]

Nome de um AF: um ribeirão em Três Lagoas. Espécie vegetal cujo nome é comum às espécies da família das moráceas, todas arbóreas, pertencentes ao gênero *Cecropia*, sendo que o número de espécies conhecidas para a nossa flora vai a mais de cinquenta. São plantas típicas de formações higrófilas, em matas úmidas ou ciliares. As plantas desse gênero são todas árvores que podem variar entre 8 a 25 m de altura, mais ou menos. Todas as espécies têm caule e ramos fistulosos; as folhas são de tal maneira ásperas que se empregam à guisa de polir madeira; a casca é aproveitada na indústria do curtume; os troncos são empregados na construção naval; o fruto, segundo Hoehne, é comestível, semelhante ao figo (CORRÊA, 1984). “*Embaúba*, corr. *emba-yba*, a árvore de oco ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. É a árvore da mata, vulgarmente chamada *Imbaúba* [...]. Alt. *Ambahiba*, *Embahyba*, *Embahuba*, *Imbahyba*, *Umbahuba* (SAMPAIO, 1987, p. 197). Variantes: ***Imbaúba***; ***Umbaúba***. Cf. *Imbaúba*; *Umbaúba*.

Embira [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Sidrolândia. Espécie de planta brasileira, caule de consistência delicada, reto, medindo aproximadamente 2 m de altura. Folhas lanceoladas e alternadas, apresentando nervuras. O fruto é uma cápsula oval dividida em 3 cavidades onde se encontram sementes arredondadas e escuras. De tronco nodoso, que se desenvolve debaixo da terra e que é comumente chamada de raízes, saem fibras que são consideradas as verdadeiras raízes da planta (CRUZ, 1985). “*Embira*, corr. *mbira*, o

descascado, o tirado da casca. É a entrecasca resistente de certas árvores, servindo para corda. Alt. Imbira” (SAMPAIO, 1987, p. 198). Variante: *Imbira*. Cf. *Imbira*.

Erva, da [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Anaurilândia e um em Nova Andradina. Espécie de “planta não lenhosa, cujas partes aéreas vivem menos de um ano, o que limita o seu tamanho, podendo as partes subterrâneas ser vivazes”; ou “quantidade mais ou menos considerável de plantas herbáceas dispostas proximamente entre si”; ou ainda “qualquer planta venenosa que nasce em pastagens e que, comida pelos animais, pode causar-lhes a morte” (FERREIRA, 2004).

Espigão [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Maracaju. Parte de determinadas espécies vegetais sendo uma “haste terminal do trigo, milho e outras gramíneas, que encerra os grãos” (HOUAISS, 2007).

Espinilho [espanhol; simples]

Nome de um AF: um córrego em Caracol. Espécie vegetal, arbusto de 2 a 3 m de altura, ramoso e armado com alguns acúleos retos e pequenos; ramos cilíndricos; folhas pinadas; flores róseas reunidas em capítulos globosos de 7-8 mm de diâmetro ou mais; fruto vagem de 20-25 mm de comprimento e 4-6 mm de largura. Quando florida, é bastante ornamental (CORRÊA, 1984). Variante: *Espinilho*. Cf. *Espinilho*.

Espinilho [espanhol; simples]

Nome de um AF: um córrego em Nioaque. Espécie vegetal, arbusto de 2 a 3 m de altura, ramoso e armado com alguns acúleos retos e pequenos; ramos cilíndricos; folhas pinadas; flores róseas reunidas em capítulos globosos de 7-8 mm de diâmetro ou mais; fruto vagem de 20-25 mm de comprimento e 4-6 mm de largura. Quando florida, é bastante ornamental (CORRÊA, 1984). Variante: *Espinilho*. Cf. *Espinilho*.

Esteio, do [português; simples]

Nome de três AF: um córrego em Chapadão do Sul, um em Costa Rica e um em Inocência. Partes acessórias das plantas (HOUAISS, 2007).

Estolho [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Rochedo. Parte de determinadas espécies vegetais sendo um “caule rastejante que emite regularmente de espaço a espaço raízes para baixo e ramos para cima. Pode ser superficial ou subterrâneo, assegura rápida propagação das plantas que o possuem, e é comum nas monocotiledôneas” (FERREIRA, 2004).

Nota: São exemplos comuns da classe de plantas monocotiledôneas o milho, o arroz, a bananeira, os capins, etc. (FERREIRA, 2004).

F

Faia [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Selvíria. Espécie de árvore de pequeno porte, até 5 m de altura; ramos cinzentos com folhagem densa e entrenós de 15 a 20 mm de comprimento; folhas de 7-10 cm de comprimento por 3,5-7 de largura; flores com pétalas amarelas por fora, púrpuro-escuro por dentro com pilosidade roxa; fruto drupa suberoso-lenhosa com 7-8 mm de comprimento (CORRÊA, 1984). Cf. *Faia, do*.

Faia, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ribas do Rio Pardo. Espécie de árvore de pequeno porte, até 5 m de altura; ramos cinzentos com folhagem densa e entrenós de 15 a 20 mm de comprimento; folhas de 7-10 cm de comprimento por 3,5-7 de largura; flores com pétalas amarelas por fora, púrpuro-escuro por dentro com pilosidade roxa; fruto drupa suberoso-lenhosa com 7-8 mm de comprimento (CORRÊA, 1984). Cf. *Faia*.

Feijão, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Aparecida do Taboado. Espécie vegetal da família das leguminosas, trepadeira, herbácea, que abraça outras árvores, nelas se enrolando. Seu fruto é uma vagem que contém sementes ovais, duras e de cor marrom-clara. É uma espécie vegetal conhecidíssima e de grande consumo. Existem mais de mil variedades de feijão (CRUZ, 1985).

Figueira [português; simples]

Nome de um AH: um povoado em Coxim; e seis AF: um córrego em Anaurilândia, um em Bataguassu, um em Campo Grande, um ribeirão em Inocência, um córrego em Porto Murtinho e um em Terenos. Espécie de árvore de pequeno porte, de casca lisa, cinzenta, e folhas lobadas, nativa da Ásia Menor e cultivada, desde a mais remota Antiguidade, pela infrutescência, o figo, verde ou arroxeadado, com polpa doce e avermelhada,

mundialmente consumido fresco, seco, em calda, cristalizado ou em doces; *figueira-comum*, *figueira-da-europa*, *figueira-de-baco*, *figueira-de-portugal*, *figueira-do-reino*, *figueira-mansa* (HOUAISS, 2007). Cf. *Figueira, da*; *Figueirão*; *Figueirinha*.

Figueira, da [português; simples]

Nome de três AF: um córrego em Cassilândia, uma ilha em Corumbá e um ribeirão em Coxim. Espécie de árvore de pequeno porte, de casca lisa, cinzenta, e folhas lobadas, nativa da Ásia Menor e cultivada, desde a mais remota Antiguidade, pela infrutescência, o figo, verde ou arroxeadado, com polpa doce e avermelhada, mundialmente consumido fresco, seco, em calda, cristalizado ou em doces; *figueira-comum*, *figueira-da-europa*, *figueira-de-baco*, *figueira-de-portugal*, *figueira-do-reino*, *figueira-mansa* (HOUAISS, 2007). Cf. *Figueira*; *Figueirão*; *Figueirinha, da*.

Figueirão [português; simples]

Nome de um AH: município, Figueirão; e três AF: um córrego e um rio em Camapuã e um rio em Figueirão. Espécie de árvore de pequeno porte, de casca lisa, cinzenta, e folhas lobadas, nativa da Ásia Menor e cultivada, desde a mais remota Antiguidade, pela infrutescência, o figo, verde ou arroxeadado, com polpa doce e avermelhada, mundialmente consumido fresco, seco, em calda, cristalizado ou em doces; *figueira-comum*, *figueira-da-europa*, *figueira-de-baco*, *figueira-de-portugal*, *figueira-do-reino*, *figueira-mansa* (HOUAISS, 2007). Cf. *Figueira*; *Figueira, da*; *Figueirinha, da*.

Figueirinha, da [português; simples]

Nome de um AF: uma ilha em Corumbá. Espécie de árvore de pequeno porte, de casca lisa, cinzenta, e folhas lobadas, nativa da Ásia Menor e cultivada, desde a mais remota Antiguidade, pela infrutescência, o figo, verde ou arroxeadado, com polpa doce e avermelhada, mundialmente consumido fresco, seco, em calda, cristalizado ou em doces; *figueira-comum*, *figueira-da-europa*, *figueira-de-baco*, *figueira-de-portugal*, *figueira-do-reino*, *figueira-mansa* (HOUAISS, 2007). Cf. *Figueira*; *Figueira, da*; *Figueirão*.

Nota: Corrêa (1984) registra o item lexical figueirinha como espécie vegetal acaule que fornece raiz tônica, excitante e febrífuga, usada também para aromatizar o tabaco ou fumo (CORRÊA, 1984).

Flor [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Coronel Sapucaia. Parte das espécies vegetais responsável pela reprodução sexuada das plantas superiores (fanerógamas). Consta de folhas coloridas, distintas em *cálice* (externas) e *corola* (internas), formando, em conjunto, o *perianto*, de *estames* (produtores das células masculinas) e de *gineceu* (gerador das células femininas).] A flor representa um ramo fortemente comprimido, no qual os nós se tornaram muito aproximados. Pode ser: *hermafrodita* (com ambos os órgãos sexuais), *masculina* (se leva apenas estames) e *feminina* (quando possui somente gineceu). (FERREIRA, 2004). Cf. *Flores, da*.

Flor de Maio [português; composto]

Nome de um AF: um córrego em Aral Moreira. Espécie vegetal da família das Liliáceas. Erva vivaz, de até 30 cm de altura; folhas 2-3, longo-pecioladas, elípticas, relativamente largas, inteiras, luzidias, verde-claro, nervuras delicadíssimas; flores pequenas, monopétalas, branco-marfim, suavemente aromáticas (CORRÊA, 1984).

Flores, das [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Sonora. Parte das espécies vegetais responsável pela reprodução sexuada das plantas superiores (fanerógamas). Consta de folhas coloridas, distintas em *cálice* (externas) e *corola* (internas), formando, em conjunto, o *perianto*, de *estames* (produtores das células masculinas) e de *gineceu* (gerador das células femininas).] A flor representa um ramo fortemente comprimido, no qual os nós se tornaram muito aproximados. Pode ser: *hermafrodita* (com ambos os órgãos sexuais), *masculina* (se leva apenas estames) e *feminina* (quando possui somente gineceu). (FERREIRA, 2004). Cf. *Flor*.

Floresta [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Taquarussu. Formação arbórea densa, na qual, geralmente, as copas se tocam; mata. (FERREIRA, 2004). Cf. *Floresta Negra*.

Floresta Negra [português; composto]

Nome de um AH: um povoado em Japorã. Formação arbórea densa, na qual, geralmente, as copas se tocam; mata. (FERREIRA, 2004). Cf. *Floresta*.

Frutal [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Batayporã e um em Nova Andradina. Qualidade daquilo que é relativo à fruta.

G

Galho Quebrado [português; composto]

Nome de um AF: um córrego em Campo Grande. “Divisão ou subdivisão do caule das árvores e arbustos” (HOUAISS, 2007).

Gameleira [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Brasilândia e um em Campo Grande. Espécie de árvore natural do Brasil, tem cerca de 10-12 m de altura, atingindo, às vezes, grandes altitudes. Seus galhos são bastante compridos e ornados de densa folhagem e os pecíolos de suas folhas são ovais, lisos e brilhantes. As flores se ocultam numa espécie de cápsula e o fruto se parece com o da figueira, porém maior (CRUZ, 1985).

Nota: O lenho dessa árvore é muito aproveitado para a confecção de gamelas, tendo sido dessa circunstância que lhe veio o nome gameleira (CRUZ, 1985).

Genipapo [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Figueirão. Fruto do jenipapeiro, tem o tamanho e a forma da laranja e, exteriormente, a cor do caldo é amarronzada. Quando atinge a maturação, é mole e a casca apresenta-se enrugada. Na parte interna encontra-se uma polpa amarela, doce-amarga e adstringente (CRUZ, 1985). Jenipapo, “*genipapo*, corr. *yanipab* ou *yandipab*, podendo escrever-se *nhandipab*, que se decompõe – *yand-ipab* e significa – fruto das extremidades que dá suco. O termo *yandi* ou *nhandi* exprime suco, óleo, o que reçuma; e o final *ipab* é o composto de *ibápab*, contracto em *í-pab*, que se traduz – fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do jenipapeiro são tantos quantos as extremidades de seus galhos” (SAMPAIO, 1987, p. 202). Variante: **Jenipapo**. Cf. *Jenipapo*; *Jenipapinho*.

Geriva [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Campo Grande e um ribeirão em Brasilândia. “*Gerivá*, corr. *jerivá*, palmeira espinhosa e, por extensão, cicatriz deixada na pele por uma espinhada dessa palmeira. Tupi: *yaribá*” (BUENO, 2008). Variantes: ***Gerivá***; ***Jeribá***. Cf. *Gerivá*; *Jeribá*.

Gerivá [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Nova Alvorada do Sul. “*Gerivá*, corr. *jerivá*, palmeira espinhosa e, por extensão, cicatriz deixada na pele por uma espinhada dessa palmeira. Tupi: *yaribá*” (BUENO, 2008). Variantes: ***Geriva***; ***Jeribá***. Cf. *Geriva*; *Jeribá*.

Goiaba [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. Fruto da goiabeira, que é um arbusto de 3 a 6 metros de altura e que se desenvolve em quase todo o território nacional. O tronco é liso, avermelhado e ramoso; folhas opostas, elípticas, coriáceas e ásperas; flores de cor branca; o fruto, às vezes, tem a forma de pêra, outras vezes é arredondado. A parede do fruto é formada por uma massa compacta vermelha e no interior se encontra uma polpa de consistência delicada, saborosa e também avermelhada, onde se alojam as sementes (CRUZ, 1985). Cf. *Goiabal*.

Goiabal [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Cassilândia e um em Chapadão do Sul. Formação de goiabeiras dispostas proximamente entre si, por sua vez, a goiabeira é um arbusto de 3 a 6 metros de altura e que se desenvolve em quase todo o território nacional. O tronco é liso, avermelhado e ramoso; folhas opostas, elípticas, coriáceas e ásperas; flores de cor branca; o fruto, às vezes, tem a forma de pêra, outras vezes é arredondado. A parede do fruto é formada por uma massa compacta vermelha e no interior se encontra uma polpa de consistência delicada, saborosa e também avermelhada, onde se alojam as sementes (CRUZ, 1985). Cf. *Goiaba*.

Gordura [português; simples]

Nome de três AF: um córrego em Alcinópolis, um em Nova Alvorada do Sul e um em Paranaíba. Espécie vegetal, o capim gordura (*Panicum Melinis*) tem o colmo de 1 m de

altura, ou mais, apresentando-se às vezes branco e outras vezes avermelhado. É liso e ostenta nós de espaço a espaço. As folhas são lanceoladas, de extremidade superior aguda, revestidas de penugens, cheirosas e cobertas por uma viscosidade que faz com que pareçam gordurosas. Flores em panículas e semente miúdas (CRUZ, 1985).

Nota: O capim gordura é a base da nossa indústria de criação e laticínio e tem ainda a vantagem de crescer depressa e se adaptar às terras secas e de fraca constituição (CRUZ, 1985).

Gravatá [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Pedro Gomes. Espécie de planta de folhas reunidas em cilindro e estreitando para o ápice, até 30 cm de comprimento e 3 cm de largura, pontiagudas ou listradas, armada de grandes e densos acúleos castanhos. É uma planta encontrada principalmente em São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Os frutos são encartuchados, lisos, de 6-8 cm de comprimento (CORRÊA, 1984). “*Gravatá*, v. *carauatá* e *caraguatá*. Corr. *carauá-tã*, o *carauá* rijo, duro. *Carauá*, corr. *cará-uã*, talo armado de espinho, nervura farpada; bromélia cujas folhas dão excelentes fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel. Alt. *Crauá*. Norte do Brasil” (SAMPAIO, 1987, p. 181-182).

Nota: Sob esse nome, gravatá, que parece ser apenas uma corruptela francamente adaptada à nossa língua, poderíamos descrever todas as espécies brasileiras da família das bromeliáceas que não tem designação particular e ainda não foram publicadas (*Caraguatá*, *Caroá*, *Coroatá*, *Croá*, *Curuá*, etc) (CORRÊA, 1984).

Guaimbé [guarani; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ponta Porã. Espécie de trepadeira nativa do Brasil (PA), que se fixa nas árvores por numerosas raízes, de folhas inteiras ou palmatífidas, amarelo-esverdeada na parte interna, e pequeninas bagas róseas; *guaiambé*, *guambé* (HOUAISS, 2007). Guaimbé, “*Guembepi* – *Philodendron squamiferum*, guaimbé, guambé, trepadeira da família das aráceas, plantas de folhas grandes e muitas raízes, as quais são usadas para amarrar” (ASSIS, 2008).

Nota: Palmatífida, “diz-se de qualquer órgão foliáceo subdividido até perto do eixo,

estando os segmentos no ápice” (FERREIRA, 2004).

Guaimbeperi [guarani; simples]

Nome de um AF: um rio em Laguna Caarapã. Espécie de trepadeira nativa do Brasil (PA), que se fixa nas árvores por numerosas raízes, de folhas inteiras ou palmatífidas, amarelo-esverdeada na parte interna, e pequeninas bagas róseas; *guaiambé*, *guambé* (HOUAISS, 2007). Guaimbé, “*Guembepi – Philodendron squamiferum*, guaimbé, guambé, trepadeira da família das aráceas, plantas de folhas grandes e muitas raízes, as quais são usadas para amarrar” (ASSIS, 2008). Variante: **Guambeperi**. Cf. *Guaimbé*; *Guambeperi*.

Nota: Palmatífida, “diz-se de qualquer órgão foliáceo subdividido até perto do eixo, estando os segmentos no ápice” (FERREIRA, 2004).

Guajuvirá [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Iguatemi. Espécie vegetal da família das poligonáceas; um arbusto de até 40 cm de altura e caule com até 15 cm de diâmetro; ou árvore pequena, de até 7 m; casca pardacenta, fina e lisa, folhas alternas, curto-pecioladas, lanceoladas, acuminadas, de 7-15 cm de comprimento e 1 cm de largura; flores dióicas, dispostas em racimos terminais, pubescentes; fruto aquênio anguloso (noz), contendo uma semente. Fornece madeira branco-amarelada, compacta e elástica, bastante resistente e própria para obras internas e expostas (CORRÊA, 1984).

Nota: Quando da busca por guajuvira, Ferreira (2004) remete a cabuçu, de origem tupi, e registra “arbusto da família das poligonáceas (*Coccoloba martii*), de flores brancacentas, e cujos frutos têm propriedades refrigerantes e adstringentes; guajabara, guajuvira”.

Guambeperi [guarani; simples]

Nome de um AF: um rio em Ponta Porã. Espécie de trepadeira nativa do Brasil (PA), que se fixa nas árvores por numerosas raízes, de folhas inteiras ou palmatífidas, amarelo-esverdeada na parte interna, e pequeninas bagas róseas; *guaiambé*, *guambé* (HOUAISS, 2007). Guaimbé, “*Guembepi – Philodendron squamiferum*, guaimbé, guambé, trepadeira da família das aráceas, plantas de folhas grandes e muitas raízes, as

quais são usadas para amarrar” (ASSIS, 2008). Variante: *Guaimbeperi*. Cf. *Guaimbeperi*; *Guaimbé*.

Nota: Palmatífida, “diz-se de qualquer órgão foliáceo subdividido até perto do eixo, estando os segmentos no ápice” (FERREIRA, 2004).

Guanandi [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Dourados e um em Ponta Porã. Espécie de árvore de grande porte, de 20 a 30 m, com tronco de 40 a 60 cm de diâmetro; folhas de 10-13 cm de comprimento por 5-6 cm de largura. Madeira moderadamente pesada; fácil de trabalhar, moderadamente durável quando exposta. Planta característica e exclusiva das florestas pluviais localizadas sobre solos úmidos e brejosos. É encontrada tanto na floresta primária densa como em vários estágios da sucessão secundária, como capoeiras e capoeirões (LORENZI, 2002, p. 132). “*Guanandi*, corr. *guá-nhandi*, o que é crudento; alusão ao líquido glutinoso e visguento, de um amarelo fino, que tem a árvore deste nome [...]. Alt. *Guananlim*, *Oanandy*, *Olandy*, *Urandy*, *Landy*, *Landim*” (SAMPAIO, 1987, p. 207).

Guapeí [tupi+guarani; composto híbrido]

Nome de um AF: córrego em Caarapó. Espécie vegetal cujo nome pertence a numerosas espécies aquáticas e flutuantes de diversas famílias, em sua maioria indígenas, e outras exóticas, cultivadas nos lagos e tanques dos jardins como ornamentais. São ocorrentes em Mato Grosso as espécies: *Nymphaeaceas*, *Eichornia azurea* Kth, *Heteranthero limosa* Vahl, *H. reniformis* R. e P., *Nymphaea blanda* e *P. ovalis* M. (CORRÊA, 1984). “*Aguá-pé*, [...] a planta vulgarmente chamada *guapé*, *guapéba*, *guapéva*, que cobre a superfície dos lagos e de águas remansadas [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 149). Variante: **Aguapeí**. Cf. *Aguapé, do*; *Aguapeí*.

Nota: Designativo formado por *Guapé* mais o radical *í*, “água, rio, líquido [...]” (BUENO, 2008), significando, literalmente, “rio do aguapé”. É importante ressaltar que o aguapé é uma planta abundante nos rios de Mato Grosso do Sul, principalmente na região do Pantanal.

Guararema [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Nova Alvorada do Sul. Espécie de árvore muito grande e ramosa; caule de até 38 m de altura e 3 m de diâmetro máximo, tortuoso, esgalhado, contorcido e frequentemente oco; casca rugosa; galhos fortes e grossos, ramos finos; folhas de até 14 cm de comprimento e 6 de largura, verde-escuras; flores pequenas, esverdeadas. (CORRÊA, 1984). “*Guararema*, corr. *guará-r-ema*, a madeira fétida; é o chamado pau d’alho [...], com a sua casca rescendente a alho (SAMPAIO, 1987, p. 210).

Guariroba [tupi; simples]

Nome de nove AF: um córrego em Água Clara, uma cabeceira em Bandeirantes, um córrego em Camapuã, um em Campo Grande, um em Dourados, um em Itaporã, um em Ponta Porã, um em Rio Verde de Mato Grosso e uma cabeceira em Terenos. Espécie de palmeira de até 20 m, com cerca de 15 a 20 folhas, dispostas em espiral, nativa do Paraguai e do Brasil (BA ao PR, MS, GO) e muito cultivada como ornamental pelos frutos verde-amarelados comestíveis, e pelo palmito amargo, com propriedades medicinais e muito usado em culinária; *catolé*, *catulé*, *coco-babão*, *coco-catulé*, *coco-da-quaresma*, *coco-de-quarta*, *coqueiro-amargoso*, *coqueiro-babão*, *coqueiro-guariroba*, *gararoba*, *gariroba*, *guairó*, *palmito-amargoso*, *pati-amargoso* (HOUAISS, 2007). “*Guariroba*, corr. *guara-iroba*, o indivíduo amargo; o pau amargoso; é uma espécie de palmito [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 210). Cf. *Guariroba, da*.

Guariroba, da [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Sidrolândia. “*Guariroba*, corr. *guara-iroba*, o indivíduo amargo; o pau amargoso; é uma espécie de palmito [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 210). Espécie de palmeira de até 20 m, com cerca de 15 a 20 folhas, dispostas em espiral, nativa do Paraguai e do Brasil (BA ao PR, MS, GO) e muito cultivada como ornamental pelos frutos verde-amarelados comestíveis e pelo palmito amargo, com propriedades medicinais e muito usado em culinária; *catolé*, *catulé*, *coco-babão*, *coco-catulé*, *coco-da-quaresma*, *coco-de-quarta*, *coqueiro-amargoso*, *coqueiro-babão*, *coqueiro-guariroba*, *gararoba*, *gariroba*, *guairó*, *palmito-amargoso*, *pati-amargoso* (HOUAISS, 2007). “*Guariroba*, corr. *guara-iroba*, o indivíduo amargo; o pau amargoso; é uma espécie de palmito [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 210). Cf. *Guariroba*.

Guavirá [guarani; simples]

Nome de quatro AF: um córrego em Aral Moreira, um em Iguatemi, um em Itaquiraí e um em Naviraí. “*Guavira* – (subst.) (bot.) (*Campomanesia*) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens. No Mato Grosso do Sul há as espécies *Campomanesia adamantinum* e *Campomanesia pubescens*” (ASSIS, 2008). Variantes: **Guaivira; Guarvira**. Cf. *Guaviraí, Guaivira, Guarvira; Guaviral*.

Nota: Assis (2008) registra, ainda, “*guavirami/guavira* – *Campomanesia adamantinum*, planta adstringente, antidiarréica, relaxante, serve para aliviar dores musculares, através de banhos de imersão”.

Guaviraí [guarani; composto]

Nome de um AF: uma cabeceira em Amambai. Nome de quatro AF: um córrego em Aral Moreira, um em Iguatemi, um em Itaquiraí e um em Naviraí. “*Guavira* – (subst.) (bot.) (*Campomanesia*) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens. No Mato Grosso do Sul há as espécies *Campomanesia adamantinum* e *Campomanesia pubescens*” (ASSIS, 2008). Cf. *Guavirá, Guaivira, Guarvira; Guaviral*.

Nota: Designativo formado por *Guavira* mais o radical *í*, “água, rio, líquido [...]” (BUENO, 2008), significando, literalmente, “rio da Guavira”.

Assis (2008) registra, ainda sobre guavira, “*guavirami/guavira* – *Campomanesia adamantinum*, planta adstringente, antidiarréica, relaxante, serve para aliviar dores musculares, através de banhos de imersão”.

Guaivira [guarani; simples]

Nome de um AF: um córrego em Jateí. “*Guavira* – (subst.) (bot.) (*Campomanesia*) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens. No Mato Grosso do Sul há as espécies *Campomanesia adamantinum* e *Campomanesia pubescens*” (ASSIS, 2008). Variantes: **Guavirá; Guarvira**. Cf. *Guavirá, Guaviraí, Guarvira; Guaviral*.

Nota: Assis (2008) registra, ainda, “*guavirami/guavira – Campomanesia adamantinum*, planta adstringente, antidiarréica, relaxante, serve para aliviar dores musculares, através de banhos de imersão”.

Guarvira [guarani; simples]

Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. “*Guavira – (subst.) (bot.) (Campomanesia)* a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens. No Mato Grosso do Sul há as espécies *Campomanesia adamantinum* e *Campomanesia pubescens*” (ASSIS, 2008). Variantes: **Guavirá;** **Guaivira**. Cf. *Guavirá, Guaviraí, Guaivira; Guaviral*.

Nota: Assis (2008) registra, ainda, “*guavirami/guavira – Campomanesia adamantinum*, planta adstringente, antidiarréica, relaxante, serve para aliviar dores musculares, através de banhos de imersão”.

Guaviral [guarani+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Bela Vista. Formação de pés de guavira dispostos proximamente entre si. “*Guavira – (subst.) (bot.) (Campomanesia)* a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens. No Mato Grosso do Sul há as espécies *Campomanesia adamantinum* e *Campomanesia pubescens*” (ASSIS, 2008). Cf. *Guavirá; Guaviraí, Guaivira, Guarvira*.

Nota: Assis (2008) registra, ainda, “*guavirami/guavira – Campomanesia adamantinum*, planta adstringente, antidiarréica, relaxante, serve para aliviar dores musculares, através de banhos de imersão”.

H

Hervalzinho [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Nova Andradina. Conjunto de plantas, ou área por ele coberta, em que há predomínio da erva-mate (HOUAISS, 2007).

I

Ibirá Peteim [guarani; composto]

Nome de um AF: um córrego em Amambai. “*Ibira*, a pele, a casca, a fibra de uma árvore, a *imbira*” (BUENO, 2008) mais “*Petã*, a casca que arde ou pica na boca, ao paladar. B. Caetano exemplifica: *ibirá petã*: a árvore da casca picante, a canela” (BUENO, 2008).

Imbaúba [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Água Clara. Espécie vegetal cujo nome é comum às espécies da família das moráceas, todas arbóreas, pertencentes ao gênero *Cecropia*, sendo que o número de espécies conhecidas para a nossa flora vai a mais de cinquenta. São plantas típicas de formações higrófilas, em matas úmidas ou ciliares. As plantas desse gênero são todas árvores que podem variar entre 8 a 25 m de altura, mais ou menos. Todas as espécies têm caule e ramos fistulosos; as folhas são de tal maneira ásperas que se empregam à guisa de polir madeira; a casca é aproveitada na indústria do curtume; os troncos são empregados na construção naval; o fruto, segundo Hoehne, é comestível, semelhante ao figo (CORRÊA, 1984). “*Embaúba*, corr. *emba-yba*, a árvore de oco ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. É a árvore da mata, vulgarmente chamada Imbaúba [...]. Alt. *Ambahiba*, *Embahyba*, *Embahuba*, *Imbahyba*, *Umbahuba* (SAMPAIO, 1987, p. 197). Variantes: ***Embaúba***; ***Umbaúba***. Cf. *Imbaúba*, *da*; *Embaúba*; *Umbaúba*.

Imbaúba, da [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ribas do Rio Pardo. Espécie vegetal cujo nome é comum às espécies da família das moráceas, todas arbóreas, pertencentes ao gênero *Cecropia*, sendo que o número de espécies conhecidas para a nossa flora vai a mais de cinquenta. São plantas típicas de formações higrófilas, em matas úmidas ou ciliares. As plantas desse gênero são todas árvores que podem variar entre 8 a 25 m de altura, mais

ou menos. Todas as espécies têm caule e ramos fistulosos; as folhas são de tal maneira ásperas que se empregam à guisa de polir madeira; a casca é aproveitada na indústria do curtume; os troncos são empregados na construção naval; o fruto, segundo Hoehne, é comestível, semelhante ao figo (CORRÊA, 1984). “*Embaúba*, corr. *emba-yba*, a árvore de oco ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. É a árvore da mata, vulgarmente chamada Imbaúba [...]. Alt. *Ambahiba*, *Embahyba*, *Embahuba*, *Imbahyba*, *Umbahuba* (SAMPAIO, 1987, p. 197). Variantes: ***Embaúba***; ***Umbaúba***. Cf. *Imbaúba*; *Embaúba*; *Umbaúba*.

Imbirá [tupi; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Amambai. “*Imbira*, corr. *y-mbira*, a pele da árvore; a casca da árvore; a fibra da entrecasca. Alt. *Embira*” (SAMPAIO, 1987, p. 223). Variante: ***Embira***. Cf. *Embira*.

Imbiruçu [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Campo Grande e um em Ribas do Rio Pardo. Espécie vegetal por cujo nome são conhecidas numerosas plantas da família das bombacáceas. Todas as espécies são árvores, algumas gigantescas, de casca espessa; folhas digitadas; flores hermafroditas de pétalas grandes; frutos cápsula deiscente, com muitas sementes envoltas em filamentos unicelulares, curtos. A madeira de todas as espécies tem quase a mesma estrutura anatômica: excessivamente branca, leve e porosa. (CORRÊA, 1984). Imbiruçu, “*imbirussú*, corr. *ymbir-uçu*, a embira grande; a entrecasca grossa. Alt. *Embiruçu*” (SAMPAIO, 1987, p. 198). Variantes: ***Imbirussu***; ***Imbissu***. Cf. *Imbirussu*; *Imbissu*.

Imbirussu [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Costa Rica. Espécie vegetal por cujo nome são conhecidas numerosas plantas da família das bombacáceas. Todas as espécies são árvores, algumas gigantescas, de casca espessa; folhas digitadas; flores hermafroditas de pétalas grandes; frutos cápsula deiscente, com muitas sementes envoltas em filamentos unicelulares, curtos. A madeira de todas as espécies tem quase a mesma estrutura anatômica: excessivamente branca, leve e porosa. (CORRÊA, 1984). Imbiruçu,

“*imbirussú*, corr. *ymbir-uçu*, a embira grande; a entrecasca grossa. Alt. *Embiruçu*” (SAMPAIO, 1987, p. 198). Variantes: ***Imbiruçu***; ***Imbissu***. Cf. *Imbiruçu*; *Imbissu*.

Imbissu [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ribas do Rio Pardo. Espécie vegetal por cujo nome são conhecidas numerosas plantas da família das bombacáceas. Todas as espécies são árvores, algumas gigantescas, de casca espessa; folhas digitadas; flores hermafroditas de pétalas grandes; frutos cápsula deiscente, com muitas sementes envoltas em filamentos unicelulares, curtos. A madeira de todas as espécies tem quase a mesma estrutura anatômica: excessivamente branca, leve e porosa. (CORRÊA, 1984). *Imbiruçu*, “*imbirussú*, corr. *ymbir-uçu*, a embira grande; a entrecasca grossa. Alt. *Embiruçu*” (SAMPAIO, 1987, p. 198). Variantes: ***Imbiruçu***; ***Imbirussu***. Cf. *Imbiruçu*; *Imbirussu*.

Indaiá [tupi; simples]

Nome de quatorze AF: um córrego em Água Clara, um em Aquidauana, um em Camapuã, um em Campo Grande, um em Corguinho, um em Costa Rica, um em Figueirão, um córrego e um ribeirão em Ribas do Rio Pardo, um córrego em Rio Verde de Mato Grosso, um ribeirão em Santa Rita do Pardo, um córrego em São Gabriel do Oeste, um em Sidrolândia e um em Terenos. Espécie de palmeira de origem brasileira, de pequeno porte. O seu fruto é fibroso, apresenta-se em cachos e dentro dele se encontram três compartimentos onde se alojam os caroços (CRUZ, 1985). “*Indayá*, corr. *Anda-yá*, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira *Attalea compta*. Alt. *Andayá*, *Endayá*” (SAMPAIO, 1987, p. 223). Cf. *Indaiá, do*; *Indaiaba*; *Indaiá do Sul*; *Indaiá Grande*; *Indaiazinho*.

Nota: A maioria das espécies de palmeiras indaiá situa-se no Brasil Central (FERREIRA, 2004).

Indaiá, do [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Aquidauana e um em Camapuã. Espécie de palmeira de origem brasileira, de pequeno porte. O seu fruto é fibroso, apresenta-se em cachos e dentro dele se encontram três compartimentos onde se alojam os caroços (CRUZ, 1985). “*Indayá*, corr. *Anda-yá*, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a

palmeira *Attalea compta*. Alt. *Andayá, Endayá*” (SAMPAIO, 1987, p. 223). Cf. *Indaiá; Indaiaba; Indaiá do Sul; Indaiá Grande; Indaiazinho*.

Nota: A maioria das espécies de palmeiras indaiá situa-se no Brasil Central (FERREIRA, 2004).

Indaiaba [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. Espécie de palmeira de origem brasileira, de pequeno porte. O seu fruto é fibroso, apresenta-se em cachos e dentro dele se encontram três compartimentos onde se alojam os caroços (CRUZ, 1985). “*Indayá*, corr. *Anda-yá*, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira *Attalea compta*. Alt. *Andayá, Endayá*” (SAMPAIO, 1987, p. 223). Cf. *Indaiá; Indaiá, do; Indaiá do Sul; Indaiá Grande; Indaiazinho*.

Nota: A maioria das espécies de palmeiras indaiá situa-se no Brasil Central (FERREIRA, 2004).

Indaiá do Sul [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Cassilândia. Espécie de palmeira de origem brasileira, de pequeno porte. O seu fruto é fibroso, apresenta-se em cachos e dentro dele se encontram três compartimentos onde se alojam os caroços (CRUZ, 1985). “*Indayá*, corr. *Anda-yá*, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira *Attalea compta*. Alt. *Andayá, Endayá*” (SAMPAIO, 1987, p. 223). Cf. *Indaiá; Indaiá, do; Indaiaba; Indaiá Grande; Indaiazinho*.

Nota: A maioria das espécies de palmeiras indaiá situa-se no Brasil Central (FERREIRA, 2004).

Indaiá Grande [tupi+português; composto híbrido]

Nome de três AF: dois córregos em Chapadão do Sul e um em Inocência. Espécie de palmeira de origem brasileira, de pequeno porte. O seu fruto é fibroso, apresenta-se em cachos e dentro dele se encontram três compartimentos onde se alojam os caroços (CRUZ, 1985). “*Indayá*, corr. *Anda-yá*, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira *Attalea compta*. Alt. *Andayá, Endayá*” (SAMPAIO, 1987, p. 223). Cf. *Indaiá; Indaiá, do; Indaiaba; Indaiá do Sul; Indaiazinho*.

Nota: A maioria das espécies de palmeiras indaiá situa-se no Brasil Central (FERREIRA, 2004).

Indaiazinho [tupi+português; composto híbrido]

Nome de quatro AF: um córrego em Cassilândia, um em Campo Grande e dois em Ribas do Rio Pardo. Espécie de palmeira de origem brasileira, de pequeno porte. O seu fruto é fibroso, apresenta-se em cachos e dentro dele se encontram três compartimentos onde se alojam os caroços (CRUZ, 1985). “*Indayá*, corr. *Anda-yá*, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despençam. É a palmeira *Attalea compta*. Alt. *Andayá*, *Endayá*” (SAMPAIO, 1987, p. 223). Cf. *Indaiá*; *Indaiá, do*; *Indaiaba*; *Indaiá do Sul*; *Indaiá Grande*.

Nota: A maioria das espécies de palmeiras indaiá situa-se no Brasil Central (FERREIRA, 2004).

Ingá [tupi; simples]

Nome de cinco AF: uma vazante em Aquidauana, dois córregos em Bela Vista, um em Iguatemi, um em Porto Murtinho e um em Tacuru. Espécie vegetal por cujo nome indígena, *ingá*, que significa “embebido, empapado, ensopado”, devido talvez ao arilo aquoso que envolve as sementes, são conhecidas mais de 200 espécies da família das leguminosas-mimosáceas, do gênero *ingá*. São geralmente árvores ou arbustos inermes que se desenvolvem, principalmente, às margens de cursos d’água (CORRÊA, 1984). “*Ingá*, corr. *y-igá*, o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. Alt. *Engá*, *Angá*” (SAMPAIO, 1987, p. 223). Variante: **Ingár**. Cf. *Ingár*; *Ingazeiro*.

Nota: Os ingazeiros são, em geral, dumosos, qualificativo este das espécies de pequeno porte que se multiplicam em vastas formações homogêneas, como reflorestamento espontâneo, graças ao transporte de incalculável quantidade de sementes pelas enchentes dos rios e seus depósitos nas várzeas (CORRÊA, 1984).

Ingár [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. Espécie vegetal por cujo nome indígena, *ingá*, que significa “embebido, empapado, ensopado”, devido talvez ao arilo aquoso que envolve as sementes, são conhecidas mais de 200 espécies da família das leguminosas-

mimosáceas, do gênero *ingá*. São geralmente árvores ou arbustos inermes que se desenvolvem, principalmente, às margens de cursos d'água (CORRÊA, 1984). “*Ingá*, corr. *y-igá*, o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. Alt. *Engá, Angá*” (SAMPAIO, 1987, p. 223). Variante: **Ingá**. Cf. *Ingá; Ingazeiro*.

Nota: Os ingazeiros são, em geral, dumosos, qualificativo este das espécies de pequeno porte que se multiplicam em vastas formações homogêneas, como reflorestamento espontâneo, graças ao transporte de incalculável quantidade de sementes pelas enchentes dos rios e seus depósitos nas várzeas (CORRÊA, 1984).

Ingazeiro [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AH: um povoado em Porto Murtinho. Espécie vegetal, “árvore da família das leguminosas (*Inga capuchoi*), que vive na região do rio Tapajós (PA) e não tem qualquer utilidade” (FERREIRA, 2004). “*Ingahiva*, corr. *ingá-yba*, a árvore do *ingá*, a *ingazeira*” e também traz que “entre os caipiras, o termo *ingahiva* se aplica ao indivíduo irritadiço e desconfiado; mas, neste caso, o vocábulo verdadeiro deve ser *-angayba* (*anga-ayba*) que se traduz – alma ruim, gênio mau” (SAMPAIO, 1987, p. 223). Cf. *Ingá; Ingar*.

Nota: Os ingazeiros são, em geral, dumosos, qualificativo este das espécies de pequeno porte que se multiplicam em vastas formações homogêneas, como reflorestamento espontâneo, graças ao transporte de incalculável quantidade de sementes pelas enchentes dos rios e seus depósitos nas várzeas (CORRÊA, 1984).

Inhame, do [africano {ioruba ou mandinga}; simples]

Nome de dois AF: dois córregos em Inocência. Espécie vegetal por cujo nome são designadas várias plantas cujos tubérculos são aproveitados na alimentação. Folhas grandes em escudos; trepadeira herbácea, de haste delgada, folhas em disposição alternada, brilhantes verdes e amarelas. A importância desse vegetal está na tubera, espécie de batata, de 47-48 cm de diâmetro, que encerra uma substância consistente, macia e doce (CRUZ, 1985).

Nota: *Ioruba* é designativo de um “povo negro do grupo sudanês da África Ocidental [...] como também é a designação da língua falada por esse povo” e o *mandinga* é um

“povo de religião predominantemente maometana, que vive na parte norte da África ocidental bem como a língua falada por esse povo” (FERREIRA, 2004).

Ipê [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Dourados. Espécie vegetal cujo nome serve para designar diversas árvores das famílias das bignoniáceas, leguminosos-cesalpináceas e borragináceas (CRUZ, 1985). “*Ipê*, corr. *y-pé* ou *yb-pé*, a árvore cascuda [Tecoma Ipé]” (SAMPAIO, 1987, p. 225). Cf. *Ipezal*.

Nota: Os ipês, em certa estação do ano, cobrem-se de flores – amarelas, brancas ou roxas – e nessas ocasiões não apresentam uma folha sequer. É uma planta brasileira, cuja madeira é considerada “de lei” e preciosa pela resistência e durabilidade

Ipebun [tupi; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Laguna Caarapã. Ipebun, “*Ipeúva*, corr. *ype-yba*, árvore de casca, a casquenta. Alt. *Ipeiba*, *Ipeúba*, *Peúba*, *Piúva* (SAMPAIO, 1987, p. 226). Variante: ***Ipehun***. Cf. *Ipehun*; *Peúva*.

Ipehun [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ponta Porã. Ipehun, “*Ipeúva*, corr. *ype-yba*, árvore de casca, a casquenta. Alt. *Ipeiba*, *Ipeúba*, *Peúba*, *Piúva* (SAMPAIO, 1987, p. 226). Variante: ***Ipebun***. Cf. *Ipebun*; *Peúva*.

Ipezal [tupi+português; composto híbrido]

Nome de um AH: um distrito em Angélica. Formação de ipês dispostos proximamente entre si e, por sua vez, o ipê é uma espécie vegetal cujo nome serve para designar diversas árvores das famílias das bignoniáceas, leguminosos-cesalpináceas e borragináceas (CRUZ, 1985). “*Ipê*, corr. *y-pé* ou *yb-pé*, a árvore cascuda [Tecoma Ipé]” (SAMPAIO, 1987, p. 225). Cf. *Ipê*.

Nota: Os ipês, em certa estação do ano, cobrem-se de flores – amarelas, brancas ou roxas – e nessas ocasiões não apresentam uma folha sequer. É uma planta brasileira, cuja madeira é considerada “de lei” e preciosa pela resistência e durabilidade

Ivá-Um [guarani; composto]

Nome de um AF: um córrego em Iguatemi. “Yva – (subst.) (bot.) fruta, fruto, pomo, bago, baga” (ASSIS, 2008). Cf. *Ivaé; Ivaé-Mi; Ivuá*.

Ivaé [guarani; simples]

Nome de um AF: um córrego em Coronel Sapucaia. “Yva – (subst.) (bot.) fruta, fruto, pomo, bago, baga” (ASSIS, 2008). Cf. *Ivá-Um; Ivaé-Mi; Ivuá*.

Ivaé-Mi [guarani; composto]

Nome de um AF: um córrego em Coronel Sapucaia. “Yva – (subst.) (bot.) fruta, fruto, pomo, bago, baga” (ASSIS, 2008). Cf. *Ivá-Um; Ivaé; Ivuá*.

Ivuá [guarani; simples]

Nome de um AF: um córrego em Coronel Sapucaia. Corruptela de “Yva – (subst.) (bot.) fruta, fruto, pomo, bago, baga” (ASSIS, 2008). Cf. *Ivá-Um; Ivaé; Ivaé-Mi*.

J

Jaboticaba [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Anaurilândia. Fruto da jabuticabeira, que é uma espécie de árvore bonita e muito ramificada, bem copada, com casca fina e lisa que se renova todos os anos; folhas opostas, curto-pecioladas, quando novas, vermelhas e pilosas, adultas, glabras, lanceoladas, ápice agudo e base arredondada; flores alvas, pediceladas em fascículos no tronco e nos ramos velhos já sem folhas; frutos esféricos, roxo-negros quando maduros, de 3 cm de diâmetro, com polpa comestível, alva e doce (CORRÊA, 1984). “*Jaboticaba*, [...] se for composto de *yamboticaba*, significa – fruto em botão ou abotoamento de frutos [*Eugenia cauliflora*]” (SAMPAIO, 1987, p. 239). Variante: **Jabuticaba**. Cf. *Jaboticabal*; *Jabuticaba*.

Jaboticabal [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Nova Andradina. Formação de jabuticabeiras dispostas proximamente entre si que, por sua vez, é uma espécie de árvore bonita e muito ramificada, bem copada, com casca fina e lisa que se renova todos os anos; folhas opostas, curto-pecioladas, quando novas, vermelhas e pilosas, adultas, glabras, lanceoladas, ápice agudo e base arredondada; flores alvas, pediceladas em fascículos no tronco e nos ramos velhos já sem folhas; frutos esféricos, roxo-negros quando maduros, de 3 cm de diâmetro, com polpa comestível, alva e doce (CORRÊA, 1984). “*Jaboticaba*, [...] se for composto de *yamboticaba*, significa – fruto em botão ou abotoamento de frutos [*Eugenia cauliflora*]” (SAMPAIO, 1987, p. 239). Cf. *Jaboticaba*; *Jabuticaba*.

Jabuticaba [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Naviraí. Fruto da jabuticabeira, que é uma árvore bonita e muito ramificada, bem copada, com casca fina e lisa que se renova todos os

anos; folhas opostas, curto-pecioladas, quando novas, vermelhas e pilosas, adultas, glabras, lanceoladas, ápice agudo e base arredondada; flores alvas, pediceladas em fascículos no tronco e nos ramos velhos já sem folhas; frutos esféricos, roxo-negros quando maduros, de 3 cm de diâmetro, com polpa comestível, alva e doce (CORRÊA, 1984, p. 370). Variante: **Jaboticaba**. Cf. *Jaboticaba*; *Jaboticabal*.

Jacori [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Amambai. “*Jacuriassu* – s. T. Sampaio diz: Nome indígena da madeira conhecida por Gonçalo Alves. Bahia.” (BUENO, 2008).

Japecanga [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Costa Rica. Espécie de trepadeira que se desenvolve abundantemente nas proximidades dos cursos d’água. Caule roliço, fino, com alguns espinhos e raízes formadas por tubérculos mais ou menos cilíndricos, de grande formato, esbranquiçado na parte interna e coberto por uma substância ligeiramente purpúrea na parte externa. Dela nascem numerosas radículas compridas e moles. É uma variedade da *Salsaparrilha* (CRUZ, 1985). “*Japecanga*, corr. *ya-apé-canga*, aquele que tem a casca seca. É a salsaparrilha do Brasil [...] (SAMPAIO, 1987, p. 245).

Jaraguá [português; simples]

Nome de um AH: uma vila em Terenos; e cinco AF: um córrego em Bandeirantes, um em Corguinho, um em Dois Irmãos do Buriti, um em Jaraguari e um em Terenos. Espécie vegetal, o capim jaraguá é uma planta que mede 3 m ou pouco mais, de colmo duro e flores em panículas. Dá sementes escuras e miúdas em grande quantidade (CRUZ, 1985).

Nota: O capim jaraguá é uma das gramíneas brasileiras de maior valor, por se tratar de uma planta forrageira muito utilizada na pecuária do Brasil (CRUZ, 1985).

Jari [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Iguatemi e um em Itaquiraí. “*Jaribá* – s. m. O fruto temporão, que cai antes de amadurecer” (BUENO, 2008).

Jataí [tupi; simples]

Nome de três AF: um córrego em Camapuã e um córrego e um ribeirão em Ribas do Rio Pardo. *Jataí, Jatahy*, “corr. *Yá-atã-yba*, contrato em *ya-átã-y*, a árvore de fruto duro (*yá-atã*) (...) (SAMPAIO, 1987, p. 268).

Nota: O nome *jataí* designa também uma qualidade de abelha, "que toma este nome pela predileção de se aninhar nesta árvore" - '*Jatahy*' (SAMPAIO, 1987, p. 268).

Jatobá [tupi; simples]

Nome de quinze AF: um córrego em Água Clara, um em Aquidauana, um em Brasilândia, um em Camapuã, um em Cassilândia, um em Chapadão do Sul, um em Dourados, uma cabeceira e um ribeirão em Jaraguari, dois córregos em Nova Andradina, um em Porto Murtinho, um em Ribas do Rio Pardo, um ribeirão em Rochedo e um córrego em Terenos. Espécie de árvore de grande porte, de copa larga, folhas pecioladas, de colocação alternada; flores pequenas e vermelhas. O fruto é uma vagem de um marrom avermelhado, medindo 20-24 cm de comprimento por 6-8 cm de largura, contendo 4-5 sementes envoltas numa substância farinácea, compacta, adocicada e amarela (CRUZ, 1985). “*Jatobá*, corr. *yatay-ybá*, contracto em *yat-ybá*, o fruto do *yatahy*. Alt. *Yatybá, jatubá, jatobá*” (SAMPAIO, 1987, p. 247). Cf. *Jatobá, de; Jatobazinho*.

Jatobá, de [tupi; simples]

Nome de um AF: uma volta em Corumbá. Espécie de árvore de grande porte, de copa larga, folhas pecioladas, de colocação alternada; flores pequenas e vermelhas. O fruto é uma vagem de um marrom avermelhado, medindo 20-24 cm de comprimento por 6-8 cm de largura, contendo 4-5 sementes envoltas numa substância farinácea, compacta, adocicada e amarela (CRUZ, 1985). “*Jatobá*, corr. *yatay-ybá*, contracto em *yat-ybá*, o fruto do *yatahy*. Alt. *Yatybá, jatubá, jatobá*” (SAMPAIO, 1987, p. 247). Cf. *Jatobá; Jatobazinho*.

Jatobazinho [tupi+português; simples híbrido]

Nome de dois AF: um córrego em Bandeirantes e um em Ribas do Rio Pardo. Espécie de árvore de grande porte, de copa larga, folhas pecioladas, de colocação alternada;

flores pequenas e vermelhas. O fruto é uma vagem de um marrom avermelhado, medindo 20-24 cm de comprimento por 6-8 cm de largura, contendo 4-5 sementes envoltas numa substância farinácea, compacta, adocicada e amarela (CRUZ, 1985). “*Jatobá*, corr. *yatay-ybá*, contracto em *yat-ybá*, o fruto do *yatahy*. Alt. *Yatybá*, *jatubá*, *jatobá*” (SAMPAIO, 1987, p. 247). Cf. *Jatobá*; *Jatobá, de*.

Jenipapo [tupi; simples]

Nome de um AH: povoado em Sidrolândia; e quatro AF; um córrego em Bonito, um em Corumbá, um em Ponta Porã e um em Sidrolândia. Fruto do jenipapeiro, tem o tamanho e a forma da laranja e, exteriormente, a cor do caldo é amarronzada. Quando atinge a maturação, é mole e a casca apresenta-se enrugada. Na parte interna encontra-se uma polpa amarela, doce-amarga e adstringente (CRUZ, 1985). “*Genipapo*, corr. *yanipab* ou *yandipab*, podendo escrever-se *nhandipab*, que se decompõe – *yand-ipab* e significa – fruto das extremidades que dá suco. O termo *yandi* ou *nhandi* exprime suco, óleo, o que reçuma; e o final *ipab* é o composto de *ibápab*, contracto em *í-pab*, que se traduz – fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do jenipapeiro são tantos quantos as extremidades de seus galhos” (SAMPAIO, 1987, p. 202). Variante: *Genipapo*. Cf. *Genipapo*; *Jenipapinho*.

Jenipapinho [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Sidrolândia. Fruto do jenipapeiro, tem o tamanho e a forma da laranja e, exteriormente, a cor do caldo é amarronzada. Quando atinge a maturação, é mole e a casca apresenta-se enrugada. Na parte interna encontra-se uma polpa amarela, doce-amarga e adstringente (CRUZ, 1985). “*Genipapo*, corr. *yanipab* ou *yandipab*, podendo escrever-se *nhandipab*, que se decompõe – *yand-ipab* e significa – fruto das extremidades que dá suco. O termo *yandi* ou *nhandi* exprime suco, óleo, o que reçuma; e o final *ipab* é o composto de *ibápab*, contracto em *í-pab*, que se traduz – fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do jenipapeiro são tantos quantos as extremidades de seus galhos” (SAMPAIO, 1987, p. 202). Cf. *Genipapo*; *Jenipapo*.

Jeribá [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Paranaíba. *Gerivá*, “corr. *jerivá*, palmeira espinhosa e, por extensão, cicatriz deixada na pele por uma espinhada dessa palmeira. Tupi: *yaribá*” (BUENO, 2008). Variantes: ***Geriva***; ***Gerivá*** Cf. *Geriva*; *Gerivá*.

Juari [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Iguatemi. “*Juary*, corr. *juá-r-y*, o rio do juá” (SAMPAIO, 1987, p. 249).

Jupé [guarani; simples]

Nome de um AF: um córrego em Amambai. “*Jupe* – Agulha chata feita de taquara, serve para costurar o capim na feitura do teto” (ASSIS, 2008).

Juqueri [tupi; simples]

Nome de três AF: um córrego em Amambai, um em Iguatemi e um em Novo Horizonte do Sul. Espécie de arbusto volúvel, com ramos adultos armados de acúleos de 3 mm de comprimento, recurvados e cobertos de casca verde-acinzentada. (CORRÊA, 1984). “*Juquery*, corr. *yu-ker-í*, o espinho propenso a dormir. [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 250).

Nota: Com a lixívia desta planta tirava o gentio uma espécie de sal com que temperava os seus manjares (SAMPAIO, 1987, p. 250).

Jurema [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Brasilândia. Espécie de arbusto pequeno de regiões litorâneas. Suas cascas apresentam uma espécie de verruga e o caule, de cor escura, é guarnecido de rijos espinhos. Folhas constituídas de pequenos folíolos e flores brancas. Os frutos são vagens que se dispõem em forma de cachos. Quase não tem sementes (CRUZ, 1985). “*Jurema*, corr. *yu-r-ema*, o espinheiro suculento, árvore espinhenta do sertão, da qual o gentio extraia um suco capaz de dar sono e êxtase a quem o ingeria [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 250).

Jurubeba [tupi; simples]

Nome de um AF: um morro em Camapuã. Espécie vegetal de caule espinhoso, as folhas mais ou menos no formato de um coração, sem pelos na face superior e revestidas de penugem na inferior; as flores formando panículas; fruto redondo, verde-claro. As raízes medem de 9 a 50 cm de comprimento e são revestidas de uma casca escura e rugosa (CRUZ, 1985).

Juti [tupi; simples]

Nome de um AH: município, Juti. “*Jutyba*, sítio cheio de espinhos” (TIBIRIÇA, 1984).

L

Landim [tupi; simples]

Nome de um AF: uma vazante em Corumbá. Espécie vegetal por cujo nome são conhecidas duas plantas, ambas da família das gutíferas: *Calophyllum inophyllum*, Lamk. Árvore com râmulos redondos, com entrenós curtos; folhas de 5 a 10 cm de comprimento e 3 a 5 cm de largura; inflorescências de 2 cm de comprimento, em racemos axilares simples ou ternos, de poucas flores; fruto globoso, grande, às vezes de 5 cm de diâmetro. *Calophyllum pachyphyllum* Planch et Triana. Árvore de 25 m de altura e 1 m de grossura no tronco, exsudando suco esverdeado; râmulos novos mais ou menos quadrangulares, com entrenós de 2-4 cm de extensão; folhas de 10-15 cm de comprimento e 5-7 de largura; inflorescências em racemos axilares de 3-4 cm de comprimento, ferrugíneo-pubescente, de poucas flores bissexuadas ou só femininas (CORRÊA, 1984). “*Guanandi*, corr. *guá-nhandi*, o que é crudento; alusão ao líquido glutinoso e visguento, de um amarelo fino, que tem a árvore deste nome [...]. Alt. *Guananlim*, *Oanandy*, *Olandy*, *Urandy*, *Landy*, *Landim*” (SAMPAIO, 1987, p. 207). Cf. *Landizinho*.

Landizinho [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: uma vazante em Corumbá. Espécie vegetal por cujo nome são conhecidas duas plantas, ambas da família das gutíferas: *Calophyllum inophyllum*, Lamk. Árvore com râmulos redondos, com entrenós curtos; folhas de 5 a 10 cm de comprimento e 3 a 5 cm de largura; inflorescências de 2 cm de comprimento, em racemos axilares simples ou ternos, de poucas flores; fruto globoso, grande, às vezes de 5 cm de diâmetro. *Calophyllum pachyphyllum* Planch et Triana. Árvore de 25 m de altura e 1 m de grossura no tronco, exsudando suco esverdeado; râmulos novos mais ou menos quadrangulares, com entrenós de 2-4 cm de extensão; folhas de 10-15 cm de comprimento e 5-7 de largura; inflorescências em racemos axilares de 3-4 cm de comprimento, ferrugíneo-pubescente, de poucas flores bissexuadas ou só femininas

(CORRÊA, 1984). “*Guanandi*, corr. *guá-nhandi*, o que é crudento; alusão ao líquido glutinoso e visguento, de um amarelo fino, que tem a árvore deste nome [...]. Alt. *Guananlim, Oanandy, Olandy, Urandy, Landy, Landim*” (SAMPAIO, 1987, p. 207). Cf. *Landim*.

Laranja [português; simples]

Nome de três AF: um córrego em Anastácio, um em Pedro Gomes e um em Três Lagoas. Fruto da laranjeira, denominação que se dá a várias plantas da família das aurantiáceas, de origem asiática que está há séculos aclimatada ao Brasil. A laranja é um fruto de forma esférica, um pouco achatada na parte superior e inferior, sendo a casca de um amarelo-avermelhado, que varia de grossura de acordo com a espécie. A polpa é suculenta e de cor amarelo-clara, reparte-se em gomos, em cujo interior ficam alojadas as sementes (CRUZ, 1985). Cf. *Laranja Azeda; Laranja Doce; Laranjaí; Laranjaí, do; Laranjaizinho; Laranjal; Laranjal, do; Laranja Lima; Laranjeira; Laranjeira, da; Laranjeiras; Laranjeiras, das*.

Laranja Azeda [português; composto]

Nome de um AF: um córrego em Dourados. Fruto da laranjeira, denominação que se dá a várias plantas da família das aurantiáceas, de origem asiática que está há séculos aclimatada ao Brasil. A laranja é um fruto de forma esférica, um pouco achatada na parte superior e inferior, sendo a casca de um amarelo-avermelhado, que varia de grossura de acordo com a espécie. A polpa é suculenta e de cor amarelo-clara, reparte-se em gomos, em cujo interior ficam alojadas as sementes (CRUZ, 1985). Cf. *Laranja; Laranja Doce; Laranjaí; Laranjaí, do; Laranjaizinho; Laranjal; Laranjal, do; Laranja Lima; Laranjeira; Laranjeira, da; Laranjeiras; Laranjeiras, das*.

Laranja Doce [português; composto]

Nome de dois AF: um córrego em Douradina e um em Dourados. Fruto da laranjeira, denominação que se dá a várias plantas da família das aurantiáceas, de origem asiática que está há séculos aclimatada ao Brasil. A laranja é um fruto de forma esférica, um pouco achatada na parte superior e inferior, sendo a casca de um amarelo-avermelhado, que varia de grossura de acordo com a espécie. A polpa é suculenta e de cor amarelo-clara, reparte-se em gomos, em cujo interior ficam alojadas as sementes (CRUZ, 1985).

Cf. *Laranja*; *Laranja Azeda*; *Laranjaí*; *Laranjaí, do*; *Laranjaizinho*; *Laranjal*; *Laranjal, do*; *Laranja Lima*; *Laranjeira*; *Laranjeira, da*; *Laranjeiras*; *Laranjeiras, das*.

Laranjaí [português+guarani; composto híbrido]

Nome de três AF: um córrego em Antônio João, um rio em Naviraí e um ribeirão em Nova Andradina. Fruto da laranjeira, denominação que se dá a várias plantas da família das aurantiáceas, de origem asiática que está há séculos aclimatada ao Brasil. A laranja é um fruto de forma esférica, um pouco achatada na parte superior e inferior, sendo a casca de um amarelo-avermelhado, que varia de grossura de acordo com a espécie. A polpa é succulenta e de cor amarelo-clara, reparte-se em gomos, em cujo interior ficam alojadas as sementes (CRUZ, 1985). Cf. *Laranja*; *Laranja Azeda*; *Laranja Doce*; *Laranjaí, do*; *Laranjaizinho*; *Laranjal*; *Laranjal, do*; *Laranja Lima*; *Laranjeira*; *Laranjeira, da*; *Laranjeiras*; *Laranjeiras, das*.

Nota: Designativo formado por *laranja* mais o radical *í*, “água, rio, líquido” (BUENO, 2008, p. 389) significando, literalmente, “rio da Laranja”.

Laranjaí, do [português+guarani; composto híbrido]

Nome de dois AF: duas cabeceiras em Juti. Fruto da laranjeira, denominação que se dá a várias plantas da família das aurantiáceas, de origem asiática que está há séculos aclimatada ao Brasil. A laranja é um fruto de forma esférica, um pouco achatada na parte superior e inferior, sendo a casca de um amarelo-avermelhado, que varia de grossura de acordo com a espécie. A polpa é succulenta e de cor amarelo-clara, reparte-se em gomos, em cujo interior ficam alojadas as sementes (CRUZ, 1985). Cf. *Laranja*; *Laranja Azeda*; *Laranja Doce*; *Laranjaí*; *Laranjaizinho*; *Laranjal*; *Laranjal, do*; *Laranja Lima*; *Laranjeira*; *Laranjeira, da*; *Laranjeiras*; *Laranjeiras, das*.

Nota: Designativo formado por *laranja* mais o radical *í*, “água, rio, líquido” (BUENO, 2008, p. 389) significando, literalmente, “rio da Laranja”.

Laranjaizinho [português+guarani+português; composto híbrido]

Nome de um AF: um ribeirão em Nova Andradina. Fruto da laranjeira, denominação que se dá a várias plantas da família das aurantiáceas, de origem asiática que está há séculos aclimatada ao Brasil. A laranja é um fruto de forma esférica, um pouco achatada

na parte superior e inferior, sendo a casca de um amarelo-avermelhado, que varia de grossura de acordo com a espécie. A polpa é succulenta e de cor amarelo-clara, reparte-se em gomos, em cujo interior ficam alojadas as sementes (CRUZ, 1985). Cf. *Laranja; Laranja Azeda; Laranja Doce; Laranjaí; Laranjaí, do; Laranjal; Laranjal, do; Laranja Lima; Laranjeira; Laranjeira, da; Laranjeiras; Laranjeiras, das.*

Laranjal [português; simples]

Nome de oito AF: um córrego em Anastácio, um em Bela Vista, um em Eldorado, um em Iguatemi, um em Japorã, um ribeirão em Nova Andradina e um em Pedro Gomes. Formação de laranjeiras dispostas proximamente entre si. Cf. *Laranja; Laranja Azeda; Laranja Doce; Laranjaí; Laranjaí, do; Laranjaizinho; Laranjal, do; Laranja Lima; Laranjeira; Laranjeira, da; Laranjeiras; Laranjeiras, das.*

Laranjal, do [português; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Nova Alvorada do Sul. Formação de laranjeiras dispostas proximamente entre si. Cf. *Laranja; Laranja Azeda; Laranja Doce; Laranjaí; Laranjaí, do; Laranjaizinho; Laranjal; Laranja Lima; Laranjeira; Laranjeira, da; Laranjeiras; Laranjeiras, das.*

Laranja Lima [português; composto]

Nome de dois AF: um córrego em Douradina e um em Dourados. Espécie vegetal, “variedade de laranjeira de copa alta, muito produtiva, de frutos pequenos, ligeiramente oblongos, com casca lisa, polpa muito sucosa e de sabor muito doce” (HOUAISS, 2007). Cf. *Laranja; Laranja Azeda; Laranja Doce; Laranjaí; Laranjaí, do; Laranjaizinho; Laranjal; Laranjal, do; Laranjeira; Laranjeira, da; Laranjeiras; Laranjeiras, das.*

Laranjeira [português; simples]

Nome de nove AF: um córrego em Campo Grande, um em Figueirão, um em Inocência, um em Nova Andradina, um em Paranhos, um em Selvíria, uma cabeceira em Sidrolândia e um córrego em Tacuru. Espécie de árvore de pequeno ou médio porte, de 6 a 10 m de altura, copa densa, esférica; caule com espinhos finos, longos, pontiagudos, fortes e rijos; folhas simples, persistentes, alternas, oval-elípticas; flores brancas,

fortemente aromáticas; frutos redondos, de coloração alaranjada ou avermelhada, de superfície geralmente áspera; casca fortemente aromática; polpa ácida; sementes achatadas (CORRÊA, 1984). Cf. *Laranja*; *Laranja Azeda*; *Laranja Doce*; *Laranjaí*; *Laranjaí, do*; *Laranjaizinho*; *Laranjal*; *Laranjal, do*; *Laranja Lima*; *Laranjeira, da*; *Laranjeiras*; *Laranjeiras, das*.

Laranjeira, da [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Pedro Gomes. Espécie de árvore de pequeno ou médio porte, de 6 a 10 m de altura, copa densa, esférica; caule com espinhos finos, longos, pontiagudos, fortes e rijos; folhas simples, persistentes, alternas, oval-elípticas; flores brancas, fortemente aromáticas; frutos redondos, de coloração alaranjada ou avermelhada, de superfície geralmente áspera; casca fortemente aromática; polpa ácida; sementes achatadas (CORRÊA, 1984). Cf. *Laranja*; *Laranja Azeda*; *Laranja Doce*; *Laranjaí*; *Laranjaí, do*; *Laranjaizinho*; *Laranjal*; *Laranjal, do*; *Laranja Lima*; *Laranjeira*; *Laranjeiras*; *Laranjeiras, das*.

Laranjeiras [português; simples]

Nome de um AH: vila em Paranhos; e dois AF: um córrego em Ponta Porã e uma cabeceira em Nioaque. Espécie de árvore de pequeno ou médio porte, de 6 a 10 m de altura, copa densa, esférica; caule com espinhos finos, longos, pontiagudos, fortes e rijos; folhas simples, persistentes, alternas, oval-elípticas; flores brancas, fortemente aromáticas; frutos redondos, de coloração alaranjada ou avermelhada, de superfície geralmente áspera; casca fortemente aromática; polpa ácida; sementes achatadas (CORRÊA, 1984). Cf. *Laranja*; *Laranja Azeda*; *Laranja Doce*; *Laranjaí*; *Laranjaí, do*; *Laranjaizinho*; *Laranjal*; *Laranjal, do*; *Laranja Lima*; *Laranjeira*; *Laranjeira, da*; *Laranjeiras*, *das*.

Laranjeiras, das [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ponta Porã. Espécie de árvore de pequeno ou médio porte, de 6 a 10 m de altura, copa densa, esférica; caule com espinhos finos, longos, pontiagudos, fortes e rijos; folhas simples, persistentes, alternas, oval-elípticas; flores brancas, fortemente aromáticas; frutos redondos, de coloração alaranjada ou avermelhada, de superfície geralmente áspera; casca fortemente aromática; polpa ácida;

sementes achatadas (CORRÊA, 1984). Cf. *Laranja*; *Laranja Azeda*; *Laranja Doce*; *Laranjaí*; *Laranjaí, do*; *Laranjaizinho*; *Laranjal*; *Laranjal, do*; *Laranja Lima*; *Laranjeira*; *Laranjeira, da*; *Laranjeiras*.

Lima, da [português; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Nioaque. Fruto da limeira, arredondado, de casca fina e lisa, de um amarelo dourado quando madura. O suco é branco e doce, mas a pele delgada que separa os gomos é de um acentuado sabor amargo (CRUZ, 1985, p. 417). Cf. *Limeira*; *Limeira, da*; *Limeira, do*.

Limão [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Água Clara e um em Jaraguari. Fruto do limoeiro, espécie vegetal da família das aurantiáceas, originário do Oriente e bem aclimatado ao nosso país. Existem várias espécies de limão: *limão azedo*, *limão galego*, *limão bravo*, *limão doce*, etc., sendo que a maioria dessas espécies apresenta fruto de tamanho pequeno a médio, arredondados (ou ovais), de casca levemente áspera. A polpa do limão é succulenta, contendo o seu suco muito ácido cítrico, repartida em gomos e onde se encontram as sementes (CRUZ, 1985). Cf. *Limão, do*; *Limão Verde, do*; *Limoeiro*; *Limoeiro, do*.

Limão, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ribas do Rio Pardo. Fruto do limoeiro, espécie vegetal da família das aurantiáceas, originário do Oriente e bem aclimatado ao nosso país. Existem várias espécies de limão: *limão azedo*, *limão galego*, *limão bravo*, *limão doce*, etc., sendo que a maioria dessas espécies apresenta fruto de tamanho pequeno a médio, arredondados (ou ovais), de casca levemente áspera. A polpa do limão é succulenta, contendo o seu suco muito ácido cítrico, repartida em gomos e onde se encontram as sementes (CRUZ, 1985). Cf. *Limão*; *Limão Verde, do*; *Limoeiro*; *Limoeiro, do*.

Limão Verde, do [português; composto]

Nome de um AH: uma aldeia em Aquidauana. Fruto do limoeiro, espécie vegetal da família das aurantiáceas, originário do Oriente e bem aclimatado ao nosso país. Existem

várias espécies de limão: *limão azedo*, *limão galego*, *limão bravo*, *limão doce*, etc., sendo que a maioria dessas espécies apresenta fruto de tamanho pequeno a médio, arredondados (ou ovais), de casca levemente áspera. A polpa do limão é succulenta, contendo o seu suco muito ácido cítrico, repartida em gomos e onde se encontram as sementes (CRUZ, 1985). Cf. *Limão*; *Limão, do*; *Limoeiro*; *Limoeiro, do*.

Limeira [português; simples]

Nome de onze AF: dois córregos em Alcinópolis, um em Anaurilândia, um em Aral Moreira, um em Camapuã, dois em Jardim, um em Juti, uma serra em Ponta Porã, um córrego em Rio Brillhante e um em Terenos. Espécie de árvore de 10 m de altura, nativa da Índia e do Sudeste da Ásia, de copa irregular com ramos entrelaçados e espinhosos, folhas elíptico-ovais, brilhantes, flores pequenas, em cachos e frutos esféricos, de casca fina e coloração amarelo-clara, polpa esverdeada, ligeiramente amarga (CORRÊA, 1984). Cf. *Lima, da*; *Limeira, da*; *Limeira, do*.

Limeira, da [português; simples]

Nome de três AF: um córrego em Anastácio, um em Dois Irmãos do Buriti e um em Sidrolândia. Espécie de árvore de 10 m de altura, nativa da Índia e do Sudeste da Ásia, de copa irregular com ramos entrelaçados e espinhosos, folhas elíptico-ovais, brilhantes, flores pequenas, em cachos e frutos esféricos, de casca fina e coloração amarelo-clara, polpa esverdeada, ligeiramente amarga (CORRÊA, 1984). Cf. *Lima, da*; *Limeira*; *Limeira, do*.

Limeira, do [português; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Rio Brillhante. Espécie de árvore de 10 m de altura, nativa da Índia e do Sudeste da Ásia, de copa irregular com ramos entrelaçados e espinhosos, folhas elíptico-ovais, brilhantes, flores pequenas, em cachos e frutos esféricos, de casca fina e coloração amarelo-clara, polpa esverdeada, ligeiramente amarga (CORRÊA, 1984). Cf. *Lima, da*; *Limeira*; *Limeira, da*.

Limoeiro [português; simples]

Nome de três AF: um córrego em Amambai, um em Nova Alvorada do Sul e um em Sidrolândia. Espécie de árvore de pequeno porte, 3-6 m de altura, copa um tanto aberta,

ramos curtos, cilíndricos ou angulosos, espinhosos, de casca acinzentada; hastes novas lisas e de coloração arroxeada; folhas persistentes, alternadas, de 50-76 mm de comprimento, ovais, de ápice agudo, verdes claras; flores solitárias, ocasionalmente em pares; fruto ovóide ou oblongo, com as extremidades pontiagudas, de superfície lisa ou áspera, coloração amarelo-clara, casca fina, polpa de coloração clara, azeda; sementes ovais (CORRÊA, 1984). Cf. *Limão*; *Limão, do*; *Limão Verde, do*; *Limoeiro, do*.

Limoeiro, do [português; simples]

Nome de um AF: uma ilha em Ladário. Espécie de árvore de pequeno porte, 3-6 m de altura, copa um tanto aberta, ramos curtos, cilíndricos ou angulosos, espinhosos, de casca acinzentada; hastes novas lisas e de coloração arroxeada; folhas persistentes, alternadas, de 50-76 mm de comprimento, ovais, de ápice agudo, verdes claras; flores solitárias, ocasionalmente em pares; fruto ovóide ou oblongo, com as extremidades pontiagudas, de superfície lisa ou áspera, coloração amarelo-clara, casca fina, polpa de coloração clara, azeda; sementes ovais (CORRÊA, 1984). Cf. *Limão*; *Limão, do*; *Limão Verde, do*; *Limoeiro*.

Lixa [português; simples]

Nome de três AF: um córrego em Alcinópolis, um em Anastácio e um em Dois Irmãos do Buriti. Espécie de árvore com ramos terminais angulosos e verrucosos, ramos laterais cilíndricos e folhas ovais, face superior áspera, com pelos nas nervuras medianas; flores de 2,5-5 cm de comprimento. (CORRÊA, 1984). Cf. *Lixa, da*.

Nota: Houaiss (2007) registra o vocábulo *lixá* como “árvore [...] de folhas ovais que, por sua aspereza, são usadas para lixar [...]; *embaubarana, imbaubarana*”. Ferreira (2004) não registra o verbete *lixá* como uma espécie vegetal e quando da busca por *lixá*, remete a *sambaíba-de-minas-gerais*, conceituando-a como “árvore da família das dileniáceas (*Curatella americana*), dispersa por todos os campos cerrados, que se caracteriza pelas amplas folhas, ásperas como *lixá*. Flores e frutos pequeninos. A casca serve para curtir couro, as folhas são empregadas para lixar madeira, e a madeira é usada em carpintaria, marcenaria e obras internas. [Também se diz apenas *sambaíba*. Sinônimos: *caimbé, cajueiro-bravo, cajueiro-bravo-do-campo, cajueiro-do-mato, cambarba, craibeira, lixeira, marajoara, penteeira, sambaíba-do-rio-são-francisco,*

sobro. Plural: *sambaíbas-de-minas-gerais*.].

Tavares (2005, p. 89) registra que “essa árvore é muito conhecida em Mato Grosso do Sul pela sua variante *lixeira*, e assume papel especial em algumas comunidades do estado”.

Neste estudo não houve nenhuma ocorrência do topônimo *Lixeira*.

Lixa, da [português; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Campo Grande e um córrego em Coxim. Espécie de árvore com ramos terminais angulosos e verrucosos, ramos laterais cilíndricos e folhas ovais, face superior áspera, com pelos nas nervuras medianas; flores de 2,5-5 cm de comprimento. (CORRÊA, 1984). Cf. *Lixa, da*.

Nota: Houaiss (2007) registra o vocábulo *lixá* como “árvore [...] de folhas ovais que, por sua aspereza, são usadas para lixar [...]; *embaubarana, imbaubarana*”. Ferreira (2004) não registra o verbete *lixá* como uma espécie vegetal e quando da busca por *lixeira*, remete a *sambaíba-de-minas-gerais*, conceituando-a como “árvore da família das dileniáceas (*Curatella americana*), dispersa por todos os campos cerrados, que se caracteriza pelas amplas folhas, ásperas como *lixá*. Flores e frutos pequeninos. A casca serve para curtir couro, as folhas são empregadas para lixar madeira, e a madeira é usada em carpintaria, marcenaria e obras internas. [Também se diz apenas *sambaíba*. Sinônimos: *caimbé, cajueiro-bravo, cajueiro-bravo-do-campo, cajueiro-do-mato, cambarba, craibeira, lixeira, marajoara, penteeira, sambaíba-do-rio-são-francisco, sobro*. Plural: *sambaíbas-de-minas-gerais*.].

Tavares (2005, p. 89) registra que “essa árvore é muito conhecida em Mato Grosso do Sul pela sua variante *lixeira*, e assume papel especial em algumas comunidades do estado”.

Neste estudo não houve nenhuma ocorrência do topônimo *Lixeira*.

Lobeira, da [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Água Clara. Espécie de arbusto ou árvore (*Solanum lycocarpum*), de até 4 m, que ocorre no Brasil (MG, MS), com ramos cilíndricos, aculeados, folhas cordadas, geralmente oblongas, onduladas e também aculeadas, flores azuis, em racemos laterais, e bagas globosas, verdes; berinjela (HOUAISS, 2001).

Nota: Quando da busca por lobeira, Houaiss (2007) remete a fruta-do-lobo.

M

Macaúba [tupi; simples]

Nome de oito AF: um córrego em Água Clara, um em Alcinópolis, um em Camapuã, um em Corguinho, um em Costa Rica, um em Nova Andradina e dois em Paranaíba. Espécie vegetal da família das palmáceas, caule simples, sempre cilíndrico, raramente com algum intumescimento, 10-15 m de altura, coberto pela base persistente da folhas, associadas a espinhos, principalmente em plantas jovens; folhas 10-30 por planta; inflorescências interfoliare; frutos verde-amarelados, com 3,5-5 cm, fibroso-mucilaginosos, comestíveis (LORENZI et al, 2004, p.34). “*Macahyba*, corr. *macá-yba*, a árvore da macaba. É a palmeira que se chama Côco de catharro. Alt. *Macahuba*, *Macayuba*, *Bocayuva*. (SAMPAIO, 1987, p. 256). CF. *Macaúba*, *da*; *Macaúbas*, *das*.

Nota: A macaúba é uma espécie vegetal que habita do Pará até São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul, principalmente em áreas de vegetação aberta (cerrados, matas semidecíduais e florestas conturbadas). A madeira é de longa durabilidade, usada em construções rurais e as folhas fornecem fibras têxteis (LORENZI et al, 2004, p.34).

Macaúba, da [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego Costa Rica. Espécie vegetal da família das palmáceas, caule simples, sempre cilíndrico, raramente com algum intumescimento, 10-15 m de altura, coberto pela base persistente da folhas, associadas a espinhos, principalmente em plantas jovens; folhas 10-30 por planta; inflorescências interfoliare; frutos verde-amarelados, com 3,5-5 cm, fibroso-mucilaginosos, comestíveis (LORENZI et al, 2004, p.34). “*Macahyba*, corr. *macá-yba*, a árvore da macaba. É a palmeira que se chama Côco de catharro. Alt. *Macahuba*, *Macayuba*, *Bocayuva*. (SAMPAIO, 1987, p. 256). CF. *Macaúba*; *Macaúbas*, *das*.

Nota: A macaúba é uma espécie vegetal que habita do Pará até São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul, principalmente em áreas de vegetação aberta (cerrados,

matas semidecíduais e florestas conturbadas). A madeira é de longa durabilidade, usada em construções rurais e as folhas fornecem fibras têxteis (LORENZI et al, 2004, p.34).

Macaúbas, das [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Inocência. Espécie vegetal da família das palmáceas, caule simples, sempre cilíndrico, raramente com algum intumescimento, 10-15 m de altura, coberto pela base persistente da folhas, associadas a espinhos, principalmente em plantas jovens; folhas 10-30 por planta; inflorescências interfolares; frutos verde-amarelados, com 3,5-5 cm, fibroso-mucilaginosos, comestíveis (LORENZI et al, 2004, p.34). “*Macahyba*, corr. *macá-yba*, a árvore da macaba. É a palmeira que se chama Côco de catharro. Alt. *Macahuba*, *Macayuba*, *Bocayuva*. (SAMPAIO, 1987, p. 256). Cf. *Macaúba*; *Macaúba, da*.

Nota: A macaúba é uma espécie vegetal que habita do Pará até São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul, principalmente em áreas de vegetação aberta (cerrados, matas semidecíduais e florestas conturbadas). A madeira é de longa durabilidade, usada em construções rurais e as folhas fornecem fibras têxteis (LORENZI et al, 2004, p.34).

Madeira [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Dourados. Cerne das árvores, anatomicamente constituído pelo lenho secundário morto (FERREIRA, 2004).

Mamão, do [português; simples]

Nome de um AF: uma baía em Miranda. Fruto do mamoeiro, grande, mole, oco, com numerosas sementes pretas. É de forma esférica ou oblonga e, em alguns casos, é composto de 5 seções longitudinais; a casca é fina, lisa e de cor amarela ou alaranjada; a polpa varia do amarelo para o alaranjado escuro (CORRÊA, 1984).

Mandarina [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Juti e um em Naviraí. “Espécie de laranja, tangerina; segundo Corominas, por alusão à cor do traje dos mandarins” (HOUAISS, 2007).

Mandioca [tupi; simples]

Nome de um AF: um ribeirão em Camapuã. Espécie vegetal cuja raiz é constituída de tubérculos carnudos e alongados, de cascas lisas e finas, de cor parda. Esses tubérculos se compõem de uma substância sólida, lisa e compacta, branca e adocicada, tendo no centro um feixe filamentososo que se estende por todo o comprimento da raiz, que contém amido. Aproveita-se a raiz para a alimentação, para a fabricação da “farinha de mandioca” e do “polvilho” (CRUZ, 1985). “*Many-oga*, o que procede *manyba* ou *mandyba*. É a raiz tuberosa da planta; *Atropa manihof*” (SAMPAIO, 1987, p. 277). Cf. *Mandioquinha*.

Mandioquinha [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Camapuã. Espécie vegetal cujo nome aplica-se a diversas plantas. São espécies arbustivas e, a maioria, fornece raízes tuberosas não tão grandes quanto as da mandioca, mas próprias para consumo (CORRÊA, 1984). Cf. *Mandioca*.

Manga, da [português; simples]

Nome de quatro AF: uma cabeceira em Amambai, um córrego em Figueirão, um em Iguatemi e uma cabeceira em Naviraí. Fruto da mangueira, que é uma espécie de árvore asiática que melhor se aclimatou no Brasil, produzindo variedades segundo a zona de crescimento, e que também muito tem se modificado pela enxertia. É uma árvore grande de copa tão frondosa que à sua sombra nada cresce. Toda a planta é impregnada por um princípio resinoso e aromático. Os frutos são, por assim dizer, um misto da essência de todos os frutos, pelo cheiro agradabilíssimo e pelo gosto. Os frutos são grandes ou pequenos, redondos, oblongos ou chatos, segundo as variedades. Quando maduros, amarelos de ouro, rosados, mais ou menos fibrosos, sendo o suco mais ou menos doce ou terebentináceo. Depois de descascados devem ser lavados os frutos porque, em geral, o suco terebentináceo da casca é o que é nocivo (CORRÊA, 1984). Cf. *Mangai*; *Mangueira*.

Mangaba [tupi; simples]

Nome de três AF: um córrego em Água Clara, um em Bela Vista e um em Nova Andradina. Fruto da mangabeira, com aproximadamente 5 cm de diâmetro, na forma de

maçã (CORRÊA, 194). “*Mangaba*, corr. *mongaba*, o grude, o visco; alusão ao látex abundante da planta deste nome [...] Alt. *Mongaba*, *Manguaba* (SAMPAIO, 1987, p. 260). Variante: ***Mangava, da***. Cf. *Mangaba, da*; *Mangabal*; *Mangabeira*; *Mangava, da*; *Mangaval*.

Mangaba, da [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Inocência. Fruto da mangabeira, com aproximadamente 5 cm de diâmetro, na forma de maçã (CORRÊA, 194). “*Mangaba*, corr. *mongaba*, o grude, o visco; alusão ao látex abundante da planta deste nome [...] Alt. *Mongaba*, *Manguaba* (SAMPAIO, 1987, p. 260). Variante: ***Mangava, da***. Cf. *Mangaba*; *Mangabal*; *Mangabeira*; *Mangava, da*; *Mangaval*.

Mangabal [tupi+português; simples híbrido]

Nome de dois AF: uma vazante em Aquidauana e um córrego em Sidrolândia. Formação de mangabeiras dispostas proximamente entre si. “*Mangaba*, corr. *mongaba*, o grude, o visco; alusão ao látex abundante da planta deste nome [...] Alt. *Mongaba*, *Manguaba* (SAMPAIO, 1987, p. 260). Variante: ***Mangaval***. Cf. *Mangaba*; *Mangaba, da*; *Mangabeira*; *Mangava, da*; *Mangaval*.

Mangabeira [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Camapuã. Espécie de árvore que mede de 5 a 7 m de altura, tendo poucas folhas de 5-6 cm de comprimento e 2 cm ou mais de largura (as mais novas menores); flores gêmeas ou trigêmeas no ápice dos râmulos, alvas, belíssimas (CORRÊA, 1984). Cf. *Mangaba*; *Mangaba, da*; *Mangabal*; *Mangava, da*; *Mangaval*.

Mangai, do [português+guarani; simples híbrido]

Nome de um AF: uma cabeceira em Coronel Sapucaia. Fruto da mangueira, que é uma das árvores asiáticas que melhor se aclimataram no Brasil, produzindo variedades segundo a zona de crescimento, e que também muito tem se modificado pela enxertia. É uma árvore grande de copa tão frondosa que à sua sombra nada cresce. Toda a planta é impregnada por um princípio resinoso e aromático. Os frutos são, por assim dizer, um misto da essência de todos os frutos, pelo cheiro agradabilíssimo e pelo gosto. Os frutos

são grandes ou pequenos, redondos, oblongos ou chatos, segundo as variedades. Quando maduros, amarelos de ouro, rosados, mais ou menos fibrosos, sendo o suco mais ou menos doce ou terebentináceo. Depois de descascados devem ser lavados os frutos porque, em geral, o suco terebentináceo da casca é o que é nocivo (CORRÊA, 1984). Cf. *Manga; Mangueira*.

Nota: Designativo formado por *manga* mais o radical *í*, “água, rio, líquido” (BUENO, 2008, p. 389) significando, literalmente, “rio da Manga”.

Mangava, da [tupi; simples]

Nome de um AF: um morro em Cassilândia. Fruto da mangabeira, com aproximadamente 5 cm de diâmetro, na forma de maçã (CORRÊA, 194). “*Mangaba*, corr. *mongaba*, o grude, o visco; alusão ao látex abundante da planta deste nome [...] Alt. *Mongaba, Manguaba* (SAMPAIO, 1987, p. 260). Variantes: ***Mangaba; Mangaba, da***. Cf. *Mangaba; Mangaba, da; Mangabal; Mangabeira; Mangaval*.

Mangaval [tupi+português; simples híbrido]

Nome de dois AF: um córrego em Jardim e um em Ponta Porã. Formação de mangabeiras dispostas proximamente entre si. Espécie de árvore que mede de 5 a 7 m de altura, tendo poucas folhas de 5-6 cm de comprimento e 2 cm ou mais de largura (as mais novas menores); flores gêmeas ou trigêmeas no ápice dos râmulos, alvas, belíssimas (CORRÊA, 1984). Variante: ***Mangabal***. Cf. *Mangaba; Mangaba, da; Mangabal; Mangabeira; Mangava, da*.

Mangue [origem incerta; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Campo Grande e um em Nova Andradina. Espécie de árvore pequena; folhas com 11-21 cm de comprimento e 3-7 cm de largura, ovais ou oblongo-lanceoladas, em geral acuminadas, com ponta ou, às vezes, arredondadas na base, membranosas, inteiras ou denticuladas; flores de pétalas brancas ou vermelhas; fruto cápsula de 1 cm, oblongo ou ovóide. (CORRÊA, 1984).

Nota: Ferreira (2004) registra “comunidade dominada por árvores ditas *mangues*, dos gêneros *Rhizophora*, *Laguncularia* e *Avicennia*, que se localiza, nos trópicos, em áreas

justamarítimas sujeitas às marés. O solo é uma espécie de lama escura e mole; cada uma das plantas dotadas de raízes-escoras que aí vegetam”.

Mangueira [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Laguna Caarapã e um em Paranaíba. Espécie de árvore asiática que melhor se aclimatou no Brasil, produzindo variedades segundo a zona de crescimento, e que também muito tem se modificado pela enxertia. É uma árvore grande de copa tão frondosa que à sua sombra nada cresce. Toda a planta é impregnada por um princípio resinoso e aromático. Os frutos são, por assim dizer, um misto da essência de todos os frutos, pelo cheiro agradabilíssimo e pelo gosto. Os frutos são grandes ou pequenos, redondos, oblongos ou chatos, segundo as variedades. Quando maduros, amarelos de ouro, rosados, mais ou menos fibrosos, sendo o suco mais ou menos doce ou terebentináceo. Depois de descascados devem ser lavados os frutos porque, em geral, o suco terebentináceo da casca é o que é nocivo (CORRÊA, 1984). Cf. *Manga; Mangaí*.

Maracujá [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranaíba. “*Maracujá*, corr. *maraiú-yá*, fruta do marahú (SAMPAIO, 1987, p. 262). Espécie da família das passifloráceas e do gênero passiflora. As folhas e as raízes de algumas assifloráceas, senão de todas, contém uma substância idêntica à morfina e denominada “passiflorina”, muito empregada e indicada como calmante. A polpa do fruto, com as sementes, são doces e azedas (CORRÊA, 1984).

Nota: A flor do maracujá, em concurso popular promovido por uma conhecida revista agrícola brasileira, foi eleita “a mais bela flor” da nossa flora (CORRÊA, 1984).

Margarida [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego e um morro em Bela Vista. Espécie vegetal cujo nome é comum às seguintes espécies da família das compostas, ambas cultivadas como ornamentais: *Aster amellus* L. – Caule não ramificado, com flores purpúreas. *Chrysanthemum frutescens* L. – Subarbusto perene, ramificado, com folhas carnosas, flores radiais alvas e as do disco amarelas (CORRÊA, 1984). Cf. *Margarida, da*.

Margarida, da [português; simples]

Nome de um AF: uma vazante em Corumbá. Espécie vegetal cujo nome é comum às seguintes espécies da família das compostas, ambas cultivadas como ornamentais: *Aster amellus* L. – Caule não ramificado, com flores purpúreas. *Chrysanthemum frutescens* L. – Subarbusto perene, ramificado, com folhas carnosas, flores radiais alvas e as do disco amarelas (CORRÊA, 1984). Cf. *Margarida*.

Marmelada [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Anastácio e um em Ribas do Rio Pardo. Espécie de árvore, *marmelada-brava*, de 2-5-12 m de altura; ramos jovens seríceos; folhas aguçadas, com 10-20 cm de comprimento, glabras na face ventral, quando secas ferruginosas na face dorsal; corola com até 17 mm de comprimento, de cor amarela ou branca; fruto oblongo ou elipsóide com 15-20 cm de comprimento, amarelo até vermelho-escuro ou roxo (CORRÊA, 1984).

Mata, da [português; simples]

Nome de sete AF: um córrego em Aparecida do Taboado, um em Costa Rica, um em Guia Lopes da Laguna, um em Maracaju, um em Ribas do Rio Pardo e um em Santa Rita do Pardo. “Terreno onde medram árvores silvestres; floresta, charneca, selva, bosque, mato; floresta; grande quantidade de árvores da mesma espécie” (FERREIRA, 2004). Cf. *Mata Assombrada, da; Mata Velha; Mateira; Mateira, da; Mateirinha; Matinha*.

Mata-Mata [português; composto]

Nome de um AF: um córrego em Camapuã. Espécie de árvore mediana, matamatá (ou matá-matá), com o ápice dos ramos novos castanho-acinzentados; troncos com pequenas sapopemas; folhas com até 22 cm de comprimento por 9,5 de largura; flores de pétalas brancas ou amareladas, de 12 mm de comprimento, ovais, ciliadas; sementes oleaginosas. Madeira pesada, cerne claro pardacento ao castanho escuro, às vezes listrado. Altamente durável (CORRÊA, 1984).

Mata Assombrada, da [português; composto]

Nome de um AF: um córrego em Figueirão. “Terreno onde medram árvores silvestres; floresta, charneca, selva, bosque, mato; floresta; grande quantidade de árvores da mesma espécie” (FERREIRA, 2004). Cf. *Mata, da; Mata Velha; Mateira; Mateira, da; Mateirinha; Matinha*.

Mata Velha [português; composto]

Nome de um AF: uma cabeceira em Jaraguari. “Terreno onde medram árvores silvestres; floresta, charneca, selva, bosque, mato; floresta; grande quantidade de árvores da mesma espécie” (FERREIRA, 2004). Cf. *Mata, da; Mata Assombrada, da; Mateira; Mateira, da; Mateirinha; Matinha*.

Matão [português; simples]

Nome de quatro AF: um córrego em Costa Rica, um em Paranaíba, um em Pedro Gomes e um em Selvíria. “Terreno inculto onde medram plantas agrestes; brenha, charneca, mata” (FERREIRA, 2004). Cf. *Matinho, do; Mato; Mato, do; Mato Comprido; Mato Grande, do; Mato Verde*.

Mateira [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Campo Grande e um em Jaraguari. “Terreno coberto de plantas bravas; mato” (FERREIRA, 2004). Cf. *Mata, da; Mata Assombrada, da; Mata Velha; Mateira, da; Mateirinha; Matinha*.

Mateira, da [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Chapadão do Sul e um em Santa Rita do Pardo. “Terreno coberto de plantas bravas; mato” (FERREIRA, 2004). Cf. *Mata, da; Mata Assombrada, da; Mata Velha; Mateira; Mateirinha; Matinha*.

Mateirinha [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Coxim e um em Santa Rita do Pardo. “Terreno coberto de plantas bravas; mato” (FERREIRA, 2004). Cf. *Mata, da; Mata Assombrada, da; Mata Velha; Mateira; Mateira, da; Matinha*.

Matinha [português; simples]

Nome de cinco AF: um córrego em Aparecida do Taboado, uma cabeceira em Campo Grande, um córrego em Jaraguari, um em Nova Alvorada do Sul e um em Rio Verde de Mato Grosso. “Terreno onde medram árvores silvestres; floresta, charneca, selva, bosque, mato; floresta; grande quantidade de árvores da mesma espécie” (FERREIRA, 2004). Cf. *Mata, da; Mata Assombrada, da; Mata Velha; Mateira; Mateira, da; Mateirinha.*

Matinho, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Brasilândia. “Terreno inculto onde medram plantas agrestes; brenha, charneca, mata” (FERREIRA, 2004). Cf. *Matão; Mato; Mato, do; Mato Comprido; Mato Grande, do; Mato Verde.*

Mato [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Camapuã e um em Paranaíba. “Terreno inculto onde medram plantas agrestes; brenha, charneca, mata” (FERREIRA, 2004). Cf. *Matão; Matinho, do; Mato, do; Mato Comprido; Mato Grande, do; Mato Verde.*

Mato, do [português; simples]

Nome de três AF: um córrego em Água Clara, um em Jaraguari e um em Selvíria. “Terreno inculto onde medram plantas agrestes; brenha, charneca, mata” (FERREIRA, 2004). Cf. *Matão; Matinho, do; Mato; Mato Comprido; Mato Grande, do; Mato Verde.*

Mato Comprido [português; composto]

Nome de um AF: um córrego em São Gabriel do Oeste. “Terreno inculto onde medram plantas agrestes; brenha, charneca, mata” (FERREIRA, 2004). Cf. *Matão; Matinho, do; Mato; Mato, do; Mato Grande, do; Mato Verde.*

Mato Grande, do [português; composto]

Nome de um AF: uma ilha em Corumbá. “Terreno inculto onde medram plantas agrestes; brenha, charneca, mata” (FERREIRA, 2004). Cf. *Matão; Matinho, do; Mato; Mato, do; Mato Comprido; Mato Verde*.

Mato Verde [português; composto]

Nome de um AF: um córrego em Ivinhema. “Terreno inculto onde medram plantas agrestes; brenha, charneca, mata” (FERREIRA, 2004). Cf. *Matão; Matinho, do; Mato; Mato, do; Mato Comprido; Mato Grande, do*.

Maxixe, do [africano; simples]

Nome de um AF: um córrego em Alcinoópolis. Espécie de planta anual, com caule rasteiro, ramificado, anguloso, áspero; folhas com 8-10 cm de comprimento; fruto ovóide, na maturidade amarelo claro; sementes alvas, pequenas (CORRÊA, 1984). “*Maxixe, do quimbundo Maxi'xi, o fruto do maxixeiro*” (FERREIRA, 2004).

Melancia [português; simples]

Nome de quatro AF: um córrego em Chapadão do Sul, dois em Ribas do Rio Pardo e um em Santa Rita do Pardo. Espécie de planta de caule rasteiro, ramificado, com folhas de 8-20 cm de comprimento e 5-15 cm de largura, oval, triangulares; flores solitárias, amareladas com pedúnculo viloso; fruto incolor ou marmorado, subgloboso ou elipsóide, liso, com polpa albo-amarelada, avermelhada ou purpúrea, doce e comestível; sementes negras ou vermelhas, às vezes albas, amarelas, esverdeadas ou marmoradas (CORRÊA, 1984). Cf. *Melancia, da*.

Melancia, da [português; simples]

Nome de dois AF: uma ilha em Aparecida do Taboado e um córrego em Inocência. Espécie de planta de caule rasteiro, ramificado, com folhas de 8-20 cm de comprimento e 5-15 cm de largura, oval, triangulares; flores solitárias, amareladas com pedúnculo viloso; fruto incolor ou marmorado, subgloboso ou elipsóide, liso, com polpa albo-amarelada, avermelhada ou purpúrea, doce e comestível; sementes negras ou vermelhas, às vezes albas, amarelas, esverdeadas ou marmoradas (CORRÊA, 1984). Cf. *Melancia*.

Membeca [português; simples]

Nome de cinco AF: um córrego e um morro em Alcínópolis, um córrego em Camapuã e um em Nova Alvorada do Sul. Espécie vegetal, o capim membeca, *Andropogon Verginicus*, tem colmo de 40 a 50 cm de altura e flores em panícula. Dá boa forragem e tem propriedades medicinais (CRUZ, 1985). Variante: *Mumbeca, da*. Cf. *Mumbeca, da*; *Mumbequinha*.

Mimosa [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Cassilândia. Espécie vegetal cujo nome aplica-se a várias plantas. Geralmente essas plantas são espécies arbustivas chegando até, mais ou menos, 4 m de altura. Algumas espécies crescem rapidamente e tem a casca rica em tanino; outras são plantas forrageiras, que o gado aceita somente em época de escassez de pastagens, pois se desenvolve até na areia pura, mesmo nas dunas. Todas as espécies produzem belas flores (CORRÊA, 1984).

Mimoso [português; simples]

Nome de vinte e dois AF: dois córregos em Água Clara, um em Bandeirantes, um rio em Bonito, um córrego e um ribeirão em Chapadão do Sul, um córrego em Campo Grande, um em Cassilândia, um em Corguinho, um em Figueirão, um em Inocência, um em Jardim, um em Nioaque, um em Nova Andradina, um córrego e um ribeirão em Ribas do Rio Pardo, dois córregos em São Gabriel do Oeste, dois em Selvíria, um em Sidrolândia e uma cabeceira em Terenos. Espécie vegetal, o capim *mimoso* é uma erva de colmo ramoso e roliço (CRUZ, 1985).

Nota: A forragem é de qualidade superior, podendo-se considerar esta planta como uma das melhores gramíneas do Brasil (CRUZ, 1985).

Moita [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Campo Grande. “Grupo espesso de plantas; touça” (FERREIRA, 2004).

Morangas [português; simples]

Nome de um AH: uma vila em Cassilândia; e três AF: uma serra em Cassilândia e um

rio e uma serra em Inocência. “Certa variedade de abóbora (*Cucurbita maxima*)” (FERREIRA, 2004).

Mucujê [quíchua; simples]

Nome de um AF: um córrego em Costa Rica. Espécie de árvore pequena com folhas, as maiores, de 10 a 17 cm de comprimento e 4-7 cm de largura oblongo-obovais, sem veias, um pouco agudas na base; inflorescência, em cimas multifloras, indo as flores até o ápice dos ramos, devido ao seu pequeno comprimento. Frutifica em fevereiro. Planta tipicamente regional da Bahia. Cf. *Mucujezinho*.

Nota: Segundo Gregório Bondar, que viveu muitos anos na Bahia observando flora e fauna, o *mucujê* é uma ótima fruteira nativa, conhecida nas matas baianas desde o descobrimento do Brasil. Há quem considere o *mucujê* como a melhor fruta brasileira. Além disso, a árvore é lactífera, produzindo abundante leite adocicado que os garimpeiros, nas lavras diamantinas no interior baiano, tomam com café em substituição ao leite de vaca, e é esse leite que serve para o preparo de excelente “goma de mascar”, artigo que logo achou aceitação nos mercados norte-americanos, tendo a Bahia exportado, em 1946, mais de 150 toneladas de goma de *mucujê*. (CORRÊA, 1984).

De acordo com Houaiss (2007), “provavelmente mucujê tem origem quíchua, *mu-kùdi*, uma árvore alta, segundo Nei Lopes”.

Mucujezinho [quíchua; simples]

Nome de um AF: um córrego em Costa Rica. Espécie de árvore pequena com folhas, as maiores, de 10 a 17 cm de comprimento e 4-7 cm de largura oblongo-obovais, sem veias, um pouco agudas na base; inflorescência, em cimas multifloras, indo as flores até o ápice dos ramos, devido ao seu pequeno comprimento. Frutifica em fevereiro. Planta tipicamente regional da Bahia. Cf. *Mucujê*.

Nota: Segundo Gregório Bondar, que viveu muitos anos na Bahia observando flora e fauna, o *mucujê* é uma ótima fruteira nativa, conhecida nas matas baianas desde o descobrimento do Brasil. Há quem considere o *mucujê* como a melhor fruta brasileira. Além disso, a árvore é lactífera, produzindo abundante leite adocicado que os garimpeiros, nas lavras diamantinas no interior baiano, tomam com café em substituição ao leite de vaca, e é esse leite que serve para o preparo de excelente “goma de mascar”,

artigo que logo achou aceitação nos mercados norte-americanos, tendo a Bahia exportado, em 1946, mais de 150 toneladas de goma de *mucujê*. (CORRÊA, 1984).

De acordo com Houaiss (2007), “provavelmente mucujê tem origem quíchua, *mu-kùdi*, uma árvore alta, segundo Nei Lopes”.

Mumbeca, da [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranaíba. Espécie vegetal, o capim membeca, *Andropogon Verginicus*, tem colmo de 40 a 50 cm de altura e flores em panícula. Dá boa forragem e tem propriedades medicinais (CRUZ, 1985). Cf. *Membeca*; *Mumbequinha*.

Mumbequinha [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranaíba. Espécie vegetal, o capim membeca, *Andropogon Verginicus*, tem colmo de 40 a 50 cm de altura e flores em panícula. Dá boa forragem e tem propriedades medicinais (CRUZ, 1985). Cf. *Membeca*; *Mumbeca, da*.

N

Nhuatin [guarani; simples]

Nome de dois AF: dois córregos em Bela Vista. “*Ñuati* – (subst.) (bot.) espinho, órgão duro que pica, fere e que existe comumente nas plantas” (ASSIS, 2008).

Nhu-Guaçu [guarani+tupi; composto híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Paranhos. “*Ñu* – (subst.) campo, prado, extensão de terra sem mata pode ter ou não árvores, terreno extenso, plano que pode ser destinado a pastagens ou cultivo agrícola” (ASSIS, 2008).

Nota: Designativo formado por *Ñu* mais o adjetivo “*guaçu*, grande, grosso, largo, amplo” (SAMPAIO, 1987, p. 206).

Nhupeí [guarani; composto]

Nome de um AF: um córrego em Tacuru. “*Ñu* – (subst.) campo, prado, extensão de terra sem mata pode ter ou não árvores, terreno extenso, plano que pode ser destinado a pastagens ou cultivo agrícola” (ASSIS, 2008)

Nhu-Verá [guarani; composto]

Nome de um AF: um córrego em Coronel Sapucaia. “*Ñu* – (subst.) campo, prado, extensão de terra sem mata pode ter ou não árvores, terreno extenso, plano que pode ser destinado a pastagens ou cultivo agrícola” (ASSIS, 2008)

Nota: Designativo formado por *Ñu* mais o substantivo “*vera*, brilho, luminosidade, fulgor, claridade, luz, lucidez” (ASSIS, 2008).

O

Orquidário [português; simples]

Nome de um AF: um jardim natural em Costa Rica. “Aglomerado de orquídeas em determinada área; viveiro de orquídeas” (HOUAISS, 2007).

P

Pacova [guarani; simples]

Nome de três AF: um córrego em Iguatemi, um em Japorã e um em Naviraí. Espécie vegetal por cujo nome são conhecidas duas plantas: *Alpinia speciosa* Schum. da família das zingiberáceas, erva alta, até 2 m; folhas elípticas; flores brancas e róseas. Os frutos fornecem matéria tintorial roxa, que dizem ser indelével e *Helicórne episcopalis* Vell., da família das musáceas, herbácea; folhas com lâmina oval-alongada; glabras, com a costa média muito saliente na página inferior, 60 cm de comprimento e 20 cm de largura; inflorescência 10-15 cm de comprimento, 5 cm de largura; fruto monospermo por aborto (CORRÊA, 1984). Pacova, “*pakova*, banana, fruta da bananeira, fruta com polpa pastosa” (ASSIS, 2008).

Pacuri [guarani; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ponta Porã. “*Pakuri*, pacuri, bacuri, abiu, fruta com bagas grandes, globosas e amarelas, usada em refrescos e doces. Uso medicinal: otite, inflamações e doenças pulmonares” (ASSIS, 2008).

Paia, da [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Camapuã. Haste seca das gramíneas (especialmente cereais), despojada dos grãos, utilizada na indústria ou para forragem de animais domésticos (FERREIRA, 2004). Variante: *Palha, da*. Cf. *Palha, da*.

Paina [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Nova Alvorada do Sul. Espécie de fibras que envolvem a semente da paineira, que é uma árvore grande, armada de acúleos, de flores vermelhas ou róseas, grandes, com pétalas obovais espatuladas. O fruto é uma cápsula oblonga, de 20 cm de comprimento por 5 cm de diâmetro e as sementes são envolvidas

em filamentos sedosos, a paina (CORRÊA, 1984). Cf. *Paineira; Paineira, da; Paineiras, das*.

Paineira [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Cassilândia. Espécie de árvore grande, armada de acúleos; folhas alternadas, digitadas, de 4-7 folíolos lanceolados, denteados, glabros, longo-peciolados; flores vermelhas ou róseas, grandes, com pétalas obovais espatuladas; fruto cápsula ablonga, de 20 cm de comprimento por 5 cm de diâmetro; sementes envolvidas em filamentos sedosos, a paina (CORRÊA, 1984). Cf. *Paina; Paineira, da; Paineiras, das*.

Paineira, da [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Ribas do Rio Pardo. Espécie de árvore grande, armada de acúleos; folhas alternadas, digitadas, de 4-7 folíolos lanceolados, denteados, glabros, longo-peciolados; flores vermelhas ou róseas, grandes, com pétalas obovais espatuladas; fruto cápsula ablonga, de 20 cm de comprimento por 5 cm de diâmetro; sementes envolvidas em filamentos sedosos, a paina (CORRÊA, 1984). Cf. *Paina; Paineira; Paineiras, das*.

Paineiras, das [português; simples]

Nome um AF: um córrego em Três Lagoas. Espécie de árvore grande, armada de acúleos; folhas alternadas, digitadas, de 4-7 folíolos lanceolados, denteados, glabros, longo-peciolados; flores vermelhas ou róseas, grandes, com pétalas obovais espatuladas; fruto cápsula ablonga, de 20 cm de comprimento por 5 cm de diâmetro; sementes envolvidas em filamentos sedosos, a paina (CORRÊA, 1984). Cf. *Paina; Paineira; Paineira, da*.

Palha, da [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Água Clara e um em Rio Verde de Mato Grosso. Haste seca das gramíneas (especialmente cereais), despojada dos grãos, utilizada na indústria ou para forragem de animais domésticos (FERREIRA, 2004) Variante: *Paia*. Cf. *Paia*.

Palma [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Deodápolis e um em Dourados. Espécie vegetal cujo nome aplica-se a diversas plantas da família das cactáceas. Planta aculeada e ramosa, com artículos carnosos, chatos elípticos, com aréolas de 1-2 espinhos grandes e duros; flores rotáceas, amarelo-esverdeadas com a parte inferior vermelha, ou róseas; fruto baga, aculeado, vermelho, piriforme comestível [...] (CORRÊA, 1984). Variante: *Palmar*. Cf. *Palmar*.

Nota: A palma é uma planta histórica e curiosa. A exemplo de outras espécies vegetais, o *Gladiolus Communis* penetrou no mundo da Mitologia, a cujos domínios passou a pertencer. *Gladiolus* origina-se do vocábulo latino *gladius*, que significa *espada*.

Palmar [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Amambai. Espécie vegetal cujo nome aplica-se a diversas plantas da família das cactáceas. Planta aculeada e ramosa, com artículos carnosos, chatos elípticos, com aréolas de 1-2 espinhos grandes e duros; flores rotáceas, amarelo-esverdeadas com a parte inferior vermelha, ou róseas; fruto baga, aculeado, vermelho, piriforme comestível [...] (CORRÊA, 1984). Variante: *Palma*. Cf. *Palma*.

Nota: A palma é uma planta histórica e curiosa. A exemplo de outras espécies vegetais, o *Gladiolus Communis* penetrou no mundo da Mitologia, a cujos domínios passou a pertencer. *Gladiolus* origina-se do vocábulo latino *gladius*, que significa *espada*.

Palmeira [português; simples]

Nome de oito AF: um córrego em Alcinópolis, um em Amambai, um em Bela Vista, um em Dourados, um em Laguna Caarapã, dois em Nioaque e um em Tacuru. Espécie vegetal cujo nome é dado a todas as plantas pertencentes à família das palmáceas. Cf. *Palmeiras, das; Palmeiras, de*.

Nota: O povo distingue entre “palmeira” e “coqueiro”, segundo a planta produz frutos comestíveis ou utilizáveis industrialmente. Assim, a palmácea que produz o chamado “coco da Bahia”, ou a que produz “dendê”, o “babaçu”, etc. são chamadas “coqueiro”, embora os frutos das palmáceas em geral possam ser denominados coco, grandes uns,

pequenos outros, mas todos com a mesma constituição morfológica. O nome “palmeira” é, em geral, reservado para as palmáceas ornamentais, e elas são numerosíssimas, brasileiras ou exóticas aqui introduzidas para esse fim especial. [...] (CORRÊA, 1984).

Palmeiras, das [português; simples]

Nome de um AF: uma cachoeira em Coxim. Espécie vegetal cujo nome é dado a todas as plantas pertencentes à família das palmáceas. Cf. *Palmeira; Palmeiras, de*.

Nota: O povo distingue entre “palmeira” e “coqueiro”, segundo a planta produz frutos comestíveis ou utilizáveis industrialmente. Assim, a palmácea que produz o chamado “coco da Bahia”, ou a que produz “dendê”, o “babaçu”, etc. são chamadas “coqueiro”, embora os frutos das palmáceas em geral possam ser denominados coco, grandes uns, pequenos outros, mas todos com a mesma constituição morfológica. O nome “palmeira” é, em geral, reservado para as palmáceas ornamentais, e elas são numerosíssimas, brasileiras ou exóticas aqui introduzidas para esse fim especial. [...] (CORRÊA, 1984).

Palmeiras, de [português; simples]

Nome de um AH: um distrito em Dois Irmãos do Buriti. Espécie vegetal cujo nome é dado a todas as plantas pertencentes à família das palmáceas. Cf. *Palmeira; Palmeiras, das*.

Nota: O povo distingue entre “palmeira” e “coqueiro”, segundo a planta produz frutos comestíveis ou utilizáveis industrialmente. Assim, a palmácea que produz o chamado “coco da Bahia”, ou a que produz “dendê”, o “babaçu”, etc. são chamadas “coqueiro”, embora os frutos das palmáceas em geral possam ser denominados coco, grandes uns, pequenos outros, mas todos com a mesma constituição morfológica. O nome “palmeira” é, em geral, reservado para as palmáceas ornamentais, e elas são numerosíssimas, brasileiras ou exóticas aqui introduzidas para esse fim especial. [...] (CORRÊA, 1984).

Palmital [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Eldorado e um em Paranaíba. Formação de árvores de palmito dispostas proximamente entre si. Cf. *Palmito; Palmito, do*.

Palmito [português; simples]

Nome de quatro AF: quatro córregos em Paranaíba. Produto do coqueiro, árvore da família das palmáceas. Cf. *Palmital; Palmito, do*.

Nota: Árvore importante pelo número de espécies e pelo valor econômico, pois fornece ao homem produtos alimentares, tais como: a noz do coco, féculas (principalmente o sagu), açúcar, óleos, manteiga e gomos comestíveis (*palmito*). As fibras têxteis servem para o fabrico de cestas, chapéus, etc., materiais de construção, etc. (CRUZ, 1985).

Palmito, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Cassilândia. Produto do coqueiro, árvore da família das palmáceas. CF. *Palmital; Palmito*.

Nota: Árvore importante pelo número de espécies e pelo valor econômico, pois fornece ao homem produtos alimentares, tais como: a noz do coco, féculas (principalmente o sagu), açúcar, óleos, manteiga e gomos comestíveis (*palmito*). As fibras têxteis servem para o fabrico de cestas, chapéus, etc., materiais de construção, etc. (CRUZ, 1985).

Pampa [quíchua; simples]

Nome de um AF: um córrego em Rio Brillhante. Tipo de formação campestre, com raros arbustos e pequenas árvores, e predominância de gramíneas perenes e linearifólias, característica da parte meridional da América do Sul, especialmente Argentina, Brasil (RS) e Uruguai (HOUAISS, 2007).

Nota: “Pampa, vocábulo kechua que significa – campo, planície limpa; corresponde a nhu, do tupi. Alt. *Bamba* (SAMPAIO, 1987, p. 280).

Paratudal [português; simples]

Nome de um AF: uma lagoa em Corumbá. Formação de paratudos dispostos proximamente entre si. Cf. *Paratudo*.

Paratudo [português; simples]

Nome de um AH: uma vila em Jaraguari. Espécie de árvore alta, de até 20 m; folhas glabras, quase coriáceas, luzidias na página superior e pálidas na página inferior, com pontuações diminutíssimas, oblongas, até 5 cm de largura; flores vermelhas, dispostas em grandes panículas cupuliformes ramificadas (CORRÊA, 1984). Cf. *Paratudal*.

Pariri [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Amambai. “Erva medicinal do Pará, semelhante ao trevo” (TIBIRIÇA, 1984).

Pastinho [português; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Jaraguari. “Erva para alimento do gado; pastagem” (FERREIRA, 2004). Cf. *Pasto Ruim, do*.

Pasto Ruim, do [português; composto]

Nome de dois AF: um córrego em Cassilândia e um em Chapadão do Sul. “Erva para alimento do gado; pastagem” (FERREIRA, 2004). Cf. *Pastinho*.

Pau-Terra [português; composto]

Nome de dois AF: um ribeirão em Nova Andradina e um córrego em Pedro Gomes. Espécie vegetal cujo nome é comum a diversas plantas da família das voquisiáceas, todas dando madeira para canoas, obras internas, carpintaria e caixotaria, e cujas cascas e frutos fornecem matéria tintorial. *Qualea pilosa* Warm, árvore pequena dos campos ou arbustos com 1,80 m; tronco tomentoso; ramos e folhas, exceto na página superior, parcialmente pilosos; inflorescência com pelos patentes amarelados ou pálido-ferruginoso; cálice exteriormente patente-pilosos; folhas, curto-pecioladas, ápice agudo ou arredondado, base arredondada ou obtusa, quase brilhantes, quase brilhantes, em cima e opacas embaixo; flores aromáticas; ovário fusco-hirsuto; cápsula de 4 cm de comprimento, valvas oblongas, interiormente castanho-brilhantes, exteriormente fusco-nigrescentes (CORRÊA, 1984).

Pequi [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Corguinho. Fruto do pequizeiro, árvore da família das Cariocariáceas, um arbusto que mede de 4-5 m de altura, é esgalhado e o tronco tem de 30 a 40 cm de diâmetro. Os ramos são revestidos de pelos curtos e as folhas, de configuração mais ou menos oval, são aveludadas e macias. O fruto é do tamanho de uma laranja grande, cujo pericarpo é grosso e fibroso e envolve a conhecida e apreciada amêndoa situada na parte central, envolta em numerosos espinhos, sendo estes recobertos por uma substância carnosa, pouco espessa, amarelada, de agradável sabor e muito aromática. Comumente, apenas uma amêndoa é encontrada no interior do fruto, entretanto, às vezes acontece serem encontradas duas. Flores de cor branca, cascas e folhas adstringentes e frutos comestíveis (CRUZ, 1985). “*Piquí*, corr. *py-quí*, a casca áspera, espinhenta. [...] (SAMPAIO, 1987, p. 289). Variante: **Piqui**. Cf. *Piqui*.

Peri [tupi; simples]

Nome de um AF: um porto em Bataguassu. Espécie de planta da família da ciperáceas, palustre, de colmo triangular, de até 2 m de altura, com folhas na base e umbela de 9-12 raios principais de 30 cm (CORRÊA, 1984). “*Pirí*, o junco, planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1987, p. 292).

Nota: Fornece excelente material para confecção de esteiras, assentos de cadeiras e demais obras trançadas; fornece, também, celulose quase pura, ótima para o fabrico de papel (CORRÊA, 1984).

Peroba [tupi; simples]

Nome de seis AF: um córrego em Cassilândia, um córrego e um rio em Dourados, um rio em Itaporã, um córrego em Rio Brillhante e um em Sidrolândia. Espécie de árvore da família das apocináceas, de mais de 20 m de altura, ramos ligeiramente acinzentados papilosos quando jovens e casca castanho escura; folhas largamente elípticas a ovais, ápice obtuso a arredondado, base largamente arredondada ou abruptamente cuneada e auricular-revoluta, com 4-8 cm de comprimento e 2-3 cm de largura, glabras e verde-oliváceas na face superior, pálidas e densamente cobertas de papilas gríseas na inferior; inflorescências terminais. A madeira dessa árvore é considerada excelente (CORRÊA,

1984). “*Iperoba*, corr. *ypê-roba*, a casca amargosa. Alt. *Peroba*, *Iperó*” (SAMPAIO, 1987, p. 226). Cf. *Peroba*, *da*; *Perobão*.

Peroba, da [tupi; simples]

Nome de dois AF: uma lagoa em Jateí e uma cabeceira em Maracaju. Espécie de árvore da família das apocináceas, de mais de 20 m de altura, ramos ligeiramente acinzentados papilosos quando jovens e casca castanho escura; folhas largamente elípticas a ovais, ápice obtuso a arredondado, base largamente arredondada ou abruptamente cuneada e auricular-revoluta, com 4-8 cm de comprimento e 2-3 cm de largura, glabras e verde na face superior, pálidas e densamente cobertas de papilas gréses na inferior; inflorescências terminais. A madeira dessa árvore é considerada excelente (CORRÊA, 1984). “*Iperoba*, corr. *ypê-roba*, a casca amargosa. Alt. *Peroba*, *Iperó*” (SAMPAIO, 1987, p. 226). Cf. *Peroba*; *Perobão*.

Perobão [tupi+português; simples híbrido]

Nome de dois AF: um córrego em Iguatemi e um em Japorã. Espécie de árvore da família das apocináceas, de mais de 20 m de altura, ramos ligeiramente acinzentados papilosos quando jovens e casca castanho escura; folhas largamente elípticas a ovais, ápice obtuso a arredondado, base largamente arredondada ou abruptamente cuneada e auricular-revoluta, com 4-8 cm de comprimento e 2-3 cm de largura, glabras e verde na face superior, pálidas e densamente cobertas de papilas gréses na inferior; inflorescências terminais. A madeira dessa árvore é considerada excelente (CORRÊA, 1984). “*Iperoba*, corr. *ypê-roba*, a casca amargosa. Alt. *Peroba*, *Iperó*” (SAMPAIO, 1987, p. 226). Cf. *Peroba*; *Peroba, da*.

Pimenta [português; simples]

Nome de um AF: um morro em Porto Murinho. Fruto da pimenteira, nome dado a diversas espécies arbustivas, silvestres ou cultivadas, que vegetam em todo o Brasil. A forma e a cor do fruto da espécie, podendo ser ovais, arredondados, compridos, vermelhos, amarelos, etc. Inclusive o fruto é muito apreciado na culinária brasileira, principalmente na Bahia, pelo seu sabor picante – uns com mais intensidade, outros menos; também depende da espécie (CRUZ, 1985). Cf. *Pimenta, da*; *Pimenteira*.

Pimenta, da [português; simples]

Nome de três AF: um morro em Corumbá, um em Ladário e uma serra em Porto Murtinho. Fruto da pimenteira, nome dado a diversas espécies arbustivas, silvestres ou cultivadas, que vegetam em todo o Brasil. A forma e a cor do fruto da espécie, podendo ser ovais, arredondados, compridos, vermelhos, amarelos, etc. Inclusive o fruto é muito apreciado na culinária brasileira, principalmente na Bahia, pelo seu sabor picante – uns com mais intensidade, outros menos; também depende da espécie (CRUZ, 1985). Cf. *Pimenta; Pimenteira*.

Pimenteira [português; simples]

Nome de um AH: um povoado em Coxim; e um AF: um córrego em Rio Verde de Mato Grosso. Designação de duas árvores da flora brasileira: *Capsicodendron pimenteira* Hoehne, da família das caneláceas. Árvore ereta, pequena, frequentemente mais de 10 m de altura, tronco com até 45 cm de diâmetro; folhas elítico-obovadas; flores rubro-vinosas; baga rubro-vinosa quando madura, glabra, brilhante, elóide; sementes dentro da polpa amarelada, e *Trichilia alta* Blake, da família das meliáceas. – Árvore de 30 m de altura cujo sinônimo é pau-rosa-branco (CORRÊA, 1984). Cf. *Pimenta; Pimenta, da*.

Pindaíba [tupi; simples]

Nome de dezesseis AF: três córregos em Água Clara, um em Anaurilândia, um em Bataguassu, um em Camapuã, dois em Guia Lopes da Laguna, um em Nova Alvorada do Sul, um em Nova Andradina, dois em Selvíria, uma cabeceira em Terenos e três córregos em Três Lagoas. Espécie vegetal por cujo nome são conhecidas duas árvores: uma arbusto de galhos flexíveis, casca escura, folhas grandes, fruto cápsula, oval e chato, que dá pelo tronco em faixas e tem uma semente; e a outra, árvore de folhas alternas, inteiras, pequenas, pilosas, flores pálidas. Fornece madeira pra obras internas e carpintaria. A casca dá material para cordoaria (CORRÊA, 1984). “*Pindahyba*, corr. *pindá-yba*, a vara do anzol, a cana do anzol. Pode provir ainda de *pindá-ayba* e significar o anzol ruim [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 288). Variante: **Pindaíva**. Cf. *Pindaíba, da; Pindaibão; Pindaíva; Pindaivinha*.

Pindaíba, da [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Chapadão do Sul e um em Naviraí. Espécie vegetal por cujo nome são conhecidas duas árvores: uma arbusto de galhos flexíveis, casca escura, folhas grandes, fruto cápsula, oval e chato, que dá pelo tronco em faixas e tem uma semente; e a outra, árvore de folhas alternas, inteiras, pequenas, pilosas, flores pálidas. Fornece madeira pra obras internas e carpintaria. A casca dá material para cordoaria (CORRÊA, 1984). “*Pindahyba*, corr. *pindá-yba*, a vara do anzol, a cana do anzol. Pode provir ainda de *pindá-ayba* e significar o anzol ruim [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 288). Cf. *Pindaíba*; *Pindaibão*; *Pindaíva*; *Pindaivinha*.

Pindaibão [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Rio Verde de Mato Grosso. Espécie vegetal por cujo nome são conhecidas duas árvores: uma arbusto de galhos flexíveis, casca escura, folhas grandes, fruto cápsula, oval e chato, que dá pelo tronco em faixas e tem uma semente; e a outra, árvore de folhas alternas, inteiras, pequenas, pilosas, flores pálidas. Fornece madeira pra obras internas e carpintaria. A casca dá material para cordoaria (CORRÊA, 1984). “*Pindahyba*, corr. *pindá-yba*, a vara do anzol, a cana do anzol. Pode provir ainda de *pindá-ayba* e significar o anzol ruim [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 288). Cf. *Pindaíba*; *Pindaíba, da*; *Pindaíva*; *Pindaivinha*.

Pindaíva [tupi; simples]

Nome de três AF: um córrego em Jaraguari, uma cabeceira em Sidrolândia e um córrego em Terenos. Espécie vegetal por cujo nome são conhecidas duas árvores: uma arbusto de galhos flexíveis, casca escura, folhas grandes, fruto cápsula, oval e chato, que dá pelo tronco em faixas e tem uma semente; e a outra, árvore de folhas alternas, inteiras, pequenas, pilosas, flores pálidas. Fornece madeira pra obras internas e carpintaria. A casca dá material para cordoaria (CORRÊA, 1984). “*Pindahyba*, corr. *pindá-yba*, a vara do anzol, a cana do anzol. Pode provir ainda de *pindá-ayba* e significar o anzol ruim [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 288). Variante: ***Pindaíba***. Cf. *Pindaíba*; *Pindaíba, da*; *Pindaibão*; *Pindaivinha*.

Pindaivinha [tupi+português; simples híbrido]

Nome de dois AF: dois córregos em Rio Brillhante. Espécie vegetal por cujo nome são conhecidas duas árvores: uma arbusto de galhos flexíveis, casca escura, folhas grandes, fruto cápsula, oval e chato, que dá pelo tronco em faixas e tem uma semente; e a outra, árvore de folhas alternas, inteiras, pequenas, pilosas, flores pálidas. Fornece madeira pra obras internas e carpintaria. A casca dá material para cordoaria (CORRÊA, 1984). “*Pindahyba*, corr. *pindá-yba*, a vara do anzol, a cana do anzol. Pode provir ainda de *pindá-ayba* e significar o anzol ruim [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 288). Cf. *Pindaíba*; *Pindaíba, da*; *Pindaibão*; *Pindaíva*.

Pindó [tupi; simples]

Nome de quatro AF: um córrego em Amambai, dois em Iguatemi e um em Porto Murtinho. Espécie de árvore da família das palmáceas, caule de 10 m de altura; folhas formando coroa no ápice, plumosa, de 3-4 m de comprimento; flores oblongo-ovais; pétalas amareladas; flores femininas sésseis, sépalas e pétalas ovais; drupa de 3-3,5 cm de comprimento e 2 cm de diâmetro; caroço cerca de 3 cm de comprimento e 1,5 cm de diâmetro, geralmente falcado-oblíquo (CORRÊA, 1984). “*Pindoba*, corr. a folha da palmeira; c. *pind-oba*, a folha de anzol, aquela cujo talo serve para vara de anzol. [...] Alt. *Pindó*, *Pindova*” (SAMPAIO, 1987, p. 289). Cf. *Pindocare*; *Pindorama*.

Pindocare [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Batayporã. Espécie de árvore da família das palmáceas, caule de 10 m de altura; folhas formando coroa no ápice, plumosa, de 3-4 m de comprimento; flores oblongo-ovais; pétalas amareladas; flores femininas sésseis, sépalas e pétalas ovais; drupa de 3-3,5 cm de comprimento e 2 cm de diâmetro; caroço cerca de 3 cm de comprimento e 1,5 cm de diâmetro, geralmente falcado-oblíquo (CORRÊA, 1984). “*Pindoba*, corr. a folha da palmeira; c. *pind-oba*, a folha de anzol, aquela cujo talo serve para vara de anzol. [...] Alt. *Pindó*, *Pindova*” (SAMPAIO, 1987, p. 289). Cf. *Pindó*; *Pindorama*.

Pindorama [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranaíba. Espécie de árvore da família das palmáceas, caule de 10 m de altura; folhas formando coroa no ápice, plumosa, de 3-4 m

de comprimento; flores oblongo-ovais; pétalas amareladas; flores femininas sésseis, sépalas e pétalas ovais; drupa de 3-3,5 cm de comprimento e 2 cm de diâmetro; caroço cerca de 3 cm de comprimento e 1,5 cm de diâmetro, geralmente falcado-obliquo (CORRÊA, 1984). “Pindorama, c. *pindó-rama*, ou *pindó-retama*, a região ou o país das palmeiras” (SAMPAIO, 1987, p. 289). Cf. *Pindó*; *Pindocare*.

Pinhal, do [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Aparecida do Taboado. Formação de pinhos dispostos proximamente entre si. Cf. *Pinheiro*; *Pinho*.

Pinheiro, do [português; simples]

Nome de quatro AF: uma furna e um ribeirão em Chapadão do Sul, um córrego em Eldorado e um em Iguatemi. Espécie vegetal, a *Araucaria brasiliensis* é o pinheiro do Brasil, que forma extensas florestas que se localizam nos Estados da região Sul e no sul do Estado de Minas Gerais. Cf. *Pinhal*; *Pinho*.

Nota: O pinho, que é a denominação dada à madeira fornecida pelo pinheiro, é produto de muita procura, e a nossa Araucária tem grande consumo interno e é largamente exportada para os países vizinhos ao Brasil. Trata-se de madeira de segunda categoria em qualidade, entretanto, é muito empregada na indústria de móveis (CRUZ, 1985).

Pinho [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. Denominação dada à madeira fornecida pelo pinheiro, é produto de muita procura, e a nossa Araucária tem grande consumo interno e é largamente exportada para os países vizinhos ao Brasil. Trata-se de madeira de segunda categoria em qualidade, entretanto, é muito empregada na indústria de móveis [...] (CRUZ, 1985). Cf. *Pinhal*; *Pinheiro*.

Pinhões [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Selvíria. Espécie de árvore nativa do Brasil (BA), cuja madeira é usada em carpintaria, de folhas alternas, flores purpúreas e frutos pequenos, de cor carmim com polpa comestível; pindaúna, pinha (HOUAISS, 2007).

Pipoca [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Dois Irmãos do Buriti. “*Pipoca*, corr. *py-poca*, a epiderme partida ou estalada; o grão de milho que arrebenta em flor por efeito de torra” (SAMPAIO, 1987, p. 289).

Piqui [tupi; simples]

Nome de um AH: povoado em Sidrolândia; e três AF: uma cabeceira em Iguatemi, uma em Santa Rita do Pardo e um córrego em Sidrolândia. Fruto do pequizeiro, árvore da família das Cariocariáceas, um arbusto que mede de 4-5 m de altura, é esgalhado e o tronco tem de 30 a 40 cm de diâmetro. Os ramos são revestidos de pelos curtos e as folhas, de configuração mais ou menos oval, são aveludadas e macias. O fruto é do tamanho de uma laranja grande, cujo pericarpo é grosso e fibroso e envolve a conhecida e apreciada amêndoa situada na parte central, envolta em numerosos espinhos, sendo estes recobertos por uma substância carnosa, pouco espessa, amarelada, de agradável sabor e muito aromática. Comumente, apenas uma amêndoa é encontrada no interior do fruto; entretanto, às vezes acontece serem encontradas duas. Flores de cor branca, cascas e folhas adstringentes e frutos comestíveis (CRUZ, 1985). “*Piquí*, corr. *py-quí*, a casca áspera, espinhenta. [...] (SAMPAIO, 1987, p. 289). Variante: **Pequi**. Cf. *Pequi*.

Pirizal [tupi+português; simples híbrido]

Nome de cinco AF: uma vazante em Aquidauana, uma lagoa em Bela Vista, um ribeirão e um córrego em Camapuã e uma cabeceira em Jaraguari. Formação de pirizeiros dispostos proximamente entre si. “*Pirí*, o junco, planta aquática de que se fazem esteiras” (SAMPAIO, 1987, p. 292). Cf. *Piri*; *Piripucu*; *Piripucu-açu*.

Piripucu [tupi; simples]

Nome de dois AF: dois rios em Bela Vista. Cf. *Piri*; *Pirizal*; *Piripucu-açu*.

Piripucu-açu [tupi; composto]

Nome de dois AF: dois córregos em Bela Vista. Cf. *Piri*; *Pirizal*; *Piripucu*.

Pita, da [quíchua; simples]

Nome de um AF: um córrego em Inocência. Espécie de planta de folhas mucronadas e flores branco-esverdeadas, com cheiro desagradável, em inflorescência gigantesca, nativa de regiões tropicais das Américas, cultivada como ornamental e para extração de fibras e tanino; gravatá-açu, piteira (HOUAISS, 2007).

Pitangueira [tupi+português; simples híbrido]

Nome de dois AF: um córrego em Bonito e um em Porto Murtinho. Espécie de árvore que produz a pitanga. É um arbusto que, às vezes, se desenvolve sobre a areia das praias do litoral, outras vezes, cresce até 2 m em terrenos argilosos; tem flores brancas, frutos (baga) angulosos vermelhos ou roxo-escuros, bonitos (CORRÊA, 1984). “[...] corr. *piranga*, é o nome da fruta ácida de pele delicada e corada [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Cf. *Pitanguinha*.

Pitanguinha [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Costa Rica. Fruto da pitangueira, que é um arbusto que, às vezes, se desenvolve sobre a areia das praias do litoral, outras vezes, cresce até 2 m em terrenos argilosos; tem flores brancas, frutos (baga) angulosos vermelhos ou roxo-escuros, bonitos (CORRÊA, 1984). “[...] corr. *piranga*, é o nome da fruta ácida de pele delicada e corada [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Cf. *Pitangueira*.

Piúva [tupi; simples]

Nome de um AH: povoado em Sidrolândia; e três AF: duas cabeceiras em Anastácio e uma em Dois Irmãos do Buriti. Piúva, “*ipeúva*, corr. *ipê-yba*, a árvore da casca, a casquenta. Alt. *Ipeiba*, *Ipeúba*, *Peúba*, *Piuva*” (SAMPAIO, 1987, p. 226). Cf. *Ipebun*; *Ipehun*.

Porongo [português; simples]

Nome de dois AF: uma cabeceira em Amambai e uma cabeceira em Iguatemi. Cf. *Cabaça*.

Q

Quebracho [português; simples]

Nome de um AH: uma vila em Anaurilândia; e dois AF: um córrego em Anaurilândia e um em Bataguassu. Espécie vegetal cujo nome designa diversas árvores de madeira muito dura. Denomina uma árvore grande, de até 25 m de altura, que ocorre na Argentina, no Paraguai e no Sul do Brasil, como também denomina um arbusto, de 2 a 3,5 m de altura, que ocorre no Uruguai e no sul do Brasil (CORRÊA, 1984).

Nota: O nome “quebracho”, corruptela do castelhano “quiebra hacha” (quebra machado), é dado a essa espécie de árvore por ser a sua madeira muito dura.

Quiçaça [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Santa Rita do Pardo. Terra árida, ruim, caracterizada, sobretudo, por vegetação xerófila, mato baixo e espinhento, espécie de capoeira de paus tortuosos e ásperos (FERREIRA, 2004).

Quina, da [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Cassilândia. Espécie vegetal - quina, quineira ou quina-verdadeira -, árvore grande da família das rubiáceas cujo nome é dado a diversas plantas, possivelmente por suas propriedades medicinais, semelhantes às das quineiras verdadeiras. Todas as plantas que recebem esse nome são arbustos (CORRÊA, 1984).

Nota: A quina é originária do Peru e da Colômbia e foi introduzida no Brasil há mais de um século; sua cultura foi estimulada pelos poderes públicos, dada a grande importância dessa planta no tratamento da Malária, moléstia que antes da descoberta da América não tinha possibilidade de cura e que, com a quina e seu alcalóide quinino, entrou em fase de erradicação, até então considerada impossível. É da casca da quineira que se extrai o quinino (CORRÊA, 1984).

R

Raiz [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. “Porção do eixo das plantas superiores que cresce para baixo, em geral dentro do solo, e cuja função fundamental é fixar o organismo vegetal e retirar do substrato os nutrientes e a água necessários à vida da planta. Há raízes aquáticas e aéreas, razão por que a raiz se caracteriza melhor pela estrutura” (FERREIRA, 2004).

Ramada [português; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Bonito e um em Nova Andradina. “O conjunto dos ramos de uma planta; ramada, ramagem, ramalheira, ramaria” (FERREIRA, 2004). Variante: *Romado*. Cf. *Romado*.

Ramalhete [português; simples]

Nome de dois AF: um rio e um córrego em Maracaju. “Pequeno molho de flores naturais ou artificiais, em geral harmoniosamente dispostas; ramo, buquê” (FERREIRA, 2004).

Repolho [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Cassilândia. Espécie vegetal, uma variedade de couve que apresenta sobre esta a particularidade de as folhas serem envoltivas ou repolhudas, fechando-se umas sobre as outras com forma conchoidal e apresentando-se, por assim dizer, acaules, ou com os caules curtos, terminando por uma reunião de folhas, “cabeças”, muito encostadas umas às outras, e com os demais caracteres (florais) iguais ao da espécie (CORRÊA, 1984).

Ristinga [português; simples]

Nome de um córrego em Três Lagoas. Restinga, termo usado em todo o Brasil, mas que tem várias acepções. No Rio Grande do Sul, segundo Calage e Romaguera, significa orla de bosque ou mato nas baixadas à beira de arroios ou sangas. No Paraná, segundo Moreira Pinto, é uma estreita e comprida mata que separa dois campos de pastagens (SOUZA, 1961).

Romado [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Aquidauana. “O conjunto dos ramos de uma planta; ramada, ramagem, ramalheira, ramaria” (FERREIRA, 2004). Cf. *Ramada*.

S

Sabina [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Selvíria. Espécie vegetal, sabina-da-praia, da família da pináceas, é um arbusto de casca pardo-avermelhada, râmulos cilíndricos, folhas todas - ou quase todas - em formato de escamas muito pequenas, flores geralmente monóicas, frutos vermelhos e brilhantes quando maduros e sementes muito pequenas, em número de 6-9, angulosas (CORRÊA, 1984).

Salsa [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Pedro Gomes. Espécie vegetal cujo nome é dado a duas plantas: uma popularmente conhecida e apreciada como condimento e outra indígena do Brasil, assim denominadas por ligeira semelhança com a verdadeira salsa, e que fornece madeira para a confecção de pequenos objetos de marcenaria (CORRÊA, 1984).

Samambaia [tupi; simples]

Nome de seis AF: um córrego em Alcinópolis, um rio em Anaurilândia, um em Batayporã, um em Nova Andradina e um córrego e um rio em Ponta Porã. Espécie vegetal por cujo nome, samambaia ou sambambaia, são conhecidas numerosas plantas pteridófitas, pertencentes a diversas famílias botânicas, na maioria ornamentais e por isso cultivadas em jardins, vasos, jardineiras e estufas. Samambaia, corr. *çama-mbaí*, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociaes, invasoras (*Filix herbácea*). No Norte do Brasil a samambaia é uma *Tilandsia*, vulgarmente conhecida por barba de velho, composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1987, p. 302).

Sapé [tupi; simples]

Nome de dezesseis AF: um córrego em Bandeirantes, um córrego em Bataguassu, um córrego em Brasilândia, um córrego em Campo Grande, uma cabeceira em Jaraguari, um córrego em Nova Alvorada do Sul, um córrego em Nova Andradina, uma ilha e dois córregos em Paranaíba, um córrego em Pedro Gomes, um córrego em Ribas do Rio Pardo, um córrego em Rio Brilhante, um córrego em Rio Negro, um córrego em Rochedo e um córrego em Terenos. Espécie de planta da família das gramíneas, é herbácea e o caule mede de 50 a 80 cm de altura; as folhas são longas e lanceoladas, as flores se ajeitam em panículas e o rizoma (raiz, na linguagem vulgar) é carnoso, branco, não muito grosso e apresenta nós em toda sua extensão (CORRÊA, 1984). “*Sapé*, corr. *eçá-pé*, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação” (SAMPAIO, 1987, p. 304). Cf. *Sapé, do*.

Sapé, do [tupi; simples]

Nome de dois AF: uma ilha em Aparecida do Taboado, uma em Chapadão do Sul e um córrego em Coxim. Espécie de planta da família das gramíneas, é herbácea e o caule mede de 50-80 cm de altura; as folhas são longas e lanceoladas, as flores se ajeitam em panículas e o rizoma (raiz, na linguagem vulgar) é carnoso, branco, não muito grosso e apresenta nós em toda sua extensão (CORRÊA, 1984). “*Sapé*, corr. *eçá-pé*, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação” (SAMPAIO, 1987, p. 304). Cf. *Sapé*.

Seriguela [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Iguatemi.

Nota: Quando se busca por seriguela, Houaiss (2007) remete a umbu, “fruto do umbuzeiro (*Spondias purpúrea*); ambu, ciriguela, ciruela, jique, seriguela, taperebá”. “*Imbú*, corr. *y-mb-ú*, a árvore que dá de beber; alusão aos tubérculos grandes desta planta (*Spondias tuberosa*), que, nas raízes segregam água e matam a sede dos viajantes do sertão em tempos de seca. Alt. *Umbú, Ombú, Ambú*. Norte do Brasil” (SAMPAIO, 1987, p. 223).

Sertãozinho [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Pedro Gomes. “Terreno coberto de mato, afastado do litoral” (HOUAISS, 2007).

Sucupira [tupi; simples]

Nome de três AF: um córrego em Água Clara, um em Camapuã e um em Ribas do Rio Pardo. Espécie de árvore da família das leguminosas, de copa ampla e tronco ereto, acontecendo, porém que, às vezes, o tronco se apresenta recurvo. Tem folhas muito pequenas, isentas de qualquer aspereza, flores roxas, em cachos, nascendo na extremidade final dos ramos, fruto do formato de uma vagem, contendo sementes vermelhas marchetadas de negro (CRUZ, 1985). “*Sucupira, sibipira, corr. cibepyra, a alisada, a esfregada; alusão à madeira pesada, rija, que não tende a receber bom polimento [...] Alt. Sepipira, Sipipira, Sapopira, Sucupira, Secupira, Sebipira*” (SAMPAIO, 1987, p. 306).

Nota: A madeira é de grande resistência pela sua dureza, tendo o cerne poroso. A sucupira é originária do Brasil e ocorre em vários pontos do nosso território (CRUZ, 1985).

T

Tabaco [origem incerta; simples]

Nome de três AF: um rio e um córrego em Corguinho e um córrego em Três Lagoas. Espécie vegetal da família das solanáceas, o tabaco (ou fumo) é a matéria-prima utilizada para o fabrico de cigarros, charutos, cigarrilhas, etc. É uma planta cultivada em toda parte e se apresenta em numerosas variedades. As folhas são a parte procurada para o fabrico de charutos, cigarros e congêneres; além disso, as nervuras servem ao preparo da nicotina, para afugentar insetos. As folhas de superior qualidade devem ser lisas, finas e facilmente combustíveis. Além disso, convém que sejam elásticas, aromáticas e de uma cor agradável e igual (CRUZ, 1985).

Nota: “Grande erva de folhas amplas e que possui nicotina, razão por que a infusão das folhas serve para matar parasitos” (FERREIRA, 2004).

Taboca [tupi; simples]

Nome de dez AF: um córrego em Alcinópolis, um em Anaurilândia, um em Bandeirantes, um em Batayporã, um em Corguinho, um em Costa Rica, um morro em Figueirão, um em Nova Andradina, um em Rio Negro e um em Três Lagoas. Espécie de planta brasileira, da família das gramíneas, se apresenta em touceiras, tem raiz tuberculosa, revestida de uma casca fina e delicada com algumas escamas; caule nodoso, oco, da mesma natureza da madeira, isto é, lenhoso, medindo de 1 a 4 cm de circunferência. As folhas mostram-se alternadas e têm o formato de uma espada; as flores se ajuntam, dispondo-se em cachos na ponta dos ramos (CRUZ, 1985). “*Taboca*, corr. *ta-bóca*, a haste furada, o tronco oco, é a gramínea conhecida (bambusa). Alt. *Tapoca*, *Tauoca*, *Tabó*, *Taó*” (SAMPAIO, 1987, p. 312). Cf. *Taboca, da; Tabocas; Tabocas, das; Taboco; Taboquinha; Taboquinho*.

Taboca, da [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Pedro Gomes e um em Sidrolândia. Espécie de planta brasileira, da família das gramíneas, se apresenta em touceiras, tem raiz tuberculosa, revestida de uma casca fina e delicada com algumas escamas; caule nodoso, oco, da mesma natureza da madeira, isto é, lenhoso, medindo de 1 a 4 cm de circunferência. As folhas mostram-se alternadas e têm o formato de uma espada; as flores se ajuntam, dispondo-se em cachos na ponta dos ramos (CRUZ, 1985). “*Taboca*, corr. *ta-bóca*, a haste furada, o tronco oco, é a gramínea conhecida (bambusa). Alt. *Tapoca*, *Tauoca*, *Tabó*, *Taó*” (SAMPAIO, 1987, p. 312). Cf. *Taboca*; *Tabocas*; *Tabocas, das*; *Taboco*; *Taboquinha*; *Taboquinho*.

Tabocas [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. Espécie de planta brasileira, da família das gramíneas, se apresenta em touceiras, tem raiz tuberculosa, revestida de uma casca fina e delicada com algumas escamas; caule nodoso, oco, da mesma natureza da madeira, isto é, lenhoso, medindo de 1 a 4 cm de circunferência. As folhas mostram-se alternadas e têm o formato de uma espada; as flores se ajuntam, dispondo-se em cachos na ponta dos ramos (CRUZ, 1985). “*Taboca*, corr. *ta-bóca*, a haste furada, o tronco oco, é a gramínea conhecida (bambusa). Alt. *Tapoca*, *Tauoca*, *Tabó*, *Taó*” (SAMPAIO, 1987, p. 312). Cf. *Taboca*; *Taboca, da*; *Tabocas, das*; *Taboco*; *Taboquinha*; *Taboquinho*.

Tabocas, das [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Inocência. Espécie de planta brasileira, da família das gramíneas, se apresenta em touceiras, tem raiz tuberculosa, revestida de uma casca fina e delicada com algumas escamas; caule nodoso, oco, da mesma natureza da madeira, isto é, lenhoso, medindo de 1 a 4 cm de circunferência. As folhas mostram-se alternadas e têm o formato de uma espada; as flores se ajuntam, dispondo-se em cachos na ponta dos ramos (CRUZ, 1985). “*Taboca*, corr. *ta-bóca*, a haste furada, o tronco oco, é a gramínea conhecida (bambusa). Alt. *Tapoca*, *Tauoca*, *Tabó*, *Taó*” (SAMPAIO, 1987, p. 312). Cf. *Taboca*; *Taboca, da*; *Tabocas*; *Taboco*; *Taboquinha*; *Taboquinho*.

Taboco [tupi; simples]

Nome de um AH: povoado em Corguinho e dois AF: um rio em Corguinho e um em Dois Irmãos do Buriti. Espécie de planta brasileira, da família das gramíneas, se apresenta em touceiras, tem raiz tuberculosa, revestida de uma casca fina e delicada com algumas escamas; caule nodoso, oco, da mesma natureza da madeira, isto é, lenhoso, medindo de 1 a 4 cm de circunferência. As folhas mostram-se alternadas e têm o formato de uma espada; as flores se ajuntam, dispondo-se em cachos na ponta dos ramos (CRUZ, 1985). Taboco, corruptela de “*Taboca*, corr. *ta-bóca*, a haste furada, o tronco oco, é a gramínea conhecida (bambusa). Alt. *Tapoca*, *Tauoca*, *Tabó*, *Taó*” (SAMPAIO, 1987, p. 312). Cf. *Taboca*; *Taboca, da*; *Tabocas*; *Tabocas, das*; *Taboquinha*; *Taboquinho*.

Taboquinha [tupi+português; simples híbrido]

Nome de três AF: um córrego em Bandeirantes, um em Coxim e um em Figueirão. Espécie de planta brasileira, da família das gramíneas, se apresenta em touceiras, tem raiz tuberculosa, revestida de uma casca fina e delicada com algumas escamas; caule nodoso, oco, da mesma natureza da madeira, isto é, lenhoso, medindo de 1 a 4 cm de circunferência. As folhas mostram-se alternadas e têm o formato de uma espada; as flores se ajuntam, dispondo-se em cachos na ponta dos ramos (CRUZ, 1985). “*Taboca*, corr. *ta-bóca*, a haste furada, o tronco oco, é a gramínea conhecida (bambusa). Alt. *Tapoca*, *Tauoca*, *Tabó*, *Taó*” (SAMPAIO, 1987, p. 312). Cf. *Taboca*; *Taboca, da*; *Tabocas*; *Tabocas, das*; *Taboco*; *Taboquinho*.

Taboquinho [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um morro em Jardim. Espécie de planta brasileira, da família das gramíneas, se apresenta em touceiras, tem raiz tuberculosa, revestida de uma casca fina e delicada com algumas escamas; caule nodoso, oco, da mesma natureza da madeira, isto é, lenhoso, medindo de 1 a 4 cm de circunferência. As folhas mostram-se alternadas e têm o formato de uma espada; as flores se ajuntam, dispondo-se em cachos na ponta dos ramos (CRUZ, 1985). “*Taboca*, corr. *ta-bóca*, a haste furada, o tronco oco, é a gramínea conhecida (bambusa). Alt. *Tapoca*, *Tauoca*, *Tabó*, *Taó*” (SAMPAIO, 1987, p. 312). Cf. *Taboca*; *Taboca, da*; *Tabocas*; *Tabocas, das*; *Taboco*; *Taboquinha*.

Tacuapi [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Iguatemi. Cf. *Tacuapiri*; *Taquaperi*; *Taquapiri*.

Nota: Designativo formado por “*taquara*, corr. *ta-quara*, a haste furada ou oca. Alt. *Taquá*” (SAMPAIO, 1987, p. 319) mais o radical “*piri*, o junco, planta aquática de que se fazem esteiras” (SAMPAIO, 1987, p. 292).

Tacuapiri [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranhos. Variante: *Taquapiri*; *Taquaperi*. Cf. *Tacuapi*; *Taquaperi*; *Taquapiri*.

Nota: Designativo formado por “*taquara*, corr. *ta-quara*, a haste furada ou oca. Alt. *Taquá*” (SAMPAIO, 1987, p. 319) mais o radical “*piri*, o junco, planta aquática de que se fazem esteiras” (SAMPAIO, 1987, p. 292).

Tacuarzinho [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Paranhos. “*Taquari*, corr. *taquar-i*, a cana pequena, ou fina, o taquaril” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Variante: *Taquarzinho*. Cf. *Taquari*; *Taquari, do*; *Taquari Mirim*; *Taquaribe*; *Taquarizinho*.

Taguara [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Laguna Caarapã. Espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas da família das gramíneas, geralmente de caules ocos e todas com numerosas aplicações na indústria caseira rural. Corruptela de “*Taquara*, corr. *ta-quara*, a haste furada ou oca. Alt. *Taquá*” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Variante: *Taquara*. Cf. *Taquara*; *Taquara, da*; *Taquaraçu*; *Taquaral*; *Taquaral, do*; *Taquaralzinho*.

Tamburi [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranaíba. Espécie vegetal, a tamboriúva (ou tamboril) é da família das leguminosas-mimosáceas; árvore que mede de 35-45 m de altura, raminhos ferrugíneo-lenticelosos, folha com 3-5 pares de pinas, legume de 12 cm de diâmetro, mesocarpo mole, alvo, doce (CORRÊA, 1984). “*Tambory*, s. c. *ta-mbo-ry*,

tronco que faz manar, tronco escorrente, ou que deita humor. Alt. *Tamburil*” (SAMPAIO, 1987, p. 314).

Tânico [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Naviraí.

Nota: Diz-se da planta que contém tanino, “ácido encontrado em vegetais e usado especialmente. como mordente em corantes de fotografia, papel, na produção de tintas, bebidas, também como adstringente e no tratamento de queimaduras” (HOUAISS, 2007).

Taquaperi [tupi; composto]

Nome de um AF: um córrego em Coronel Sapucaia. Variantes: *Tacuapiri; Taquapiri*. Cf. *Tacuapi; Tacuapiri; Taquapiri*.

Nota: Designativo formado por “*taquara*, corr. *ta-quara*, a haste furada ou oca. Alt. *Taquá*” (SAMPAIO, 1987, p. 319) mais o radical “*piri*, o junco, planta aquática de que se fazem esteiras” (SAMPAIO, 1987, p. 292).

Taquapiri [tupi; composto]

Nome de um AH: uma vila em Paranhos. Variantes: *Tacuapiri; Taquaperi*. Cf. *Tacuapi; Tacuapiri; Taquaperi*.

Nota: Designativo formado por “*taquara*, corr. *ta-quara*, a haste furada ou oca. Alt. *Taquá*” (SAMPAIO, 1987, p. 319) mais o radical “*piri*, o junco, planta aquática de que se fazem esteiras” (SAMPAIO, 1987, p. 292).

Taquara [tupi; simples]

Nome de cinco AF: um córrego em Antônio João, um em Caarapó, um em Dourados, um em Itaporã e um rio em Juti. Espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas da família das gramíneas, geralmente de caules ocos e todas com numerosas aplicações na indústria caseira rural. “*Taquara*, corr. *ta-quara*, a haste furada ou oca. Alt. *Taquá*” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Variante: *Taguara*. Cf. *Taquara, da; Tacuarizinho; Taguara; Taquara, da; Taquaraçu; Taquaral; Taquaral, do; Taquaralzinho*.

Taquara, da [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Água Clara. Espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas da família das gramíneas, geralmente de caules ocos e todas com numerosas aplicações na indústria caseira rural. “*Taquara*, corr. *ta-quara*, a haste furada ou oca. Alt. *Taquá*” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Cf. *Tacuarizinho; Taquara; Taguara; Taquaral; Taquaraçu/ Taquaral, do; Taquaralzinho*.

Taquaraçu [tupi; simples]

Nome de três AF: um ribeirão em Anastácio, um córrego em Aquidauana e um em Corumbá. Espécie vegetal cujo nome é dado a uma planta da família das gramíneas, de colmo de 6-9 m de altura e 10-15 cm de diâmetro, fistuloso, cilíndrico, bainha estreitada, face superior subcarenada, fimbriada com lígulas papiráceas, limbo da folha subcuneado de base oblonga acuminada, face superior lisa, inferior áspera (CORRÊA, 1984). “*Taquaruçú*, corr. *taquar-uçú*, a cana grande, a taquara grossa, bambu” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Variantes: *Taquarussu; Taquaruçu*. Cf. *Tacuarizinho; Taguara; Taquara; Taquara, da; Taquaral; Taquaral, do; Taquaralzinho*.

Taquaral [tupi+português; simples híbrido]

Nome de dez AF: um córrego em Aquidauana, um em Anastácio, um em Bodoquena, um em Bonito, um em Corumbá, um em Dourados, um em Miranda, um córrego e uma cabeceira em Nioaque e um rio em Porto Murtinho. Formação de taquaras dispostas proximamente entre si. Taquara é uma espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas da família das gramíneas, geralmente de caules ocos e todas com numerosas aplicações na indústria caseira rural. “*Taquara*, corr. *ta-quara*, a haste furada ou oca. Alt. *Taquá*” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Cf. *Tacuarizinho; Taguara; Taquara; Taquara, da; Taquaraçu; Taquaral, do; Taquaralzinho*.

Taquaral, do [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: uma cabeceira em Nioaque. Formação de taquaras dispostas proximamente entre si. Taquara é uma espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas da família das gramíneas, geralmente de caules ocos e todas com numerosas

aplicações na indústria caseira rural. “*Taquara*, corr. *ta-quara*, a haste furada ou oca. Alt. *Taquá*” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Cf. *Tacuarizinho*; *Taguara*; *Taquara*; *Taquara, da*; *Taquaraçu*; *Taquaral*; *Taquaralzinho*.

Taquaralzinho [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Bonito. Formação de taquaras dispostas proximamente entre si. *Taquara* é uma espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas da família das gramíneas, geralmente de caules ocos e todas com numerosas aplicações na indústria caseira rural. “*Taquara*, corr. *ta-quara*, a haste furada ou oca. Alt. *Taquá*” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Cf. *Tacuarizinho*; *Taguara*; *Taquara*; *Taquara, da*; *Taquaraçu*; *Taquaral*; *Taquaral, do*.

Taquari [tupi; simples]

Nome de um AH: distrito em Coxim; e dez AF: um rio em Alcinópolis, um córrego em Aquidauana, um rio em Anaurilândia, um córrego em Bataguassu, um rio em Brasilândia, um em Corumbá, uma serra em Costa Rica, um rio em Coxim, um córrego em Rio Brillhante e um rio em Rio Verde de Mato Grosso. Espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas: uma árvore de 6-7,5 m de altura e dois colmos – um de 9-12 m de altura e o outro de 15-18 m de altura. Os colmos são conhecidos, também, por *taquara* (CORRÊA, 1984). “*Taquari*, corr. *taquar-i*, a cana pequena, ou fina, o taquaril” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Cf. *Taquari, do*; *Taquaribe*; *Taquari Mirim*; *Taquarizinho*.

Taquari, do [tupi; simples]

Nome de um AF: uma serra em Alcinópolis. Espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas: uma árvore de 6-7,5 m de altura e dois colmos – um de 9-12 m de altura e o outro de 15-18 m de altura. Os colmos são conhecidos, também, por *taquara* (CORRÊA, 1984). “*Taquari*, corr. *taquar-i*, a cana pequena, ou fina, o taquaril” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Cf. *Taquari*; *Taquaribe*; *Taquari Mirim*; *Taquarizinho*.

Taquaribe [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Amambai. Espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas: uma árvore de 6-7,5 m de altura e dois colmos – um de 9-12 m de altura e o outro de 15-18 m de altura. Os colmos são conhecidos, também, por *taquara*

(CORRÊA, 1984). “*Taquari*, corr. *taquar-i*, a cana pequena, ou fina, o taquaril” (SAMPÁIO, 1987, p. 319). Cf. *Taquari*; *Taquari, do*; *Taquari Mirim*; *Taquarizinho*.

Taquari Mirim [tupi; composto]

Nome de um AF: um rio em São Gabriel do Oeste. Espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas: uma árvore de 6-7,5 m de altura e dois colmos – um de 9-12 m de altura e o outro de 15-18 m de altura. Os colmos são conhecidos, também, por taquara (CORRÊA, 1984). “*Taquari*, corr. *taquar-i*, a cana pequena, ou fina, o taquaril” (SAMPÁIO, 1987, p. 319). Cf. *Taquari*; *Taquari, do*; *Taquaribe*; *Taquarizinho*.

Taquarizinho [tupi+português; simples híbrido]

Nome de três AF: um ribeirão em Alcinópolis, um em Costa Rica e um rio em Rio Verde de Mato Grosso. Espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas: uma árvore de 6-7,5 m de altura e dois colmos – um de 9-12 m de altura e o outro de 15-18 m de altura. Os colmos são conhecidos, também, por taquara (CORRÊA, 1984). “*Taquari*, corr. *taquar-i*, a cana pequena, ou fina, o taquaril” (SAMPÁIO, 1987, p. 319). Variante: *Tacuarizinho* CF. *Tacuarizinho*; *Taquari*; *Taquari, do*; *Taquari Mirim*; *Taquaribe*.

Taquaruçu [tupi; simples]

Nome de doze AF: dois córregos em Bela Vista, um em Brasilândia, um em Camapuã, um em Jaraguari, um riacho em Maracaju, um ribeirão em Nioaque, dois córregos em Porto Murtinho, um em Sete Quedas, uma cabeceira em Sidrolândia e um córrego em Tacuru. Espécie vegetal da família das gramíneas, colmo arborescente com ramos tênues, gemiculados, raminhos fasciculados ternados ou quaternados, patentes ou recurvados; lâminas subsésseis, largo-lanceoladas ou ovais-lanceoladas, glabras, ápice acuminado, base cuneada, margem áspera (CORRÊA, 1984). “*Taquaruçú*, corr. *taquaruçú*, a cana grande, a taquara grossa, bambu” (SAMPÁIO, 1987, p. 319). Variantes: *Taquarussu*; *Taquaraçu*. Cf. *Taquarussu*; *Taquaraçu*; *Taquarussu 2*.

Taquarussu [tupi; simples]

Nome de um AH: município, Taquarussu e nove AF: um ribeirão em Anastácio, um córrego em Bodoquena, um em Bonito, dois córregos e um ribeirão em Nioaque, um

córrego em Nova Alvorada do Sul, um em Maracaju e um rio em Santa Rita do Pardo. Espécie vegetal da família das gramíneas, colmo arborescente com ramos tênues, gemiculados, raminhos fasciculados ternados ou quaternados, patentes ou recurvados; lâminas subsésseis, largo-lanceoladas ou ovais-lanceoladas, glabras, ápice acuminado, base cuneada, margem áspera (CORRÊA, 1984). “*Taquaruçú*, corr. *taquar-uçú*, a cana grande, a taquara grossa, bambu” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Variantes: ***Taquarussu 2***; ***Taquaruçu***; ***Taquaraçu***. Cf. *Taquarussu 2*; *Taquaruçu*; *Taquaraçu*.

Nota: Tavares (2004, p, 95) informa que o nome Taquarussu teria sido atribuído ao município em decorrência da existência abundante de uma das variedades da família dos bambus, conhecida como *taboca* ou *taquarussu*, que havia nas matas do município, mais precisamente onde se localiza a sede.

Taquarussu 2 [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Bonito. Espécie vegetal da família das gramíneas, colmo arborescente com ramos tênues, gemiculados, raminhos fasciculados ternados ou quaternados, patentes ou recurvados; lâminas subsésseis, largo-lanceoladas ou ovais-lanceoladas, glabras, ápice acuminado, base cuneada, margem áspera (CORRÊA, 1984). “*Taquaruçú*, corr. *taquar-uçú*, a cana grande, a taquara grossa, bambu” (SAMPAIO, 1987, p. 319). Cf. *Taquaraçu*; *Taquarussu*; *Taquaruçu*.

Tarumã [tupi; simples]

Nome de doze AF: um córrego em Alcínópolis, um em Aquidauana, um em Bonito, um córrego e uma vazante em Corumbá, um córrego em Eldorado, um rio em Guia Lopes da Laguna, um córrego em Iguatemi, um rio em Maracaju, um córrego em Mundo Novo, um em Nioaque e um morro em Porto Murtinho. Espécie de árvore que oferece madeira para a construção civil, obras hidráulicas e expostas (lugares úmidos). Os frutos, mucilaginosos e peitorais, são comestíveis e fornecem óleo medicinal (CORRÊA, 1984). “*Tarumã*, planta da família das verbenáceas [...]” (TIBIRIÇA, 1984). Variantes: ***Taruman***; ***Turumã***. Cf. *Taruman*; *Turumã*.

Taruman [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Iguatemi. Espécie de árvore que oferece madeira para a construção civil, obras hidráulicas e expostas (lugares úmidos). Os frutos,

mucilaginosos e peitorais, são comestíveis e fornecem óleo medicinal (CORRÊA, 1984). “*Tarumã*, planta da família das verbenáceas [...]” (TIBIRIÇA, 1984). Variantes: **Tarumã**; **Turumã**. Cf. *Tarumã*; *Turumã*.

Tataré [guarani; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Laguna Caarapã e um em Ponta Porã. “Tatarê, cambará, pau-de-ferro, árvore frondosa, sua madeira é empregada na construção” (ASSIS, 2008). Variante: **Tatarém**. Cf. *Tatarém*.

Tatarém [guarani; simples]

Nome de dois AF: uma cabeceira em Laguna Caarapã. “Tatarê, cambará, pau-de-ferro, árvore frondosa, sua madeira é empregada na construção” (ASSIS, 2008). Variante: **Tataré**. Cf. *Tataré*.

Timbaúva [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Paranhos. “*Timbauba*, corr. *timbó-yba*, a árvore de espuma. O fruto desta planta, quando tratado com água, dá espuma. Alt. *Timboiba*, *Timboúba*” (SAMPAIO, 1987, p. 324). Variante: **Timbauva**. Cf. *Timbauva*; *Ximbuíva*, *da*.

Timbauva [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Tacuru. “*Timbauba*, corr. *timbó-yba*, a árvore de espuma. O fruto desta planta, quando tratado com água, dá espuma. Alt. *Timboiba*, *Timboúba*” (SAMPAIO, 1987, p. 324). Variante: **Timbaúva**. Cf. *Timbaúva*; *Ximbuíva*, *da*.

Tocos [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Campo Grande. “Parte do tronco vegetal que permanece ligada à terra depois de cortada a árvore” (FERREIRA, 2004). Cf. *Toco Seco*

Toco Seco [português; composto]

Nome de um AF: um córrego em Juti. “Parte do tronco vegetal que permanece ligada à terra depois de cortada a árvore” (FERREIRA, 2004) Cf. *Tocos*

Tuna [português; simples]

Nome de quatro AF: um córrego em Caracol, um em Iguatemi, um em Itaquiraí e um Naviraí. Espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas da família das cactáceas. Umas apresentando-se com árvores de 6-8 m de altura, e outras de 2-3,5 m de altura. Algumas espécies produzem frutos comestíveis; outras podem ser usadas como cercas vivas e serem aproveitadas como forrageira no tempo de escassez (CORRÊA, 1984). Variante: **Tuná**. Cf. *Tuná*.

Tuná [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Porto Murtinho. Espécie vegetal cujo nome é dado a diversas plantas da família das cactáceas. Umas apresentando-se com árvores de 6-8 m de altura, e outras de 2-3,5 m de altura. Algumas espécies produzem frutos comestíveis; outras podem ser usadas como cercas vivas e serem aproveitadas como forrageira no tempo de escassez (CORRÊA, 1984). Variante: **Tuna**. Cf. *Tuna*.

Turumã [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Naviraí. Espécie de árvore que oferece madeira para a construção civil, obras hidráulicas e expostas (lugares úmidos). Os frutos, mucilaginosos e peitorais, são comestíveis e fornecem óleo medicinal (CORRÊA, 1984). “*Tarumã*, planta da família das verbenáceas [...]” (TIBIRIÇA, 1984). Variante: **Tarumã; Taruman**. Cf. *Tarumã; Taruman*.

U

Umbaúba [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Água Clara. Espécie vegetal cujo nome é comum às espécies da família das moráceas, todas arbóreas, pertencentes ao gênero *Cecropia*, sendo que o número de espécies conhecidas para a nossa flora vai a mais de cinquenta. São plantas típicas de formações higrófilas, em matas úmidas ou ciliares. As plantas desse gênero são todas árvores que podem variar entre 8 a 25 m de altura, mais ou menos. Todas as espécies têm caule e ramos fistulosos; as folhas são de tal maneira ásperas que se empregam à guisa de polir madeira; a casca é aproveitada na indústria do curtume; os troncos são empregados na construção naval; o fruto, segundo Hoehne, é comestível, semelhante ao figo (CORRÊA, 1984). “*Embaúba*, corr. *emba-yba*, a árvore de oco ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. É a árvore da mata, vulgarmente chamada *Imbaúba* [...]. Alt. *Ambahiba*, *Embahyba*, *Embahuba*, *Imbahyba*, *Umbahuba* (SAMPAIO, 1987, p. 197). Variantes: ***Embaúba***; ***Imbaúba*** Cf. *Embaúba*; *Imbaúba*.

Urucuiano [tupi+português; simples híbrido]

Nome de um AF: um córrego em Água Clara. “*Urucu*, o vermelhidão, a planta que o produz (SAMPAIO, 1987, p. 338) Cf. *Urucum*.

Urucum [tupi; simples]

Nome de um AH: um povoado em Corumbá; e de um AF: um córrego em Ladário. Espécie vegetal, o urucum (ou urucu) é árvore de pouca elevação, ou arbusto, de 4-6 m de altura, tronco direito, folhas pecioladas, pontiagudas, alternadas, lisas e brilhantes; flores grandes, vermelhas, brancas, róseas, em panículas. O fruto é uma grande cápsula, cônica, revestida de espinhos, a qual guarda em seu interior muitas sementes de cor rubra, que, por tradição, tem larga aplicação em nossa terra como condimento culinário

(CRUZ, 1985). “*Urucu*, o vermelhidão, a planta que o produz (SAMPAIO, 1987, p. 338). Cf. *Urucuiano*; *Urucum, do*.

Urucum, do [tupi; simples]

Nome de um AF: uma morraria em Ladário. Espécie vegetal, o urucum (ou urucu) é árvore de pouca elevação, ou arbusto, de 4-6 m de altura, tronco direito, folhas pecioladas, pontiagudas, alternadas, lisas e brilhantes; flores grandes, vermelhas, brancas, róseas, em panículas. O fruto é uma grande cápsula, cônica, revestida de espinhos, a qual guarda em seu interior muitas sementes de cor rubra, que, por tradição, tem larga aplicação em nossa terra como condimento culinário (CRUZ, 1985). “*Urucu*, o vermelhidão, a planta que o produz (SAMPAIO, 1987, p. 338). Cf. *Urucuiano*; *Urucum*.

Urumbeba [tupi; simples]

Nome de dois AF: um córrego em Maracaju e um em Nioaque. Espécie vegetal da família das cactáceas, caule com até 12 m de altura, 50 cm de diâmetro, em forma de candelabro, com dois ou mais ramos laterais, com até 24 arestas, flores de 10-12 cm de comprimento, fruto baga vermelha ou purpúrea comestível. É uma das mais belas cactáceas, principalmente por seu porte [alcança, às vezes, 17 m] (Corrêa, 1984). “*Urumbeba*, corr. *ymira-mbeba*, alterado para *ur-mbeba*, a madeira chata, ou em forma de espátula; o cardo de folhas grossas, chatas, onde se cria a cochonilha” (SAMPAIO, 1987, p. 339). Variantes: *Urumbeva*; *Urumbela*. Cf. *Urumbeva*; *Urumbela*.

Urumbela [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Anastácio. Espécie vegetal da família das cactáceas, caule com até 12 m de altura, 50 cm de diâmetro, em forma de candelabro, com dois ou mais ramos laterais, com até 24 arestas, flores de 10-12 cm de comprimento, fruto baga vermelha ou purpúrea comestível. É uma das mais belas cactáceas, principalmente por seu porte [alcança, às vezes, 17 m] (Corrêa, 1984). “*Urumbeba*, corr. *ymira-mbeba*, alterado para *ur-mbeba*, a madeira chata, ou em forma de espátula; o cardo de folhas grossas, chatas, onde se cria a cochonilha” (SAMPAIO, 1987, p. 339). Variantes: *Urumbeba*; *Urumbeva*. Cf. *Urumbeba*; *Urumbeva*.

Urumbeva [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Nioaque. Espécie vegetal da família das cactáceas, caule com até 12 m de altura, 50 cm de diâmetro, em forma de candelabro, com dois ou mais ramos laterais, com até 24 arestas, flores de 10-12 cm de comprimento, fruto baga vermelha ou purpúrea comestível. É uma das mais belas cactáceas, principalmente por seu porte [alcança, às vezes, 17 m] (Corrêa, 1984). “*Urumbeba*, corr. *ymira-mbeba*, alterado para *ur-mbeba*, a madeira chata, ou em forma de espátula; o cardo de folhas grossas, chatas, onde se cria a cochonilha” (SAMPAIO, 1987, p. 339). Variantes: ***Urumbeba; Urumbela***. Cf. *Urumbeba; Urumbela*.

V

Vareta [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Três Lagoas. Vara pequena.

Vassourão [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Costa Rica. Espécie de arbusto viloso e ramoso, folhas agudas e serradas, flores axilares, preto-olivácea (CORRÊA, 1984).

Nota: É a planta que fornece material para o fabrico de vassouras “caipiras”. É planta que prefere os lugares cultivados e as margens das estradas. Tem muitas variedades. (CORRÊA, 1984).

Veludo [português; simples]

Nome de um AF: um ribeirão em Paranaíba. Espécie vegetal da família da rubiáceas, árvore ou arbusto de 1,8-9 m de altura, folhas longo-pecioladas, face interior pilosa, cimeiras longo-pedunculadas com cerca de 14-20 flores, brácteas-lanceoladas, drupa elipsóide de 7-8 mm de comprimento e 4-5 de largura. (CORRÊA, 1984). Cf. *Veludinho*.

Veludinho [português; simples]

Nome de um AF: um ribeirão em Paranaíba. Espécie vegetal cujo nome é dado a duas plantas da família das rubiáceas: arbusto com até 2 m de altura, com espinhos nos ápices, folhas opostas, estipuladas e agudas, flores pálidas, dispostas em cimeiras, fruto drupa pequeno, elipsóide; e a outra tem ramos inermes, alvo-lenticelados e cimeiras com cerca de 14-20 flores. (CORRÊA, 1984). Cf. *Veludo*.

Violeta [português; simples]

Nome de um AF: um córrego em Rio Brilhante. Espécie vegetal cujo nome é dado a duas plantas da família das violáceas: 1. planta vivaz, caules folhosos desde a base, folhas inferiores arredondadas e as outras ovais; flores azuis, grandes, longamente pedunculadas. 2. planta herbácea, acaule; folhas ovais-cordiformes; flores de um violáceo escuro, raramente lilases ou brancas, grandes, muito cheirosas (CORRÊA, 1984).

X

Xexim [tupi; simples]

Nome de um AF: um córrego em Naviraí. “Xanchim, corr. *chan-chin*, ou *çam-ci*, a corda lisa, a fibra macia [...] (SAMPAIO, 1987, p. 345).

Ximbuíva, da [tupi; simples]

Nome de um AF: uma cabeceira em Nioaque. Espécie vegetal, a ximbuíva (ou timbouíva) é uma árvore que atinge até 35 m (*Enterolobium timbouva*) da família das leguminosas, subfamília mimosoídea, nativa do Brasil (BA até RS), de madeira útil, folhas bipenadas, flores brancas e frutos coriáceos pretos, que encerram saponina e têm a forma de uma orelha humana [...] [sin.: fava-de-rosca, jacaré, orelha-de-negro, orelha-de-preto, pau-de-sabão, pau-sabão, sombreiro, tambor, tambori, tamboril, tamboriúva, tamburé, timbaúba, timbaúva, timbuva, ximbó, ximbiúva, ximbuíva (HOUAISS, 2007). “Timbauba, corr. *timbó-yba*, a árvore de espuma. O fruto dessa planta, quando tratado com água, dá espuma. Alt. *Timbolba*, *Timbouba*. (SAMPAIO, 1987, p. 324). Cf. *Timbaúva*; *Timbauva*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que esta pesquisa teve como propósito analisar os *fitotopônimos sul-mato-grossenses*, dispensando a eles um tratamento lexicográfico, acreditamos que os resultados alcançados fornecem um panorama da contribuição das pesquisas toponímicas para o conhecimento da realidade linguística e cultural do Estado de Mato Grosso do Sul. Pudemos verificar, por exemplo, a grande ocorrência de estratos linguísticos indígenas inscritos na fitotoponímia estudada, uma vez que dos 1.017 nomes catalogados para a pesquisa, 439 formam o *Glossário* e, desses, 168 são de base tupi e/ou guarani. Marcados pela presença de um item lexical de base indígena em sua formação, foram documentadas as seguintes estruturas, assim distribuídas em termos de produtividade de topônimos: nomes tupi+português (54); português+guarani (05); tupi+guarani (05); guarani+português (01) e guarani+tupi (01). Um particular observado no âmbito dos *fitotopônimos* indígenas foi o fato de os nomes de base linguística guarani ocorrerem, com maior frequência, em municípios como Ponta Porã, Amambai e Laguna Caarapã, localizados em região fronteiriça com o Paraguai, país que tem duas línguas oficiais: o guarani e o espanhol. Esse fenômeno evidencia um aspecto da realidade etnolinguística do Estado de Mato Grosso do Sul, que, além de fazer fronteira com um país oficialmente bilíngue, abriga a segunda maior população indígena do Brasil.

O produto deste estudo ratifica, pois, a importância da toponímia como registro da contribuição indígena na nomenclatura dos acidentes geográficos, o que nos motiva a recuperar o excerto citado por Gregório (1980), que se reporta ao papel da toponímia como veículo de perpetuação e difusão da herança indígena, especialmente a tupi, na designação dos espaços geográficos:

Que resta hoje da Nação Tupi? Os nomes dos rios e das montanhas, os apelidos das madeiras e das flores, as lendas selvagens da Pátria, e esta vaga tristeza, que às vezes nos avassala, como uma saudade incomparável, um senso esquisito de vida!... (SALGADO *apud* GREGÓRIO, 1980, p. 186).

Vale assinalar ainda que, confirmando a tendência geral da toponímia brasileira, predominaram entre os *fitotopônimos* analisados neste trabalho os de base portuguesa, totalizando 192 verbetes do *Glossário*. Ademais, também foram detectados casos de fitotopônimos oriundos de outros estratos linguísticos, mas com

baixo nível de produtividade: quíchua (04); africana (02); espanhola (02); latim (02). Foram apurados, ainda, 03 nomes de origem incerta, um deles oriundo de um termo bastante disseminado na língua portuguesa: *tabaco*.

Destaca-se, ainda, como produto desta pesquisa a confirmação da relação entre a natureza dos fitotopônimos e as formações vegetais de Mato Grosso do Sul – *floresta tropical, cerrado, campos limpos, complexo do Pantanal* –, haja vista a predominância de nomes de plantas características dessas formações, no universo toponímico analisado. Os nomes mais produtivos na *fitotoponímia* sul-mato-grossense foram **Buriti** (42); **Taquaruçu** (26); **Mimoso** (22); **Pindaíba** (21) e **Sapé** (19). Na sequência situam-se: **Coqueiro** (17), **Jatobá** (16), **Cedro** (15), **Indaiá** (15), **Bálsamo** (15), **Limeira** (15), **Taboca** (14), **Tarumã** (14), **Figueira** (11), **Amambai** (10), **Guariroba** (10) e **Laranjeira** (10).

Outro aspecto a ser assinalado acerca da macroestrutura do *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses* é a similaridade entre a sua nomenclatura e a dos dicionários gerais da língua portuguesa, no que tange à distribuição dos verbetes, segundo as letras do alfabeto, considerando-se que algumas são mais produtivas que outras no conjunto dos verbetes. No entanto, diferentemente dos dicionários de uso da língua, o Glossário apresentado neste estudo não contém verbetes nas letras **D** e **Z**. Foi registrada maior produtividade de verbetes iniciados com as letras **C** (81 fitotopônimos), **P** (53 fitotopônimos), **M** (49 fitotopônimos), **T** (41 fitotopônimos) e **B** (32 fitotopônimos).

Esse dado ratifica a importância e pertinência do estudo do nome próprio de lugar, no âmbito da Lexicologia, concebendo-se o topônimo como um signo linguístico enriquecido, que, oriundo em sua grande maioria do vocabulário comum da língua, é investido do estatuto de nome próprio no ato da nomeação do lugar.

Cabe registrar ainda a expectativa de que o produto final deste estudo – *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses* – possa ter trazido uma contribuição não só para os estudos lexicográficos de natureza onomástica (toponímia), como também para a divulgação da toponímia sul-mato-grossense e, conseqüentemente, da sua relação com aspectos linguísticos, histórico-culturais e físicos do Estado de Mato Grosso do Sul, tornando-se fonte de consulta, tanto para estudiosos interessados na área, como para o público não especialista, incluindo docentes e estudantes da Educação Básica e do Ensino Médio.

Esperamos, também, que o produto desta pesquisa possa somar-se aos resultados de natureza lexicográfica empreendidos pelo Projeto ATEMS, a exemplo do realizado por Castiglioni (2008), além de motivar a realização de outras investigações, já que novos estudos na área fazem-se necessários, na busca de novas descobertas sobre a realidade toponímica de Mato Grosso do Sul e, por extensão, acerca da história, da cultura, das crenças e dos costumes que permeiam a formação cultural e linguística dos sul-mato-grossenses, marcas essas, direta ou indiretamente, inscritas no universo toponímico.

Em síntese, o estudo demonstrou a estreita relação entre a fitogeografia e a fitotoponímia sul-mato-grossense, à medida que evidenciou a influência da riqueza florística do Estado de Mato Grosso do Sul na nominação dos acidentes geográficos, dado que nos reporta, agora em caráter de conclusão, à Epígrafe eleita para abrir esta Dissertação “Só a natureza é divina [...] se falo dela como de um ente. É que para falar dela *preciso usar da linguagem dos homens. Que dá personalidade às coisas, E impõe nome às coisas*” (Fernando Pessoa). (grifo nosso)

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Filologia e o estudo do léxico. In: *Campos lexicais no Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*. Salvador: UFBA, 2003.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Taxionomia de topônimos: problema sem solução? In: *SIGNUM: Estudos de Linguagens/Centro de Letras e Ciências Humanas* – Universidade Estadual de Londrina – nº 2 (1999). Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 125 – 137.
- ALMEIDA, Maria Antonieta Carbonari de. O signo toponímico e a sua significação na sociedade. In: *Anais do I SELISIGNO – Seminário de Estudos sobre Linguagens e Significação: Texto e Imagem*. Londrina - PR: Ed. UEL, 2000. p. 11 – 19.
- ANDRADE, Maria Margarida. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri e OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires (orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª ed. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2001. p. 191 – 200.
- ASSIS, Cecy Fernandes de. *Dicionário Guarani-Português/Português-Guarani*. São Paulo: Edição da Autora, 2008.
- AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores. La lexicografía como disciplina lingüística. In: GUERRA, Antonia Mª Medina (coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel, 2003, p. 31 – 52.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1989.
- BASSETO, Bruno Fregni. *As vertentes greco-latinas de nossa nomenclatura gramatical*. VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Copyright © Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viicnlf/resumo/091.htm> Acesso em 20/02/2002
- BENVENISTE, Émile. *Problemas da Linguística Geral*. São Paulo – SP: Ed. Nacional e Ed. USP, 1976.
- BEVILACQUA, Cleci Regina e FINATTO, Maria José Bocorny. *Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais*. São Paulo: Alfa, 2006, p. 43-54

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981. p. 131 – 145.

_____. A ciência da lexicografia. In: *ALFA: Revista de Linguística*. Vol. 28 São Paulo: Editora da UNESP, 1984. p. 01 – 26.

_____. O dicionário como norma na sociedade. In: *Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Vol. 1. Recife – PE: Editora Universitária UFPE, 1997. p. 161 – 180.

_____. Dimensões da palavra, In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, nº 2, 1998a, p. 81-118.

_____. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri e OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires (orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 1998b, p. 11 – 20.

_____. Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida. *A Delimitação das Unidades Lexicais*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 81 – 97.

_____. Aurélio: sinônimo de dicionário? In: *ALFA – Revista de Linguística*. São Paulo – SP: Editora da UNESP, 2000, p. 27 – 55.

_____. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª ed. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires e ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2001b, p. 131 – 144.

_____. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: HORTA, José Nunes. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Pontes, 2002, p. 65 – 82.

BUENO, Silveira. *Vocabulário tupi-guarani-português*. 7ª ed. São Paulo: Vidalivros, 2008.

CAMPESTRINI, Hildebrando. *A criação de Mato Grosso do Sul*. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. 19/12/2007 Disponível em

<http://www.ihgms.com.br/artigos/artigos> Acesso em 27/02/2010

_____. *Trapalhadas políticas comprometeram crescimento de MS*. (Entrevista) CaarapoNews. 11/10/2009. Disponível em <http://www.caaraponews.com.br/entrevistas> Acesso em 19/03/2010.

CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia Brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997

CASTIGLIONI, Ana Cláudia. *Glossário de topônimos do bolsão sul-mato-grossense*. Campo Grande – MS: UFMS, 2008. 279 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2008.

CAZAROTTO, Suely Aparecida; ISQUERDO, Aparecida Negri. *A fitotoponímia no Mato Grosso do Sul: um estudo nas microrregiões de Iguatemi e Nova Andradina*. Artigo apresentado durante o IV Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste: Desafios Contemporâneos. UFMT/Cuiabá (MT), 07/11/2008.

_____. *A fitotoponímia no Mato Grosso do Sul – Microrregião de Dourados: um estudo preliminar*. Artigo apresentado durante o 57º Seminário do GEL. UNAERP/Ribeirão Preto (SP), 08/07/2009.

_____. *O tupi na (fito)toponímia da região Centro-Norte de Mato Grosso do Sul: uma consideração*. Artigo apresentado durante o I Encontro Local do Grupo de Estudo de Linguagem do Centro-Oeste – GELCO/UFMG. UFGD/Dourados (MS), 06/11/2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48ª ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CORRÊA, Manuel Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, 1984.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral* Tradução de Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CRUZ, G. L. *Diccionario das plantas úteis do Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício; ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia do Bolsão sul-mato-grossense e a questão dos estratos linguísticos formadores dos topônimos. In: *Revista Estudos Linguísticos* - XXXIV, 2005, p. 310-315.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *O problema das taxonomias toponímicas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1975, p. 373 – 380.

_____. *O sistema toponímico brasileiro*. Separata da Revista Língua e Literatura, nº 5. São Paulo: FFLCH/USP, 1976, p. 311 – 320.

_____. *Características do signo toponímico*. Separata da Revista Língua e Literatura, nº 9. São Paulo: FFLCH/USP, 1980. p. 287 -293.

_____. *Aspectos históricos de microtoponímia no Brasil*. Separata da Revista de História nº 116. janeiro-junho. São Paulo, 1984, p. 43 – 54.

_____. *Toponímia brasileira: os estudos que faltam*. D. O. Leitura. São Paulo: jul. 1986 p. 12 – 13.

_____. Toponímia e Cultura. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* nº 27. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP 1987 p. 93-101.

_____. Toponímia e Imigração no Brasil. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* vol. 29. São Paulo: Publicações do Instituto de Estudos Brasileiros, 1988 p. 83 – 92.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990a.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil* Coletânea de Estudos. 2ª ed. São Paulo, 1990b.

_____. A documentação em toponímia. In: *SBPC – Ciência e Cultura* vol. 43 nº 7. São Paulo: julho de 1991 p.44 – 51.

_____. O documento toponímico e sua representação funcional. In: *Estudos Linguísticos XXI - Anais de Seminários do GEL*. vol. I – Trabalhos apresentados no XXXIX seminário (Franca – SP). Jaú – SP: GEL, 1992, p. 305 – 312.

_____. Tratamento lexicográfico toponímico do Estado de São Paulo. In: *Estudos Linguísticos XXII – Anais de Seminários do GEL* vol. I – Trabalhos apresentados no XL seminário (Jahu – SP). Ribeirão Preto: GEL, 1993, p. 675 – 678.

_____. O léxico toponímico: marcadores e recorrências linguísticas (Um estudo de caso: a toponímia do Maranhão). In: *Revista Brasileira de Linguística*, vol. 8. nº 1. São Paulo: Editora Plêiade, 1995, p. 59 – 67.

_____. Adstratos tupis na onomástica brasileira: um estudo de caso. In: *Actas del X Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina. Veracruz, México, del 11 al 16 de abril de 1993*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1996a, p. 811 – 815.

_____. Atlas Toponímico: um estudo dialetológico. In: *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*. Las Palmas de Gran Canaria, del 22 al 27 de julio de 1996. Tomo III. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria Servicio de Publicaciones/Librería NOGAL, 1996b, p. 2.389 – 2.396.

_____. Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (org.). *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte – MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 92 – 117.

_____. *Aspectos de Etnolinguística: a Toponímia Carioca e Paulistana - Contrastes e Contornos*. Disponível em http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_123-141.html Acesso em 29/12/2009.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição do Bororo à toponímia brasílica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1965.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

EITEN, George. *Classificação da vegetação do Brasil*. Brasília: CNPq/Coordenação Editorial, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI – Versão 3* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FRANCISQUINI, Ignez de Abreu. *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí*. Londrina – PR: UEL, 1998. Dissertação

(Mestrado) 255 páginas. Centro de Letras e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Londrina, 1998.

GOMARIZ, Pancrácio Celdran. *Diccionario de toponimos españoles y sus gentilícios*. Madrid: Editora Espasa Calpe S.A, 2002.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. vol. I Juiz de Fora - MG: ENDOVA – Empresa Gráfica Ltda, 1980.

GRESSLER, Lori Alice; SWENSSON, Lauro Joppert. *Aspectos Históricos do Povoamento e da Colonização de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao município de Dourados*. Campo Grande – MS: L. A. Gressler, 1988.

GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello. *Geografia do Mato Grosso do Sul*. São Paulo: FTD, 2005.

GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello; SOUZA, Zélia Peres de. *História do Mato Grosso do Sul*. São Paulo: FTD, 2005.

GUASCH, Antonio; ORTIZ, Diego. *Diccionario Castellano-Guarani. Guarani Castellano: sintactico, Fraseológico y Ideológico*. 13ª ed. Assunción: Centro de Estudos dos Paraguyos “Antonio Guasch” – C.E.P.A.G., 1998.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os estudos sobre linguagens: uma história das ideias*. Texto publicado em 2001 – SBPC/LABJOR Brasil. Disponível no site <http://www.comciencia.br> contato@comciencia.br. Acesso em 20/02/2010

GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. São Paulo: Difel, 1980.

HAENSCH, Günther. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982, p. 93 – 187.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Departamento de Estudos Geográficos e Sócio-Econômicos – Departamento de Geografia. *Geografia do Brasil – Região Centro-Oeste* – vol. 4 Rio de Janeiro: SERGRAF – IBGE, 1977.

_____. Classificação da vegetação brasileira. *Conceituação fitogeográfica brasileira* (IBGE, 1992). Disponível em www.ambientebrasil.com.br Acesso em 12/03/2010.

_____. *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

_____. Diretoria de Geociências – Coordenação de Geografia. Projeto *Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas* - Outubro/2008. Objetivo do Projeto: Atualizar a divisão regional do Brasil elaborada pelo Departamento de Geografia e divulgada em 1989. Disponível em www.mi.gov.br Acesso em 28/02/2010

ISQUERDO, Aparecida Negri e SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A trilha dos “buritis” no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul*. Disponível em <http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex> Acesso em 01/03/2010.

ISQUERDO, Aparecida Negri e CASTIGLIONI, Ana Cláudia. Em busca de um modelo de dicionário onomástico-toponímico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri e FINATTO, Maria José Bocorny (orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. vol. IV. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2008. p. 291 – 310.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Araraquara: UNESP, 1996a. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de São Paulo - Câmpus de Araraquara, 1996.

_____. A construção do significado num léxico regional. In: *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina. Las Palmas de Gran Canaria, del 22 al 27 de julio de 1996*. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria Servicio de Publicaciones/Librería NOGAL, 1996b. p. 2.397 – 2.404.

_____. A toponímia como signo de representação de uma realidade. In: *Fronteiras – Revista de História*. Campo Grande – MS: Editora UFMS, 1997, p. 27 – 46.

_____. Da Laguna de Los Xarayes a Pantanal: mito e realidade. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade da Costa de (org.). *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte – MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 120 – 133.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Linguística*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.

LIMA, Ivone Alves de. A motivação religiosa dos topônimos paranaenses. In: *Estudos Linguísticos XLV Seminário do GEL*. Campinas: UNICAMP, 1997 p. 422-428

LORENZI, Harri. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil*. 2ª ed. vol. 2. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.

_____; SOUZA, Hermes Moreira de; CERQUEIRA, Luiz Sérgio Coelho de; COSTA, Judas Tadeu de Medeiros; FERREIRA, Evandro. *Palmeiras brasileiras e exóticas cultivadas*. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2004.

LUIZAGA, Francisco Javier Herrero Ruiz de. La etimologia Popular: problemas y limites. In: *Cien años de investigación semântica: de Michel Bréal a la actualidad. Actas del Congreso Internacional de Semântica. I. Universidad de La Laguna. 27 – 31 de octubre de 1997*. Laguna: Ediciones clásicas, 1997, p. 511 – 528.

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. 2ª ed. Campo Grande – MS: Edit. UFMS, 2002.

MANTOVANI, José Eduardo; PEREIRA, Alfredo. Estimativa da integridade da cobertura vegetal de cerrado através de dados TM/Landsat. In: *Anais do IX Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*. Santos: INPE, 1998, p. 1455 – 1466.

MATTOSO CÂMARA Jr, Joaquim. *História da Linguística*. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1990.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado; LEAL, Maria Auxiliadora da Fonseca. Análise parcial da microestrutura dos verbetes no “Novo Dicionário da Língua Brasileira”, de Manuel Viotti. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte – MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 186 – 199.

MONTENEGRO, Maria Aparecida de Paiva. Linguagem e conhecimento no Crátilo de Platão. In: *KRITERION*, nº 116. Belo Horizonte – MG: Kriterion, 2007, p. 367-377.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição lexicográfica em língua portuguesa: Bluteau, Moraes e Vieira. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires e ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2ª ed. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2001 p. 153 – 159.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (orgs.) *Introdução à linguística: fronteiras e domínios*. vol. 1 São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch Editora, 1988.

NEVES, Thiago Bonfim, *Bandeiras no sul do Mato Grosso*. Disponível em <http://www.meuartigo.br/brasilecola.com/historia-do-brasil/bandeiras-no-sul-mato-grosso.htm> Acesso em 20/11/2009.

NUNES, José Horta. Dicionarização no Brasil. In: _____ (org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLGH/USP, Pontes Editores, 2002.

_____. *Dicionários no Brasil: Análise e História do século XVI ao XIX*. Campinas – SP: Pontes Editores, 2006.

NUNES, J. J. A vegetação na toponímia portuguesa. In: *Boletim da Classe de Letras*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, s/d. p. 131 – 175.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. *O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos*. Araraquara: UNESP, 1999. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Araraquara, 1999.

PROJETO ATLAS TOPONÍMICO DE MATO GROSSO DO SUL – *Base de dados inédita*. Departamento de Letras/CCHS/UFMS, 2010.

ROSS, Jurandy L. Sanches (org.). *Geografia do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *A originalidade das línguas indígenas brasileiras*. (Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 08 de julho de 1999). “Línguas Indígenas Brasileiras – Texto” Disponível em <http://orbital.starmedia.com/i.n.d.i.o.s/textos/txt008or.htm> Acesso em 05/01/2010.

_____. *As línguas gerais sul-americanas*. Disponível em “Línguas Indígenas Brasileiras – Texto” Disponível em <http://orbital.starmedia.com/~i.n.d.i.o.s/textos/txt009lg.htm> Acesso em 28/11/2009.

ROSA, Pedro Ângelo da. *Resenha Histórica de Mato Grosso (Fronteira com o Paraguai)*. Campo Grande – MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2004.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. *La toponímia en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

SALVADO, Artur. Topónimos olivícolas portugueses. In: *Boletim da Junta Nacional do Azeite*. Ano XV, nº 59-60. Lisboa: Julho-Dezembro de 1960.

SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. 5ª ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília – DF – INL, 1987.

SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. In: *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica: 1969, p.43-62.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCHNEIDER, Marlene. *Um olhar sobre os caminhos do pantanal sul-mato-grossense: a toponímia dos acidentes físicos*. Três Lagoas – MS: UFMS, 2002. Dissertação (Mestrado). 165 páginas. Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2002.

SILVA, Silvio Ribeiro da. *A precursora e a sucessora da Gramática de Port-Royal*. Disponível em www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/ Acesso em 28/12/2009.

SOUTO, Mar Campos; PASCUAL, José Ignacio Pérez. El diccionario y otros produtos lexicográficos. In: GUERRA, Antonia M. Medina (coord). *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel, S/A, 2003. p. 57 – 78.

SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da terra da gente do Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

TAVARES, Marilze. *Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, Iguatemi e de Nova Andradina*. Três Lagoas – MS: UFMS, 2004. . Dissertação (Mestrado). 213 páginas. Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2004.

_____. A motivação de topônimos indígenas de Mato Grosso do Sul. In: *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, n.11 v.2. Londrina, dez. 2008, p. 257-275

TAVARES, Marineide Cassuci. *Estudo toponímico da região Centro-Norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história*. Três Lagoas – MS: UFMS, 2005. 238

páginas. Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2005.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário Tupi-Português: com esboço de gramática do Tupi Antigo*. 2ª ed. São Paulo: Traço Editora, 1984.

_____. *Dicionário Guarani-Português*. São Paulo: Traço Editora, 1989

TORLEZI, Wagner. *Saussure e seu Curso de Linguística Geral*. Publicado em 11/12/2008. Disponível em www.webartigos.com/articles//saussure-e-seu-curso-de-linguistica-geral Acesso em 05/04/2009.

TRAPERO, Maximiano. Estructuras semânticas en el léxico de la toponímia: topônimos oronímicos de Canárias. In: *Cien años de investigación semântica: de Michel Bréal a la actualidad. Actas del Congreso Internacional de Semântica. I*. Universidad de La Laguna. 27 – 31 de octubre de 1997. Laguna: Ediciones clásicas, 1997. p. 945 – 955.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931

VASCONCELOS, Cláudio Alves de. *A questão indígena na província de Mato Grosso – Conflitos, trama e continuidade*. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 1999.

VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses: breve história. In: HORTA, José Nunes. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Pontes, 2002, p. 15 – 64.

WELKER, Herbert Andréas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

Estudos para definir áreas indígenas no MS geram polêmica. Valor Econômico – SP, 15/09/2008. PFDC – Procuradoria Federal pelos Direitos do Cidadão/Ministério Público Federal/Procuradoria Geral da República. Disponível em <http://pfdc.pgr.mpf.gov.br> Acesso em 04/03/2010.

I Workshop sobre Línguas Indígenas Ameaçadas: estratégias de preservação e de revitalização – Laboratório de Línguas Indígenas - Instituto de Letras – Universidade de Brasília. 04 a 05 de outubro de 2007, na Universidade de Brasília. Disponível em

http://vsites.unb.br/il/lali/semana_de_outubro/ws_linguas_ameacadas/ Acesso em 18/02/2010.

Estudo realizado por cinco ONGs a respeito do Pantanal. TV Morena (fonte) – Cadastrado em 03/06/2009 pelo colaborador Portal MS. Disponível em portalms@portalms.com.br Acesso em 17/06/09.

Relevo, clima e hidrografia do Mato Grosso do Sul disponível em www.ibge.gov.br e www.ms.gov.br Acesso em 13/11/2009

Vegetação do Brasil disponível em www.ibge.gov.br Acesso em 10/01/2010.

Mapa da vegetação do Brasil (DISSERTAÇÃO, p. 102) disponível em <http://www.geomundo.com.br/geografia-30168-mapa-brasil-vegetacao.htm> Acesso em 15/05/2010.

Mapa da vegetação do Estado de Mato Grosso do Sul (DISSERTAÇÃO, p. 103) disponível em <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas> Acesso em 15/05/2010

<http://eptv.globo.com/terradagente> Acesso em 02/03/2010.

<http://www.portuguesdobrasil.net/pdf/sociolinguistica.pdf> Acesso em 10/04/2009.

<http://www.ibge.gov.br> Acesso em 04/08/2009.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Vegetação_do_Brasil Acesso em 05/08/2009.

www.dicionarioindigena.com.br Acesso em 23/02/2010.

<http://www.ibge.gov.br/brasil500/indios/numeros.html> Acesso em 13/05/2010

<http://www.brasilrepublica.com/matogrossodosul.htm> Acesso em 13/05/2010

O Cerrado. Disponível em www.portalbrasil.net/cerrado Acesso em 27/05/2010

O Buriti. Disponível em <http://www.biologo.com.br/plantas/cerrado/buriti.html> (tatagiba@biologo.com.br). Acesso em 27/05/2010